

ANEXO 04:

1. Entrevistas realizadas com os alunos.

(aluno 01)

Hoje é dia 20 de janeiro e estou com aluno 01, educando do curso de Pedagogia da Terra aqui de Francisco Beltrão.

Aluno 01 eu queria saber onde você nasceu, qual sua idade e onde mora atualmente e a sua família também?

Então, eu nasci aqui no Paraná mesmo numa cidadezinha chamada Santana do Ivaí fica no Vale de Ivaí próximo a região de Ribeirão, né, e atualmente estou assentado no Assentamento Oito de Abril em Jardim Alegre na região onde eu entrei no movimento e tal. Mas hoje pela tarefa que eu desenvolvo no movimento de coordenação do Setor de Educação em Curitiba, pra articular e encaminhar coisas por lá, por uma questão estratégica e tal e o que mais?

Você nasceu no campo ou na cidade?

No campo.

Como eram as condições de vida lá?

Olha nós sempre moramos no campo acho que foram só três meses que foi na cidade numa cidadezinha pra São Paulo. Desde que eu nasci a gente ficou ali mesmo nesse município. Mas dentro do município nós mudamos umas cinco vezes assim. Porque a gente morávamos na terra de um senhor, a gente era agregado aquele que mora na terra. Então tinha uma fazenda na qual a gente morava e plantava, né, plantava na terra e dava-se a metade, digamos, o que plantava devolvia, não é devolvia... repassava para o dono da fazenda. Então num período onde eu nasci eu fiquei até os quatro anos foi onde eu nasci. Depois nós fomos pra São Paulo onde tinha parentes do meu pai. E lá a gente ficou mais ou menos uns cinco meses não me lembro direito. Eu me lembro que eu ia pro pré-escolar nessa época que eu fui levado para a escola. Foi um período bem pequeno assim também. Eu gostei muito da minha entrada na escola. É lá por dificuldades, né a gente acabou retornando porque a terra lá não tinha condições e não tinha cultura da terra, ali daquela região do Paraná. A gente foi para lá em São Paulo naquela cidade enorme e tal e tal. E nossa, isso dificultou e muito daí (não entendi 2:45) que tinha dinheiro com a produção do algodão, porque naquela época se colhia muito algodão. Então a gente tinha uma renda maior do que hoje com a agricultura. Eu vi que a gente tinha várias condições. O pai também, o pai ele foi e comprou uma casa lá e fez curso e daí depois ele vendeu aquela casa e daí voltou. Mas a gente ficou numa cidadezinha. A gente morava lá eu e o pai fomos lá pro meio do mato, um lugar bem longe. Eu lembro que a gente tinha cavalo e daí tinha os “crieiros”, sabe o quê?

Não.

É um balaio, dois balaios botava de um lado e do outro no cavalo e nós íamos dentro desse balaio. (risos). Aí eu lembro que tinha tipo uma cabana, não era uma cabana era um barraco lá, assim, feito de ...feito de coqueiro. E lá era bem matão e a roça, a roça de milho e tal. Eu lembro direitinho disso daí e saí lá... e o pai toda semana ele saía trabalhar, né porque ele trabalhou no campo. Mas daí não deu certo e a gente voltou. A gente voltou com muita dificuldade. Voltamos, ficamos um período na cidade de São João de Ivaí mas... bem “pequenininha” e o pai ia trabalhar de bóia-fria. Eu acho que ele trabalhou um mês, assim, de bóia-fria e a mãe trabalhou em restaurante na cidade. Daí a gente voltou. Tinha um outro parente de onde ele trabalhava antes convidou pra ir pra terra. E a gente ficou. Daí a gente foi pra l, né no mesmo São João de Ivaí e lá eu passei todo o meu período de infância assim, digamos. Que eu iniciei o processo na

escola que eu fui realmente, assim, para a primeira série. Era numa escola pertinho de casa. Daí tinha uma escolinha pertinho de casa, tinha um pomar. Tinha a casa e tinha um pomar grande que era da fazenda, mas nós que cuidava. Era muito bem cuidado porque o pai e a mãe eram muito caprichosos nessas coisas de cuidar da roça eram bem organizados. E daí tinha a escola e então era bem pertinho. Eu tinha cinco anos e lá não tinha pré-escolar, mas eu ia na escola porque a minha irmã ia. E eu ia sondar... (risos) a minha irmã na escola. E daí o professor, na época, me chamou pra mim entrar. Então eu entrava e era multisseriada. Então aí eu comecei a ir e a entrar e ia um pouquinho e volta embora e aí assim quando chegou a idade escolar eu entrei realmente e permaneci lá. Eu estudei a primeira e a segunda série nessa escola. Foi assim o período que eu me alfabetizei, né. foi lá com a professora que era da comunidade que era minha catequista e era professora e foi assim bem... bem gostoso. Eu lembro dessa época aí tinha toda a vizinhança. Daí foi mais ou menos em noventa e três por aí a escola fechou. Acho que foi no período de municipalização da educação. No período de municipalização da educação a escola ela passou a ser fiscalizada pela cidade, ou as escolas do município foi pra cidade. E nós também fomos. Veio um Kombi buscar nós e daí eu já tava na terceira série e daí na terceira e na quarta série eu estudei na municipal lá na escola Tancredo Neves. Eu tenho um marco entre o período dos anos iniciais, a alfabetização foi muito importante foi no período legal para eu ter aprendido. A terceira, meu Deus, quando a gente foi pra cidade, então foi totalmente assim aquela coisa da gente chegar na cidade né... você chegar na cidade cansado, suado e tudo, o uniforme branco, todo aquele padrão, né. A gente levou um choque! E não foi só um choque meu foi do grupo todo da comunidade. Daí assim foi... só que ainda não foi porque era vários, a maioria era do campo. Então, assim, não era só eu que chegava sujo. Chegava um monte de gente sujo, né, mas não tinha assim tanto preconceito com a gente. Como era cidade pequena e tal a gente não tinha preconceito por causa de ... mas você sentia, né, aquela coisa de ser outro espaço, né. Chegava lá uma professora brava e tinha o olho desse tamanho e dava beliscão na gente. E ele exigia muito dever de casa. Gente do céu aquilo era um horror, né, e eu fazia o dever de casa. Então, assim gente do céu! Olha eu fiquei tão transtornado só que era muito quietinho. A professora não me beliscou! E eu fiquei me perguntando, por que ela não me beliscou. Então ela não ficava brava comigo ficava brava com os bagunceiros. Era a professora Cida era brava, tinha o cabelo preto até me lembro da fisionomia dela. Daí eu passei para a professora Fátima, a professora Fátima era legal, ela. As aulas eram muito boas, mas o que eu lembro das aulas? Nesse período eu me lembro muito do livro didático, né. Era livro didático, caderno, quadro, era basicamente isso. lá na cidade a gente começou a ter Educação Física, né, a gente tinha que ir de “short” pra escola. Era isso, né.

E dos conteúdos históricos você lembra da aula?

Olha, eu me lembro de muita leitura de História, né. daquelas datas comemorativas, História do Brasil mais nesse âmbito. Eu nunca ... nessa época a História não foi discutida na sala de aula. Minha História, falar de mim, falar de... em nenhum momento. Em nenhum momento do ensino fundamental, digamos, eu falei de mim. Falei assim...falar da minha história de vida, em nenhum momento. Só se remetia a livro, questões, perguntas, basicamente isso. E era legal, eu gostava assim de História porque a História você lê, lembra de coisas, né. Agora no período dos anos iniciais eu senti que não tinha tanto. Era mais na quinta a oitava e já porque já fiz no ano de noventa e quatro, noventa e cinco por aí eu lembro que se utilizava vídeo, começou a se utilizar vídeo. A professora era muito chata, chata, chata. Eu lembro da fisionomia dela. Ela era loira. Eu lembro ela era irmã de um pessoal (não entendi 9:40). Mas ela era muito. Eu lembro da fisionomia, mas de conteúdo da História eu lembro mais de História do

Brasil. E também na questão de método também...assim.. agora eu compreendo mas era de coisas assim era tudo um fato e depois outro e depois outro e depois outro. Eu pra mim as coisa era linear. A gente aprende a ter um pensamento linear, né. Essa coisa da lei tempo.

Como era a relação do s alunos na comunidade onde você nasceu, que você nasceu não, que você começou a escolarização e a escola da cidade?

A relação, eu me lembro muito porque a gente era tudo amigo, né. os meninos, é claro que tinha os grupos vizinhos, assim porque era distante e você andava tanto mas todo mundo se conhecia. Então toda semana a gente saía pra brincar, pra caçar passarinho e pra pegar fruta, tomar banho de rio, jogar bola. Eu não jogava bola, mas eu sempre ia com os meninos e ficava vendo os outros jogar bola. E saía assim pras coisas. Ia pra casa de um, ia pra casa de outro, né. E a escola, a relação na escola lá que eu estudava a gente gostava por que assim, cada semana a gente limpava a escola. E daí o rio era “longinho” e daí tinha umas latas de tinta que a gente pegava água no rio. A gente era pequenininho, então todo mundo ia puxar água do rio. Cada um pegava duas, as meninas iam limpar e lavar dentro e os meninos iam puxar água. Lembro do recreio, o recreio era bem longo. Tinha umas (não entendi 11;58) e brincava de esconde-esconde naquele meio. Nossa, e era todo dia brincadeira e gostava de pular e né (risos) e muito disso. A relação era boa!

E da professora com os alunos?

Também. Ela era um pouco rigoroso assim.

Ela era da comunidade?

Ela era da comunidade e um pouco rigorosa. Ela fazia magistério a noite e dava aula. Era um pouco rigorosa sim, mas era um rigor meio de mãe, sabe. Aquela coisa meio de mãe que quer, firme, né. sabe, né, daí tem outras lembranças, né que não vem ao caso! (risos). No tempo de escola, né, por exemplo, a coisa da sexualidade mesmo. É algo que eu não entendia e eu lembro uma vez que eu perguntei para a professora porque ela foi ensinar órgão reprodutor e aí era aula de órgão reprodutor. Tudo bem! Mas ela se esqueceu de dizer como se encaixam os dois para poder produzir. E ela... e eu perguntei e como a sementinha vai entrar, vai...(risos)...

E aí?

Ela não me respondeu nada!. Sabe quem foi me responder? Todo mundo riu. Eu era um dos mais pequenininhos e na hora do recreio os meninos me contavam como era. Pra mim foi uma coisa estranha, né. Eu não achava possível, né. (risos). Cada coisa!

E a relação dos alunos na escola urbana?

Olha, lá era acirrado o negócio, sabe. Tinha grupo. Lá também tinha grupo, mas assim grupos dos vizinhos e tal as coisas não se acirrava brigas, mas na cidade... a coisa era mais séria porque tinha os meninos do grupo do bairro Santa Terezinha que era um bairro mais pobre... Era uns meninos muito briguentos ali. Você não podia contrariar eles não! Então, eu lembro que nós levava lanche, levava lanche e o jeito de conquistar eles era com lanche. A gente levava doce de abóbora, doce de não sei o quê e tinha uma relação boa porque levava os lanches, né e frutas, né. Então era o jeito assim. Os meninos eram legais. Eles eram bons de relacionamento, mas sabe essa coisa de se agrupar, de se agrupar porque daí vem o preconceito. Por que muitas vezes o pobre se junta que é pra poder se defender também, né. daí você vê pelo jeito de se vestir, né, pela cor, tem várias coisas que te identifica, né e daí há o preconceito pra isso. eu m e lembro dessa situações, eu lembro que tinha essas situações de briga na rua, na frente da escola, mas eu não me envolvia assim.

E nesse período da escola na cidade quais eram as condições de vida?

Olha era.... Bom, assim, era complicado. Nunca nos faltou o que comer. A gente sempre

teve alimento. Lá no campo a gente produzia muita fartura. A gente tinha um calçado pra ir pra escola, um calçado pra ir pra escola e duas possibilidades no máximo de calça. Tinha o uniforme da escola mesmo porque era dois uniformes que a gente tinha, né. Então era bem complicado e a gente se sentia assim, diferente. Porque você via aquela coisa de todo mundo ir bem arrumado e a gente não tinha condição pra isso, sabe.

E a partir de que idade você começou a ajudar no trabalho da roça?

A partir dos sete, oito anos assim.

Você lembra-se do que você fazia?

Olha, a gente sempre ajudou o pai e a mãe, né. Primeiro começava com as tarefas, assim, mais de casa mesmo. A gente sempre ajudou a puxar lenha, ajuda a tratar porco, a tratar as galinhas. Vai lá e debulhar milho, né, por causa que era muita galinha, né. A gente tinha... eu lembro do pai que eu sempre... eu não gostava de trabalhar daí o pai me puxava e a gente ia junto pra lidar eu debulhava de um lado e eu do outro. Daí a lavar o chiqueiro de porco daí depois eu fui pra roça. Daí a gente tinha que ajudar a carpir, a ajudar na colheita, tudo isso sabe. Daí sempre, eu estudava a tarde na cidade quando eu comecei a trabalhar eu já estava estudando na terceira, quarta série, né. Então eu já era “maiorzinho” e então eu estudava a tarde e de manhã então nos trabalhávamos. Trabalhava de manhã.

E você tem irmãos?

Tenho duas irmãs.

Onde elas estão hoje?

Elas são casadas, ambas delas (ta chegando no movimento, né ta chegando a hora de falar do movimento). É uma história mais complexa. E o que mais?

E o ensino médio?

Ah, o ensino médio. Bom, agora eu vou falar da minha entrada no movimento. Foi em noventa e sete que a gente foi pro acampamento. Minha mãe foi já em... eu vejo na nossa relação familiar um marco sabe. Porque antes de noventa e seis a minha mãe sempre contribuiu na igreja. Fazia a liturgia e tal. Ela foi puxada pelo diácono como uma liderança pra estar puxando ali e tal e tal. O Zezinho, o diácono acabou virando presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município que era nosso vizinho, era diácono era referência na nossa região. Daí a mãe, ele envolveu a mãe no sindicalismo no Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais pelo direito da mulher, assim, de trabalhar no campo e ter direito a aposentadoria, ... é todos os direitos, né. E a mãe começou a se envolver. Daí um pouco da história lá da região, porque na região tinha o Movimento dos Sem Terra e daí a mãe ela conheceu o Movimento quando ela foi para o Grito da Terra em Curitiba, como liderança. Chegando lá ela conheceu o pessoal do Movimento e tal. E daí a mãe se interessou. E daí conheceu o “Chocolate”.

Quem era o Chocolate?

Chocolate era uma liderança ali de Ortigueira, de Ponta Grossa, do Movimento. E daí ela já conversou com ele e falou assim: ah, e tal e tal, estou com interesse ele já marcou uma reunião no sindicato. E a minha mãe começou a entender, a procurar a entender isso. Daí em três de setembro de 96 foi meu primeiro acampamento. Minha mãe ajudou em todo o trabalho de base na região. No sindicato e tal e tal.

Onde fica o assentamento?

Em Ivaiporã e tinha quatrocentas famílias pra acampar na fazenda Sete de Abril. Então, lá foi organizado esse acampamento e eu lembro que a mãe foi primeiro e o pai não queria muito não. O pai tava, o pai era (não entendi) por não participar do sindicato e a mãe foi pro acampamento. E lá no acampamento começou a juntar família. A primeira vez que eu fui o barraco da mãe era improvisado. Mas daí em 97 decidimos ir acampar, todo mundo.

E qual foi sua primeira impressão quando você chegou no acampamento?

Ah, é dura! A primeira impressão, completamente. Mas daí a gente foi se adaptando. Daí a gente foi desenvolver trabalhos, né, porque lá todo mundo tem tarefa e a gente começou a desenvolver tarefa. Daí eu comecei coordenado a liturgia do acampamento, fazia oração. Tinha um grupo e daí nesse período pra se manter a gente saía pra trabalhar pra fora, colher feijão e coisa assim. E aí nós ficamos ali uns três meses acampados, ali na beira da BR. Daí do acampamento a gente ia ocupar esse latifúndio na região. E daí no dia oito de abril de 97 todo mundo deixou o acampamento na madrugada e foi pra fazenda. Daí a gente ocupou uma parte da fazenda. Porque a ocupação é uma coisa esplêndida assim, né, porque todo mundo tem medo, mas na hora não. Tem que ter coragem, o coletivo que dá coragem. A coletividade a marcha da gente da coragem, né. Era com foice na mão e caminhão. Acho que tinha mais ou menos uns oito caminhões. Botava todas as coisas do povo e o povo ia em cima das coisas. Estava frio, era um período de abril que estava frio. Chegando lá na porteira o jagunço estava dormindo, daí o povo já pegou o jagunço. Mas daí pega e domina ele. Tira as armas, amarra as mãos dele, mas assim só aconteceu isso. aí tinha uns de cavalo andando na fazenda. Daí a gente entrou por lá e daí tinha cinco casas. O pessoal, tinha uma comissão e foi casa por casa revistando tudo pra ver se não tinha arma, né, dos que moram na fazenda. Daí você faz uma conversa com eles e aqueles que quiserem permanecer na área, se não quisessem ele tinha até o final de um horário pra sair dali. Daí eles saíram tranquilos, mas daí naquela parte da fazenda que eu comecei a me envolver mais. E daí eu participei do primeiro encontro do Movimento. A minha mãe era liderança, a única mulher do acampamento. E a relação da gente mudou completamente.

O que aconteceu?

Assim, a mãe começou a tomar mais postura, né e contrariar o pai. De ir pra São Paulo porque assim até hoje porque a mãe controla, né, ajuda administrar, ajuda a manter isso. ela começou e o pai começou a ter ciúme dela por ela ser dirigente, porque ela ficou mais fora de casa. Vixe! E um pouco assim a mãe foi espelhando a gente. E ame com toda aquela garra e pegava a foice e vamos lá, e quando viu já tinha tiro. Bó, bó, bó... na primeira noite já foi montado quatro guaritas. Uma na frente e outras atrás, porque a fazenda era grande (não entendi 24:08) quatro morros e não tem guarita e daí eles atiraram em cima do acampamento a noite. Davam tiros e acertavam. E quando a coisa está muito feia se solta foguete. E daí já tinha os grupos organizados. Os grupos de porteiro, os grupos de cá e pra lá! Os grupos já estavam todos organizados. Tem que se dividir. Então era uma tensão, né.

E você vivenciou alguma experiência de morte?

Não, não. Nesse acampamento não, porque assim quando a ocupação é bem planejada, quando é realmente bem planejada pelo coletivo não acontece nada. E lá tinha uns dez (não entendi 25:01) era terrível, mas teve uma noite que os capangas pegaram uns bois lá da fazenda e... são vários fatos. Primeiro essa coisa deles atirarem, né. Numa noite escapa um boi e vem pro lado nosso. E o pessoal começou a plantar, e nessa época eu tinha treze anos eu comecei como educador de EJA. Daí eu comecei a trabalhar como educador de EJA suplente. Eu era o educador que ajudava. E daí nesse período e comecei a ajudar na alfabetização, né. Daí teve o Encontro dos Sem Terrinha que eu fui. E era um dos primeiros encontros do movimento eu fui como Sem Terrinha e hoje eu ajudo a organizar os Sem Terrinha! Eu e a Marina estávamos no primeiro encontro e agora estamos no Setor. Isso tem cinco anos eu lembro que no primeiro encontro eu era criança e no último a gente já tava planejando outro encontro já. E desses conflitos eu lembro que eles vinham de cavalo e o pessoal fizeram eles tirar as armas e tal. Teve

todo o acerto lá e aí teve um momento que tivemos que aguardar porque as guaritas funcionaram até um certo ponto. Aí um dia a gente resolve pegar um trator esteira. Pegar um trator esteira e ir pela fazenda e o trator andando, assim no nosso território que já estava demarcado. Ah, tá, quando o povo viu aquilo o povo todo já foi pra lá e seguiu os jagunços. Mas assim foi feito uma conversa entregamos para a polícia militar teve toda uma ação. Daí agora nós queremos mais colocamos a guarita do Movimento perto. Ficaram guaritas próximas assim sabe. E na guarita todo mundo fica de guarda. E eu tirei guarda a noite porque dessa vez e meu pai resolveu sair embora por causa de ciúmes e etc, e nós ficamos lá sozinhos. O pai falou vamos pra Curitiba e nós falamos não. Daí tava eu minha irmã, minha mãe e minhas irmãs. E uma das irmãs casou. Casou nova eu sou o caçula e ela casou com um rapaz lá no acampamento. Hoje ela separou, casou com outro rapaz já faz uns oito anos. Já não está mais no Movimento. A Sandra continua que é a Sandra demorou um pouco e ela casou com um rapaz do acampamento e hoje é assentada. É vizinha do meu lote lá no assentamento. E assim lá eu comecei a trabalhar como educador de EJA. Daí nesse período de 98 que nós resolvemos tomar toda a fazenda. Era 14 mil hectares. Daí nós tomamos toda a fazenda. Menino, aquilo foi assim uma coisa magnífica pra todo mundo. Tomar as guaritas e tomar as armas e era domingo e os jagunços estavam todos bêbados. E como o pessoal fizeram. Tinha um pessoal bem alegre que fizeram amizade e conheciam os jagunços e o que ele fez. Um cara saiu do acampamento como assim. Não estou mais acampado. Mentira.! E é amigo deles, conhecido. E o cara foi até a fazenda e contou toda a estrutura lá. Tudo como funcionava o sistema de segurança. Percebeu os furos e percebeu os furos do domingo. Então domingo era a troca de guarita. Então das quatro só uma tinha pistoleiro e contou que eles faziam a troca na parte da manhã que era com gipão que vai até a sede e volta. Então, a gente tomou a primeira guarita e depois foi passando, assim, a pé uns dezoito quilômetros. E daí quando estava chegando na outra ponta aí saiu o avião do fazendeiro. O povo naquele dia ocupou toda a fazenda. Daí toda a organização, os núcleos, e toda essa coisa da organicidade do movimento, porque lá nessa na outro acampamento que eu assumi como educador do Movimento.

E aí o que você fez nas atividades como educador?

Alfabetizar. Ensinar a ler e escrever.

Jovens e Adultos?

Jovens e adultos com tema gerador. E eu comecei a participar de capacitação, né, de educadores e a alfabetizar.

E você, no ensino médio, como era?

Calma que eu tava na sexta série. Daí lá embaixo eu freqüentava (não entendi 30:38) num lugar lá e estudava a noite. Daí lá em Arapuã foi assim, nesse período de estudante Sem Terra nós éramos bem assim...os dois lados do acampamento tinha o canto dos Sem Terra. Todos os dias nós ficávamos lá. Ninguém chegava perto, ninguém mexia com nenhum de nós. (risos). E nós assim, Ah meu Deus! É há de quem mexesse com nós! Porque tinha uns que estudavam da quinta a oitava série e o povo... porque primeira a quarta era no acampamento. E eu lembro uma vez, assim, tinha um canto que era só nosso e daí tinha o canto da cidade. A gente não se misturava. Não se misturava nem brincando. Na hora do recreio, tudo era separadinho. E daí eu lembro uma vez que teve um menino que puxou uma briga com um menino Sem Terra e coitado do menino, porque daí o pessoal pegaram ele na rua e deu uma lição. E o menino xingou ele e tal. E daí teve o período que teve só a dos Sem Terra. Só do MST, só dos Sem Terra lá. E era a quinta melhor.

Qual escola que era?

Era escola Estadual, né. Lá era o Colégio Estadual de Arapuã. E quando teve a... quando

teve... as crianças de quarta série vieram pra quinta e lá era a melhor quinta. Era a quinta bagunceira. Era a quinta que mais deixava o professor doido. Gente! Naquela época eu já tava na oitava série. Eu era do Setor e tinha que ajudar a apoiar a quinta. A quinta eles arrumavam cada uma então eu sempre era chamado. A gente tava lá na oitava série e eles vinham chamar a gente pra poder resolver as coisas. Porque tinha toda a avaliação desde o acampamento, e eu já participava desde aquela época, do acampamento. Aí com a experiência lá foi eu e a Salete daqui, né, fomos pro magistério. Fomos presenteados. Fomos avaliados pelo acampamento pra fazer o magistério. Foi lá no Rio Grande do Sul.

E como foi essa experiência?

Foi assim muito importante. Foi totalmente ao contrário de experiência na educação. O ensino médio lá. Imagina então um adolescente chegar num espaço todo estruturado. (não entendi 33:26) cheio de estudante trabalhando estudando, e núcleo de base, na ocorrência, avaliando então assim foi... e todas as aulas com intenções com um método que vai fazendo você... Olha, foi assim completamente diferente. Daí lá a minha história foi considerada. E a primeira coisa foi fazer a história de vida e eu nunca tinha feito história de vida. Foi bem legal. E as aulas de história lá foram sensacionais, né. Elas, totalmente, rompiam com essa coisa linear, né, mostrar muito mais a contradição na História. Mostrar a História como algo em construção, né, da possibilidade e não dada. E também a metodologia de como fazer isso. Daí eu lembro que a História se relacionava com muitas disciplinas, né. Tinha a disciplina de História, mas a História da Educação também trouxe... Fundamento da Educação que trouxe História. Então, muito referência tudo era base na História, né. Isso é importante, porque digamos, para o ser humano a História é para você se compreender como ser, né. Para se compreender. Se compreender o que você é aqui. Você é, digamos, a sua História. A História não tem a haver só com o passado porque a História ela possibilita você planejar o futuro, né.

E na quinta a oitava série que eram do movimento na educação de alunos do MST...

Não era do movimento. Eu era da oitava série. Era uma turma de outros que estavam entrando.

Ah, ta!

E o que você lembra o que era passado pra vocês na quinta série?

Como monitor, né porque eu tava na oitava série e eu tinha que acompanhar, né. a quinta série era só de Sem Terra e a gente tinha que acompanhar, ajudar a discutir os problemas.

Quais eram os problemas?

Dava problemas. Você sabe como é criança, naquela época eu não brincava mais, mas fazer o que, criança. Era ajudar a resolver os desentendimentos, era mais nesse campo. Mas no campo de notas eles tinham as maiores notas. Digamos assim os professores que sabem ensinar mesmo, porque tem professores que não sabem. Agora os professores mais críticos nós adorávamos. Nesse sentido de falar de questionar, de fazer trabalho em grupo. Tinha mais facilidade, mas era um “auê” assim.

E depois, o magistério foi quanto tempo?

Três anos. Esse curso tempo escola está inserido em prática. No início a gente tinha como objeto a escola e discutindo e eu passei a ser coordenador lá na Brigada do Movimento e ajudar a discutir e avaliar e tal . Depois que eu fiz o magistério daí eu fui pro Setor com a tarefa de construir uma escola itinerante. E a escola itinerante é algo assim, eu não sou, digamos, o que eu sou depende muito da escola itinerante. Então eu fui fazer a escola itinerante. No Rio Grande do Sul a gente tinha várias atividades de estágio nas escolas do Rio Grande do Sul. E daí aqui eu vim pra Cascavel na Brigada

coordenar a escola. Imagina eu coordenar uma escola com trezentas, não com quase quatrocentas e vinte crianças. Então era assim doze turmas, não...quatorze turmas de educação infantil a quarta série. E a experiência, foi uma experiência prática a escola itinerante do Movimento. E primeiro como eu tinha uma bagagem sobre educação no Movimento, então foi assim eu fui pro acampamento e não tinha nada. Era eu lá. Então como organizar o Setor de educação no acampamento com quatrocentas famílias. Organizar educadores, grupos de estudo. Passamos três meses estudando. Estudando o Movimento debatendo em seminário com os educadores. Fazendo práticas discutindo metodologia de ensino. Era aquela coisa que eu nunca tinha feito na vida, mas tava valendo! Não tinha onde e era embaixo da árvore e era uma ocupação e tinha o pessoal de um lado e nós do outro. Quando tinha ocupação nós nos reuníamos e como a tarde as crianças iam pra aula alguns iam pra cidade, então, a gente começou a fazer algo para as crianças, de discutir com as crianças as coisas, a falar e comentar sobre a questão do campo. E assim a gente ia trabalhando a formação do educador. Então, primeiro a gente foi trabalhar com o educador e tal. Foi junto discutindo o que era a escola, a educação dentro do assentamento e acampamento. E parte disso a gente começou a desenhar a escola. Como a escola ia se organizar e esse é o marco na escola (não entendi 39:09). E essa experiência constitui toda a proposta de ação. Porque ficou assim como o acampamento e com a direção tivemos que dar um passo. Porque a visão de educação do sujeito, né, não é a visão que tem no movimento. A visão da educação pelo sujeito não tem a compreensão do projeto de educação do Movimento. A escola dele é outra. O que o Movimento tenta construir é o contrário, nem tanto na qualidade, mas aquela coisa que nega, que não reproduz. E quando você vai discutir com as famílias eles apontam justamente como referência a escola. E o que nós fomos fazendo? Nós fomos debatendo, questionando. Quando o povo dizia: ahhh, a escola! Não, essa escola não. O zelador, o educador tem que pegar firme com as crianças. Como assim pegar firme? não, porque o professor, sabe como é criança... mas quando você era criança e o professor pegava firme com você o que você sentia? Fomos fazer a relação para problematizar o que ele pensava para a gente ir limpando o campo pra gente fazer as coisas. E isso foi, claro não houve todo mundo conheceu a experiência do Movimento. Mas há muitas coisas que as famílias começaram a pensar, pensar a educação e pensar a escola. E a escola era assim a gente tinha os tempos educativos com o tempo aula. Havia o tempo aula... Primeiro era assim, desenhamos a escola. Doze salas de aula, depois fomos escolher o lugar da escola, discuti como ia levantar a escola, a estrutura da escola, depois cada Brigada foi construir a escola, uma sala de aula. Porque separamos barracos então fizeram toda uma construção bem ajeitadinha com canteiro de flor. Tudo grande assim com acabamento e as salas de aula, saguão do lanche, o lugar da biblioteca. A gente conseguiu superar a nossa intenção inicial. Mas assim a construímos de um jeito que todo mundo se envolveu. Aí tinha um espaço, todo dia mística com as crianças e tal e todo mundo ia na sala. Em toda a sala tinha o programa de aula. Então, como eu fazia como coordenação pedagógica sentava com o educador e vamos lá avalie como foi a aula. O que falta? Ah, precisamos aprofundar tal coisa. Então vamos nos dedicar. Então foi assim um período que eu... e daí claro teve toda a trajetória da escola no acampamento, histórias assim da própria (não entendi 42:12). Mas é um marco pra minha formação essa prática, né. Daí passou a ter passou a ter de quinta oitava séries. No primeiro ano só tinha primeira a quarta depois foi complementado com o ensino médio. E também os professores começaram a fazer Pedagogia. O seu Silvio, Edmárcia todos são dessa escola, Márcio, a Sandra e o senhor Sílvio fazem parte dessa experiência, né. eram educadores nesse tempo.

Como você soube do curso de Pedagogia da Terra e como foi seu envolvimento

com essa discussão na criação do curso?

A gente discutiu ele todo o curso, né. nessa questão da Pedagogia da Terra o Movimento é o que tem mais necessidade, tanto prática. Nossa nós temos mesmo mais necessidade de formação. Então, é isso a gente busca curso, a gente busca parceria, foi nessa busca. E daí quando saiu o curso de Pedagogia daí vai lá a direção do acampamento que viria no Setor daí eu fui chamado pra fazer, né.

E como foi a preparação para o curso?

A gente começou lá no acampamento. Primeiro começou se preparando lá em seis, entre os seis estudantes a gente começou, que era no assentamento, a gente começou o grupo de estudos lá pra passar no vestibular. Depois a gente veio pra cá, né, daí fizemos uma preparatória que era uma espécie de cursinho vestibular que era feito. E daí fizemos vestibular e passamos. A preparação para o curso foi a partir de lá mesmo.

Como foi o seu primeiro contato com a turma, com os professores e os conteúdos que eram trabalhados em sala de aula?

Olha, foi bom assim. Eu gostei. Como eu tinha experiência e dei aula, e curso, então assim era mais um curso. Eu me surpreendi, achei que os professores não iam dar conta das expectativas. E alguns professores não. Todos têm uma visão assim, todos não, mas trabalham o materialismo histórico dialético, né. E isso já limpa o campo, adianta muita coisa na relação educador e educando a partir desse pressuposto, partindo dessa visão de mundo. E isso já possibilitou muitas questões, mas o curso ele me deu compreensão teórica. Eu aprofundi mais fundamentos teóricos de realmente você entender o que é, dá onde vem a escola tradicional, da metodologia, de compreender os fundamentos de determinadas práticas que a gente tem hoje. Determinadas práticas do próprio jeito de organizar a sociedade, então, assim ampliou a visão de mundo, né. eu já tinha uma visão de mundo, mas realmente o fundamento com a visão histórica, mas também com a filosófica o curso me proporcionou isso.

Vocês tiveram uma disciplina de Práticas de Ensino, né?

Chamada de Teorias e práticas nos anos iniciais.

E vocês tiveram contato com o Ensino de História?

Tivemos.

Como você avalia o trabalho da professora com a disciplina e em específico com o Ensino de História?

Olha, foi muito bom o Ensino de História. Apesar de que foi muito tempo quando diz respeito ao ensino. Teorias e práticas ela concentrou demais e ela chegou num limite, porque como é teoria então tem vários professores. E nós ficamos com dois dias com o Ensino de História. Mas isso não nos limitou, por exemplo, o estágio que nós fizemos o ano passado a gente estudava de manhã e a tarde a gente estagiava e a noite planejava aula pro outro dia. E assim, foi muito bom. Tive uma experiência de História que me permitiu enxergar que como o conhecimento ele dá a partir do quê? Como o sujeito aprende? Uma das questões, vamos dizer um dos aspectos que nos instigam a aprender é aquela coisa de relacionar o conhecimento que já tem com o outro conhecimento. Então tu vai associando, vai relacionando. O conteúdo ele tem que ter significado pra você. Ele tem que fazer parte da sua vida. Mesmo que seja uma coisa lá da matemática. Tem que participar da vida do sujeito. E como você relaciona isso? aí eu dei uma aula de História maravilhosa, eu e o Amaro. Pegamos e aqui é a região da Revolta dos Colonos que aconteceu em 1950 que os colonos enfrentaram as empresas que queriam tomar suas terras. Se revoltaram aqui toda essa região sudoeste, se revoltaram. Treze municípios se revoltaram e pegaram em armas e resistiram e teve muita morte. E as famílias da comunidade, inclusive, tem fotos disso e a cidade participou. Então é isso que serviu como base pra trabalhar a leitura e a escrita, né. Então estudar a História a

partir da vida da comunidade. E fomos lá preparar a aula e nós pensamos vamos começar com um vídeo da Revolta dos Colonos. Era quarta série e vamos lá. Peguei o vídeo preto e branco e vamos lá e primeira coisa pergunta sobre quem conhecia a História da Revolta dos Colonos. Iniciamos a aula e ninguém, nenhuma das crianças. Que coisa é essa! Nenhum conhecia. Ai Meu Deus o que eu vou fazer agora? Daí nós começamos e daí tinha vindo uma professora lá do Rio Grande do Sul pra nos acompanhar. E daí eu peguei e fui lá colocamos o vídeo e gente aquelas turmas não estavam nem aí. E eu falei o que aconteceu e falei da comunidade, mas aquilo não... daí eu falei: quer saber de um negócio na hora do recreio... eu tinha chegado tão animado pra aula, eu tava assim é, como se diz, decepcionado com aquela minha aula. Falei: gente, o que eu errei? Daí a professora falou assim: Alessandro... e daí eu tinha a tarefa que era eles pesquisar na casa e a professora falou: Alessandro, você deveria primeiro ter instigado eles, ter invertido a sua metodologia. Porque como você vai associando os saberes que as crianças já têm na vida delas. Daí eu falei: ah, tá. Então eu vou encaminhar pra casa e fazer questões e perguntar em casa, quem da família participou? Como é que era e essas coisas assim. Aí eu trouxe uns livros da Romaria da Terra que tinha aqui e daí tinha uma foto assim na capa de alguns colonos dando a bandeira assim de pano e uma bandeira do Brasil e daí dividi aqueles livros pra eles lerem em casa e as questões. No outro dia quando eles voltaram, as crianças estavam tão animadas. Todas elas tinham história pra contar. Ahhh, meu avô participou, minha avó participou e foi assim, aconteceu assim. Aí eles pegavam as partes mais... fizemos uma rodada de conversa. As crianças foram contando aquilo e vivenciavam porque a avó tinha participado. Porque o pai ouviu que o avô contou. E uma das crianças o avô se identificou na foto e a menina toda empolgada com aquela história porque o avô estava na foto. Então, a partir daquele interesse se criou que daí fomos estudar a Revolta dos Colonos. E aí foi muito boa, muito produtiva a aula assim. Qual era o meu objetivo? Meu objetivo era trazer a Revolta dos Colonos lia, debatia e escrevia questões, fazia trabalho de leitura e escrita, mas fazia relações com a atualidade. Com a luta dos Sem Terra, com a luta da comunidade. Então esse era o objetivo. Aí eu lembro que a gente botou tudo no quadro de tudo que houve de todas as ações que as empresas fizeram para os colonos e como os colonos se organizaram. Que ações eles fizeram para contrapor isso? daí a gente fez isso no papelógrafo, essas duas visões, e botaram o nome de todos os avós que participaram, né, da Revolta dos Colonos. E os nomes dos avós que participaram... daí tinha duas pessoas que não tinham participado da Revolta dos Colonos. A gente foi identificar os sujeitos que fizeram essa revolta. Peraí, porque eles utilizaram arma? Então a gente fez muito essa... E hoje? A gente fez essa ponte com a comunidade. Será que existem empresas e pessoas que fazem isso? E aí fizemos a relação com outras partes do Paraná que também que pelo contrário os camponeses foram mortos e se concentrou terra e até hoje tem fazendeiro. Hoje tem fazendeiro, filho de fazendeiro que o avô dele roubou a terra. E ele é fazendeiro, ficou rico não foi trabalhando a terra, foi matando camponeses. Então, foi muito interessante a gente compreender isso. Claro foi o máximo que agente chegou com a quarta série. Mas, consegui a partir dessa coisa de relacionar com a vida deles com a História. E depois as minhas aulas depois dessa experiência tudo eu partia de coisas da vida deles. Então primeiro Geografia... nós tínhamos os conteúdos que tinha que dar lá. Tinha atividade que era a hidrografia do Paraná, os rios do Paraná. Primeiro vamos fazer o quê? Vamos conhecer o rio da comunidade. Sabe onde é o rio? Eu não conhecia e fomos lá e entramos no rio e todo mundo entro no rio e andou pra lá e pra cá a professora ficava desesperada. E eu não tava nem aí então deixe correr, né. e lá aprendemos onde é nascente, qual é a margem esquerda e direita do rio. Então eu falei pra eles que a gente

tinha como referência a nascente. Então, você vira pra nascente. A nascente é aqui e aqui fica a margem esquerda e a margem direita do rio. Então é pra onde? Ela nasce e daí a foz. A foz do rio é pra onde ela corre. Depois a gente viu os principais rios que é o “Paranazão”, né, que daí vem de São Paulo pra cá. É o Rio Foz do Iguaçu que vem lá de Curitiba e daí tem outro rio...qual é o outro rio porque tem vários rios... daí a gente foi ver pra onde corre. Ahh, corre prá cá! Então onde ficam as montanhas? Então a gente partiu lá do rio onde eles estavam fazendo relações. E foi maravilhosa e todas as aulas eu partia de coisas assim do cotidiano deles, da vida deles.

E a relação dos educandos aqui no curso como foi?

Olha, como todo o coletivo a gente teve (não entendi 55:25), mas eu avalio que foi muito boa. A gente conseguiu se unir, a se entender. É bom quando a gente consegue entender, mas também se ver, né. E, também, os alunos são de vários movimentos sociais, que assim, que cada Movimento, que assim cada sujeito que pertence a uma organização coletiva ele, não totalidade. Também vai depender de cada sujeito entender para consigo ele mesmo sua própria vivência. E como o Movimento, o Movimento Sem Terra é um movimento de camponeses muito sofrido isso tem referência, mas também como um movimento se organizar, então a gente faz isso aí. Mas nós temos sujeitos que tem trajetória dentro dos movimentos sociais e outros não tem e pra Pedagogia da Terra o princípio educativo é o próprio movimento. Então como nós do MST somos maioria, mas não é porque o outro não é do movimento que ele não vai querer estudar, querer fazer o trabalho de aula. Porque nós estamos aqui pra estudar. É essa a visão porque assim, se não tivesse curso desse jeito eu não estaria estudando, assim, como vários do Movimento. Porque nós vamos trabalhar no campo e isso requer um recuso pra você trabalhar na cidade para a gente continuar atuando com os movimentos sociais e combinar essa realidade. Mas daí tinha essa discussão. Tem gente que tinha mais maturidade, mas era um processo pra gente ir compreendendo. Primeiro falou, ahhh é só do MST. Mas não é só do MST. Nós temos aqui, de que raiz que vem, da socialista e é a mesma coisa que o Movimento. Você constrói, reforma, combina, mas não é uma pessoa do Movimento. Mas existe muita coisa do querer individual que tu tem, né, mas tem que seguir o coletivo porque o coletivo tem um objetivo. Então, assim as contradições são nesse âmbito. Daí teve pessoas que desistiram colocaram isso como empecilho. Mas na verdade não é isso. são sujeitos mesmo que não, que acabaram saindo, desistiram do pique, porque não é fácil, né.

E pra você, teve uma discussão na disciplina de Educação e Trabalho interessante em que a professora considerou o PCC como um movimento social. Como você avalia oposição dela e qual o seu entendimento?

O movimento social ele é... o PCC não chega a ser um movimento social porque ele não luta. Que tipo de luta ele tem? Que organização social ele tem? Porque uma organização social ela tem um objetivo, uma... ela tem princípios, ela tem metodologia de organização, ela possui vários aspectos que constituem a expressão de um movimento popular, de organização popular. Na minha visão o PCC não é um movimento social por causa que não dá pra gente analisar todas as ações. Senão também as torcidas seriam movimentos sociais. A torcida do Atlético, do Grêmio seriam movimento social. Porque eles também tem povo que faz ações, mas ela não é movimento social e o PCC também não é movimento social. Ele acaba sendo o que a burguesia utiliza, né, mas eu te diria que ele não é movimento social, eu acho. Quais os princípios que esse movimento tem? Qual, se fosse realmente para melhorar as condições da carceragem, pode ser? Mas, o movimento... qual o princípio que eles tem? A gente não enxerga isso.

E pra você, como você entende a função do Ensino de História nos anos iniciais da

educação e para o curso de Pedagogia?

Olha, eu creio que essa... a História ela é assim ela é base, é base pra gente se construir enquanto homem. A gente aprende a ser homem com o outro. Mas a gente aprende a se conhecer, se entender como sujeito histórico e social você tem que ter uma compreensão de História. E pra isso a gente precisa de conhecimento da História. Você necessita compreender o que os antepassados, o que os nossos... é antepassados, o que os nossos avós, nossos...o que fizeram, né, pra chegar no caminho que a humanidade percorreu pra gente chegar até aqui hoje. Pra gente ter determinado pensamento, ter determinado conhecimento e tudo isso tem razões históricas, tem sua trajetória. Isso é muito importante. A função da educação, digo assim, claro você vai falar da disciplina, mas a educação ela tem que passar na História. Você não tem como trabalhar a formação humana sem ter como matriz a História. Sem olhar para a História porque daí tem o olhar para a História do ser humano, da História da humanidade e também olhar para a História do sujeito, porque nós somos sujeitos coletivos, né, eu sou o que eu quero que seja. O pensamento que eu tenho é o meu só. Meu pensar ele é um pensar coletivo, ele vem de um pensar coletivo ele vem... e aprender isso, esses aspectos é importante. Porque não ter isso você vai ter uma visão.... uma como se fosse algo dado, pronto e acabado. Daí você não tem noção histórica. E como você vai viver no mundo em que tudo já ta feito e pronto. A gente sabe que construiu, quem construiu. Eu acho que poder compreender isso acho que faz parte do próprio do ser humano, do próprio ser homem ter essa visão da História, né. e para as crianças isso passa, necessariamente, de conhecer a si, de conhecer sua História. Porque não tem como você conhecer a História do Brasil como se a gente não fizer parte dela. Isso muito na escola se faz, né. Você olha a História, mas como algo a parte de ti. E como você faz parte da História. Você é produto da História. Como é que você faz isso. Pra isso o Ensino de História é tentar conhecer a história do sujeito, a História da comunidade... . mas isso é importante e não quem descobriu o Brasil ou... isso não tem a menor importância quando realmente a gente conhece a História isso não tem a menor importância a gente saber que saber o nome de quem descobriu o Brasil, de quem... isso não tem a menor importância para o sujeito. O que é importante é saber como a gente chegou até aqui. E ter perspectiva e visão histórica é a gente poder chegar aqui e dizer: E agora com é que a gente... que caminho a gente vai percorrer. Eu acho que isso é novo eu acho que no ensino como um todo.

E pra você o que é revolução?

Nossa! Bom, revolução eu diria que é algo que a gente precisa fazer, né. porque a revolução tem realmente da gente mudar e transformar tudo o que a gente... deve ter perspectiva histórica de olhar pra História e ver o que tem aqui, ver o que tem de errado, o que precisa consertar, mudar, transformar e isso sequer é no aspecto radical, né. a gente ver assim: Peraí, tem coisa que a gente tem que mudar, transformar e não termos mais. Eu acho que a revolução tem essa perspectiva tem haver com a ação do sujeito pra transformar, pra fazer, pra mudar.

Me dê um exemplo de algo revolucionário?

Algo revolucionário... olha, essa fato do Movimento ocupar o latifúndio aí é um ato revolucionário, não é revolução, é um ato revolucionário que você contrapõe diretamente o Capitalismo, né, da propriedade privada. Daí a gente divide. Mas quando você está na ação coletiva pra combater a propriedade privada, derrubar a cerca do latifúndio é um ato revolucionário. Porque revolucionário é o que vai contra tudo aquilo que é construído historicamente na sociedade e a ocupação, olha a vida inteira você houve: não pode tomar nada de ninguém, não pode ter inveja, não pode um monte de coisa. Se você é Sem Terra é porque Deus quis assim. E de repente você chega lá

naquela terra toda daquele grande fazendeiro e ocupa essa terra. Imagina a mudança que isso exige. Pela ação você transformar uma..., como é que é que já está finalizado, algo que já está idealizado que já está enraizado, um pensamento enraizado.

Você quer acrescentar mais alguma coisa.

Acho que não.

Obrigado.

De nada.

(aluna 02)

Hoje é 13 de janeiro de 2008 estamos aqui em Francisco Beltrão com a primeira entrevista, com a aluna 02.

Aluna 02, onde você nasceu? Você morava no campo, ou na cidade? E quantos anos você tem?

Eu nasci em Nova Aurora, Paraná. Município ali perto de Cascavel. Nasci no campo e morei até os sete anos no campo. Aí meus pais foram para a cidade quando a gente morou na cidade.

Que idade você tem?

Tenho 32 anos.

Você tem irmãos e sua família mora onde?

Meus pais são separados. Meu pai mora em Mato Grosso, Mato Grosso do norte. Casou, então eu tenho um irmão por parte de pai. E aí eu tenho mais dois irmãos que moram na região aqui mesmo. Um mora em Nova Prata e outra Irmã mora em Dois Vizinhos.

São agricultores, moram na cidade...?

Todos na cidade. Minha mãe, minha mãe, tem um pedaço de terra no qual ela arrenda. Arrenda pros outros, mas ela mora na cidade. Ela mesma não produz, não mora na terra não.

Arrendar terra o que seria?

É assim: ela tem a terra e daí ela dá parceria pros outros. Os outros vão lá planta na terra e dão uma comissão pra ela, porcentagem da produção que colheu. Ali que é a produção é mais soja e trigo, né. Então eles plantam soja na terra ou a pessoa que for plantar depois dependendo do preço que ta passa uma porcentagem pra pessoa que é a dona da terra.

E onde você nasceu como eram as condições de vida na época?

Eu nasci, Nova Aurora naquela época a gente morava no interior eu lembro que era assim. Naquela época era muito gostoso. Meu pai era agricultor, pequeno agricultor e eu sou a filha mais velha, então foi a primeira que nasceu. Então era assim, era muito gostoso naquela época. Eu lembro, eu tenho boas lembranças da gente morar no interior, ir pra cidade todo sábado na missa, andar naquele de carrinho de cavalo. Ir na missa. Eu lembro que eu era menininha eu tinha vontade de ir lá e comprar doce. Sabe assim, bem gostoso, daquele vínculo com a terra mesmo que o meu pai tinha. Até meu pai é agricultor até hoje. Lá em Mato Grosso ele mora no interior, no campo. Mas é, assim, e com isso eu aprendi a gostar da terra. Toda a minha trajetória, né, nasci no campo, vivi no campo, depois fui pra cidade, depois retornei pro campo novamente e agora eu to no campo. Mas assim a gente tem aquela pertença mesmo, aqueles valores sobre o campo, sobre a terra de morar mesmo no campo.

E no caso das condições de educação, de saúde, de moradia, você tem recordação?

Porque eu morei até nove anos, então, eu lembro que a gente assim que a gente era pequeno agricultor, mas tinha uma vida até estável, sabe, assim! Aquela época,

antigamente assim, por exemplo, vinte e poucos anos atrás a agricultura era melhor as condições até de permanecer no campo. Então a gente (...) não entendi. Se precisasse ir no médico tinha condições, até, de pagar uma consulta particular naquela época. Você ir na farmácia comprar um remédio. Tinha mais condições estáveis, né! E tanto que agora parece que ta mais difícil as condições, né, econômicas mesmo. Mas eu não me lembro, não me recordo de tantas dificuldades não. Como eu morei, morei, até... eu estudei só dois anos no campo.

Você lembra o nome da escola?

Ai..não lembro faz muito tempo, eu não lembro. Eu me lembro da professora que era a professora Salete. Ela eu lembro, professora Salete agora o nome da escola agora não recordo.

Você lembra assim do que ela ensinava como era a relação delas com os alunos, com os pais dos alunos?

Lembro. Lá tinha reuniões, sempre tinha reuniões, fazia festinhas que tinha na escola, chamava os pais. Na hora da merenda até a gente ajudava a fazer lá, né. A gente ficava ajudando a fazer as coisas. Tirava uma equipe por dia pra ta.. porque até então, não tinha merendeira na escola. Então era só ela e nos, né. Então era só uma sala, era primeira, segunda, terceira e quarta séries juntos. Era por fileira. Primeira pra cá, segunda aqui, terceira e quarta. Mas tinha uma boa relação. Ela era bem dinâmica pra dar conta das quatro séries juntas, né! Então ela tendia aqui, atendia ali, depois passava no quadro de uma determinada série depois passava pra outra, assim, bem corrida que as vezes até não conseguia dar atenção pra todos, mas era bem dinâmica para conseguir dar conta do conteúdo.

Você estudava no período da manha?

Da manhã, dois anos na parte da manhã.

E entre os alunos como era a relação?

Era bom,... (risos), era bom, mas sempre tinha aquelas coisa de arrumar apelido, né! É aquela fase, né de identificar apelido pra um apelido pra outro, implicar com um, com outro. Mas era bom assim, a relação era boa. Sempre tinha os meninos que implicavam mais, rebeldes, brigão, mas era bom assim. Na hora de brincar, brincava todo mundo menino e menina junto...

A escola era só de primeira a quarta?

Primeira a quarta.

Enquanto você freqüentava a escola você ajudava nas atividades da terra com seu pai, com sua família?

Não, não, não. Porque eu era bem criança, né. Tinha sete, oito anos. Então eu ajudava minha mãe. Eu era filha mais velha dali eu tinha dois irmãos “mais pequenos” do que eu, né. Naquela época eu tinha sete, tinha um irmãozinho com três e outro com dois. Então acabava ajudando mais minha mãe, né, a cuidar dos meus irmãos mais novos... Mas essa questão da terra. Como a terra era toda mecanizada essa região aqui. A gente morava na região do Salto do Lontra aqui, né. Então, a gente... Meu pai tinha trator, tinha arado, então era mais na questão do maquinário mesmo que ele preparava a terra, né. Era mais com a questão do maquinário...

E quanto aos conteúdos que a professora ensinava, a professora Salete, né? O que ela ensinava? Você lembra-se de alguma coisa? Quais eram as disciplinas?

Português e matemática. Era trabalhado mais português e matemática, né. E aí História e Ciências eram menos tempo, mas noventa por cento eram Matemática e Português. E ela era assim uma professora recente, assim, ela não tinha muito tempo de experiência. E era naquela base tradicional, né. Livro didático, trabalhava com o livro didático, dava muita leitura pra gente ta lendo. Muita tarefa de casa. Eu me lembro de muita continha...

(risos). Matemática enchia o quadro de conta, de mais, de menos, de vezes, então era muita continha. Mas assim, era mais a relação a cópia mesmo. Não tinha esta questão de texto individual. Tinha trabalhos em grupo, mas era assim mais cópia mesmo do livro que tinha um de português um pra matemática. Cada um tinha seu próprio livro que levava pra casa, fazia as tarefas. E lá como era uma turma multisseriada não dava tempo de, tipo assim, ela dava mais o livro. Página tal vamos copiar este texto, vamos responder este questionário depois vamos corrigir. Então era mais nessa linha assim, mas ela trabalhava... Trabalhos em grupos... Eu lembro vagamente assim...

E quanto aos conteúdos históricos, assim, era mais ou menos na mesma forma que ele trabalhava?

Sim. Tinha livro de história...

Você lembra-se dos conteúdos? O que vocês aprendiam?

Deixa eu ver lá da primeira e segunda...porque depois eu fui pra cidade ,né... Não fiquei o tempo todo lá. Mas era relacionado aos conteúdos da série mesmo, Fernando, ali, por exemplo, determinada série é... Ali da ocupação do Brasil, invasão...dos portugueses. Nós trabalhávamos esta questão mesmo assim. E aí dificultou a gente tinha dificuldade, porque agora a gente avalia, de trazer a História como um assim... de você interpretar o passado com o presente é. Então se você, eles tinham bastante dificuldade nisso, né. Até no segundo grau foi assim. Até no ensino médio assim. Você trabalhava aquelas coisas lá de antiguidade... Aquelas coisa que agora assim... Com a professora... A partir da universidade eu fui ver qual é o significado da História, porque até então no ensino médio eles dão aqueles livros lá pra você decorar aquelas datas lá... e aquele monte de gente... e aquelas pessoas que fizeram tal coisa...e isso e quilo,mas é uma coisa muito vaga, né. Não traz a realidade. Ah não a História trouxe isso, mas qual foi o processo até chegar agora, né? Então assim, agora que a gente ta fazendo o curso aqui que a gente abriu mais e a História é assim, assim, assim. E a vida da gente é uma História , né! Até você trabalhar a história de vida dum criança você ta trabalhando História, né. Você trabalhar uma planta é uma História. Você vai resgatar tudo, porque que funciona, quais é...,né. Tudo é História!

E você lembra-se da disciplina que você mais gostava que você tinha mais afinidade?

Era português. (risos).

A escola ficava perto da sua casa? Como você ia pra escola?

Eu ia a pé. Ficava mais ou menos um quilômetro, um quilômetro e meio assim. Gastava uns quarenta minutos a pé, devagar, assim.

E as outras crianças?

Todos iam a pé. É porque era assim a escola... Tinha a comunidade de pequenos agricultores e a escola era centralizada, então todo mundo ia a pé.

E a professora morava no campo o na cidade?

Ela morava na cidade e vinha todo dia pro campo. Aí com o passar do tempo foi proposto pra ela dar aula na escolinha aí ela acabou morando tipo num sítio dum senhor lá. Sabe o senhor arrumou uma casa pra ela, uma casa desocupada e ela ficou morando lá ela e a filha dela, porque até então estava difícil o deslocamento dela todo dia ir e vir né. Então ela começou a morar lá pra poder dar aula.

E quando você faltava aula quais eram os motivos que você faltava?

Ah, eu era difícil eu faltar aula. Porque eu sempre gostei de estudar, sabe. Era muito difícil. Faltava mesmo era por problema de saúde senão era muito difícil faltar aula.

Fora os livros didáticos, tinha algum outro recurso que o professor poderia utilizar pro professor deixar as aulas mais atraentes?

Não. Lá na escola multisseriada eu não lembro de nada.

Tinha biblioteca?

Não. a gente não tinha biblioteca.

Material assim, cartaz, lápis de cor?

Hum, hum (expressão de negação).

Nada?

Não. tinha individual cada um levava o seu lápis de cor, mas não tinha biblioteca lá. Tinha só uma salinha mesmo, uma sala de aula, do lado tinha uma cantina, o fogão, as panelinhas, só. Não tinha biblioteca não.

Vocês tinham merenda, então?

Tinha. Tinha merenda.

Quem fornecia merenda?

Era o município, né.

Quem fazia?

Era a professora com os alunos. Ela fazia e a gente ajudava, né. Geralmente ia os alunos assim, as meninas de terceira e quarta série que já tinham... eram mais grandinhos, né. Mas eu lembro que de vez em quando eu ajudava lá... na preparação da merenda. Ai saía quem fosse fazer a merenda saia uns quarenta minutos antes, ne'pra fazer. Porque geralmente era bolacha com suco ou aquelas coisas mais enlatada que era só dar uma esquentada e pronta, né.

E você lembra quantos alunos tinha na sala?

Na sala... Devia ter uns 35 em média, por aí.

Era bastante!?

Era.

E onde você cursou o ensino fundamental de quinta a oitava série?

De quita a oitava foi... Nessa época a gente morava no interior ainda. Quando acabei a quarta série ai foi lá pra outra escola. Porque daí eu ia de ônibus que era mais longe. Era num outro distrito do município que também era no interior.

Mas tinha o transporte rural que ia até a escola?

Não, não tinha transporte rural. O quê que tinha? Porque daí a gente morava...a cidade dava treze quilômetros da comunidade de onde a gente morava. Trezes quilômetros e todo dia tinha um ônibus que fazia o trajeto até na cidade, cobrava a passagem das pessoas pra ir pra cidade, né que era Salto do Lontra. Aí que as pessoas ia, o ônibus passava oito horas passava bem perto de casa e retornava meio-dia e meia. Vinha da cidade, passava meio-dia e meia onde ele passava na frente da escola. O que a gente fazia? A gente vinha com este ônibus. A gente pagava a passagem, um pouquinho. Conversava com o motorista do ônibus e pagava por mês, uma taxa por mês. Não todo dia dava, por exemplo, cinquenta centavos. Marcava um valor x por mês, meu pai pagava e nos íamos de ônibus. A gente ia de ônibus com ele porque o sol estava mais quente. Saía de casa meio-dia e pouco, né. E era longe, dava uns oito quilometro. E aí nós retornávamos a pé. Voltava a pé.

Como era a escola na cidade?

Lá...não era na cidade, era no campo. De quinta a oitava foi no campo também. Eu fiz até a oitava série no campo.

As turmas eram separadas ?

Isso. Eram separadas. Porque já era uma escola mais estruturada. Já tinha biblioteca, já tinha quadra pra fazer educação física. Aí vinham os professores da cidade. Aí vinha um professor para cada disciplina...geografia, história, matemática,português, então tinha uma sala pra cada um. Então tinha mais estrutura.

E qual era a disciplina que você tinha mais dificuldade?

Matemática. Sempre tive... (risos). Nunca gostei de matemática até na sétima serie

reprovei em matemática. Nunca fui fã de matemática.

E nesta escola que era maior de quinta a oitava como era a relação dos professores com os alunos?

Era... Já era mais diferente, eu avalio assim. Porque eu não tenho nenhuma recordação assim... Porque quando você estuda numa escola...

Como era a relação dos professores com os alunos?

Era já era mais diferente... Eu avalio assim... Eu não tenho nenhuma recordação assim... Porque quando você estuda numa escola... Você sempre assimila um professor que te dá mais atenção, que usa dinâmica mais na aula. Naquela escola assim...os professores...porque como eles moravam na cidade e nós no campo eles não tinham muita...não tinham nossa realidade, do di-a-dia ali, né! Então, era muito afastamento assim: professor lá, aluno aqui. O que eles pensavam: ah! Vou dar 45 minutos de aula, passar os conteúdos e pronto. Então, não tinha uma relação muito assim não. Eu não me recordo de boas lembranças desses professores lá, não.

E a relação dos pais com a escola?

Tinha reuniões. Aquelas reuniões que... Obrigatoriamente a escola faz pra marcar tempo, mas também não era uma relação tão assim...

E o ensino médio, você cursou onde?

Aí nós fomos para a cidade. Aí no ensino... Aí nesse período...aí eu fui lá pro Espírito Santo. Morei uma época no Espírito Santo.

Por quê?

Porque foi bem nessa época... Nesse trajeto que meus pais separaram. Sabe? Foi bem nessa época que meus pais separaram e daí minha mãe resolveu ir para o Espírito Santo onde mora a família dela. Lá em (nome da cidade). Aí nós fomos pra lá! Morar um tempo lá, tal, tal. Ficamos lá 2 anos. Lá no Espírito Santo. Aí chegamos lá... E aí...por questões pessoais mesmo, daí minha mãe, também, não gostou, não se adaptou...porque ela saiu do Espírito Santo menina e foi lá pro Paraná e depois voltou, não se adaptou muito bem. Aí nós retornamos para o Paraná de novo onde eu fui morar... Voltei para Nova Aurora morar com uma tia minha. Ai nesse... No ensino... Eu fiz dois anos em Nova Aurora... Voltei para Nova Aurora e fiz dois anos lá. Fiz primeiro ano de Educação Geral que tinha em Nova Aurora. Aí depois voltei eu voltei para o Salto do Lontra morar com minha mãe. Daí onde eu fiz três anos de contabilidade. Daqueles que tinha curso profissionalizante mais, né! Aí eu fiz em Salto do Lontra. Daí eu retornei ao Salto do Lontra, então fiz três anos de contabilidade geral, ali.

E as principais diferenças entre a escola do campo e da cidade?

Do campo e da cidade... Assim, eu avalio assim que até de 5ª a 8ª as estruturas era quase igual. As estruturas físicas, né! Aí você vinha pra cidade assim... Você... Você... Querendo ou não você acaba pegando maior cultura da cidade. Toda aquela questão de morar na cidade... Que tinha que trabalhar quando eu fui morar na cidade. Eu trabalhava no supermercado de “pacoteira”. Trabalhava, assim, mais geral no mercado, colocando mercadoria na prateleira e ajeitando assim... de “pacoteira”. Então, tinha aquela vida tumultuada na cidade. Tem que levantar sete horas ir trabalhar vir almoçar, voltar. Eu fiz o segundo grau bem naquela correria mesmo, né. Saía do mercado 5 pras 7 e a aula começava as 7:10. Então, você tinha que correr lá... Nem tomar banho, sabe... Saía do serviço direto pra escola. E é assim... É aquela questão, também,...meu ensino médio foi bem fragmentado...bem superficial. Eu fiz contabilidade porque não tinha outra opção. Eu tinha vontade de fazer magistério, só que o magistério era na parte da manhã. Só tinha no período da manhã. E eu comecei a trabalhar pra ajudar no orçamento de casa e assumir (não entendi a palavra). A minha única opção foi fazer contabilidade... Meu (não entendi) de não gostar de matemática, eu tive que fazer contabilidade. Olha que

contradição, né! Eu te falei que nunca gostei de matemática! (risos). E a contabilidade só tem coisa de matemática, né! Balanço, balancete. E aí eu fui fazer matemát...contabilidade sem minha vontade para não precisar parar os estudos, né, e...porque eu queria continuar. Aí fiz mais por fazer mesmo pra mim ter um certificado de 2º grau. (não entendi) que hoje em dia pra eu fazer um balanço ali, eu não sei muito bem, sabe! Foi bem superficial, assim.

E na cidade como eram as suas condições de moradia, de saúde...?

A gente morava na cidade. Não era casa alugada. A gente tinha a própria casa, casa própria. A minha mãe foi... A minha mãe continuou com a terra dela ela tinha terra no campo. Daí onde ela arrendava naquela época, também, ela arrendava pros outros. E daí eu trabalhava e ela trabalhava de costureira. Nossos dois irmãos... Meus dois irmãos pequenos. Aí meu pai acabou não contribuindo mais com a pensão. Ficou mais difícil a nossa vida, assim, sabe! Tinha que trabalhar mesmo pra sobreviver. Tem que pagar as coisas, as contas... Ficou mais difícil.

E quando e quais foram os motivos que fizeram você entrar no movimento?

Quando eu terminei o ensino médio eu casei. Foi bem na época que eu casei. Aí a gente tava lá. Em Salto do Lontra. Aí o meu marido tava sempre procurando trabalho daí ele foi chamado pelo irmão dele para ir pra Jardim Olinda no outro extremo do Paraná. Lá com divisa com São Paulo (não entendi)... Pra trabalhar na prefeitura lá. Meu marido é técnico agrícola pra trabalhar na prefeitura. (mão entendi) aí nós fomos pra Jardim Olinda. Chegando no Jardim Olinda... Agente morou lá o que uns 2 anos. Aí eu comecei a dar aula na PEART. Fui convidada. Não tinha experiência. Não tinha experiência mesmo com educação. Minha primeira experiência com educação foi com a PEART.

O que é a PEART?

PEART é um projeto que tinha antigamente... Um projeto pra jovens e adultos, mas mais pra bóia-fria, relacionado a bóia-fria, assalariado temporários, bóia-fria, né! Era um projeto e você dava aula pra jovens e adultos. Aí o pessoal da cidade me convidou pra ir tal, tal, e eu dei. Dei aula seis meses porque daí terminou o projeto. Dei aula seis meses pra jovens e adultos. E bem neste período é o período da campanha política. Aí tinha o Lernner e o Requião disputando pra... pra...pro estado aqui pra...governador do Paraná. E o prefeito desta época de Jardim Olinda ele apoiava o Lernner e nós e outro pessoal apoiava o Requião. E aí por questões políticas como o meu marido não era concursado, não tinha feito concurso o prefeito mandou embora, então. Mandou embora todos os funcionários que não estavam apoiando o lado dele, o Lernner. E nisso o meu marido foi mandado embora. E falou que o mês que vem você está fora. E antes... eu tinha contato com o MST porque tinha uns acampamentos lá perto, sabe. Meu marido ia lá... Ia sempre lá conversar. Eu sempre ia lá conversava com as famílias e pensava: Meu Deus, que povo doido embaixo de lona. Você já foi, conhece acampamento? Loucura colocar as crianças (não entendi) aí foi bem neste período que meu marido foi mandado embora daí a direção do MST convidou ele. E disse: você não quer fazer parte do Movimento Sem Terra, assim, assim, que no acampamento... E foi bem nesse meio que estava sobrando um lote lá no acampamento. Mas o acampamento tinha dois anos lá em Cruzeiro do Sul perto de Maringá. Ele disse assim: “vão pras lá! Aproveita que tua mulher tem experiência em dar aula fica no setor de educação. Já dá aula na comunidade...” Aí meu marido disse assim: “Não. aí veio conversou comigo. Aí nós topamos de ir pro MST, sabe. Daí que a gente entrou. E também pela necessidade, né. Naquele primeiro momento foi pela necessidade, porque até então não tinha outra expectativa., de trabalho, de nada. Aí nós fomos. Entramos lá. Quando entramos já tinha nosso pedaço de terra lá. Moramos numa casa lá durante seis anos, numa casa da sede, sabe. Numa casa assim bem estruturada com banheiro, energia, água. Uma casa

grandona. Moramos quase seis anos. Meu marido contribuindo no MST como técnico agrícola. E eu já entrei...já entrei como setor de educação...no setor de educação do movimento. Eu sempre prestei no setor de educação. Aí qual era a demanda, naquela época, da comunidade? Educação de jovens e adultos porque tinha muito analfabetos, né. E como lá não tinha ninguém mais preparado assim, que pudesse ter condições de dar aula, daí eu comecei a daí aula num projeto que teve do PRONERA, né. Programa de jovens e adultos do PRONERA de reforma agrária. Aí eu comecei e dei aula dois anos. Dei dois anos de aula pra jovens e adultos.

Você disse que quando ia visitar lá os acampamentos você achava uma loucura e quando você entrou qual foi sua primeira impressão?

Quando eu entrei aqui... Aí foi... Quando eu entrei aqui... (não entendi). Quando a gente chegou no acampamento eu lembro que a gente foi muito bem recepcionado pelas famílias que moravam ali, sabe! E daí você vê a história de vida deles ali, né. Que eram tudo pessoas que foram camponeses, que foram pra cidade que não conseguiram serviço e que tiveram que retornar pro campo e o sonho de ter nosso pedacinho de terra, também, de ter uma vida digna, né. E aí você começa conversando com eles você que isso também, que você quer isso pra si, sabe. Escutando a história de vida, da luta de cada um deles, sabe, te dá força pra você estar ali no meio deles. E aí com isso você vai tendo coragem, vai tendo força, vai assumindo posições...

Quantas famílias estavam nesse acampamento? Como era o nome?

É... Eu to lá até hoje, né. É o acampamento Padre Jovino. E lá é um acampamento pequeno. Tem trezentos e poucos alqueires de terra e ta em média de umas quarenta e duas famílias acampadas. E o acampamento já tem 10 anos de ocupação. Dez anos de ocupação.

Quem foi o padre?

Padre Jovino foi um padre do nordeste... Lá no nordeste. Daí era um padre que era mais do sindicato, do sindicato, né. Ele defendia os pequenos agricultores, defendia mais. Era contra os fazendeiros mesmo, contra a exploração. Daí ele foi morto na porta da igreja. Um pistoleiro a mando de fazendeiro... Foi morto o Padre Jovino.

E como era a relação das famílias dentro do movimento?

Você fala geral ou onde eu moro?

Onde você mora.

Cotidiano?... As famílias... porque assim...lá já tem... (não entendi) porque já tem dez anos de ocupação então o que foi feito. Foi distribuído um pedaço de terra para cada família. Não moram tão perto. Moram uns 800 metros cada família, então... Aí cada um produz. Produz. A maioria tem suas vaquinhas de leite. Tiram leite. Criam porcos, galinhas. Plantam pra subsistência, né. Mandioca, batata doce, milho, junto com as criações. Mas aí só isso também não basta. Muitos têm que trabalhar e oferecem mão-de-obra pra fora. Trabalhar de bóia-fria pra ajudar nas despesas de casa.

E quando você entrou existiam algumas regras que tinha que seguir? Como era? Essa questão da disciplina?

Sim. Porque não é só lá. Todo o Movimento Sem Terra tem seu regimento interno que fala, né. Então, tem. Tem a questão da contribuição. Você tem que contribuir né. Lá a gente paga a luz todo mundo paga a luz junto, então o valor da luz é distribuído igualmente pra todos pagar, energia, água. Quando tem um trabalho voluntário vai todos. Vamos fazer uma limpeza geral, então vai todo mundo. Lá tem um casarão que são feitos curso no movimento. Tem uma casa muito boa que era da fazenda, então, a gente tem lá. Então, a cada quinze dias as mulheres vão lá pra limpar. Então, têm vários, vários acordos lá dentro. E tem cursos fora do movimento, tem cursos em Curitiba, tem ocupações de pedágio, tem ocupações na fazenda. Aí é tirado os companheiros, as

mulheres pra estar indo, sabe.

E você participou de ocupação?

Eu fui a uma... Que... Eu fui em uma ocupação.

Quando foi e como foi?

Foi na região de Paranacity. Foi na fazenda Santo Antônio. Foi uma ocupação bem tranquila. Não aconteceu nada de... ocupamos oito horas da manhã...(risos). Foi bem pacífica. Foi bem assim... Não teve...

E qual a situação hoje das pessoas que participaram desta ocupação?

Aí o que aconteceu com esta área. Daí a gente ocupou daí foi feito acampamento. As famílias ficaram mais ou menos um ano e pouco lá. Depois teve despejo. A polícia foi lá e despejou e agora está arrendado pra cana. Foi pra cana...

Então foi bem tranquila esta ocupação que você participou?

Sim.

E teve alguma dificuldade, nessa ocupação de manter as famílias lá?

Não porque neste período, foi bem no período que o Lula tinha ganhado a eleição. A primeira eleição dele. Então, para o MST estava fácil arrumar famílias para ocupar a área, porque tava todo mundo naquela expectativa. “Aí não! O Lula ganhou então vai sair a reforma agrária, ele vai distribuir terra pra nós, né. Então naquele período para a conjuntura do MST tava bom aglutinar famílias pra fazer ocupações. Então foi bem neste período que formou vários acampamentos grandes, né. Acampamentos enormes assim de 800, 700 famílias. Naquela época assim, não tava difícil assim...ajuntar famílias.

E quais os tipos de materiais didáticos que você tinha a disposição no setor de educação lá do MST, pra trabalhar com as crianças?

Pra jovens e adultos...

É! Jovens e adultos. A gente trabalhava muitas questões assim, eu nunca usei o livro didático, né. A gente fazia planejamento... O próprio MST faz materiais, né. Então trabalha com os materiais do MST, o jornal do MST. Trabalhava mais a questão da realidade deles mesmo, né. Produção de textos. A gente não fazia... As questões de matemática relacionadas as atividades que eles produziam na própria...no próprio lote ali, né. Na produção de mandioca trabalhava a questão da tonelada, o preço da mandioca, mais a questão do leite que eles vendem leite como é que faz. Então tudo o que eles traziam os textos que eles construíam era tudo, através das coisas que eles tinham mesmo. Pegava a realidade, mas também ia pra totalidade, né. Porque você não pode também ficar naquele mundinho ali, né, mas tentava comparar a nossa realidade com a realidade do Brasil, do mundo, assim como um todo.

Quando você decidiu fazer parte do curso da UNIOESTE para educadores do campo?

Foi assim. Como eu tava no setor de educação aí... Já tinha uma demanda naquela época... Desde 99 que eu estou no setor de educação. Uma vez a gente estava discutindo uma demanda de formar mesmo pedagogo, as pessoas que estão fazendo magistério no Rio Grande. E aí a primeira luta que se tinha no Paraná era ter uma turma ali na UEM que é de Maringá, né, na cidade de Maringá, né. E eu tava... Eu tava entre os educandos se fosse sair o curso da UEM. Era pra sair em 2002. 99 que começou a luta prevista para 2001... Nós fomos pra Maringá. Ficamos lá na UEM, tipo uns 15 dias estudando pra vestibular... (não entendi). Então era pra eu ter feito em 2002 o curso de Pedagogia na universidade de Maringá e na última hora deu...deu tudo errado. Não sei o que aconteceu lá, praticamente não deu certo. Daí meu nome ficou. Se sair um dia o curso Edmarcia você vai fazer! Aí passou daí em 2002 não deu certo lá, daí 2003, daí em 2004 decidiu ficar com a UNIOESTE. Meu nome já tava, tava naquela relação de

peessoas pra fazer. Até então eu tava assim meio desanimada. “Será que eu vou, será que eu não vou?” Daí eu tinha a Larissa pequenininha naquela época. Em Maringá eu não tinha a Larissa (não entendi). Aí pra cá eu tinha a Larissa pequenininha.

Mas é longe Francisco Beltrão, Maringá ta mais perto de casa, né. Meu marido que incentivou bastante o pessoal lá da brigada disse: “Não, você tem que estudar...tem que formar pessoas pra ajudar aqui na base mesmo”. Aí que eu me desafiei a vir. Porque até então fazia tempo que eu tinha parado de estudar, né. Porque daí eu terminei o ensino médio em 96, eu me formei no ensino médio. Daí o curso de Pedagogia foi em 2004, né. São 8 anos, né. De 96 pra 2004. Parada assim, naquela vida doida do dia-a-dia não pegava nenhum livro pra ler. Naquela correria mesmo. Assim no dia-a-dia trabalhar em casa, cuidar de criança. Aí foi um desafio grande pra mim. Iniciar o curso fiz vestibular. Conseguimos, né. Estudei bastante no vestibular e aí estamos aí...

E qual foi sua primeira impressão do curso? Quando você estava em sala de aula?

Você fala aqui... Aqui nesta experiência? A minha primeira, assim, o que... a primeira experiência... Porque daí o que... Eu avalio assim, nossa vai ser... Porque a primeira etapa... Qual foi a metodologia do curso... Os professores vim da universidade trabalhar com a gente, mas relacionando, fazendo ponte com as nossas práticas, né. E eu senti um pouco de dificuldade, assim, porque eu não estava em sala de aula, mas como... É ensino fundamental. Então muitas vezes senti dificuldades de ta discutindo com os professores, debatendo, trazendo exemplos... Porque eu não tava em sala de aula atualmente, né. Dei aula em 2000, 2002 pra educação de jovens e adultos, né. Comecei em 2004 aqui eu não tinha experiência em sala de aula. A experiência que eu tive foi com a educação de jovens e adultos, mas não tava atualmente em. Então, o que eu mais senti dificuldade desse curso assim, de eu não ta, de ter a prática em sala de aula e de ta fazendo o curso, de ter esse elo. De teoria e prática, né. Mas assim, eu contribuía na prática do setor, ou ajudo a coordenar as coisas, mas mesmo assim ajudou muito, assim, sabe. Fazer articular as coisas mais no setor de educação.

E com relação aqui o curso, como é a relação e como foi a relação dos professores que passaram por aqui com os alunos?

Olha a maioria dos professores que eu acho até então, tem a disciplina, eu acho que até a própria coordenação do curso trazem os professores que tem mais este vínculo com o MST, né, ou com os movimentos sociais. Então, eu acho que 80% dos professores que passaram por aqui já têm conhecimento dos movimentos sociais, já estudaram alguma coisa com os movimentos sociais. Eu lembro que teve uns dois três professores que teve assim, foram mais assim, sabe... Eles lá os outros aqui. Teve uma professora de psicologia que aquela lá foi bem... Não tinha nada assim, as coisas que ela falava não tinham, sabe. Fazia a discussão da psicologia, mas não deixava a gente trazer ela pra nossa realidade. Até na avaliação que a gente fez na turma ela foi uma professora que foi bem... ”diferenciada”... Das outras. Mas eu vi assim, que a maioria dos professores já tiveram contato, já... Professores que já conhecem. Tinha vários professores de Cascavel, então muitos já foram na brigada Teixeira, já conhecem o acampamento ali. Já tem um vínculo já conhecem, já ouviu falar, já leu alguma coisa assim. Porque daí nas discussões fica mais fácil, né.

E quanto aos conteúdos ensinados? Quais eram as suas expectativas e o que você encontrou no curso?

Eu vejo assim que os conteúdos foram muito bons só que às vezes... Vai do ritmo de cada um também. Cada um tem um ritmo de aprendizado, tem a sua caminhada. Eu tenho mais dificuldades de assimilar já no primeiro contato os conteúdos assim. Então, são vários textos, né. Você viu né, a gente está todo dia lendo texto, lendo texto de manhã, lendo texto à tarde. Então são muitos conteúdos ao mesmo tempo assim que...

Eu pessoalmente tenho mais dificuldade. Eu tenho que chegar em cara dar uma relida nestes textos. Mas eu procuro anotar tudo o que o professor fala durante a aula ali. Anoto as observações, mas é muito conteúdo ao mesmo tempo. Acaba uma disciplina já vem outra, sabe aquela coisa. Acaba cansando porque quarenta dias, cinquenta dias aqui agente nota... Que passou de trinta dias que você já está cansado. Aula de manhã, a tarde tem trabalho da disciplina, a noite tem aula, né. E domingo a gente tem mais outras tarefas pra ta fazendo. Mas o aprendizado foi muito... Foi bom. Os aprendizados são bons, assim. Tem espaço pra discutir no núcleo. Eu acho que o núcleo é um espaço bom. (não entendi)... A gente conversa, a gente lê, debate as leituras. Eu acho que também é um espaço bom ali, de aprendizado...

E quanto aos conteúdos históricos dentro do curso?

Então, você fala mais propriamente do conteúdo da disciplina História. Então, a gente trabalhou foi na etapa seis, eu acho que a gente trabalhou os conteúdos do ensino de história. Eu não lembro qual foi a carga horária, mas a gente trabalhou uns quatro dias o ensino de História que foi com uma educadora de Francisco Beltrão que foi a professora Marizete que ela tem bastante contato com o MST, com os movimentos sociais como um todo assim. Então todo o conteúdo de história relacionado a nós ela trouxe assim, sabe, de esclarecer. O que é História? História é isso é aquilo, porque tem muita coisa assim falseada, né. A gente sabe... (não entendi) ela comentou muito sobre a história falseada, né, desde os livros didáticos que tem uma coisa que fala que é uma realidade é outra. (não entendi). Então tudo o que a gente faz é história, matemática, geografia, ciência, todas as disciplinas estão ligadas com a História. Porque o curso de pedagogia é História. Tudo é História na nossa vida, né. E quando a gente trabalhava com as crianças o real das coisas mesmo, assim. Trazer para a realidade o que eles estão trabalhando. Isso é História.

Quais os materiais do curso que os alunos dispõem aqui no curso?

Os materiais pedagógicos você fala assim. Os materiais da universidade. Assim, eles fornecem os textos, aqueles xérox que tem uma cota que está dentro do convênio que a gente lê. Não tem custo próprio. Aqui tem os livros que foram comprados (não entendi) são lidos aqui pra gente consultar no curso. Tem os textos... Eu acho que é isso. Daí quando tem oficinas, seminário, conforme a demanda, também é trabalhada com materiais.

Tem retroprojektor, multimídia?

Daí é aqui da Assesoar. É a Assesoar que fornece pra gente.

E como é o cotidiano aqui das pessoas?

Aqui. Durante segunda a sábado (risos) é a correria, né. Levantar às sete horas tomar café da manhã. Tudo muito cronometrado o tempo, mesmo ali, né. Divisão de tarefas. São quatro núcleos né. Pra lavar a louça da janta, pra limpar o refeitório. Tem mística de manhã, então são tudo dividido em tarefas. Então a nossa jornada inicia às sete e meia com o café e termina às 22h20min com a reflexão escrita. Pode reparar que a maioria do pessoal dorme tarde porque tem que preparar a mística tem que preparar algumas coisas, acaba fazendo alguns trabalhos. Então acaba fazendo. Durante a semana é bem corrido. Durante a semana tem as mães com as crianças, então tem que ter um espacinho pra lavar as roupas, né. Tem que dar atenção pras crianças. Daí no sábado a noite que a gente não tem muita atividade. No mais é filme, sábado à noite. Ou atividades culturais, né. Filmes, músicas. Acho que vai ter e você vai ver... Teatro vai muito da equipe de cultura que promove os eventos assim, né. Às vezes tem uma saída coletiva, aí sai todo mundo. Aí no domingo fica mais opcional, mesmo no domingo. Domingo as pessoas levantam a hora que querem, vai de cada um, pessoalmente. Lavar roupa, estudar, dar um passeio. Até, apesar de que o passeio... Já foi comentado já que as pessoas

permaneçam o final de semana aqui, mas até então na nossa trajetória de curso... Porque a maioria os que moram perto acabam se deslocando e vão pra casa. (não entendi) várias vezes isso. O que não é justo a gente que mora longe não tem pra onde ir. Tem que ficar aqui, né. E também, os que morassem perto permanecessem junto com a gente porque daí sempre no sábado tem atividade assim, do setor... Da equipe de cultura. Às vezes, assim, que... Os que moram perto vão tudo embora final da tarde e só ficam aqui os que moram longe... Que dá uns 25 que moram longe, né. A gente fica aqui meio que sozinho e os outros vão tudo pra casa. Ai foi comentado... Aí os que moram perto deram uma amenizada na saída, né. Não saíam sempre. Saíam a cada quinze dias, uma vez por mês iam pra casa. Mas você percebe né. Agora final de semana teve bastante gente que foi pra casa, né. Então, (não entendi) os que moram perto vão pra casa, né. E a gente que não tem pra onde ir a gente fica.

E a relação dos alunos, dos professores com a coordenação pedagógica pelos movimentos sociais?

Olha, você fala assim mas da universidade com a ...

Aqui mesmo, né, porque a coordenação fica aqui.

Sei, sei.

Qual é a relação de vocês, qual é a função da coordenação?

Sim, porque a coordenação pedagógica ela é assim cada etapa, assim. ...são duas pessoas que são permanentes a Solange e a Mari são... A Solange pela parte da Assesoar e a Mari por parte do MST. Elas vêm, elas se desdobram em ajudar a turma... E daí os outros três são tirados da própria turma, né. Que nem nesse período tá a Sandra o Edilvane e a Ednéia. Esses três são tirados das turmas de cada NB porque cada NB tem dois coordenadores, né. Um companheiro e uma companheira, então. Entre todos os coordenadores é tirado três pra fazer parte da coordenação pedagógica, né. Porque a relação é boa assim, porque a gente leva a discussão pros núcleos, né. Tem as reuniões dos núcleos duas vezes por semana saí às discussões. Aí o coordenador leva as discussões, nossas propostas pra s reuniões que eles têm e lá é tirado encaminhamento... e depois leva pra plenária pra socializar com a turma se é isso mesmo, se não é, desde horários, desde tudo assim. Desde a equipe de trabalho, horário, organização do curso. Se acontece alguma coisa, assim, relacionada a uma pessoa é discutido ali, sabe, é tudo assim... a primeira instancia é o núcleo, depois vai pra coordenação, depois volta pra turma a proposta da coordenação.

Ela dá oportunidade de participação pra estar intervindo nas aulas...(meu comentário)

E com relação à História, como você vê o Ensino de História para o curso de Pedagogia para o campo? Porque agora você me relatou da sua experiência com alfabetização, o ensino tradicional, aquele de memorizar datas e tal, como você vê o ensino de História pra Pedagogia pra educação básica nas escolas do campo?

Até, então, a gente fez estágio, né, a gente teve o período de estágio que a gente trabalhou história, né. Nós mães fizemos o estágio aqui mesmo numa escola da cidade em Francisco Beltrão mesmo aqui. Foi num bairro aqui do lado. Trabalhei com uma turma de terceira série do ensino fundamental. E a gente trabalhava com a História com eles... que a gente teve toda esta discussão dentro do curso. Vamos trabalhar na prática agora com as crianças, né. O que a gente trabalhava com as crianças, assim... É... Por exemplo, a história do município, como é que se deu, sabe. A... Como é que foi... trabalhando a história de Francisco Beltrão como é que foi a emancipação de Beltrão, as primeiras famílias que moravam aqui. Então foi a história que eles foram junto construindo com a gente, as crianças, sabe. A gente não foi lá e só isso, isso, isso é história, mas a gente foi construindo junto a história com eles. Eles também,

pesquisando, sabe, eles iam fizeram entrevistas com os avós deles, com as pessoas que moravam há mais tempo em Beltrão, né. Os professores, pras crianças refletirem o que é história. História não é uma coisa dada, você vai lá no livro pega e é aquilo, né. Você, também, faz parte da História, né. Nós também estamos fazendo nossa história aqui, né, aqui onde a gente tá. Que é interessante tá trabalhando com eles assim... Um diário. É tipo um relatório que a gente fez com as crianças, onde todos os dias eles relatavam alguma coisa ali. Eles fizeram tipo um diário mesmo e, também é história, né. Eu acho que a história tá ligada em tudo, assim, no que a gente faz... Tudo assim é história. E que a história não tá deslocada das outras disciplinas. Porque até então a gente pensa que é bem difícil, assim,... Porque a carga horária que tem mais é de matemática e história (penso que ela quis dizer português) e acaba, assim, dando menos tempo pras outras disciplinas, geografia, história, ciências, mas que não tão deslocada uma da outra, né. Você pode trabalhar... Você pode trabalhar história, geografia, matemática, uma fazendo parte da outra, né.

Articular... (meu comentário)

Articular os conteúdos... e eu tenho essa dificuldade...a gente fez um estágio de não fragmentar os conteúdos. Trabalhar todos os conteúdos juntos sabe... História, geografia. A gente trabalhou lá, por exemplo, a gente trabalhou a história da planta, tal, tal, tal. Mas qual é a história dessa planta, pra que serve essa planta, então, tudo que...o período, o período da germinação. Tudo isso é história. Faz parte, né.

Vocês foram acompanhados por um professor?

Sim, tinha uma orientadora que acompanhava a gente.

Quem era?

Aqui a minha era a Rosana, aqui da UNIEOSTE. Rosana Birau. Que ele é ela que dá... A gente fez... A gente fez 50 horas de estágio aqui na escola fundamental. Depois fizemos um artigo, fizemos um caderno de planejamento, até se você quiser dar uma olhada a gente tá com o caderno por aí. A gente fez um caderno de planejamento com todas as aulas ela corrigiu. Depois a gente fez um artigo de no mínimo oito páginas. Assim contando, relatando como foram as experiências de estágio, as dificuldades (não entendi).

Quais foram as suas dificuldades?

(risos e suspiro) sinal de cansaço. Assim, eu avalio assim, porque até então, ...as minhas dificuldades...porque as crianças que eu percebi... As professoras própria deles é uma professora que tá quase se aposentando. Mais de vinte anos de profissão. E ela usava muito o livro didático, sabe. E as crianças tinham muita dificuldade de produzir textos espontâneos. Quando a gente pedia pra fazer um texto eles não faziam. Terceira série, né. Eles queriam que eu ditasse que eu desse uma coisa pra eles copiar. Então, foi mais a dificuldade assim. Mas são bastante inteligentes, também, (não entendi) porque eles mexem muito com internet... Coisas assim. Então eles têm muita informação das coisas assim, né. Mas eu avalio assim, por eu nunca ter dado... Por nunca ter dado aula numa escola da cidade... Eu me saí, até bem. (risos). Sério assim, porque eu achei.... E eu tinha um desafio, porque a maioria do pessoal queria dar aula no campo. A maioria foi pro campo nas escolas de assentamento... e eu falei assim. Ah! Não... Tudo bem eu quero ir pro campo... Que assim o campo também é bom, mas eu quero ir dar aula na cidade só pra mim ver. E nós trazíamos muita coisa do campo pra cidade, sabe. A gente levou semente pra eles. Eles não conheciam muitas sementes, sabe. Levei umas sementinhas, assim de arroz. Peguei aqui na Assesoar. Eles não sabiam.

(Filha interrompe)

E como você acha que devem ser os conteúdos trabalhados na escola, na educação básica? Quais os conteúdos mais importantes, que você elege como os mais

importantes?

Elencar os conteúdos, assim...

É. Você pode fazer da sua experiência de estágio mesmo, o que você trabalhou e que acha que teve resultados para o aprendizado das crianças?

Eu acho assim que os conteúdos que... Que... O que a gente trabalhava aqui... A gente trabalhava aqui? A gente fez nosso planejamento de aula. Aí antes de você passar um conteúdo, o que a gente fazia? A gente fazia um diagnóstico com eles. A gente perguntou o que eles já sabiam sobre aquilo, sabe. Você não simplesmente chegar lá e passar tudo aquilo no quadro, é isso, isso, isso. Mas, ou você passa o conteúdo antes... Você também dialogar com as crianças. Quais que são os conhecimentos que eles já têm? Que todos eles tem já um certo conhecimento. (não entendi) com os pais, com a família onde eles vivem. Então eles sempre traziam, assim, assim... Ajudavam assim, na construção dos conteúdos, né. Então a gente dava bastantes textos. Textos espontâneos. Matemática a gente trabalhava a questão dos problemas da matemática nunca continha solta. Então sempre com problemas matemáticos. E aí qual que era meu tema no estágio. Os seres vivos e os vegetais. Então, quando a gente foi trabalhar... então a supervisora da escola já falou. “O tema deste bimestre”, que era o terceiro bimestre que a gente tava trabalhando. ...”O tema do terceiro bimestre é os seres vivos e os vegetais”. É esse que é o tema. Então nós tínhamos que focar este tema em todas as disciplinas, né. Até te mostro os cadernos.... Trabalhou seres vivos e vegetais. Porque o tema principal é ciências se for ver aqui, né. A gente teve que colocar a geografia, a história, na matemática, no português, esse tema. Então a gente foi trabalhar, por exemplo, o problema de matemática... Eu lembro assim da gestação dos animais... Mais sobre a gestação, o que é... É... Peso, duração de vida dos animais relacionada à matemática, né. Português a gente trabalhava textos, assim, assistiu um filme relacionado também, a questão dos animais, das plantas. Foi feito os relatórios. Então eu acho assim que os conteúdos ele tem que fazer parte do conteúdo interligando todas as disciplinas. Não pode estar deslocado do tema gerador que é proposto e trabalhar a realidade mesmo ali, né, que envolvem todos os conteúdos que envolvem português, matemática, geografia, história...

Você disse que os alunos na cidade eles tinham muitas informações sobre, sobre as coisas porque usavam a internet. E como você via, como você recebia estas informações que eles traziam? Eles tinham a preocupação em saber a origem dessa informação, ou era apenas uma soma de informações, informações, informações que não eram trabalhadas?

(não entendi) no caso sobre os animais aí eu destaquei um animal pra cada um fazer uma pesquisa. O sapo pra um... Assim, o país que é, a origem, que país que vem aí a gente trabalhava geografia, né. Tinha assim, o canguru. Ah, o canguru é da Austrália. Onde está a Austrália? Aí trabalhava geografia. Aí eu fui estabeleci um animal pra cada um pra fazer uma entrevista. (não entendi) o que eles soubessem, leram nos livros, em casa, perguntar pros pais. Assim, mas nem falei de internet, só falei pra eles. Nem sabia que eles utilizavam tanto a internet. Aí dei um animal pra cada um e no outro dia daí veio (risos) com uma folha imprimida, sabe. Ai, sapo tem veneno, é bom pra isso, a pele faz isso, dura tanto isso. Aí que eu percebi que tanta informação eles são... Daí o que a gente fez. Socializou as informações. Não foi assim, simplesmente recolhi as folhinhas deles e guardei. Você tem que valorizar o trabalho que eles tiveram pra pesquisar, né. Todo trabalho socializamos aqui. Cada um foi feito a leitura, a gente conversou. Eu fiz cada um ler sua folha. Leitura individual, quietinho. Não ler, mas assim explicar o que você pesquisou sobre determinado animal, sabe. Não ler igual ta ali. Você falar que o animal dura tantos anos, a origem dele é de tal país, ele atualmente ele está

extinção...ele é venenoso, não é, ele é bom pra isso, ele não é, sabe, então foi assim, de você também, valorizar a pesquisa, e daí o que é a pesquisa que ta. Ele não pega nada pronto. Ele foi lá, ele foi atrás, ele pesquisou...

E onde você se informa sobre algum conteúdo quando você vai ministrar aula, você recorre a quais recursos, internet, televisão, vídeo, biblioteca?

Eu mais a livros, livros ou internet. A gente tem , também internet na brigada, né, lá na secretaria do MST. Então mais a internet e a livros que eu recorro. E daí a alguém que tenha mais experiência nessa área a gente conversa tira alguma dúvida.

E como é o seu... Como você acompanha os telejornais, programas de rádio como você acompanha?

Em casa?

É.

Em casa, sim. Eu gosto de assistir jornal nacional mais jornal nacional e rádio, rádio porque dá... Rádio porque dá informações, mas é mais em jornais mesmo. Jornais escritos eu quase não tenho acesso... e é mais o jornal da televisão mesmo.

E o que você percebe destes jornais? Você utiliza muitas informações deles pra prática na sala de aula, ou...

É que agora eu não to em sala de aula, né. Aqui a gente não assiste jornal, né porque a gente não tem acesso à televisão, né. Só tem lá no horário da janta ali, mas oito horas a gente vem pra começar a aula. Então a gente não tem acesso ao jornal. Mas em casa assim, a gente... Eu e meu marido a gente percebe muita coisa que é meio distorcida pelo jornal, né. Até mesmo quando acontece alguma coisa com o MST, mesmo. A gente vê que não é aquilo que eles falam né. Assim, aí, por exemplo, assim, a ocupação que foi feita. Às vezes eles falam assim que tal lugar, assim, foi feita ocupação, mas as pessoas do MST roubaram, ou... Pegaram... Ou, entraram com violência. Eles acabam falando um pouquinho a mais do que não é, também, né. Porque a própria... Porque mais nessa questão mesmo, política do MST, né. Que muito a gente vê assim, que eles falam coisas bem distorcidas, assim. E eu penso que elas são meio distorcidas. Até nas próprias questões, assim, que eles trazem na época de final de ano, no Natal, né. Tudo relacionado ao comércio e compras. A única coisa que a televisão passa era isso, né,...o comércio, aquela questão do consumismo. Você vê mesmo a questão do capitalismo, ali, né, que é uma coisa que está acontecendo no real. Mas que a propaganda da televisão é pra gerar mais consumismo ainda. Então a intenção deles é isso é o consumismo mesmo. É a... O fortalecimento do capital, né.

E quando você foi fazer o estágio as crianças sabiam que você era do MST?

Sabia...

Como foi o contato entre vocês?

A gente se apresentou no primeiro dia de aula, né. Pra diretora, pros professores. A gente falou que era dos movimentos sociais. A gente falou que estava fazendo estágio. Aí a gente comentou que a gente veio para a cidade pelo fato porque a gente era mãe, né. Então era longe, o pessoal tem que se deslocar de van, né, pras escolas do campo e como a gente tinha crianças pequenas ficava mais difícil. Que a gente optou pra vir pra escola da cidade. Alguns professores ficavam meio assim... Não davam muita confiança pra gente, sabe. Mas outros vinham conversavam na hora do recreio. Porque na hora do recreio sentava tudo numa salinha lá, né tinha o lanche. Aí muito professores iam conversar com a gente. Que a gente morava em acampamento se era assentado. Se a gente dava aula mesmo onde a gente morava. Mas por esse motivo muita gente se afastou mesmo da gente, sabe. Ah, o deixa ele ficar lá! Mas assim quando agente se apresentou pras crianças, falamos que a gente era do MST e tudo... Aí... Como eu acho que eles moram na cidade e a faixa etária deles era de... De 8,9 anos... A gente falou

mas eles não tiveram muito assim, sabe...de perguntar muito. A gente morava no campo era dos movimentos sociais, tava fazendo estágio do curso de Pedagogia aqui na Assesoar e aí eles... Eu na minha turminha, assim, por causa da faixa etária... Não ficaram, assim, depois. Eu no primeiro dia eles perguntaram alguma coisa. Mas depois do primeiro dias eles não fizeram aquela muita pergunta pra gente assim, como que é como que não é não, sabe. Eles viam muito, assim, aquela relação professor-aluno, sabe. Vinha perguntar mais coisas relacionadas a conteúdo mesmo, sabe.

Pra você, o que é ser Sem Terra?

Pra mim o que é ser Sem Terra... É ser uma pessoa lutadora. Eu vejo que é uma pessoa lutadora. Uma pessoa que luta contra as indignidades que acontecem no Brasil e no mundo. É uma pessoa que não luta só pra gente, luta pelo companheiro que ta junto, né. Então, é um coletivo que tem. Ser sem terra é um coletivo ali. Porque a gente não luta só pela terra. A gente luta por saúde, educação, por moradia, por lazer, por vida digna, mesmo, né. Que não basta ter a terra você tem que ter mais coisas além da terra.

E pra finalizar, sobre o ensino de história novamente. Qual é o objetivo principal, ou que você acha principal no ensino de história, tanto pra educação fundamental, primeira a quarta, ou projetos de alfabetização e pra sociedade em geral? Contribuindo, também com as escolas da cidade, não só do campo, também?

Eu acho que História... Eu acho que o objetivo central dela é desmistificar muitos mitos que se tem na sociedade e revelar a verdadeira... A verdadeira... Revelar as verdadeiras coisas que aconteceram mesmo, mas que isso deve ter uma mediação muito boa entre os educadores e os educandos, né. Que o professor não é aquele que vai lá coleta as informações e passa, mas tem que ser... Vai muito além... O objetivo da História é formar pensantes... Pessoas críticas, ali, né e ser protagonista da própria história. Tem que formar pessoas que sejam protagonistas da sua própria história. Não só estudar História e você não fazer parte da História, né... Da sociedade do dia-a-dia da família, da comunidade onde moram. É isso.

Dia 17 de janeiro e estamos no curso de Pedagogia da Terra. Estamos com a aluna 03 e eu vou fazer algumas perguntas sobre onde você nasceu?

Quer saber onde você nasceu co campo ou na cidade, quantos anos você tem e sua família, onde mora?

Então, meu nome é Ednéia tenho trinta anos. Nasci me criei e moro no campo. Só mudei de comunidade. Eu moro numa comunidade no interior do município de Dois Vizinhos. Nasci nesse município aqui no Paraná. E meus primeiros anos de escolarização foram numa escola da minha comunidade. Na comunidade onde eu nasci. Lá fui pra escola com sete anos, né. Os primeiros anos... A professora... Era multisseriada, né. Era turma de primeira a quarta série juntos e a gente sofria muito com os “mais grandes” com os pequenininhos, enfim. Um pouquinho das primeiras lembranças que eu guardo da primeira professora e da “escolinha”. A gente denominada então hoje salas da escolinha. Hoje eu já pensei e não é mais escolinha, mas enfim, foi lá que eu me alfabetizei. Tenho umas lembranças boas assim. Eu gosto de História e parte assim da lembrança da minha infância essa boa de tu ir pra escola, de tu levar lanche, dessa coisa.... (interrupção- o bebê chorou) enfim, eu já sou mãe de família, duas crianças (risos). No ensino fundamenta também foi... o pai e a mãe na verdade não tinham essa perspectiva de que eu fosse estudar. Então, eu acho assim... eu lembro bem que eu só fui pra escola porque meu irmão mais velho foi também. Por problemas de transporte lá ele acabou não indo mais e quem acabou indo pra escola foi só eu, sozinha. Somos uma família de cinco irmãos e eu sou a única menina uns mais velhos e outros mais novos e eu fui a única a ir pra escola. E eles moram no município, na comunidade do interior. Todos moram no campo.

E como era a estrutura física da sua escola nos anos iniciais?

Quando eu fui para a cidade estudar numa escola pública ela se compõe nos moldes de ainda hoje, né. Na realidade hoje não tem muita lógica tanto para os conteúdos... E o que eu lembro assim de História, não que eu sou apaixonada por História, mas é uma disciplina que eu mais gosto. Então sempre ia bem em História. E não sei... Mas não com a visão que eu tenho da História hoje, mas mesmo que eu tinha que decorar datas, fatos e heróis e coisa... A História, assim, mais heróica, patriótica, mas eu gostava. Eu sempre tirava dez em História.

E quais os materiais eram utilizados em sala de aula.

O livro didático era referência, de estudar a partir do livro. Estudar pra prova parte do livro didático. As provas, avaliações eram... Não tinha que assinalar eram descritivas. Tinha que escrever tinha que responder a pergunta. Assim, não tinha muito recursos de trabalhar em grupo. Acontecia muito pouco. Falar, eu não lembro se eu falava em sala de aula porque era mais ouvir, mesmo e copiar, decorar e copiar em casa. Foi um pouco que eu lembro até a oitava série. O segundo grau já foi mais tranquilo porque aí eu fiz uma opção pelo magistério. Aí fui estudar a disciplina da História e mesmo trabalhar a disciplina nas séries iniciais. Aí já começa a discordar um pouco do ensino. Por que a História? Por que a escola? E porque a gente estuda a História? Aí no magistério estudou a história de vida daí concluí o magistério. De lá pra cá, então fiquei um tempo sem estudar. Tive um trabalho de jovens e adultos. Foi uma experiência foi muito rara, né. Porque foi um programa desenvolvido na cidade. Então, foi minha primeira experiência como educadora. Mas, nada influenciou em mudança, né.

No ensino fundamental sua escola era no campo ou na cidade?

Era na cidade. Numa escola pública do município. Eu diria hoje fazendo a leitura era mais... Ruim. Assim até a sexta série era considerada como a escola "mais ruim" da cidade. Aí na sétima e oitava série, até porque não dava mais conta de estudar... De manhã já tinha tarefa na roça que tinha que ajudar. Então, eu passei à tarde, à tarde porque aí já podia ajudar em casa também. Então no período da tarde eu mudei de colégio. Colégio, né porque a gente chamava de colégio, então a gente ia pro colégio. Mas sempre na cidade e na escola pública na cidade fora o primário, né de quatro anos.

Como era a relação dos alunos e professores na escola multisseriada? O que você recorda?

Era uma relação muito, muito... Bem tradicional. Depois estudando hoje e vendo era muito da escola tradicionalismo. Eu me lembro da cartilha. Eu lembro A da abelha. Era o B a BA mesmo. O A da abelha. Passar por cima, ficar fazendo decoreba, ficar memorizando, levando o tema pra casa. Meus pais eu não me lembro deles irem muito à escola pra discutir problemas. Como eu era assim morria de medo, não levava nada, de medo de levar uma "reguada" do professor, porque como o professor na quarta série ele já era mais severo por causa das crianças e eram maiores e aprontavam mais então eles levavam "reguada", puxão de orelha. Então era uma repressão, né. A gente olhando assim para a gente com dez aninhos. A meninada de dez, onze anos a gente tinha que ficar quietinho. Então é... Não podia se mexer da carteira, né. Eu lembro que eu fiquei de castigo. Eu lembro que foi tão horrível naquele dia ficar em cima do milho e não sei nem o que eu fiz. Mas isso é uma coisa assim (não entendi) 07h20min, acho que não afetou (risos). Mas eu acho que se fosse uma criança traumatizada é complicado essa idéia do castigo. Mas, de fato nestas características da escola tradicional que era assim.

E no magistério era mais dinâmico os conteúdos históricos, como eram trabalhados os conteúdos?

Olha eu diria que ela não mudou muito a História dos fatos a partir de datas e... o que eu acho assim que foi o diferencial foi estudar os fundamentos da História daí sim um

pouco da História da Educação, né. e aí assim a gente aprendeu como ensinar História. Foi bem assim mesmo como ensinar História nas séries iniciais. Depois na prática como a gente fazia os estágios, o planejamento na... o planejamento da escola a ênfase é sempre Português e matemática. Na verdade a gente sabe que se dá tempo a gente ensina um pouquinho de História e Geografia que parece que dá as mesmas coisas. Assim, trabalha, mas não mudou muito a lógica trabalha se dá tempo. Tem o planejamento da semana é ensinar os conteúdos de História ou coisa desse gênero. Ele vai muito nas coisas de datas, calendário da escola com algo assim... de autoridade de fato, né. Na dimensão de importância não tem importância porque é o Português e a Matemática, de forma alguma.

E o seu primeiro contato com educação foi em EJA...

Como eu disse foi uma experiência tão pequena e o que posso destacar dessa experiência que a professora trabalhou como eu não era a professora regente, a gente trabalhou em duas professoras. A gente trabalhou no projeto seis meses só a alfabetizar trinta alunos. Nós começamos com quinze desse processo também que o trabalhador pode se alfabetizar aos sessenta anos, então, foi o processo de história de vida que é o que marca um pouco e a partir desse processo das histórias de vida a gente estudou Matemática, calendário. A gente trabalhou a questão do tempo, do resgate. Disso a gente foi pra produção, a partir da história de vida deles foi assim conteúdo pra umas duas semanas de trabalho. A gente organizou as atividades a partir da história de vida. Mas o que eu lembro, a gente entendeu que isso ia passar as outras disciplinas, né, às outras áreas do conhecimento, né. E na escola que eu trabalhei uns cinco meses também dá pra dizer que eu tive contato com a disciplina de História com ensinar História eu tinha atividade de estagiária naquela escola, então eu era envolvida, então eu tinha atividades recreativas com as quatro séries. Eu fazia atividades de trabalho com recurso daí com leituras e daí poderia assim... Mas, na desenvolvi diretamente não desenvolvi, nem pensar uma aula de História coisas assim do gênero. Eu não tive oportunidade.

Você faz parte de qual movimento social?

A minha ligação é com a agricultura por eu estar na Assesoar e ser agricultora e...logo que eu terminei o magistério já era coordenadora de um grupo de jovens um pouco assim da comunidades eclesiais de base no trabalho da Pastoral, mesmo, né. Na Pastoral da Juventude aí a partir da Pastoral da Juventude eu comecei em ir encontros em função mais dos sindicatos mais ligados aos trabalhadores rurais e desse encontro eu já fui mais inserida nas atividades do sindicato tanto dos seminários, dos congressos e encontros eu fui nisso. Entrei na direção do sindicato. Fui trabalhar como monitora quase cinco anos. Aí foi tanto uma função tanto de atendimento ao público nessa linha mais (não entendi)11:43, como de organização mesmo de trabalho de base, as reuniões, trabalhos pra fazer formação de lideranças, a organização de mobilizações a gente tratava também.

Em que período foi esse trabalho?

Foi de noventa e sete até dois mil e dois. Aí dois mil e dois mudei só, continuei morando no interior. Só mudei de localidade.

Onde você mora hoje.

Onde eu moro hoje que é uma comunidade no interior no município, só mudei de comunidade e aí eu comecei, me inseri no processo de atrativo de crédito da Cressol que faz hoje. Continuo associada ao sindicato, mas, eu só saí da direção e no trabalho diário então...

O que é a Cressol?

A Cressol é uma cooperativa de crédito, né, tipo uma central hoje ela toma corpo em quase todas as regiões do país, né. Ela se concentra mais na região sul né, no Paraná e

Santa Catarina. No Paraná nós temos sessenta cooperativas já e por dois mandatos eu sou membro da diretoria da Cresol tive presente (não entendi) 12:56, mas no início do ano teve eleição e eu to na... No conselho novamente. Trabalhei um período também em tempo integral e desenvolvia contato com... O público é sempre familiar e de fato acessar o crédito e esse crédito possa reverter na regularização das propriedades na agricultura. Porque sabe que o modelo ta aí, né. Com o agronegócio. O agricultor de fato tem pouca terra, mas tem cabeça grande e quer a mecanização e de fato os próprios investimentos não conseguem fazer com que o agricultor melhore a propriedade e foi nessa linha que as Cressois nasceram. Quando os bancos fecharam pros agricultores pequenos quando valeria a pena emprestar cinquenta pro grande, né. Então, as Cressois nasceram com este objetivo de estar ampliando essa propriedade e como o agricultor possa estar acessando crédito, né. E de qualquer forma a gente foi aplicando na propriedade. Hoje temos quatro alqueires de terra em cima de isso conseguir o financiamento e ir se organizando, né. Tanto na agricultura, quanto na aquisição de bens. De qualquer forma a gente vai valorando, de qualquer forma a linha que a cooperativa tem esse objetivo de estar gerando renda de estar estruturando a sociedade a cooperativa já está com duzentos sócios e o diferencial do banco é que ela é dirigida por agricultores. Ainda é não sei até quando a gente segura por que a tendência é de fato de tornar banco, né, porque até se torna, também, algo interessante porque mexe com o dinheiro que tem este lado, infelizmente, hoje, mas ainda é dirigida na sua maioria por agricultores familiares. E eu sou uma delas, felizmente, pelo fato de ser mulher também essa é uma das partes que é mais difícil pra gente, né, embora tenha essa abertura. Hoje é mais tranquilo isso. Mesmo no sindicalismo e na cooperativa as mulheres elas estão hoje nas lideranças também, né. Então tem 60% de mulheres hoje nas cooperativas como diretoras ligadas, né. Eu não estou nessa função hoje porque eu to com dois filhos pequenos e precisam da gente, também, né. pelo fato de morar no campo e pelo fato da comunidade não estar tão próxima da cidade... no ano passado fiz isso: ia de manhã voltava de noite e por conta da Pedagogia de estar pesada eu optei por ficar em casa nesse período.

Como você ficou sabendo do curso de Pedagogia e os motivos que levaram você fazer o curso?

Então, pelo fato de eu estar na organização lá nos municípios da agricultura familiar e aqui na região (não entendi) 15:46, mãe do (não entendi) 15:50 e mãe da cooperativa de leite eu também me inseri nesta organização também porque na propriedade a gente tem rotatividade. A gente mexe também na cooperativa de leite. Nos municípios as cooperativas já fazem olhar a sua demanda na região. Eu me tornei sócia da Assesoar que é uma entidade também de organização dos agricultores. Em noventa e nove também fui membro por dois mandatos até 2004. E então a partir da Assesoar eu acompanhei toda a construção do curso. Então em 2002, gente foi pra Maringá. Fizemos a negociação com a UEM, eu estava lá e outras pessoa também. E lá pra cá eu ficava sabendo pela Assesoar, então como indicada aqui da Assesoar e lá no município, também, a gente tem mais pessoas indicadas, né. E eu fui mantendo contato com isso e optei esperar pela Pedagogia porque eu tinha certeza que era algo que ia ajudar a construir o processo do campo. Era um lugar que eu escolhi ficar. Senão eu poderia estar morando na cidade fazendo uma faculdade no interior. Não digo que teria condições, né. Todas elas são privas no município, mas, digamos assim, ter condições de frequentar uma universidade embora, com dificuldade financeira. Teria no município. O município oferece desde que você pague tem duas faculdades hoje, particulares, no município. Então, a minha opção foi esperar o curso de pedagogia. Esperei dois anos, né. E em 2004 quando veio, a gente vinha, a gente acabou de se

rearticular. Eram dez vagas pra Assesoar. A gente veio em dez fez o preparatório para o vestibular. Ficou companheiros pra trás dessa turma de dez que já ficaram pra trás no vestibular. Foi um processo complicado.

São quantos que continuam no curso?

São seis da agricultura familiar, cinco, cinco, é. Dos dez a gente ficou com 50% metade. E muito assim, eu acho que dá pra considerar esta desistência pelo fato do processo organizativo do curso, né e também de consciência. Porque não é fácil você vir aqui, a assiduidade. As pessoas vieram no começo e acabaram não vindo mais. Pela gente conhecer um pouco da proposta e os outros movimentos e no caso eu tinha uma experiência de acampamento em noventa e oito. Eu trabalhei, nem tinha lembrado isso, eu trabalhei como professora num acampamento em Quedas do Iguaçu fiquei por seis meses que foi o período de contratação lá, então já tinha um pouco a realidade que não me assustou. E quando a gente veio pro curso a maioria era do Movimento dos Agricultores Sem Terra o que assustou algumas pessoa porque é uma realidade bem diferente. Como a dinâmica do curso é muito rígido com a disciplina, de estudar e o fato de eu estar aqui e ter que controlar tudo e tudo está controlado isso assusta quem vive do campo e tem um horário na hora que quer, então é muito mais livre a vida nas pequenas propriedades do que a lógica de quem vive em acampamento.

Quais as atividades você desenvolvia no acampamento?

No acampamento eu fui professora. Professora contratada pela rede municipal. Lá como a gente tem alguns contatos com familiares e amigos a gente tava vendo que tinha um concurso lá, um teste seletivo e fomos em quatro lá e fomos lá por loucura fazer o concurso e não sei por quê e, muito engraçado até, fiz muito por fazer, testando e eu e uma outra colega também e das quatro, duas passou que não eram da mesma panelinha eu e essa outra que passou, amiga. E tivemos dois dias pra se pensar que veio a chamada pra contratação não conhecia nada, nem onde que era, resolvemos aceitar. Botamos a cara assim. Foi uma aventura. Foi uma experiência muito rica pra mim trabalhar. Muito complicada a situação que eles se encontram aquele acampamento que era um acampamento que acabava de ser organizado com famílias vinda dali de Foz do Iguaçu de uma realidade, praticamente, vindas da favela, da periferia. A gente organizou um espaço e a gente chamou de escola. A gente organizou um espaço a partir de um galpão a gente organizou um espaço. Oficialmente pudemos ir pra escola a gente mais passava o tempo lá porque era muito longe éramos as duas últimas professoras a chegar e as últimas a sair e o único transporte era uma Toyota.

E quanto tempo demorava o trajeto?

Ah, umas três e meia. A gente ia com de ônibus daí a gente entrava no acampamento daí eram estradas e alguns trechos bem complicados e ali inicialmente parava na estrada (falha na gravação) 21:03. A gente se deparou com uma realidade assim difícil porque as crianças estavam em formação. As crianças não estavam alfabetizadas. Então tinha crianças na primeira série de seis anos e de sete anos pra ser alfabetizada. Foi uma situação assim, setenta crianças que nós nos tínhamos dias dividíamos um espaço. Uma salinha pequena. Então a gente resolveu dividir um espaço lá do galpão. Um espaço embaixo, mas, daí tinha um problema da poeira e da terra que caía das frestas, enfim. Continuei trabalhando assim até que a gente propôs pra secretaria de educação que deixasse ali na escola o dia todo. Ai a gente ajudou a catar piolho, fazer merenda a fazer de tudo um pouco. E assim que eu me lembre não sei de deu pra trabalhar História, mas o que eu acho o que mais a gente precisava trabalhar não tinha como não trabalhar a condição deles. Então, a terra era tema de aula, a luta pela terra, o trabalho, a história de vida deles, de onde vinham à família, de fato nós só trabalhamos história. A gente mesmo trabalhava outras coisas. A gente trabalhou num período curto, né, também, nós

não fizemos grandes mudanças a gente só conseguiu trabalhar. A gente conseguiu trabalhar e levamos os materiais pedagógicos pra escola mais um pouco, porque a condição era complicada mesmo. Chovia e a gente corria o risco de perder o material da escola. Teve dia da gente não conseguir trabalhar por enfrentabilidade de grupos rivais não. Aquele espaço podia servir de ameaça de disputa de poder pelo espaço. Então a gente tinha que, vamos dizer com as crianças proteger e esperar passar aí a gente não ia na escola porque a gente não sabia se ia poder usar ou não. Traçavam a estrada não deixar as pessoas passar as pessoas que queriam. Daí tinha este controle dos grupos rivais que tinha dentro do assentamento... do acampamento porque não era assentamento.

Era dentro da organização?

Dentro da organização como era um processo que ia se formando tinha a disputa também, né, disputa da organização mesmo ali, né. Por estas pessoas terem vindo de outros lugares não era como ali. Já tinha famílias assentadas em escolas. A nossa experiência que a gente entrou já tinha um processo de deformação no espaço do acampamento. Se juntou gente de tudo lado, né, era gente de todo jeito de pensamento. E eu só não fiquei por lá porque teve concurso público no município e a prova de título coincidiu no mesmo dia que tinha concurso lá senão eu teria feito concurso lá. Uma miga fez o concurso lá e hoje é diretora da escola. Então, assim, hoje eu sei que lá foi feito, construído a escola, as famílias estão ordenadas, estão nos seus lotes e foi construída a escola e lá. Nas nossas conversas ela me contou isso. Então, foi uma experiência e tanto.

E quando você chegou aqui no curso?

Ah, eu já me deparei com o povo todo e eu pensei: agora eu vou ter que entrar na linha também. Foi muito mais uma opção assim eu queria o curso que me ajudasse. E eu já tinha visto outro curso anterior eu tava fazendo, quando iniciei a Pedagogia eu tava fazendo um curso de pós aqui pela UNIOESTE dos movimentos sociais. Era esse o nome Movimentos sociais e desenvolvimento. Era um curso de (não entendi) 24:50. Foi uma experiência que a universidade tentou. A gente foi cobaia desse experimento até porque seis vagas eram pros movimentos sociais de extensão e o restante era pra graduação com teste seletivo. No final não incluiu meu TCC porque daí pra mim não ia valer nada e também porque eu tive meu primeiro filho bem nesse período de fazer o TCC e apresentar. Então eu tive a opção de não fazer a monografia porque eu ia gastar um “chumbo”, né, à toa.

Era um curso de especialização?

Era especialização, era uma pós-graduação em Movimentos sociais e Desenvolvimento em 2003 e 2004, 2004 e 2205. A gente se encontrava de quinze em quinze dias sempre os sábados. Sempre todo sábado. Mas, foi muito bom o curso, né.

E qual foi sua impressão dos conteúdos trabalhados nestes quatro anos do curso?

Olha, eu acho que tanto da parte da didática da pedagogia foi importante, mas ainda ressaltar de fato conteúdos específicos que mexeram com a questão da educação que mexeram o campo, não com a educação. A gente até viu com a educação mas, a gente viu muitas coisas que mexeram com o campo, esse novo olhar pro campo.

Qual é esse novo olhar?

Foi uma História. Desde perceber que os camponeses desde que o mundo é mundo até agora. E não que a gente (não entendi) 26:24. Mas que ele tem aquele momento, que tem uma perspectiva de tá olhando pra sua história dentro dos modos de produção olhar o processo de educação, olhar o processo de trabalho ao processo do campo. Então sempre tentando fazer esta ligação. Isso ajudou bastante, mas, é... Principalmente por a gente ter a fundamentação em História como trabalhar a disciplina de História. Foi

diferente no magistério foi muita coisa que não ficou né, pra fazer laje lá. Pra ter alguma atividade. Pra gente também que a gente já fez de comemorar datas e coisa, né. mas aqui a gente percebeu que a História aqui é uma disciplina tão importante e tão necessária porque não se trabalha a História de fato na escola, né que ta ligada com a sociedade que a gente vive, com o capitalismo. Isso é,... Tem por trás uma intencionalidade por trás disso de não se trabalhar muito a História de fato. A História de um processo de pessoas, diferente, né.

Quais foram os conteúdos que foram trabalhados com vocês? Você me disse que trabalhou o campo, né, quais os conteúdos dentro do campo?

Então, nós tivemos a História da Educação. Nós trabalhamos a história dos camponeses no Brasil. Pegou todos os movimentos que tiveram as organizações. Em Sociologia Rural nós trabalhamos também um pouco a condição disso. Hum, que mais que nós trabalhamos... hum que mais que nós trabalhamos... Filosofia ela pegou mais outra linha, mas não deixou de ver conteúdos de História. Hum que mais... Fundamentos da História porque nós tivemos uma disciplina específica pra trabalhar a disciplina de História nos anos iniciais.

Como foi essa experiência da disciplina?

Foi, porque daí foi um texto que trazia questões pra gente... daí é a refletir sobre o ensino de História. Então foi pra isso e como se ensina História hoje nas escolas que é exatamente isso que eu já disse é essa História heróica, patriota, nacionalista. É uma experiência que precisa ser dada também que precisa ser resgatada também, mas que a gente muda as possibilidades de tratar a História na sala de aula como se valoriza as pessoas, como você liga ao mundo do trabalho, como você liga isso na cultura, tudo tem influencia histórica. Não tem como desligar... eu diria assim que é o centro e por mais que não conseguir enxergar porque não tem conteúdo e fica cutucando conteúdo aonde não tem. Dentro do processo de alfabetização a gente trabalhou a História e veio assim como foi surgindo o processo de alfabetização, como foi surgindo a História dos números em cima da história deles. Porque primeiro é a História da Matemática depois quando veio Geografia foi da mesma forma praticamente todas as disciplinas que fundam as áreas de conhecimento nós primeiro tivemos que estudar a História delas. Como foram se construindo para depois chegar ao começo da Geografia dessa geografia que tem um homem histórico. Porque não dá pra trabalhar relevo, clima, trabalhar isso também, mas, como se dá o relevo, como se dá o clima porque o homem está dentro disso como ser social e histórico. Então é o que acho que fica de importante assim que a Pedagogia deixa pra mim. Que é uma História bem diferente do magistério, que é a História lá de decorar, né.

E como foi sua experiência de estágio dentro do curso?

Eu não diria que foi uma das melhores porque da condição que a gente teve que fazer aqui em Francisco Beltrão que não era combinado anteriormente que a gente ia fazer nas escolas, nos lugares de onde a gente vem é assim uma... não que não fio proveitoso mas, poderia ter sido mais. Porque no meu caso pelo fato de ter tido a criança junto com o curso, no espaço da ciranda, teve que ser na Cida pra ficar perto do local onde a gente faz o curso, né. O estágio aconteceu numa escola da cidade não numa escola do campo como a gente esperava. Mas no planejamento, interessante quando a gente chegou na escola pra fazer o planejamento já foi uma lista de conteúdos pra gente. Nesta lista de conteúdo de novo Português, a gramática, Ciências, né. Então, o conteúdo que foi dado pra nós trabalhar aí os métodos eram nossos. Pelo menos essa liberdade a gente teve de poder definir o método. E o conteúdo que pegou, nós foi trabalhar relevo, ar e plantas nas duas semanas de estágio este conteúdo. E no relatório que a gente fez como é que nós vamos articular estes conteúdos com História. Só sie que fui escrevendo o artigo aí

na hora do planejamento, bom, se a gente vai trabalhar plantas, quando chegar a semente, vamos resgatar a História da semente. Aí vamos estar trabalhando a História, tá.bem assim. Aí quando a gente foi trabalhar relevo pegou o relevo pra ver... trabalhado a História de Francisco Beltrão e como se formou o relevo aqui. A partir disso, chegar em alguns elementos do relevo. A constituição do relevo aqui em Francisco Beltrão, mas, primeiro a gente trabalhou esse histórico com as crianças pra daí chegar no relevo. Eu acho que foi um processo inicial da relação com a turma trabalhando História de vida, mas, não foi assim conteúdo de fato. No relatar no relatório de estágio entrou. Porque assim agente fez a (não entendi 33:10) pra considerar essas áreas do conhecimento. Pra fazer o relatório o professor pediu pra individualizar o que desenvolvi na área de Geografia, pedagogia, matemática, depois na História, daí na expressão corporal que a gente não participou, mas que nós fizemos e que entrou alguns elementos e as brincadeiras, que entrou no relatório que eu lembro que foi que a gente pediu para as crianças um resgate histórico das brincadeiras infantis dos pais e fazer uma pesquisa em casa. E desse relato um pouco a gente... eu levo no meu relatório com isso também. Uma delas a gente brincou outras eles sabiam, coisas nessa linha assim. Então, era bom por esse lado que era desafiador, mas, que de fato não é tão simples assim fazer a ligação e tendo que forçar a entrar na História. Não que seja importante mas que está forçando o processo e muito mais ênfase a conteúdos de fato que dão a oralidade e a escrita, né. E daí a maioria dos professores opta por desenvolver a oralidade e escrita com Português e Matemática e esquece que a História é fora de ler e escrever.

Como foi a recepção da escola do pessoal da escola com relação a vocês?

Não foi tão tranquila porque foi um período de muitos estágios e já tinha estagiários na escola e chegamos em doze pra fazer a escola. Então quebra a rotina da escola, né do estagiário e salas, fazendo coisas (não entendi 34:44) e mudando as carteiras. Foi assim, a gente percebeu que não foi “aquela” recepção, mas, que tinha um pouco da ligação das pessoas do movimento, embora eu seja da agricultura familiar a gente nunca foi vista como pessoas de outros movimentos. Todo mundo está no mesmo saco, todo mundo é Tem Terra, sempre! Desde tu sair com o curso de Pedagogia pra qualquer lugar tu é Sem Terra. Nem que seja agricultor das barragens, gente dos movimentos da CPT que tinha três nem tem mais nesse processo de desistência do curso também. Não dá pra dizer que também foi bem aceito. Eu até lido mais tranquilo, mas...

E os alunos como receberam vocês?

Ah, os outros gostava porque a gente tentou vários métodos e fazer a é diferente, né porque eles estão acostumados com aquela professora e daí acostumados com aquele ritmo embora, a gente entrou no ritmo, né. Tinha hora de leitura então você tinha leitura todo dia. Daí nós mudávamos a forma de leitura, mas a gente lia algo com eles, né. dava um livrinho de leitura e mandava eles ler e ficava fiscalizando se estava lendo em casa. Aí é um processo de interação diferente. Eu avalio que foi produtivo. Eles faziam as atividades era uma turma não muito grande. Sem problemas por ser segunda série já estavam já bem alfabetizados. Não tinham grandes problemas, né. Até porque a gente tentou demonstrar que a gente ia fazer coisas, mas uma coisa que aconteceu de interessante no estágio que aconteceu em julho, né, então na escola a gente foi de caipira então a gente aproveitou pra trabalhar esta coisa do campo e daí tem a ligação deles com o campo, o avô algum familiar que mora, de férias fazer alguma coisa com essa ligação de ir ver os animais muito assim dessa coisa. E assim, trabalhamos, tanto eu quando a outra colega nossa colocamos nosso exemplo que a gente mora no campo, tava estudando e que a gente ia se formar. Colocamos de lado também, né, esse lado do estudo e que a gente era trabalhadora e que morava no campo e morava na roça. A gente

tentou trabalhar assim. Mas, nem sempre é fácil. Tem muito preconceito histórico com o caipira. Foi muita gente de dente cariado, essa coisa da roupa esfarrapada, né.

E como vocês trabalharam isso?

Nós primeiros fizemos eles olhar como eu e a colega estava vestida se a gente estava rasgada. Abrimos a boca pra eles olhar aquela coisa bem do olhar. Vem aqui. Por acaso a gente ta assim por acaso, né. a gente foi bem nessa linha de mostrar que tem problemas tem, mas que não é por condição da pessoa de escolha muitas vezes. Claro que pode até ser de escolha, mas tem que olhar a realidade. Tem coisa que não dá pra aceitar e criança acha que todo mundo é igual, né. Então a gente foi por aí mostrando a partir da gente. Que a gente ia pra escola com o cabelo penteado acho que todo mundo tem que tirar por aí, né. Não é porque a gente tem condição social diferente que você não pode estar sempre limpo, tomar banho, enfim, higiene se faz todo dia, né. é o mínimo da condição humana, né, em qualquer ambiente, em qualquer espaço e na escola principalmente.

Como foi seu trabalho de conclusão de curso? Qual foi seu tema?

Então, como eu trabalhei em sindicatos e organizações quando iniciamos uma experiência, o projeto Pé na Roça, vamos resumir vamos dizer que ele é um processo de gestão educativa que teria ajudado na constituição de políticas públicas. Então é um trabalho que envolve ações, que desencadeiam ações em várias dimensões: saúde, educação, trabalho, renda em quatro comunidades do município. Eu ajudava a coordenar este projeto em 2002, em 2003 quando ele iniciou no município a partir das discussões de Educação do Campo que já tinha aqui no Paraná pela própria articulação pelo movimento da Pedagogia que articulou a situação paranaense para a Educação do Campo. Em 2001 a gente fez o primeiro seminário no município então, lá dando o pontapé para essa discussão. Chamamos o conselho de agricultura, entidades da prefeitura, secretarias, setor público mesmo. Nós as entidades da agricultura familiar, então a Cressol, (não entendi) que é na linha de comercialização de produtos, né. e começamos este debate e foi a partir de 2002 que se começou a escolher o projeto comunidade e aí eu acompanhei assim, eu procurei pesquisar um pouco se de fato a Educação do Campo ela decola... se fora do município ela tem um processo de desenvolvimento que pensa no geral. Se a educação dá conta sozinha dos outros, ou como a educação nessa relação com o desenvolvimento local. Então foi para entender essa relação da Educação do Campo com o projeto de desenvolvimento. A escola... nessa relação... como que a escola daí lá na escola, um pouco dizer que a... escolha do local onde poderia acontecer a ação poderia ser lá na minha comunidade poderia ter pendido um pouquinho, ou não... Começar por lá. A centralizada é pra quatro comunidades aquele núcleo era a primeira escola do Paraná a ter o segundo grau lá. Hoje já tem em outras escola tem (não entendi 40:54) já está voltando pro campo. Com muita dificuldade, mas, por ali a gente viu o potencial, por ali desenvolver o potencial de outras coisas e ta tendo agora depois de todo esse processo uma disciplina pro pós-médio lá pro segundo grau, né, no caso o segundo grau. Então os jovens vêm pra cidade e ficam lá estudando. Então essa já é uma conquista em torno do trabalho e da Educação do Campo. Algumas ações foram acontecendo melhorias em vários aspectos aí porque a comunidade levantava a demanda e as coordenações, quais, a coordenação tal, as assembleias gerais do ano. Aí escolher prioridade, aí o embate do público pra ajudar a resolver o que não tá resolvido. Então ajudou a notar que tem coisas que não dá pra espera a prefeitura fazer. Abrir uma valinha não é coisa pra prefeitura fazer. Temos que nos dar conta do que eles são responsáveis pra fazer. E (não entendi 41:52) entrou na escola pelas crianças porque a gente chamou as crianças pra pensar. Não é só porque vamos fazer um projeto de desenvolvimento que vamos pensar só pelos homens. Tem as

mulheres, tem os idosos e, principalmente, tem as crianças. Nesse processo cada um foi pro seu lado e pensou no que cada um queria o que era prioridade. E as crianças falaram que era prioridade a escola ter um parquinho. (não entendi falha na gravação 42: 14) na escola o que acontece hoje está mais centralizada na (não entendi 42: 17). A partir do parquinho houve o debate a construção do parque. Quem faria...os pais. Daí os pais, pelo parquinho foram aprendendo a andar e a participar da agenda da escola. E hoje na escola aparece muito a fala dos pais que é a escola do filho dele, né. é muito assim: é muito tema, é matéria, por que não ensinam isso, por que não ensinam a realidade do campo. E a escola precisa ensinar, precisa ensinar a estrutura da terra (não entendi falha na gravação 42:58)... mexeu com o processo da família pra constituição da produção. Daí por que não tem mais horta? No caso porque tem que comprar produto muito fora. Então esta relação mexeu, mexeu. Tinha esta questão do tema gerador, mas é muito profundo. Não dá pra dizer que o tema gerador ta lá e é o exemplo do tema gerador na escola do Paulo Freire, não. Tem muito ainda da avaliação, da pesquisa participante e outros elementos que estão tomando corpo, mas não dá pra dizer que ta acontecendo. Vamos lá que é o exemplo. É um projeto é muito grande de quatro comunidades. De convênios e parcerias a gente está tentando de quatro comunidades o município ta ampliando pras comunidades. Então está andando, mas assim: não vá pensar que o processo, a educação de fato ela tem, eu digo mais assim, se a Educação do Campo é um terreno fértil para o desenvolvimento. Como o caso a educação ela não dá conta se não tiver um processo adequado. Ela não dá conta, mas isso a gente já sabia, mas é pra perceber que o processo de formação de professores ele acontece nos programas dos municípios. Ele é um programa a partir da Educação do Campo, a partir do PVR a gente concluiu que é quase uma política do município garantida que foi implementando esse programa de formação continuada de professores do campo. Então, tem os dias específicos de formação tudo preparar o material só pros professores do campo que tem cem (não entendi, 44:36). Então, deu pra perceber que lá no São Francisco onde é a região que tem PVR (não entendi 44:47). Tem um processo de envolvimento maior lá. Um movimento dos pais pensando mais. Não pensando em vender só. Dizendo assim: Ó, essa escola não serve pro meu filho. Essa escola tem que ajudar meu filho entender a realidade do campo. Não que ele queira ficar aqui. Não é esse objetivo da Educação do Campo fazer o jovem ficar. Mas onde quer que ele esteja ele vai saber a realidade camponesa, a realidade urbana. Vai ter suas escolhas, mas não ficar discriminando que o campo é só lugar de gente atrasada. Então é por aí assim que a pesquisa andou, né. Desse momento de desenvolvimento rural colado com a educação. Por que daí lá a escola ajuda a fazer esse movimento. Por que coisas que o PVR debate, discute vai pra escola. Vai pras crianças, vai pros pais, dos pais volta pra escola, da escola vai pra Prefeitura vai para o posto de saúde, então, tem movimento.

O que é PVR?

Projeto Vida na Roça. O nome dado ao projeto e ele tem um calhamaço de coisa escrita. Ele foi construído de um convênio...tem umas folhas lá, que tem convênio responsabilidade de (não entendi 45:53) que hoje é coordenado pelas entidades pela agricultura familiar que expõe um desafio (não entendi 45:59) que também não aposta muita na educação porque a primeira atividade é a produção que vai dar renda e que vai dar dinheiro depois se sobrar tempo pra pensar a educação e nas escolas. Por que pensar nas escolas? Então, também, tem isso ainda hoje. Não pense que tá suprido isso. Pelo contrário nossos dirigentes têm uma visão bastante limitada de educação e é um processo importante, né, no desenvolvimento pré-coisa, né. Ele é coordenado...se fecha, mas ele é coordenado junto com as comunidades quem puxa mais a discussão de orientação é na entidade da Agricultura Familiar.

Eu queria saber de você como você entende a função do Ensino de História aqui no curso de Pedagogia para a Educação do Campo e pros anos iniciais?

Olha eu entendo que não há pra gente ter processo de formação enquanto pessoa, sujeito sem pensar no Ensino de História. A História é o que dá a capacidade da gente eu acho, enquanto ser humano, e social, cultural, humanizado. Pode ser uma palavra muito...mas eu não vejo outra palavra de eu, assim, um sujeito...isso que eu já digo de um sujeito histórico e social. E eu me vi nesse curso no processo de construir enquanto sujeito histórico e social. É nessas relações que eu tenho que olhar diferente. Eu tô ensinando matemática, porque aquelas crianças que estão ali na minha frente são pessoas... pode ser que estão no início, mas pode ser que... teria que fazer a minha atividade pedagógica fosse que eles se tornassem mais humanizados, sujeitos. E como a gente está no processo histórico e ela muda... As outras pessoas vão também se ver nesse processo das relações sociais, das relações históricas. Então, o conteúdo no Ensino de História tem que ensinar isso e isso é pra toda a vida. Ela é a essência. **Assim como o trabalho hoje é o motor da sociedade a história é o motor da escola, depende da intencionalidade.** Por isso que não se ensina essa história.

E quais conteúdos você acha que tem relevância para fazer parte do currículo das escolas do campo?

Olha, não sei te dizer em termos de conteúdo, mas um conteúdo que dê conta da pessoa se enxergar na sociedade. Então, ela tem que ter habilidade em matemática, saber ler e escrever, em Português, domínio da ortografia. Ela tem que ter (não entendi 48:47), ela tem que ter Filosofia, entender as concepções, ela tem que ter uma História de cunho teórico, também. Eu acho que é fundamental como agir potencializado. A História um pouco dessa linha da teoria pra pessoa se entender e perceber o processo da História da humanidade. Então, os conteúdos ela tem que dar pra isso. Ela tem que entender como se construiu o processo histórico e se enxergar nesse processo e perceber que a História está em movimento. Embora a gente tenha grandes nomes, grandes datas, lembradas, mas que a gente faz parte da História.

Houve uma discussão interessante na disciplina Educação e Trabalho sobre considerar o PCC um movimento social, considerando a postura de que o PCC é um movimento social, como você avalia isso? Qual sua postura e que elementos você traz pra justificar a tua posição.

Olha, eu acho que ele é um organismo vivo da nossa sociedade que se organiza com outras táticas, com outras estratégias e tem uma outra postura frente a sociedade. É... assim.... Eu não o vejo como movimento social pelas características e princípios desse organismo. Eu vejo ele como uma organização criminosa que busca de fato fazer alguns embates, mas que pra isso daí usa todas as forças que tem, inclusive a morte. Não... A gente é contrário a isso por que teria outras formas de enfrentar o capital por outros organismos, por outras vias, né. Então, é por aí, eu acho que não é movimento social. É uma organização de pessoas que tem outro objetivo, mas que talvez não tenha um projeto maior de construir outra sociedade. Depende do processo, de perpassar as várias dimensões do campo da educação que a gente vai construindo algumas coisas pra quem sabe um dia ter outro progresso de sociedade. Não acredito que a gente vai fazer uma nova sociedade, mas que a gente vai refazer reconstruir um novo processo. A gente vai reconstruir um novo processo e criar algumas coisas novas, né, que eu acho que cabe por aí. Eu acho assim que os movimentos sociais têm essas características de enxergar lá na frente o projeto maior. E o PCC vai pela criminalidade e pra isso vão explorar, vão explorar pessoas, vão matar pessoas, é... Vão... Vai ter um monte de características, assim, que não se comunga, né.

E pra você o que é revolução?

Revolução...parece que está tão longe, né! Mas eu acredito em mudanças, mudanças possíveis. Eu assim acho que não vou ver a revolução. Quem dera, né!. eu acredito em mudanças possíveis de acontecer. Lá na minha casa vou fazendo, daí onde eu vou com a escola. Se eu consigo mudar pra mim já é uma revoluçãozinha. Revolução é uma idéia tão grande, tão grande que parece que tudo vai se conquistando. Aí eu não preciso mudar muita coisa. Vamos esperar que venha a revolução, né. eu acho assim que tá longe. Tá mudando. Mudanças pequenas lá na minha casa, com meus filhos, na escola, no meu trabalho, no meu lazer, que eu vou fazendo e que talvez um dia isso ajude na revolução, né.

Qual revolução?

Quê revolução? Pra quê revolução, né!?(risos).

Eu acho assim, algo que você mais encontra nas pessoas, né. eu não acredito numa sociedade igualitária para todos, mas a distribuição necessária de riqueza, essa sim é necessária. A distribuição da riqueza tem muita gente que não tem nada, nada, nada e tem pouquíssimos que tem tanto, tanto e não tem o que fazer. Então, essa distribuição. Revolução da distribuição de ficar um pouco mais igual.

Você pode me dar um exemplo de um fato revolucionário, um evento revolucionário?

Olha, eu diria assim que quando você... Você diz assim um fato histórico?

Pode ser o que você achar?

Eu acho que as coisas que aconteceram naquele programa de Gotha poderiam ter acontecido, eu acho que foi uma revolução, onde o... Nossa! Fugiu o nome dele agora que trabalhou isso, enfim, na época ainda que a gente quase imaginasse uma sociedade socialista. E se trazer pra realidade hoje eu acho que é uma revolução quando alguns movimentos, principalmente, do MST que consegue fazer um acampamento e assentar famílias. E famílias assim que não tinham nada pra por na mesa. Em quatro ou cinco meses dizer: Olha, hoje são 150 pessoas e estão com comida na mesa porque você tira as pessoas da condição que não tem nada pra comer, da condição de alimento e da condição de pensar por que aquilo aconteceu. É um processo revolucionário fazer as pessoas saírem dessa condição, de uma condição miserável de uma necessidade básica de comer. A condição de poder refletir com aquela comida, da sua ação. Isso é processo histórico. Isso é demanda de movimento, de... eu acho que isso está acontecendo, essas relações estão acontecendo e eu não conheço grandes exemplos de revolução. Mas também tem experiências bonitas que aconteceram na educação. A Educação do Campo é uma revoluçãozinha que está começando porque aonde não se aceitava entrar nada nas escolas a proposta já está dentro da escola, mesmo que não está acontecendo muita em termos de formação. Acho que são exemplo assim que mostram que o processo da educação está acontecendo. Devagar, o motor da velocidade tá meio pobre porque talvez você atropela o processo daí... pra mim isso são mudanças que estão acontecendo, estão revolucionando. O fato de uma professora fazer diferente alguma tarefa uma coisa que foi sempre feita daquele jeito e poder ter uma condição de poder fazer diferente, de fazer melhor. Pra mim já é mudança, PR mim já é início da revolução.

Obrigado.

(aluna 04)

Bem, hoje é 16 de janeiro e a gente está na Assesoar em Francisco Beltrão no curso de Pedagogia para Educadores do Campo. Vou conversar agora com aluna 04 que é aluna do curso e eu queria saber Genoveva onde você nasceu? Se você morava no campo ou na cidade, sua idade, se você tem mais irmão e onde a sua família mora?

Eu nasci no município de Guaraniaçu aqui no estado do Paraná na região centro oeste, sudoeste, não sei direito, estou com 33 anos e era uma comunidade rural onde eu nasci. Daí meus pais eram proprietários rurais de um sítio e daí com cinco anos eu vim pra Laranjeiras do Sul... por volta dos anos 80. Daí, vim, também, e continuei numa comunidade rural, né. Comunidade pertencente lá ao sítio dos meus avós. Daí por volta dos anos 90 devido a política do país que tava passando um momento, que o país tava passando eu fui pra cidade. Daí estava cursando o ensino médio e daí tava,... Trabalhava como professora de educação física. Daí trabalhava e continuava estudando foi assim mais ou menos uns dez anos quando eu tava na cidade. Mas assim mesmo eu não perdi o vínculo com o campo, né.

E lá na comunidade aonde você nasceu você chegou a ir pra escola?

Não.

Com qual idade você começou a estudar?

Sete anos, mas ali eu tinha cinco anos.

Mas era já em Laranjeiras?

Laranjeiras.

Como era a escola, você lembra?

Era... primeira série era uma escolinha que nós estudamos... Digamos que era escola... fazendeiros que tinham aquela escolinha assim e a professora mal tinha a quarta série, uma estrutura muito antiga, precária, até. Daí surgiu outro prefeito, que eu lembro, que era o prefeito Valmir e daí houve melhorias naquela escola. Aquela escola foi demolida e daí... Madeira foi reutilizada pra fazer outra escolinha mais perto da minha casa. Antes, mais ou menos, eu caminhava uns quatro quilômetros pra ir pra escola. Daí eu ia embora com meus irmãos, às vezes.

Tinha transporte?

Não era a pé. Daí por sorte foi 500 metros da minha casa esta outra escola que existe até hoje que agora no final do ano eu fui visitar minha mãe e aquela escolinha permanece ainda. (não entendi). Daí teve uma nova estrutura, tem cozinha, tudo assim pequenininho, mas tem daí a sala a sala era multisseriada, eu lembro.

Tinha bastante aluno na sala?

Tinha mais ou menos uns quarenta alunos.

Como a professora dava conta?

Ela, daí, nessa fase aí era uma outra professora. Daí digamos que eu aprendi mais com esta outra professora. A outra professora foi embora por outros motivos lá. Daí esta nova professora, daí até que ela dava conta, né. Era bem rígida. Eu sempre fui quietinha e nunca precisou ela chamar a atenção. Ela era bem rígida, pegava pra valer. Eu acho que ela dava conta. E daí a formação dela foi evoluindo, né. Com o passar do tempo ela foi evoluindo. Foram tendo melhor formação, aqueles cursos... era curso pra concluir o ensino médio, não lembro bem. Até que ela dava conta.

E como era o material que vocês utilizavam em sala de aula? Vocês compravam, recebiam do município, do estado? Como era o material didático?

Alguns meu pai comprava. Meu pai era presidente desta escolinha, né, eu lembro. Eu lembro, até uma vez que a professora falou assim: “Olha como ela gosta de ler! Fiquei encantada com esta menina aí”. Eu lembro que chegou um livro daí que era Asas do Saber. O nome daquelas “cartilhonas”, assim. Asas do saber era o nome da coleção daí tinha livrinhos de historinha e Saci e não sei o que, e não sei o que. E eu distraí da aula. Peguei e fui lá. E chegou o meu pai na apresentação, né. Sei lá! Não sei como era que meu pai pegava os livros da prefeitura e trazia pra ela. E eu peguei, fiquei, passou a aula e eu lendo o Saci e o Curupira a Pequena Sereia e não sei o que. E ela falou:”eu não quis chamar a atenção. Eu fiquei encantada com ela de como ela gosta de ler!!” Daí o

pai ficou todo faceiro. Era bem legal. E daí tanto assim, tipo, tava na metade do ano ela já me passava no primário, né.

Quais as disciplinas que você mais gostava?

Sempre gostava...naquela época eu gostava de português. Gostava muito de escrever. Só que daí depois eu mudei, né. Sempre gostava. Matemática eu não ia muito bem.

Como era a relação da comunidade, dos pais com a escola?

Eu acredito que na minha concepção que era melhor do que agora. Eu lembro que tinha esta associação dos pais, reunião dos pais, a escolinha era dentro do espaço da comunidade, tinha horta. Não era aquela participação assim. Mas agora eu vendo pra nossa realidade lá no assentamento que era melhor, eu acho.

Você mora em qual assentamento hoje?

Moro no assentamento Celso Furtado que é em Quedas do Iguaçu.

Há quanto tempo existe este assentamento?

Vai fazer três anos. Não sei se você já ouviu falar no complexo Giacometti Marondim é um dos maiores latifúndios. É o maior assentamento da América Latina fica neste complexo. Porque esta mesma área destes mesmos donos abrange o assentamento Ireno Alves, Marcos Freire. É tudo na mesma área. E aí tinha o acampamento (não entendi) e agora juntou o acampamento mil e poucas famílias assentadas.

É um complexo de assentamento dentro de uma área só?

De uma área só. Essa área era 83.000 hectares, aproximadamente, não sei se é mais.

E hoje forma o maior assentamento na América Latina?

E ele ainda tem mais 20.000 hectares, provavelmente, que o MST pretende ocupar lá, mas isso daí é outra discussão porque daí tem mais uma reserva ambiental deles. Daí tem a , mas não mexemos na área deles e pretendemos ficar , né . A fábrica que ajuda, dá bastante emprego. A fábrica de papel e celulose e a serraria, né. Então, é uma grande área, né e é cobijada por todo mundo. E assim o,... a terra é fértil, é,... Quem, quem (não entendi), quem vê lá fica encantado. É quilômetros e quilômetros de chão plano. O que se planta dá. É aquela terra rocha. Tem o aquífero Guarani que passa por baixo lá. É uma área abrangente que... quando falam desses assentamentos, todo mundo queria ta lá.

E você trabalhava na roça enquanto estudava?

Trabalhava.

O que você fazia?

Ajudava o pai lá...nem sei que conseguia ajudar, mas ele sempre levava, assim. Sempre que tinha eu pelo menos duas horas na roça ou ficar em casa dando conta das tarefas de casa.

Quando você ia pra roça aconteceu algum acidente?

Não. Eu sempre tipo olha quando o sol tá muito quente... eu não trabalhava.

E os seus irmãos freqüentavam a escola?

Sim. Todos eles.

Você faltava por algum motivo especial? Algum problema de saúde, era comum faltar?Eu quase não faltava eu era...

E os outros alunos? Como era a freqüência deles?

Era igual. Eu acredito que era igual agora. Uns faltavam demais, outros vinham mais. Outros, os pais não contribuía né, na educação. Deixavam só pra professora. Era mais ou menos...

E onde você cursou o ensino fundamental de 5ª a 8ª?

Ah, daí foi em Laranjeiras quando eu... eu fiquei um tempo também... Depois que eu terminei a quarta série o pai achava que era somente a quarta série, mulher não

precisava estudar. Aquelas coisas (risos fracos). Eu sempre fui, digamos, a ovelha negra da família. Todas as minhas irmãs daí novinhas casaram e... (não entendi) e daí eles tinham aquela vidinha. Casar com uma pessoa aqui do local e ter aquela vidinha e não precisava estudar. E eu sempre fui contrária eles. Tanto que daí eu tive uma briga assim com eles quando eu tinha uns 15, 16 anos que eu falei: “To indo embora!” (não entendi). Eu sempre dava um jeitinho, sei lá, conversei com essa professora e me arrumei eu mesma. E ele falou se eu quisesse o mundo era assim, tanto que eu sofri bastante, mesmo. Peguei e fui embora!

E quanto tempo você ficou sem estudar?

Pois olha aproximadamente uns 6 a 7 anos fiquei sem estudar e daí quando eu voltei já era mocinha.

Era escola da cidade ou do campo mesmo?

Era da cidade.

Como era o ensino lá?

Eu não... era regular, digamos, que naquela época eu não tinha um olhar crítico. Eu tive bastante, bastante dificuldade devido este tempo que eu fiquei... eu já não... minha dificuldade era matemática daí eu fiquei todos esse tempo e daí eu tive bastante dificuldade em matemática. Até tive uma professora muito legal que me ajudou. Eu sempre tive nota baixa em matemática. E até agora não aprendo a gostar. Tento, mas...

E das aulas de História, o que você recorda das aulas de História?

Nós estudávamos sobre o Feudalismo, essas coisas. Eu sempre ia bem. Sempre minhas notas eram a máxima. De história e geografia a média era sempre alta.

Com quais os recursos o professor ou professora trabalhava? Que tipos de materiais didáticos eles utilizavam? Qual era a abordagem deles? Qual o conteúdo que ele dava mais importância?

Eu lembro geralmente era o livro didático. Filme nós assistia. O primeiro dia que ele expôs a disciplina que era o começo, né, no ensino médio ele colocou uma disciplina, digamos que era uma ementa. Agora que eu to lembrando. Ele colocou lá qual o significado da palavra história? Por que estudar história? O que nós queríamos a partir desta disciplina. Eu lembro que era um professor que todas as meninas não gostavam. Sei lá ele parecia meio bobão (risos). Ele ficava conversando, conversando, conversando e a gente: Ai que coisa velha, antiga. Ah lá vem ele de novo com aquelas aulas, com aquelas aulas. A metodologia dela era mais ou menos assim, de vez em quando ela passava filme. (não entendi).

Quando você voltou era uma sala e EJA ou não?

Era. Não sei se você lembra daquela época que tinha refluxo, sabe. Daí eu fiz meio que assim... 5º a 8º digamos. Foi meio naquele programa. Daí o ensino médio eu fiz mais regular.

Foi em menos tempo de 5ª a 8º?

É, foi dois anos?

E como era o estudo, você estudava em casa?

Era um pouco em casa daí ia lá e fazia as provas.

Como eram as provas?

Eram mais ou menos de conhecimentos gerais, né. Vai umas apostilas pra você estudar e você levava lá baseada naquelas apostilas. Daí tinha um professor pra orientar. Eu acredito, assim que eu aprendi muito. O básico do básico, era, né.. Como eu não tinha outra opção, né devido ao tempo...

Como era essa escola?

Era uma escola estadual. Tinha 5º a 8º, ensino médio.

Como era o nome da escola, você lembra?

Deixa eu ver... eu estudei em duas escolas. Uma era Gabriela Mistral que eu comecei e a outra era Aloísio (não entendi) que era em Laranjeiras. Era em Porto Barreiro que eu estudei, mas também abrange Laranjeiras. Naquela época era Laranjeiras agora é município.

Você notava diferença entre as escolas?

Era. Havia diferenças. Não muito porque praticamente os mesmos professores davam aula lá até hoje.

E daí quando você passou esta fase do refluxo foi para o ensino médio?

Sim.

Qual escola você foi?

Eu fui para este Gildo Aloísio (não entendi).

Como era o ensino lá?

Mudou pouca coisa, assim. Eu acho que assim em termos de recurso tinha mais.

Tinha mais recurso?

Tinha.

Como era a didática dos professores?

Mais ou menos... As aulas você diz?

Sim.

Usava a metodologia, né filme, livro didático, filme, livro didático, não tinha uma coisa assim, diferente.

Só passava o conteúdo?

Hum. E daí as provas, né. Cobrando a média.

E quando você entrou no MST?Foi em 2002. Fiquei esse período aí. Terminei o ensino médio e fiquei. Tentei vestibular não passei. Fiquei lá trabalhando.

Você tentou qual vestibular?

Letras.

Foi onde?

Em Laranjeiras, também. Só que daí era muito concorrido.

Qual universidade lá?

É UNICENTRO que é abrange de como eu posso dizer... o campus de Laranjeira da Unicentro que era de Guarapuava.

E o que você fez quando você se formou, tentou vestibular e não passou?

Fiquei sem fazer nada.

Mas você tava morando na...

Na cidade. Daí em 2002 que eu fui entrar no movimento daí. Eu achei até engraçado... tinha este vínculo com o campo, mas sei lá...ouvia falar alguma coisa desses Movimento Sem Terra. A minha irmã que é caçula, irmã mais nova que eu ... ela sempre teve assim.... agora ela ta na Venezuela trabalhando lá. Ela sempre teve este vínculo com movimentos sociais e contava alguma coisa pra mim, mas eu bem alienada que eu era.

Sua irmã já participava de movimento?

Já mas em 2002 que ela entrou. Daí ela foi em janeiro de 2002... perafá...não, dezembro de 2002 que ela foi...não, não, janeiro (silencio). Não eu entrei em 2003 agora que eu me recordo. Que era em 2002 que começou o acampamento. Aí esse acampamento que estava se formando lá... é na Pr 158 que liga Laranjeiras do Sul a Quedas do Iguaçu. Teve em torno de 2.500 pessoas. E a idéia era essa ocupar a Giacometti Marodin, né. O complexo (não entendi) daí era essa a massificação de pessoas, que em 2003 ela foi é no começo de 2003 ela foi e depois daí por incentivo dela que eu acabei indo. Ela “ Vem, vem, vem, se acampe aqui! O que você quer aí, um empreguinho merreca, não conseguiu passar em vestibular, você não vai conseguir nem comprar sequer um lote pra você, terra o pai só tem pouca terra, o que você quer de futuro pra você? Venha aqui e

tenta!” daí ela tava trabalhando na secretaria, né. “ eu arrumo um cadastro pra você” e eu nem dava pinote pras coisas. Até que um dia ela me pressionou: “Você vai ou não vai?” aqui tem tua vaga se você quiser... Então eu vou! Daí peguei, desisti do meu emprego...

Você trabalhado de que?

Eu trabalhava assim de doméstica. Daí fui. (não entendi falou muito baixo).

Quando você chegou no movimento qual foi sua primeira impressão?

Primeiro assim nossa tudo era novo. Tudo era novo. Quando eu ia visitar ela naqueles barraquinhos de lona, eu lembro bem desse dia. Eu cheguei e peguei assim que eu vou ficar nessa fumaça e todas as pessoas me olhando... aí eles disseram que eu era metida (risos). (não entendi) cheguei de salto alto enterrei todo o meu salto não consegui tirar. Sujei meu pé e eu olhei todo m mundo me olhando. Daí eu falei assim: onde que tem água? Você tem que achar uma água pra eu lavar meu pé” daí ela pegou um baldinho e disse assim: “ò minha fia aqui é cada um por si e Deus por todos”! “Tá vendo aquele carrerinho ali? Pega aquele carrerinho e pode lavar este pé se quiser. Eu não vou busca água pra você madame!” aí eu disse meu Deus.... aqui é desse jeito?! Peguei e fui lá, puxei aquela água e lavei meus pés. As comidas eram horríveis. Mas foi engraçado. Aí eu fui me adaptando e fui gostando. E comecei a participar de encontro. Daí eles estavam pensando na escola itinerante e eu já gostava da educação. Daí ela disse “Ó tem uma pessoa assim, assim que pode contribuir”. Daí ela falou assim: “Ó você não tem experiência, mas daí o movimento dá curso e daí você tenta. Daí eu já me ingressei no setor de educação que era o Edenilson, sabe. Era o Edenilson, o Edilvane, a turminha daqui. Uns cinco daqui. Daí eu me ingresse no coletivo... Da educação. Daí aconteceu a ocupação, né. Daí na ocupação eu não tava.

Onde?

Era o acampamento nas margens da Pr. Dqí a ocupação lá em Quedas e foi em julho de 2003. e aí você começou a dar aula na escola. Hum. Daí lá quando a gente estava formando o coletivo de educação a gente só estudava, estudava e lá foi feita a escola. E lá as crianças tudo sem aula, perdendo quase um ano, né, (não entendi falou muito baixo).

E como eram as condições de ensino na escola itinerante? Como era a escola fisicamente?

As escolas eram todas de lona. A comunidade que ajudou a construiu, né, que tinha uma coordenação do acampamento, né. As famílias construíram. Até o salão era de madeira, com cozinha, a sala de educadores. Era de madeira. Sala dos educadores, cozinha, biblioteca, saguão. Daí tinha as salas de aula que era de lona e tinha praticamente 600 crianças. Daí nos fizemos primeiro o trabalho de diagnóstico. Mas tudo era novo pra nós. Nós também tinha muito o que aprender e como aprendi!

E qual era o material que você usava nas aulas?

Tinha os livros didáticos, né. Que era assim...as escola. Não era válido, né. Tinha que ter uma escola base, que a escola base era a Salete Estrozake. Aí dessa escola que ela dava livro didático. Na época de acampamento parece que nós tínhamos mais organização do que agora. Nós tínhamos lá. Em relação a infra estrutura que era uma sede da fazenda. Nós tinha até secretaria do movimento, tudo de alvenaria na estrutura que já tinha lá. Tinha tele centro, correio por computador na internet. Nós tínhamos computador na escola. Era assim bem... daí estes livros didáticos nós trabalhávamos sempre com a Pedagogia do Paulo freire, né, que é os temas geradores. Esse livros didáticos nós utilizava. Nós não podemos descartar o livro didático porque só com o senso comum você não dá conta, né. O livro didático você usava....é é isso como um livro de apoio. Tipo, tinha uns conteúdos lá que estavam desconectados da nossa

realidade (não entendi). Eu ainda coloquei na minha monografia eu... que é engraçado a história da escola. Nós sentávamos, não tinha preguiça, nos sentava, vamos sentar e planejar umas aulas. Daí dentro dos temas gerados nós realizava o conteúdo. E sempre um tema que tivesse dentro da realidade. Eu lembro que tinha uma época que devido as águas, é precário a água e tal,. Lá não tem muita água. No local alto que era agora... tinha lá o vírus da hepatite. Nós peguemos aquele tema pra trabalhar com hepatite. Sobre o lixo. Imagina lá tem muita gente duas mil e poucas famílias tudo aglomerado lá. Muita gente muito lixo jogado, muita mosca, muita doença, anemia, muita criança, diarreia, vomito, nós trabalhamos o tema ali. Até a secretaria de saúde... Que lá dentro tinha o setor de saúde que contribuiu com nós, assim. Até apresentemos no encontro lá. Até trabalhamos com jornal, as crianças fabricando um jornal, também, fizemos um livrinho lá.

Como é que vocês trabalhavam os temas históricos com as crianças?

A história a gente tentava resgatar um pouco da história do movimento, digamos. História de vida, história dos pais deles de como se inseriram no movimento, mas era muito difícil, né. Nós dávamos ênfase em matemática e português, uma pinceladinha. Eu vejo muito agora que era muita pouca coisa e podia ter fluido bem mais.

Você participou de alguma ocupação?

Não nunca participei de ocupação. Nem nessa ocupação eu não tava porque eu tava no curso. Na verdade eu não sei como é uma ocupação.

E quando você decidiu fazer prova pra fazer o curso da UNIOESTE de Pedagogia?

Era assim, né. Nós tínhamos um pedagogo que acompanhava nós na Pedagogia da Terra. E nós éramos 57 educadores.

Era um pedagogo do movimento?

Do movimento. Tanto que ...ele mora em Quedas , mas não está inserido em nenhuma tarefa. Daí dentro do coletivo de educação junto com a população do acampamento, né, eles tinham que escolher... na verdade foi eles que escolheram cinco pessoas pra vim pra este curso. Fui eu a Sônia, o Edenilson,... eu a Sônia o Edenilson, o Edilvane, todos este que está aqui e mais o Eudes que era um companheiro que daí desistiu. Nós eramos em cinco e na verdade foi ele que escolheu. Ele só chegou e falou pra mim: “Ó!... porque na verdade eu queria, né. Só estava aguardando uma vaga, né., de Filosofia, História, alguma coisa assim. Que nem a minha irmã falou desde o começo que poderia ter. daí viemos.

Vocês fizeram alguma preparação?

Fizemos. Nós viemos para cá e na verdade assim nem conhecia Beltrão e tudo era novo. E daí o curso legal...legal... não tava bem legalizado e daí enfrentamos bastante dificuldades aqui no começo e daí fizemos duas semanas de etapa preparatória pro vestibular.

Como foi? Quem deu aula?

Foi os professores da região aqui do... alguns do movimento deram aula. Não sei se você viu o Bogo que veio aqui um dia?

Não. Bogo de barba?

Aham.

Ta, que estava aqui na sala de aula?

Aquele um.

Como é o nome dele?

Paulo Roberto Bogo. Ele deu aula, tipo, nos tinha que fazer... Tinha uma redação pro vestibular que valia 50 pontos que era mais ou menos o que você está perguntando. Por

que você veio pra este curso, o que você quer com este curso, o que você entende sobre Educação do campo, o que você espera com este curso, e eles vinham cobrar erro ortográfico. Daí ele veio deu aula pra nós. Ele fez até uma metodologia lá assim... Digamos até uma encenação teatral, né, ... Pra viajar mesmo e ver, né, lembrar... Eu acho que ajudou muito porque daí eu fazia tempo que já tinha terminado o ensino médio, né. E quanta coisa a gente esqueceu. Daí até uma professora da Argentina deu aula de espanhol pra gente que tinha língua portuguesa e língua estrangeira, conhecimentos gerais, geografia, história, matemática, português, é... Biologia, física e matemática. Tudo isso. Cada professor de sua área específica deu aula pra nós.

E quando você estava em sala de aula no curso, qual foi sua impressão? Dos professores, das disciplinas, dos conteúdos que os professores estavam propondo trabalhar em sala de aula, o que você achou?

Pra mim tudo era novo, né.

Você teve dificuldades para acompanhar as aulas?

Ao longo do curso?

É, desde o início.

Logo no início eu tinha dificuldade porque eu tive um estudo básico do básico, né., da 5ª a 8ª, o ensino médio foi tudo meio atropelado assim. Até eu me engrenar. Tenho dificuldade de escrever até agora, tipo, é... erro ortográfico eu não tenho muita dificuldade não. Já com concordância verbal, coerência, coesão e daí foi um desafio mesmo. E daí aqui as aulas todas expositivas, né, e eu tinha do outro jeito, né. Sempre copia do quadro e aqui só aula expositiva. Meu deus do Céu!! E ainda começamos com filosofia, pegando. Daí psicologia foi outra disciplina. Terminava e eu achava a metodologia totalmente diferente. Nunca fiz curso superior. Daí era, terminava e daí era síntese de aprendizado. Eles queriam que a gente sintetizasse as aulas. Só que eu tive (não entendi). Mas no começo foi difícil se adaptar.

E como era a relação, no início, de aluno com aluno porque tem aluno que é de um movimento outro de outro?

Nós enfrentamos dificuldades até no mesmo quarto, digamos. Tinha umas meninas, que boa parte já desistira, que eram do MAB, CRABI, outras CPT e daí tanto que nós chegamos até, assim, um lado do quarto era um movimento, do outro era outro. Nos tinha assim...tanto que agora mudou ta muito diferente. Conseguimos reverter isso.

E aqui no curso qual é o material que a universidade dispõe para os alunos e pros professores?

Os material... didático, assim, você fala?

É . Os textos a maioria é os professores que reivindicam quando começa a disciplina. Daí é xerocado o texto, datashow de vez em quando eles emprestam pra nós, a UNIOESTE nós podemos utilizar lá pra seminário. Nós fizemos bastante seminário, né. Tivemos o cursinho básico, básico mesmo de computação pra aprender a digitar lá.

E os computadores que vocês tem aqui, são do movimento?

São da ASSESOAR e eles emprestam pra nós. Nós temos um computador nosso que foi rifa, não lembro bem.

E sua monografia é sobre o que? Eu soube que é sobre o ensino de história em acampamento.

A monografia é sobre o ensino de história que você ta falando, né?

Eu delimiti bem o objeto sobre orientação. Nós tivemos aula sobre como pesquisar, né. Daí nós fizemos projeto. Daí eu observava o ensino de História,... como se dá o ensino de história na escola de assentamento? Tinha que delimitar o quanto menos que eu não ia dar conta. E delimiti na escola lá do assentamento na escola Roseli Nunes que lá tem

esta escola. Tem dez escolas lá no assentamento. Tudo assim de estrutura.... que agora vai... o sonho né, que este ano se realize. Essa escola Roseli Nunes já é , né, escola municipal, de educação infantil ao ensino fundamental e daí é juntamente com o ensino fundamental e ensino médio. Daí lá esta escola é do município e a outra é do estado que agora vai,... Esta escola promete ser uma das maiores da região. Só falta a estrutura mesmo. Daí agora é mais precária a situação. Tem mais salinha, é tudo feito de madeira, não é mais lona, agora é feito tudo de madeira. E daí esta escola vai ser, já deve já... Doze salas de aula, vai ter até ginásio de esporte, saguão, laboratório, promete ser escola modelo, digamos. Que é uma conquista muito grande pra nós, né e eu atuo nesta escola. Que daí tem o Vanderlei que atua na outra escola e minha casa ficam próximas a esta escola e daí eu vou atuar lá. Atuo já, mas vou atuar. Daí eu delimito observar esta escola lá.

Você atua lá há quanto tempo já?

Desde 2003.

Nas séries iniciais?

Durante em 2003 eu atuava em sala de aula. Daí fiz parte da coordenação da escola, era assim, escola por ciclos e eu fazia parte do segundo ciclo. Daí minha tarefa era acompanhar os alunos, acompanhar o professor, acompanhar planejamento e fazer estudo. Daí eu fiquei grávida e daí o curso aqui e me afastei um pouco das atividades lá e peguei licença e daí eu atuava como coordenadora das famílias e daí acabaram pondo outra pessoa no meu lugar e outra pessoa entrou na coordenação. Daí quando eu voltei neste período daí eu voltei atuar em sala de aula com a primeira série. Daí atuei de novo também e daí agora não sei o que vai ser da minha vida esse ano, né. Mas no ano passado eu tava na coordenação. Daí as brigadas lá , me reelegeram de novo eu sou coordenadora de 500 famílias, represento o setor de educação e faço parte do setor estadual do movimento.

Você faz parte do setor estadual do movimento?

Digamos, assim, Eu faço parte lá da Brigada do assentamento, mas como é um conjunto então eu faço parte do setor do movimento. Daí atualmente eu voltei. Daí agora eu não sei eu vou fazer um concurso pelo município. Não sei se vou atuar se vou passar. Mas voltando a falar lá do trabalho. Daí nesta escola eu delimito observar como se dava o ensino de história em uma sala, uma turma da quarta série.

E você já chegou a resultados, já está terminando, já finalizou?

Eu estou finalizando, mas já dá pra concluir... porque o meu objeto de pesquisa era,... como a pedagogia do movimento ta inserida nesta proposta. Como há a relação do PPP e o que é realizado em sala de aula. Queria saber mais essa assim de... digamos, a história do aluno, a história do movimento é incluída nas aulas de História ou é de, ou é somente... o professor utiliza o livro didático. É...é que nem as outras escolas normal, né. É mais ou menos isso que eu estou observando., observei.

E que resultado você já chegou?

Eu to concluindo ainda. Ainda não terminei bem. Mas assim, observando pelos materiais, peguei o material que ele utiliza, assisti às aulas, fiz um questionário com perguntas, né. Segui um roteiro, né. O meu é estudo de caso, né. Um roteiro, lá assim. Digamos, assim, ele pega....sempre, ele tanta pegar o melhor, né. Ele utiliza o livro didático e podia voltar pra nossa realidade, porque ele é do movimento, né daí. Digamos o que ta mais fácil, digamos, né. As provas, também, agora são do município. Nós que elaboramos as provas, mas digamos que, (não entendi) são eles e os estudos exploram muito pouco, assim, digamos, por exemplo, a história do movimento como se deu. A quarta série já podia estudar. Que eu to vendo que não há muita relação. Eu to vendo que não há relação com a pedagogia do movimento e... segundo Ceriulli, que eu lembro,

né, o mais interessante seria estudar a história numa sala de aula. Outra coisa. A minha orientadora pediu pra mim observar o tempo que é utilizado. O tempo é mínimo. A cada 15 dias, mais ou menos, ele dá um conteúdo de História. Ele dá ênfase a matemática e português, tanto que ele tem que seguir o currículo do município, né. Com esta mudança do... da itinerante para o município mudou muita coisa. E, também, eu...(não entendi). Mas ele é um bom professor. Ele consegue passar os conteúdos de uma forma clara, objetiva. Ele é segura na sala de aula. Eu fiz questionário de pergunta com as crianças. E perguntei, coloquei o nome das crianças da sala e o que significava estudar história pra eles. Digamos, assim, nas respostas, bem objetivas. Tem uns lá que davam risada, diziam que era bobeira, coisa antiga. Quando eu entrava em sala de aula eles diziam” Lá vem a Genoveva com estas aulas de novo!” No questionário, tudo que é coisa velha, antiga. O meu objetivo era esse e o que eu posso, que eu to concluindo . é ruim falar que dentro da realidade isso aqui é... e isso me mostrou o que eu tenho que trabalhar junto com os educador, com as crianças. Não que eu vou por na cabeça deles que o ensino de história é importante. Mas eu vou tentar , né.

E como você vê o ensino de História aqui dentro do curso?

Aqui nós tivemos na disciplina Teorias e Práticas nos anos iniciais nós tivemos o Ensino de História.

Como foi?

Foi bem... a professora 02 que deu aula pra nós... foi bem conteúdos mínimos, né. Mas as aulas foram muito boas.

O que ele ensinava?

Primeiro questionamentos sobre a História. Ela trouxe uma das... era uma tese, o trabalho dela que ela fez, sobre o ensino de história no movimento. Foi trabalho de metodologia muito bom. Trabalhos em grupo. Foi bem importante. Embora tenha sido pouco. Todo mundo conseguiu assimilar.

E nos seus estágios. Você fez estágios já?

Fiz.

Como foi seu estágio e onde foi?

Fiz estágio em EJA que foi em Rio Bonito e nos anos iniciais eu fiz aqui.

E como foi? Em relação a história, sala de aula, que conteúdos você trabalhou?

Foi muito difícil. Digamos foi prova de fogo aqui, fazer. Mas o objetivo nosso era trabalhar a interdisciplinaridade. Eu acho que nós conseguimos. A gente dava aula em dupla, mas pelo menos tentamos. Daí, então, o ensino de história que nós trabalhamos. Tentamos envolver geografia junto. Tentamos estudar a história do município. Dentro do tema tínhamos que estudar animais. Tinha um pouco de ciências. Aí eu fiz um exercício com ele de fechar o olho e imaginar como era este espaço aqui. Este espaço geográfico a 100 anos atrás. Quais os animais que existem, trazer para a nossa realidade. Tentamos fazer assim. Trabalhamos plantas medicinais puxando mais pra ciências, né. Tudo relacionando com a história. Quem foi,... pegamos material na internet, né. Quem foi os povos indígenas, indus. Como eles utilizavam estas plantas. Bem na história lá né. E eles assim devido (não entendi). Eles tinham internet e os povos eram assim, e assim.

Eles usavam muito a internet pra estudar pras aulas?

Sim. Foi muito bom. Nós achamos difícil que nós ficávamos preparando a aula e daí... acho que foi bom.

Como eles receberam vocês? Tanto professores das escolas, quanto dos alunos quando souberam que vocês eram do movimento e que estavam no curso especial de Pedagogia para o Campo?

Eles recebiam bem. Eles ficavam isolados, assim, engraçado que a nossa prática é

companheirismo, né. Todo mundo conversa. Daí a gente ficava nas salas dos educadores lá né. A gente viu bem aquele negócio é cada um por si e deu o sinal parece aquele apito de fábrica, né. Cada um pro seu canto. Alguns não questionavam muito. Não falavam mal, mas não falavam bem. A aproximação mais que eu tinha era com a professora regente, né. Com essa aí a gente tinha mais aproximação, conversava mais. E ela gostou muito da nossa metodologia, pegou o nosso material. E as crianças então, acho que com toda a turma aí também, que eles foram em outras escolas, não sei, né. Eu, por exemplo, queriam email, queriam telefone, criam um vínculo de amizade tanto que alguns choraram quando nós saímos. Gostaram muito das nossas aulas, não sei, por causa de ser diferente, né. Nós abrimos mais espaço pra bagunçar mais um pouco. Por que a outra... foi bom.

Pra você qual é a função do ensino de história para a educação de 1ª a 4ª?

Segundo, né que eu tive que ler muito pra fazer esta monografia acho que a função da história... você tem que.... a história está presente ontem, hoje e amanhã, né. E como você vai estudar, digamos, nem que seja um tema gerador, como você vai estudar um tema com uma criança sem fazer um resgate histórico de sua vida. Temos que entender o presente, pra projetar... entender o passado, pensar no presente e projetar o futuro, né. A história está vinculada ao ser. E eu acho que nos anos iniciais tinha que fazer um resgate histórico com a criança. Digamos, então que começa com sua família. Resgate histórico do lugar que você está inserido, fazer uma comparação de como se encontra hoje. Porque não adianta usar a internet. Aí, vamos lá usar a internet porque é importante”, sem fazer um resgate histórico. Por que a internet é usada hoje, com que intuito é usado, quem utiliza. Digamos até o mundo globalizado você tem que tá e nós dos movimentos sociais temos que sempre tá falando com eles. Pra não perder o vínculo com a terra. Digamos você tem um acampamento lá... você tá aqui numa terra, mas porque você está aqui? Graças a que? Aconteceu assim, veio aqui pro assentamento aqui, levantou uma bandeirinha aqui. Sempre o resgate da história do movimento é essencial. O processo histórico eu acho essencial. E fazer uma leitura crítica do que os livros didáticos dizem. Como existe lá. O que eu vejo. Uma decoreba de data comemorativa de Pedro Álvares Cabral foi o herói e o que está por trás disso. Será que ele foi herói? Descobriu o Brasil. Descobriu Brasil assim, ergueu um pano e tava lá o Brasil. Não existia gente aqui? Se ensinar que os índios não existia vão aprender que aqui não existia ninguém. Que aqui era um deserto e quanto milhões de índios foram mortos. Tudo tem uma história. Não tem como você estudar.

Pra finalizar a nossa conversar pra você o que é ser Sem Terra?

Digamos que é participar de uma categoria de pessoas. Ser uma pessoa de um modo de ser diferente, né. porque ser Sem Terra não é simplesmente ser Sem terra. A partir do momento que você participa de um movimento social você é diferente das outras classes sociais. Não adianta! Você luta por uma causa diferente. Embora você viva no mesmo espaço, mas você luta por uma causa diferente. Você é diferente você queira ou não você é diferente. Por exemplo, quando eu vou... eu acho até engraçado, quando eu chego lá em Quedas eu já sei o mercado que os Sem Terra estão lá. É diferente! E muita discriminação por que lá a gente vai a pé. Pé sujo! Como que não vai sujar? Se acontece alguma coisa já generalizam. Só poda ser Sem terra. É muita discriminação. Agora está diminuindo muito mais porque eles tem outros interesses, né. Outros interesses sociais. Você é diferente! Você ser Sem Terra é participar de uma categoria de pessoas diferente com objetivos diferentes.

Obrigado.

(aluno 05)

13 de janeiro de 2008 eu vou conversar com o aluno 05 estamos em Francisco Beltrão no curso de Pedagogia para educadores do campo.

Aluno 05, qual o seu nome completo, onde você nasceu , qual a sua idade?

Eu sou João Carlos de campos eu nasci no município do Salto do Lontra, sudoeste do Paraná e tenho 25 anos.

Você faz parte de qual movimento?

Hoje eu faço parte do MAB - Movimento Nacional dos Atingidos por Barragem numa Comissão Regional que é a CRABI, né. Comissão Regional dos Atingidos por barragens do Rio Iguaçu, no município de Cascavel onde eu moro. É um assentamento com mais de 230 famílias assentadas neste local.

Qual é o nome do reassentamento?

São Francisco de Assis.

E como são as condições de vida no reassentamento?

Bom, o reassentamento foi construído com uma boa estrutura, viária e são condições boas de vida.

Moradia, saúde, alimentação?

Boa moradia, condições de produzir, boa alimentação. Todas as famílias têm. A organização da produção eu diria que ela está formada e a famílias tem uma base de vida boa, né. Tem posto de saúde no local, o médico atende. O que garante uma certa qualidade de saúde. Não porque o médico está lá, né, mas por toda esta estrutura de moradia, terra pra trabalhar e produzir alimentos que garantam uma boa saúde.

Você tem irmão?

Minha família e tenho mais oito irmãos, né. Contando comigo são nove irmão no todo. E hoje em casa tem quatro irmãos morando, cinco comigo. Os demais já casaram.

E o seu pai e sua mãe?

Meu pai e minha mãe estão no sítio.

E os outros que não moram com vocês, moram onde?

Eu tenho uma irmã que também foi reassentada. Ela já era casada na época e no cadastramento de energia da Copel empresa de energia elétrica do Paraná, né, então ela ganhou também junto com o esposo um lote junto e foi reassentada. E aí eu tenho duas irmãs casadas, uma mora em Medianeira e a outra em Curitiba e tenho um irmão que casou há cinco meses e ta morando com a família da esposa dele, né, no outro lote, na mesma comunidade que a gente mora.

Há quanto tempo você mora no reassentamento?

Faz dez anos indo pra 11 já.

E antes do reassentamento você morava onde?

Nós morávamos no município de três barras no Paraná, na comunidade São Bento, né. Morávamos de arrendatário de um cara, né que cedia uma parte da terra pra gente fazer plantio de produtos pra garantir o auto consumo, né, feijão, arroz, milho, mandioca. E trabalhávamos como empreitada nesta fazenda, fazendo algumas coisas tipo, cortar pasto, fazer aplicação de veneno de vez em quando, consertar curral, né.

E neste período como eram as condições de vida?

As condições de vida eu diria que eram mais precárias do que atualmente, né. Então era... a gente não tinha energia elétrica em casa, né... (não entendi) não tínhamos acesso. A questão da sani... da estrutura sanitária mesmo, né que era muito carente, né. Então era muito... a gente tinha uma moradia de madeira é... Consumia uma água de uma fonte, sem tratamento nenhum, não tinha um banheiro com fossa céptica, né... Então era bem mais precária as condições de vida nesta época.

E você começou a frequentar a escola com que idade?

Eu comecei a frequentar a escola com oito anos.

E onde foi?

Foi nessa mesma comunidade onde morávamos, né, São Bento e eu comecei a participar da escola... o nome da escola era Presidente Castelo Branco eu me lembro bem. E então a escola era multisseriada, né, então eram duas turmas de manhã e duas turmas a tarde. E eu comecei a estudar com oito anos e eu comecei a estudar, na verdade com sete anos. Só que no primeiro ano eu fui com sete anos mas como era complicado a escola, né e tinha muito a questão de aluno junto e eu não me adaptei muito bem da escola e parei de ir pra escola neste ano. Eu fui com oito anos a participar.

Como era a estrutura física da escola?

A escola tinha uma estrutura física relativamente boa, né. Era uma... as escolinhas rurais, né. Sustentada não lembro se era governo municipal ou estadual, mas que construiu escolas em vários municípios, então que garantiu uma escola de alvenaria, de assoalho, com quadros, né. A escola que eu estudava tinha duas salas o fato da escola ser multisseriada é que não tinha professor, né. Era só uma professora que atendia a escola, mas a escola tinha duas turmas de manhã e duas a tarde.

E como você lembra das condições de ensino, da relação professor aluno, os conteúdos que eram ensinados, do material didático que o professor utilizava em sala de aula. O material que vocês tinham pra aula?

A professora ela tinha, que eu lembro, era um livro didático que ela de onde ela tirava muitos conteúdos, as continhas, textos, né. Então ela trabalhava a partir do livro didático, né. Então a princípio eu tive vários professores nesta escola. Alguns com melhor domínio de sala, uma metodologia... avaliando a partir do ponto de vista de hoje, né, mais diferente, né. Uma professora que tinha mesmo... era a questão do domínio de sala... era muito largadão assim. Os alunos faziam o que queriam, então fugia um pouco do controle, né. Mas eu tive uns professores interessantes, também, né, que contavam historinhas, faziam dinâmicas diferentes... foi interessante.

Quais disciplinas você tinha mais afinidade?

Eu me dava muito bem com a matemática, né. Não sei se era porque eu era um pouquinho...tinha mais idades do que os demais mas eu tinha mais facilidade com a matemática. Português eu não ia muito bem porque eu tinha a caligrafia um meio desorganizada, né, meio torta, então... mas eu ia razoavelmente bem.

E o material de vocês de aula, caderno, o que era comprado por vocês mesmo, o que era oferecido pelo estado?

O município oferecia pouca coisa um lápis, uma borracha de vez em quando, né. (não entendi). Mas era o básico, caderno, lápis e borracha mesmo, né. A gente comprava um caderninho, mochila a gente não tinha, né. A gente leva em pacote, sacolinha de mercado, essas coisas que a gente levava o caderno. Geralmente virava uma bagunça depois, né. Com o tempo ficava bem deteriorado o caderno. Então era dessa forma, um caderninho, um caderno de escrever e um lápis.

E quanto aos conteúdos históricos que os professores trabalhavam em sala de aula, você recorda de alguma coisa?

Eu me lembro pouco, cara. Eu começo a recordar alguma coisa a partir lá da quarta série. Foi na época que eu fui estudar na cidade, né. Aí eu fui morar com a minha irmã que era casada. Eu pegava o transporte escolar e ia pra cidade, uns 12 km mais ou menos de distância.

Então na terceira série você já foi morar na cidade?

Na quarta série foi na cidade. Até a sétima série foi na cidade.

E por que você mudou de escola?

Então, a minha irmã como ela casou e teve criança pequena e precisava de alguém pra ajudar em casa, né, e aí eu fui ajudar ele um pouco e daí porque tinha muita gente em casa, né... saí pra dar uma desafogada. Aí eu fui, fiquei morando com ele fiquei morando durante um ano na cidade. E depois desse ano eu voltei pra lá pra casa dos meus pais.

E você enquanto estudou você trabalhou na roça, como eram suas atividades?

Eu auxiliava na ordenha das vacas, né que era feito manualmente, né, a mão. Eles moravam na propriedade de um tio deles, né, e nisso tinha umas 15, 20 vacas pra fazer a ordenha. Todo dia de manhã eu ajudava nesse processo. Eu ajudava eles fazer a ordenha das vacas de manhã e a tarde eu ia pra escola.

E quando você mudou pra cidade sentiu alguma diferença nas escolas?

Com certeza.

Quais foram as principais diferenças?

Que na cidade tem mais gente, né. Na escolinha era 20, 30 alunos. Lá era muito aluno. A questão da disciplina muito mais cobrada também, né. Tinha diretora, supervisora, né. O que na escolinha a gente não tinha, né, da prefeitura. E mais isso, também a professora cobrava muito mais coisa da gente, mas acho que foi tranquilão assim, né. Quanto ao conteúdo não teve grande diferença, né.

Não?

Não. Eu lembro que no primeiro dia que eu fui na aula, né, eu fui com um colega que ...ele que foi o (não entendi) da sala quando eu ia. Porque tinha várias salas porque atendia de 1ª a 4ª até o ensino médio. Aí ele foi me levou e tal. Levei um papelzinho com o endereço da turma que eu ia, né. E aí ele me levou na sala dele, né. Só que aí a professora olhou o papelzinho pra conferir que era na outra sala, né... (risos). Agora eu não lembro...na primeira sala em que eu cheguei acho que era um conteúdo de geografia, né, e tava perguntando lá sobre a questão da Lua e tal. Daí e eu, os alunos quietos na sala ninguém respondia, e eu falei, né, a resposta e tal, né. “Olha aí, o cara chegou agora e sabe e vocês não sabem” o conteúdo. (risos).

E quanto a relação ente alunos como era na escola, qual era a diferença entre escola do campo e da cidade?

Que eu lembro... não avalio grandes diferenças, né. Sempre há umas particularidades, né. Não senti muita discriminação que eu tenha enfrentado na cidade (não entendi). Porque lá na escola em Três Barras é um município pequeno, né. E a maioria dos alunos, também, vinham da zona rural, né. Eram poucos que moravam na cidade. Então a maioria se identificava como camponês, como agricultor.

Ou tinha alguém na família que morava no campo?

É.

E onde você cursou de 5ª a 8ª série? Ensino fundamental?

Na 5ª a 7ª foi na mesma escola que eu comecei a estudar na cidade, né. Colégio Estadual Carlos Gomes no Paraná. Então da 4ª do quinto ano até a 7ª série, né.

Como era a participação dos pais na escola?

Quando eu estudava na escola onde era na comunidade. Os pais eram chamados pra conversar...aqueles que moravam perto eles iam, né. Na cidade já era mais difícil, né, porque eles **passavam (...) na cidade e tal. (não entendi) pra conversar com a diretora e tal, né.**

Há quanto tempo ficava a comunidade da cidade?

Ficava, de carro meia hora quarenta minutos, mais ou menos, né. Mas aí era uma dificuldade porque muitos não tinham carro. E a forma de se movimentar era de carona ou de transporte escolar, né.

Quando você estudava na escola rural você ia a pé pra escola?

Ia a pé.

Quanto tempo demorava pra chegar na escola?

15 a 20 minutos. Uns 3 a 4 km.

E o ensino médio onde você cursou?

O ensino médio eu já cursei no reassentamento São Francisco, na escola do reassentamento, né. Na escola São Francisco de Assis.

E você já fazia parte do movimento?

Já.

E como você entrou no movimento?

Então, o movimento ...eu já participei de algumas ações do movimento quando em morava lá em Três Barras ainda. Em 95 teve uma mobilização de agricultores pra pressionar o governo do Paraná pra assinar o convênio de desapropriação das terras, né, do reassentamento. E nessa oportunidade eu... passou alguns ônibus, né com o apoio da prefeitura e eu fui como meu pai, meu irmão mais novo fomos nesse encontro. Então a gente já começou a ver o povo fazendo mobilização, né. Estourando o portão do parque de máquinas da usina, né. Então aquela questão de pressão mesmo, de viver aquela tensão ali quando o povo está manifestando a política, né. (não entendi). E aí fui pra Curitiba, também, em 96, acho que foi em 96 que foi pra Curitiba, também. Então foi aí que eu comecei a entrar no movimento. Eu diria que atuando um pouco mais eu comecei a partir de reassentado, né. Então em 98 a convite do meu irmão mais velho, né, que eu fazia parte da comissão da juventude reassentada. Eu comecei participando de alguns encontros onde era debatido, tinha espaço pra gente falar aí comecei a participar mesmo junto com a juventude reassentada. E aí posteriormente com a mostra cultural que tinha na comunidade, né. uma mostra organizada pra... com teatro, música e posteriormente teve uma apresentações de dança. Onde eu ajudei a apresenta teatro, no festival de música. Então fui me inserindo dessa maneira no movimento.

Como era a organização do movimento?

A organização era bem centralizada, né da CRABI. Tinha uma comissão, né até assim, uma comissão política de coordenação e aí algumas pessoas eram liberadas pra acompanhar cada atividade, né e um corpo técnico pra acompanhar a questão da agricultura, da agronomia. Eu não participava dessa estrutura. Eu era mais a nível informal do que formal, né. Porque as pessoas eram eleitas e faziam parte dessa comissão e eu não. Eu apenas participava na comunidade de jovens e ajudava a organizar a juventude. Porque muitas vezes ajudava na comissão e contribuía com o movimento.

E o que significa CRABI?

CRABI significa Comissão regional dos Atingidos por Barragens do Rio Iguaçu. Já tinham as CRABIS no Rio Grande do Sul, né. As CRABIS começaram no Rio Grande do Sul, comissões regionais por atingidos por barragens. E aí a partir, se eu não me engano, a partir de 95 é formado o MAB, né, Movimento Nacional dos Atingidos por Barragens. E aí que passam a existir as CRABIS ligadas ao MAB, né. um movimento maior que abriu todas estas comissões na sua estrutura.

E como era a escola dentro do reassentamento?

Então, a escola é uma escola muito boa, de estrutura física. Eu diria que em estrutura física é uma das melhores de Cascavel se comparada hoje. Tem é, por exemplo, acho que foi uma das primeiras a ter aparelho de som, televisão e vídeo dentro de cada sala de aula, né.

Você lembra quantas salas mais ou menos tinha?

Existem dez salas de aula na escola, né, destinada ao processo de aula mesmo, uma biblioteca, um laboratório de informática que a princípio tinha 21 computadores, né.

Uma biblioteca com aproximadamente 3 mil exemplares de livros com um acervo aí... é...referente a agricultura, né, até por causa da própria característica da comunidade, da escola, né. Além de ter 2 laboratórios, refeitório, uma cozinha bem equipada, né, refeitório amplo, auditório, então é uma escola muito bem equipada. E com bastante material didático, mapas, jogos, (não entendi), tem bastante material que a Copel cedeu, né, alguns desses materiais ela deu pra escola.

Como era o ensino na escola?

Eu comecei a participar diretamente do ensino, comecei a me interessar mais pelo conteúdo da História inclusive, né. Por influência do professor que muito influencia na questão do ensino. E...então, mas ali era um bom ensino. Tem três anos que a Copel fez um convênio com a CRABI, então ela pagava os professores e o processo seletivo de professores era feito de maneira diferente,né. Não eram da rede. Então eles contrataram bastante professores interessantes ali que tinham bastante compromisso com o ensino assim.

Eram professores que tinham práticas dentro de movimentos sociais, também?

Não. Alguns até que tinham mas não me recordo muito deles. Mas assim, a maioria eu acredito que não tinha envolvimento com movimento social. Começaram a ter partir de dar aula na escola.

Você disse que teve influencia do professor de História. Como eram as aulas desse professor? O que ele utilizava, que recursos didáticos? Você recorda dos conteúdos? Como ele abordava, como era a abordagem dele?

Eu acho que era uma abordagem um pouco mais crítica, né. Trazia mais pro debate as questões de História, né. Tinha outro olhar. Eu até diria que foi tanto pela influencia do professor como até porque quando a gente participa do movimento a gente fica atento a outras questões também. E eu gostava muito também de promover debate e trocava opinião... Então era bem interessante por este ponto de vista. E eu comecei a pegar o livro didático de história, pegar e ler e comecei a me interessar mesmo pelo modo de produção capitalista, da revolução burguesa,... (não entendi) e começar a entender que era um conhecimento base da questão da história o trabalho com diversos conteúdos. Principalmente hoje no curso de Pedagogia, né que é um dos conhecimentos que te dá uma base pra a gente organizar o resto dos conteúdos que a gente estuda.

E como é o cotidiano no reassentamento?

No reassentamento hoje não tem muito a dinâmica do movimento social, né a organização da produção hoje é cada um cuidando do seu lote, né, sem muita preocupassem com as questões coletivas. Lá de vez em quando ou outra tem uma discussão, né.mas eu diria assim que perdeu bastante a dinâmica de movimento hoje. Teria que ser feito um trabalho de reorganização dos reassentados em torno das questões coletivas pra começar a ter de novo uma identidade em movimento, né, da comunidade!

E enquanto você estudava você trabalhava também, o que você fazia?

Sempre conciliando o estudo e trabalho na propriedade. Desde lá das primeiras séries a gente já contribuía no serviço que o pai pegava na fazenda, né. Roçando pasto, puxando água, passando veneno, né e no reassentamento, também. trabalhava de manhã e estudava a noite até mesmo pra garantir mais trabalho durante o dia, né.

E você dava conta de trabalhar e estudar? Estudar para as provas, fazer os trabalhos para as disciplinas?

Eu sempre na minha vida escolar, de estudante aí, eu estudava muito pouco em casa. O maior espaço de estudo meu era a escola com poucas atividades fazendo em casa. Então eu dava conta, né. Eu estudava bastante no tempo... no estudo na escola eu era bem concentrado, eu dava conta de estudar no tempo de aula.

Quando você decidiu fazer parte da Pedagogia da Terra, quando você fez vestibular?

Então, em 2002 eu conclui o Ensino médio no reassentamento São Francisco, né. E aí em 2003 eu passei um ano procurando definir aí. Fui para Curitiba, procurei emprego eu não consegui. Voltei pra Cascavel. Não quis assumir alguns empregos que eu achei que não era interessante a proposta das empresas.

Quais, por exemplo?

Por exemplo, lá na COPAVEL, né de 11 horas da noite as 6 da manhã e receber um salário de 380,00, 400,00 reais.

O que é COPAVEL?

COPAVEL é um abatedouro, né...um frigorífico. É uma cooperativa, né COPAVEL, cooperativa do oeste do Paraná que trabalha no ramo agrícola, né. De grãos, frigorífico, essas coisas no oeste do Paraná todo. Tinha este abatedouro eu fui fazer entrevista, ver o processo como que era ficar na linha de produção, né. Tem que ficar na linha de corte fazendo bem específica, né, bem repetida e eu achei que não era interessante. Aí não consegui também.

E em Curitiba o que você fez?

Em Curitiba eu fiquei na casa da minha irmã, procurei emprego, distribuí currículo em várias empresas e não consegui emprego. A única oportunidade real foi num programa tal (não entendi) emprego (nome do programa), mas eu nem fiquei interado como era que este programa funcionava, mas era também na linha de produção de fraldas, né. E aí eles não ofereciam muitos benefícios, tinha que fazer hora extra, trabalhar no fim de semana e não davam almoço. Então, eu achei que não era interessante, também, e tinha que ir a pé, porque vale transporte eles não ofereciam, também, né, que é um direito do trabalhador, né. Então eu não quis esta proposta aí então eu vim embora.

Voltou pro reassentamento?

Voltei para Cascavel, procurei emprego e voltei pra casa de novo no reassentamento. E eu tava no sítio lá, né, até receber um convite da cooperativa de produção, transformação e comercialização da agricultura familiar que é a COPAF, né. Uma cooperativa fundada em 2001, né. As próprias pessoas faziam parte da CRABI do movimento que tava assim, né. Tinha muito produtor de soja no reassentamento. E eles estavam, na cooperativa tentado plantar esta soja aqui do sudoeste. Com todo um estatuto com uma linha política voltada pra questão da agroecologia, né. E aí onde eu comecei a contribuir nessa cooperativa fazendo parte do conselho deliberativo como secretário. Eu contribuí basicamente durante um ano. Aí foi nesse período que eu recebi o convite se eu queria fazer o vestibular, participar do processo seletivo aqui do Pedagogia da Terra.

Quem convidou?

Foi uma pessoa da CRABI, né, Margarete Machado que numa reunião que a gente tava fazendo da cooperativa ela fez a proposta, né. Falando que “Bom, já que você participa sempre e tal. A questão da participação que é uma questão do curso que é com pessoas que tem compromisso, que tem um trabalho já com os movimentos sociais, né, não é chegar pegar qualquer um lá e trazer pro curso, né.

Que tenham um histórico de militância?

Isso. E aí eu achei interessante apesar de que eu não tinha participado deste debate de educação do campo, ainda. Tinha ouvido falar, mas muito vagamente...

E qual foi sua primeira impressão do curso dentro de sala de aula?

Primeira impressão foi na etapa preparatória do curso, né. A gente veio pra cá. Aí chegou o pessoal. Bastante gente chegando, estudando, concentrado nos quartos, né. E foi uma boa impressão, né. Primeiro pela questão dos professores voluntários que

vieram fazer aulas, né, que deram uma reforçada nos conteúdos pra gente participar do vestibular, né, como forma de não reprovar no vestibular, né. Porque tinha pouca gente. Foi dado aproximadamente 60 pessoas pra 50 vagas, né. Então, era pra ninguém reprovar. E aí foi bem interessante. Bastante gente na turma, né. Os professores dando aula bastante participativos. Foi uma boa impressão.

Eram professores da universidade?

Eram professores da rede pública aqui de Francisco Beltrão, né, que se voluntariaram pra dar aula. Alguns de assentamento do MST, né, Movimento dos Sem Terra, né. De Francisco Beltrão e de algumas comunidades onde a ASSESOAR fazia muitos trabalhos. Daí uma coisa que me impressionou foi essa coisa da organicidade deles, né. Separa por núcleos de base para estudar. De fazer os trabalhos, né. De lavar a louça, de limpar os corredores, né, de garantir esta questão, né, porque não tinha recurso ainda, pra manter a gente aqui, né. E a gente tem que dar conta destas coisas, né de limpar, organizar. Essa foi uma das coisas que mais me impressionou eu não tinha participado desta dinâmica ainda.

E já cursando o que você achou das disciplinas, dos professores, dos conteúdos ensinados, da relação entre os alunos?

Então, muita coisa nova pra mim, né. (não entendi) muita coisa que foi estudado... a princípio foi bem apreensivo alguns conteúdos, né. Não entendia muito sobre a História da educação, do método científico. Aí a gente lembra-se dos conteúdos históricos lá do Francis Bacon, meio assim, não entendendo muito. Mas com o processo a gente vai pegando, se apropriando melhor o que vem depois, né. Mas daí eu gostei bastante da dinâmica dos professores, né. Alguns nem tanto, também, né. Há professores e professores né. Aí eu fui gostando. Uma coisa que a gente tinha dificuldade era na elaboração da escrita, né, no princípio do curso, né. Daí a gente se organizou, fez oficinas, né. Garantimos um tempo específico pra desenvolver a escrita que é a reflexão escrita. A gente foi se apropriando, desenvolvendo a escrita mesmo, né. E a partir desses momentos, desses espaços educativos a gente foi se apropriando, foi evoluindo no processo do curso, né. A gente foi conversando com as pessoas na relação de companheirismo entre os educados. Dão bastante apoio para gente e faz com que a gente cresça mais.

Existe algum tipo de estranhamento entre alguns educandos por serem de movimentos diferentes?

Existiu.

Como que foi sanado este conflito?

Então, teve algumas tensões não da minha parte, né. Como eu já tinha participado de algumas ações do movimento pra mim era tranqüila esta questão de movimento. Porque eu reconhecia que o MST tem uma dinâmica diferente, é mais organizado. É o maior movimento da América Latina e quem sabe mundial social. E daí se agente for comparae a prática que eles têm com as nossas práticas é claro que nós estamos muito atrasados em relação a eles, né. E ... Só que algumas pessoas que estão aí não sei porque motivo (não entendi) entraram em conflito, né. Não o meu movimento é melhor e o teu é pior. Então, foi muito conflituoso. E eu acho que a gente foi sanando estas coisas até com o crescimento político da turma. Entendendo que não é assim a coisa, né. É claro que um movimento tem prática diferente os outros também tem práticas diferentes. E é no diálogo entre estas práticas que o movimento, que faz com que a gente cresça. E não é essa questão de antagonismo, né de grupos que estão na mesma luta, né.

E quais são os tipos de materiais, que vocês tem disponíveis, matérias didáticas para o acompanhamento das aulas, como é o planejamento dos professores?

Os materiais didáticos que a gente utiliza?

O que a universidade fornece pra vocês, multimídia, vídeo, tv?

Então tem bastante coisa. A gente utilizava o multimídia que a universidade tinha, né, que era mais difícil de conseguir. Tinha que agendar. Aí a ASSESOAR adquiriu um e como a gente vem pra cá a eles estão de férias a gente utiliza bastante pra ver filmes, tanto no período da aula, como fora. Por exemplo, nas atividades culturais que o pessoal usa bastante. Mas a gente tem televisão, tinha vídeo. E aí tem os outros materiais básicos, caderno, borracha, caneta e toda etapa praticamente vem. E o xérox, a questão, também do xérox que é garantido no projeto do curso uma cópia do xérox que os professores fazem do texto pra gente estudar. Então eu diria que a gente usa bastante materiais aqui no curso.

O curso começou com quanto s alunos?

O curso começou com quarenta e sete.

E hoje são?

Hoje são 35 se eu não me engano.

E as pessoas são de quais movimentos?

Praticamente de todos os movimentos tinham, né. Da CRABI veio dois, né eu e a Isabel que não desistimos, né. Então continuamos até o final e tamo aí na luta, né. Aí do MAB desistiu bastante pessoas, né.tinha mais de oito pessoas. (não entendi) do MST tinha pessoas que desistiram. Alguns por questões políticas outros por questões materiais mesmo. E da CPT tinha...tinha 2 pessoas. Uma desistiu a outra chegou até a 4ª etapa e desistiu também, por problemas jurídicos de organização. E hoje tem uma pessoa do MAB do nacional e duas pessoas da CRABI. E o pessoal da ASSESOAR, da agricultura familiar, também, alguns desistiram, né. Teve uma pessoa que não consegui passar no vestibular, que fazia parte do movimento e daí por questões de... critérios estipulados, critérios combinados com a universidade ele foi eliminado do processo. Ficaram aí três vagas ociosas.

E quanto à dinâmica do trabalho da sala de aula, quanto aos conteúdos históricos como você avalia os professores?

A dinâmica do conteúdo de História?

As dinâmicas em sala de aula, as abordagens que os professores faziam.

Uma abordagem sei lá como eu avaliaria!

Teve alguma disciplina que trabalhou conteúdo de história?

Teve, teve história da Educação, teve uma disciplina que é específica do nosso curso que é “movimentos sociais”, que aí debate elementos históricos, elementos teóricos...(não entendi). Eu diria que é um conteúdo que perpassa bastante o curso o conteúdo de história, né, que cada conteúdo que você vai tem que ter fundamentação histórica. Tória do Currículo vai lá ver todo o processo da sociedade capitalista. Comenius, né, a consolidação do método na escola, né. Então é um conhecimento base, eu diria, né, que perpassa todos os conteúdos praticamente.

E você já teve a experiência de estágio?

Já tive.

Me conte um pouco da experiência em sala de aula?

Então, eu tive... no ensino fundamental de primeiras séries... essa foi uma questão bem complicada, né porque eu não consegui trabalhar muito a questão interdisciplinar. Peguei uma turma de segundo ano, né, segunda série e eu dei ênfase mais na questão da alfabetização, né. Matemática, composição dos números, a questão da alfabetização, né. Conhecimento das letras, a junção das letras e não trabalhei muito a questão do conteúdo de história e geografia, né. Então, ficou bem carente neste aspecto o meu período de estágio, né, na escola.

E em qual escola foi?

Foi na escola da comunidade Jacutinga que eu não lembro o nome dela , no momento.

E ela fica em qual cidade?

Aqui em Beltrão mesmo. Foi feita aqui em Beltrão no projeto de extensão da UNIOESTE que tinha toda uma discussão da escola do campo, né, uma escola no campo e que atende alunos de várias comunidades ao redor dela. Uma espécie de nuclearização da escola na escola do campo. E é uma vila, né, Vila Jacutinga.

Esta escola tinha coordenação pedagógica, diretoria, outros professores atuando?

Tem.

E como eles te receberam?

Então, a equipe da escola foi bem abeta, né, recebeu a gente. Deu orientação, né, a gente conversou com eles, né, da nossa proposta de estágio e eles auxiliaram bastante a gente, né. Recebeu bem a turma lá, né. Foi uma turma de educandos dessa turma que foram fazer estágio nesta escola. Então, um tanto de dias lá foi nós que demos aula na escola, né, mas os professores auxiliaram bastante a gente na orientação, as vezes ficando juntos, né. Mas daí por orientação dos movimentos sociais, do pessoal que tava acompanhando o estágio, foi de nos deixar mesmo em sala de aula pra ver como nós se saía, né.

E os alunos? Vocês se apresentaram, falaram que eram dos movimentos sociais, como os alunos receberam vocês?

Então, a gente fez apresentação e tal, do curso de Pedagogia não lembro de ter falado que eu era de movimento, mas os alunos receberam bem. Ficaram bem apreensivos, né, até pela outra questão de um conversando com o educando de que lá são só as mulheres que dão aula na escola, né. Tinha apenas o secretário... só o secretário que era o homem na escola. De repente até esta questão tava dando aula lá pra criançada e tinha este caráter diferente, né. Era professora, agora professor, né. Mas receberam bem, foram bem.... foi legal, bem legal o estágio.

Com relação ao ensino de história no curso de Pedagogia para Educadores do campo, como você entende a função do ensino de história pro curso e para o ensino fundamental de primeira a quarta?

A gente teve na teoria..não lembro o nome da disciplina....a gente teve um trabalho específico sobre o conteúdo de história. Aí abordando um pouco a função do conteúdo de história de montar uma consciência...uma consciência histórica nas pessoas através do ensino , né. Ela faz parte de uma comunidade que está situada, né, historicamente, né, da sociedade. Abordando também bastante a questão metodológica com relação ao ensino de história, bem na perspectiva crítica, né,... de muitas vezes a história contada na escola ele é bem tradicional, né, não aborda criticamente muitos fatos. Por exemplo, muitas questões históricas da comunidade não são abordadas. O livro didático não tem esta dimensão, né. Quando se utiliza bastante o livro didático um monte de coisa que poderia ser utilizado na escola é passado a borracha, né. Fica nas datas comemorativas, no dia da árvore, do trabalhador, na questão geral. Então a orientação é de trabalhar a partir de outra visão o conteúdo de história, né. Olhando pras práticas, pras questões históricas da comunidade na perspectiva de partir desses conteúdos pra abordar estes conteúdos maiores. Então nesta perspectiva interessante de não ficar nesta realidade, mas partir dela. Muitas vezes não se faz isso aí.

E quais conteúdos você acredita serem necessários serem trabalhados nas escolas do campo?

Conteúdos?

Conteúdos de história.

Difícil lembrar conteúdos.... (risos).

Nas aulas vocês tiveram sugestões?

Houveram sim, mas agora eu vou lembrar... a questão da história, né. A questão da história da comunidade...eu não lembro vou ter dificuldades de lembrar os conteúdos agora. Foi uma disciplina bem rápida também, né. Ficaria da gente voltar olhar para o processo, ver quais são os conteúdos pertinentes mesmo. Não saberia te dizer isso.

E você está fazendo a sua monografia, né o seu trabalho de conclusão de curso. Você já terminou?

Estou em fase de conclusão.

Qual foi seu objeto de estudo, qual metodologia você utilizou, quais eram os sujeitos da sua pesquisa?

O meu tema que eu estou pesquisando é a gestão democrática, né. A questão da democracia na escola.

Quem é seu orientador?

Meu orientador é o professor Afrancis do campus de Cascavel da UNIOESTE. Então, a escola que eu to pesquisando a questão democrática é a escola São Francisco, né. Escola municipal de reassentamento São Francisco de Assis.

Em qual comunidade?

Que é no reassentamento ela fica localizada na comunidade e atende a as crianças de cinco comunidades de assentamento. São 278 famílias e mais algumas comunidades vizinhas que tem. Então este s são os sujeitos da pesquisa lá. E eu to dando uma olhada...a minha pesquisa vai buscar a compreensão da gestão democrática que a escola tem e que está materializada no PPP da escola, no projeto político dela. Então olhando neste PPP vendo se...qual é a concepção de gestão democrática que tem lá, partindo desse pressuposto.

Você já tem algum resultado?

Tem algum resultado sim se há ou não gestão democrática na escola. Então a escola trabalha com um pressuposto de gestão democrática, de formar um aluno participante consciente das questões sociais que os cercam... e aí... no próprio PPP da escola há algumas questões que ficam contraditórias com esta política que a escola quis fazer, né. Por exemplo, na elaboração do PPP da escola que consta lá que a equipe fez algum estudo, participou de alguns eventos e que a contribuição dos alunos e pais foi feito através de uma consulta, né. Só colaboraram com algumas coisas do PPP e não realizaram a questão do debate político, né e o que é o PPP da escola mesmo e o que o PPP influencia na escola. Então, estas questões não foram discutidas com a comunidade, né. E a partir do referencial teórico da monografia este seria um nível de participação que a gente quer chegar, né, e a comunidade possa debater com a equipe da escola a política da instituição. Este princípio é contraditório a questão, a questão da gestão democrática a partir da concepção da democracia participativa, né. Porque existe na escola a APMF, né, que é o órgão que representa a comunidade. Quando a gente parte do pressuposto que a gente quer construir a democracia participativa na escola, tem que ter assembleia, tem que ter reunião, tem que ter debate das questões políticas da escola, também, né.

E quais são as suas expectativas de trabalho quando você se formar? O que você pretende fazer, se existem concursos já pra professor no estado?

A minha pretensão é contribuir com a comunidade, né. Até porque tem aquele compromisso da gente assumir. Pro curso a gente não veio somente por interesse da gente, né, foi uma comunidade que apostou no nosso trabalho e nos indicou pra vim pra este curso. Então, a pretensão é voltar lá e contribuir com a comunidade no que for possível. O trabalho docente na escola de repente. Mas aí q questão é complicada porque é via concurso que tem pra entrar na escola ou contratado, né. E eu prestei concurso agora... o último concurso que no estado do Paraná teve só que tem a prova de

títulos a prova de títulos deixa a gente bem longe, né, da zona de classificação. E pro núcleo regional de Cascavel abriram 16 vagas e eu fiquei em centuagésimo e alguma coisa 177, né, me esqueci orinariamente o número. Então eu acho bem difícil que me chame nesse concurso. Então a tentativa é fazer outro processo pra conseguir uma vaga lá na escola, entrar e trabalhar. Mas atualmente eu continuo contribuindo com a cooperativa, né. Cooperativa que no início eu tava contribuindo na diretoria hoje eu estou no conselho deliberativo e aí a gente está tentando organizar algumas coisas da cooperativa, né, que venha a contribuir com a comunidade. De repente seja uma área de atuação interessante.

Certo então. Obrigado pela entrevista.

Há uma influencia muito grande dos meios de comunicação no processo de ensino, como você avalia isso no seu processo de estágio? Teve alguma situação no estágio que você reparou que os alunos tinham muita influencia dos meios de comunicação? Qual é a sua percepção dos meios de comunicação? Que tipos de programas você tem mais contato? Jornais escritos, televisão?

Então, no estágio eu não lembro de nenhuma situação conflituosa com relação a televisão. Mas eu diria assim, que ... eu trabalhei na escola São Francisco, sempre alguma coisa surge, né. (não entendi) trazem algumas questões. Mas a minha opinião sobre os meios de comunicação que eles são uma arma poderosa da sociedade de reproduzir algumas coisas, de fortalecer algumas idéias que influenciam com certeza no processo educativo. Não saberia te dizer em que medida, mas com certeza influenciam bastante. E o meu contato com jornais, também tenho um pouco de contato com jornais eletrônicos, na internet. Algumas coisas que quando eu vou pra cidade eu acesso no meu email, mas meu maior contato mesmo é em casa com a televisão, né. E a gente acaba de ter que assistir a globo e o SBT que não temos parabólica, nem canal por assinatura e é o que sobre de as únicas opção pra gente. Lá em casa costuma-se assistir bastante jornal nacional, né. E eu acabo assistindo, dando uma olhada de vez em quando.

Como você avalia o jornal?

O jornal nacional por ser um jornal eu avalio que ele trabalha muito pouco com informação. Eu quando vou assistir o jornal nacional sinto que não me informei, né. A gente vê que algumas coisa eles dão uma manchetezinha. Muita pouca coisa. Não aprofundam a reportagem e as vezes a gente acaba encontrando as contradições, né. Por exemplo, na manifestação do pessoal da USP, né, dos alunos da universidade. Eu acompanhando pela televisão eu assisti uma duas ou três vezes e não tinha entendido o que estava acontecendo na USP ainda. E aí tive que ir pra cidade acessar meu email, né. E olhar emails que alguns mandaram. Notícias de outras, de imprensa pra dar uma aproximada no que estava acontecendo de fato, né. Porque eu vejo que a globo que é o principal jornal que a gente assiste ela tem bastante a posição da questão de classe né. Algumas coisas ela faz questão de não esclarecer mesmo. Sempre se posiciona contra a classe trabalhadora.

Agora tá certo obrigado pela sua entrevista.

(Aluno 06)

Hoje é 14 de janeiro e estamos no curso de Pedagogia para Educadores do Campo e vou conversar com o aluno 06.

Aluno 06 onde você nasceu? No campo ou na cidade? E qual a sua idade?

Eu nasci na cidade de Curitiba, né. No interior mesmo no campo. Estou hoje com 27 anos. E vivi no campo até meus 15 anos depois eu me afastei mais para a cidade.

Onde sua família mora hoje?

Ainda permanece em Frei Rogério que é cidade mesmo do interior, né. Uma vila do interior municipalizada agora, mas ainda com atividades de agricultura normal. Bem camponesa ainda, também.

Você tem quanto irmãos?

Nós somos na família em 5 irmãos, né. Tenho mais dois irmão e mais duas irmãs mais novas do que eu.

E eles estão no campo também?

Estão todos vivendo de agricultura ainda até hoje. Eu sou o único afastado da família mais pra área urbana, mas trabalho ainda também na área rural.

E Curitiba fica em Santa Catarina?

Santa Catarina isso.

Como eram as condições de vida lá na comunidade onde você nasceu?

As condições de vida lá sempre foram como posso dizer assim, média escala. A maioria sempre tinha do que viver tranqüila, né. Sempre da atividade rural mesmo. Extrair sempre da lavoura o seu maior consumo para alimentação, para sua vida social também. Então, nunca assim, tivemos dificuldades. Na verdade meu pai ele herdou o terreno tudo da ... do falecido vô, do seu pai, né. Então daí continuou a atividade e aí com o tempo que a gente começou a se inserir um pouco mais também com a luta do MST. Mas um bom tempo depois.

Com relação aos seus primeiros anos de escolarização você frequentou qual escola?

Eu frequentei uma escolinha do campo mesmo. Uma escola Irmã Florentina, né que era do município de Curitiba ainda, né. Frei Rogério não tinha se emancipado ainda. Era uma escola rural mesmo, multisseriada. As professoras mesmo eram de lá. E sempre com... a maioria dos alunos todos eram da lavoura também. Bem uma escolinha do interior mesmo.

Os professores eram da zona rural também?

Zona rural também.

Como era a estrutura física desta escola?

A estrutura física era bem toda de alvenaria, né. Bem estruturada inclusive. Uma sala individualizada para cada turma. Então toda a estrutura necessária. Carteiras todas normais. A escola tinha pátio para recreio e tudo, parquinho, a horta pequena. Com secretaria, biblioteca, refeitório. Tava até bem completinha para uma escola do interior daquela época.

E você lembra como era o trabalho dos professores em sala de aula? Quais os conteúdos os professores ensinavam? Quais eram os conteúdos que você tinha mais afinidade?

Eu sempre trabalhei mais, assim, desde o início mesmo que eu me afinava mais mesmo era com as atividades, um pouco, de matemática, né, a disciplina de matemática, História e Ciências. Eram as disciplinas que eu mais me desenvolvia sempre, né. Matemática a partir de um bom tempo da 4ª série que eu consegui me afinar mais. O meu pai era muito bom em matemática então ele me acabou ajudando bastante, né. e os professores eles tinham... era um trabalho rigoroso, né. Tinha bastante daquela coisa tradicional ainda da palmatória, da régua, né. Elas tinham isso. Elas tinham uma varinha perto do quadro guardada para um aluno. Mas elas sempre tentavam trabalhar mais ameno, né. Mas sempre exigiam também... um aluno que não conseguisse responder direito depois de várias tentativas já levavam umas varadas. Eu por sorte nunca fui

agredido neste sentido, né. fui muito obediente. Então se eu não soubesse já pedia ajuda para não dizer que não sabia e depois acabar levando alguma coisa, então. E o meu pai era rigoroso. Meu pai exigia muito esta questão. Tema de casa sempre certinho. Os professores eram de todas as disciplinas de português, matemática, história, geografia eram todas bem né...

Você lembra alguma coisa dos conteúdos de História?

Os conteúdos de História eram os normais mesmo. O descobrimento do Brasil... a... de História, o descobrimento do Brasil, os primitivos antes do Brasil, nativos. A questão mais social depois da colonização, né. já trazia esses elementos bem amenos, bem básicos e já apresentava, né. tipo era meio integrado com Estudos Sociais, né, que diziam antigamente, até, inclusive. Trazia um pouco de geografia junto com ciências mais...geralmente nestes pontos da História.

E as professoras tinham algum material de apoio para dar aula? Usavam livro didático,? Como você observava isso?

Olha, até a 4ª série o livro didático era até que pouco, né. nós tínhamos geralmente em Português e Matemática geralmente tinha um livro. Mas nas outras disciplinas geralmente era um outro conteúdo do livro. As vezes era emprestado por um dia com uma atividade de tema de casa. Às vezes a gente levava o livro, né. mas, senão ele ficava na escola e agente usava para algum texto, um a coisa e geralmente várias atividades passadas no estêncil, né, mimeografadas. Então a maioria do conteúdo era assim. E depois já com a escrita bastante texto escrito também.

E você trabalhou na roça enquanto estudava? Como era esta situação?

Sim, eu trabalhei desde o início já. Ia para a escola já dividindo a atividade da lavoura, né. Meu pai sempre me exerceu estas atividades também. Eu tinha meus compromissos já em casa, as atividades básicas de casa. Tratar o animal, dar água, arrumar lenha estas coisas mais básicas. Então eu já tinha esta responsabilidade. Então já dividia com atividades de escola, né. Ele dava o tempo das tarefas para a gente estar fazendo e acompanhava às vezes. Aí tinha o tempo da gente estar trabalhando no serviço da casa mesmo, doméstico e isso depois de ter acompanhado eles na roça, né. Então, sempre era dividido um pouco. Nunca abandonou nós, nunca livrou nós de pegar na enxada já desde pequeno. Então, às vezes fazíamos uma atrapalhadas mas sempre conseguimos acompanhar bem.

E você ia para a escola a pé, de carro, ônibus, transporte escolar?

Sempre a pé. Três quilômetros a gente ia. Eu tinha dois primos e mais dois vizinhos. Então a gente já era no mesmo par, nas mesmas séries. Então a gente começou junto desde o início. O pai nem na primeira vez levou na escola. Nós já a pé e sozinhos sempre fomos e voltamos. Às vezes alguma carona, mas isso já era bem raro, né.

E como era o material das crianças?

O material normal, padrão. Caderno, lápis, borracha, lápis de cor. Geralmente lápis de cor já era mais difícil, né. Então que nem e minha irmã a gente tinha uma caixinha de lápis de cor para nós dois já para usar, né. Esse material era mais complicado um pouco. Mas o caderno era o básico, lápis, borracha numa sacolinha de arroz, né. Um pacotinho de arroz a gente ia. Então sempre no básico mesmo desde o início.

E como eram as relações entre os professores e os alunos e como era a participação da comunidade na escola?

Bem, a relação entre os alunos, os educandos e os professores era bem afastada mesmo. A interação acontecia sempre na sala de aula e ainda naquela posição de, na postura de que o professor era o... de que ele estava no comando. Então era para ser obedecido e escutado, né. Então nós era apenas para estar ouvindo, escutando e tentar aprender com isso, né. na hora do recreio não tinha nenhuma atividade com o professor. Não tinha

nenhuma atividade física que o professor acompanhava. Liberava para as crianças. As vezes algumas atividades indicavam , né. Um salto em altura, alguma coisa. Mas aí já tinha uma outra professora mais nova que acompanhava, né. Os outros professores já eram bem de idade também. Então a relação já era sempre afastada. Os professores de mais idade ficavam na secretaria, então não se misturavam nestas questões. E a relação nossa mesmo entre os educandos, né. nós mesmo entre meus primos as vezes na estrada se atracava nas pedras começava brincando e daqui a pouco já tava brigando, então. Mas nunca assim nos afastamos da amizade. Sempre se acompanhando mesmo brigando no outro dia já estava junto. Tranquilo e tal. Tudo numa boa, né. então sempre levando no equilíbrio.

Quando você começou a cursar a quinta a oitava série foi na mesma escola?

Não eu fiz a quinta... a quinta série já foi na escola mais do distrito que era Frei Rogério. Mais centralizada. Aí já tinha de quinta a oitava série e segundo grau também. Então a gente já começou a ir de ônibus. Tinha um ônibus escolar que passava, né. Nós começamos a ir no período da manhã porque a quinta série era de manhã. Depois mais pra sétima, metade da sexta série para sétima passou a tarde. E nesse período a gente se envolvia sempre. Porque de manhã como nós éramos meio novatos, por causa da questão do inverno complicava muito porque o ônibus tinha que sair muito cedo para chegar na escola normal de aula. Então os pais reclamaram bastante e começaram a pedir para alterar este tempo para a tarde. Então a partir da sexta série a gente já começou a ir a tarde com ônibus, né. dava uma hora de percurso. Isso quando era a linha direta, né. Saía da nossa localidade e ia pra escola. Era alternado, né por mês. Um mês então fazia direto da nossa linha e nos outros meses fazia a volta por outras linhas, por outras vilas do município lá já recolhendo alunos. Então dava 2 horas e pouco de percurso até chegar na escola. Então era sempre intercalado.

E como era o ensino nessa escola?

Nessa escola era o ensino padrão de quinta. Até hoje não tem muita diferença. Os professores a maioria. Inclusive são os mesmos hoje que estão acompanhando a escola. Era um ensino... continuava o mesmo padrão da postura do professor, né mais afastados. Só que os alunos começavam a ter mais uma aproximação dos professores. Os alunos exigiam mais na quinta série, né. e assim pelos conteúdos acho que pela necessidade dos conteúdos mesmo que já eram mais pesados, né. a gente sentia mais o esforço do conteúdo totalmente diferente de uma escola para a outra, né. No princípio era tudo novo então parecia que os conteúdos eram mais difíceis, mais complicados. Acho que consequência também da mudança, né. Toda a mudança porque já não tinha mais ninguém conhecido. A maioria dos meus colegas, a maioria já reprovou né daí eu já fui meio sozinho para quinta série. Um ano que então foi bem complicado bem duro no início.

E no ensino médio?

No ensino médio quando eu terminei a oitava série, quando fiz a formatura eu fiz uma escolha vocacional, né. Eu comecei a frequentar o seminário. Fiz o estágio probatório. Fui aprovado e decidi cursar o ensino vocacional. Até daí inclusive já mudei de cidade. Fui para Caçador, né começando o primeiro ano do ensino médio já na Congregação dos Salesianos, né de São Francisco de Sales. Eu comecei e já me afastei da minha família com 14 anos já. Eu tava com quatorze anos nessa época. Me afastei da minha família fui morar sozinho lá no seminário nos outros colégios, então. E dali em diante eu fiquei dois anos do ensino médio até o segundo ano. Daí meu pai sofreu um acidente e daí eu voltei para a escola de Frei Rogério e lá eu completei o segundo ano. Daí meu pai se curou e daí eu retornei pro seminário e terminei o terceiro ano.

E como foi o processo de escolha de ir para o seminário? Foi individual, foi familiar?

Veio mais uma questão um pouco de família, né. A minha família queria muito e também a oportunidade do ensino médio ainda o melhor era mesmo no seminário, né. Inclusive pelos custos. Economia, né que a gente não tinha muita condição de estar se movendo para longe, né para fazer o ensino médio. Então o pai viu esta oportunidade e colocou a sugestão, explicou e eu acabei aceitando também, né. inclusive já haviam outros inclusive que já faziam parte deste seminário que eu estudava. Daí então eu me inseri com a carta vocacional e acabei indo. Como diz meio escolha direcionada, mas fui e acabei gostando até. Fiquei um bom tempo lá.

Como era a organização do ensino lá no seminário? O seminário era junto com a escola?

Sim. A gente... o seminário era tudo interno, né. Acontecia tudo no sistema interno. A aula tinha as salas né na parte debaixo do prédio eram todas as salas de aula 1º, 2º e 3º anos e a parte de cima eram os dormitórios, né. daí com o tempo houve até uma alteração, mas o sistema continuou o mesmo, né. era integrado tudo, lazer, tudo. A gente tinha somente o seminário de lavoura, né. que o seminário ainda tinha lavoura para o próprio auto-sustento e complementação alimentar. Então tinha a chácara que era afastada. A gente se locomovia para a chácara, mas o restante era tudo interno.

E como eram as aulas? As relações dos alunos com os professores?

Ali as aulas começaram a mudar um pouco porque era um professor específico para cada disciplina. Foi a primeira coisa que eu já de cara eu percebi, né, porque... mesmo ainda no ensino fundamental de quinta a oitava série ainda eram dois, três professores que davam conta das disciplinas, né. e já ali no ensino médio já era um professor específico para cada disciplina. E aí já começa aquela alteração de ensino médio. A Química, por exemplo, começou a complicar bastante pra mim. Biologia que eram disciplinas totalmente novas, né. pelo menos no sentido ainda, como posso dizer, ... específica, né. então, pra mim foi bem complicado neste sistema. Os professores já trabalhavam mais na ... já não era mais aquela questão de prova. Como se diz a prova disciplinada, né. Naquele silêncio que não se podia mexer para o lado, né. Então, já começou na questão de trabalho grupal, em duplas. Sempre a realização de trabalhos e pesquisas, né. por um lado melhorou bastante, por outro complicou um pouco por causa da diferença, né. os professores já com uma questão mais próxima aos educandos porque até na questão de por ser um seminário, né. então a relação parecia que era mais fácil, né, mais próxima do próprio professor. Então, parecia que facilitava mais também.

O que você fez depois do seminário?

Depois do seminário daí eu prestei o vestibular, né e continuei na congregação. fiz o vestibular pela congregação e comecei então no Instituto Vicentino a cursar Filosofia daí. Daí fiz dois anos de Filosofia. Daí foi bloqueado porque na metade do curso de Filosofia tem o noviciado, né que é onde você já faz os votos religiosos perenes. Não são perpétuos ainda. Temporários que renova todo ano daí. E a partir daquilo a gente já se torna irmão, né. já com a consagração de celebração, de batismo estas coisas todas. Então neste terceiro ano que era de noviciado eu acabei ficando apenas dois meses no seminário. Porque era uma questão de o noviciado ele não pode acontecer a menos de dois, né. então nós entramos em dois no noviciado, né. era eu e mais um colega lá mesmo do Paraná que eu conheci em Curitiba. Então daí este colega acabou desistindo logo no início. Eu fiquei acho que mais um mês e meio e daí também não agüentei e acabei saindo, né. Porque era um sistema totalmente enclausurado, né. daí também acabei não agüentando e daí pedi também a liberação. Tentei, mas os padres não quiseram dar, né a liberação. O que você combina na verdade é você deixa, adia o

noviciado e volta para o curso de Filosofia. Volta para o curso de Filosofia na próxima turma. Você volta para o noviciado, né. então, a congregação acabou não aceitando, né, não autorizando este adiamento então eu acabei desistindo. O seminário a Filosofia ficou bloqueada, né. não cursei mais o terceiro ano para encerrar e acabei trabalhando em Curitiba ainda, a princípio, numa fábrica de doces, né. mas eu trabalhei acho que três meses nessa fábrica e depois eu já consegui um emprego mais fixo numa loja de materiais de construção. Daí eu fiquei dois anos e pouco, dois anos e meio trabalhando.

E como foi o seu contato com o movimento, com o MST?

Bom, depois que eu decidi voltar de Curitiba, né. deixar o emprego depois de dois anos e meio de trabalho lá na loja. Voltei para a minha família. Só que neste momento a minha família tinha comprado um lote de acampamento. Tinham negociado e acabaram entrando. Assim numa questão de permuta, né que troca o lote daí meu pai acabou entrando nestas permutas entrando numa área de reforma agrária também. Então nessa questão eu já saí eles já tavam um ano nesse lote. Então eu fui direto pra esse lote e lá eu comecei a me interar mais dentro da própria coordenação dentro do assentamento, né. ou seja, meu pai já fazia parte quando eu cheguei lá. Meu pai já era parte da coordenação também. Então eu comecei a participar das atividades comunitárias coletivas dentro do movimento. Daí o próprio coletivo acabou me conhecendo mais. Vendo que eu tinha maior formação eu já comecei a trabalhar com educação ajudar mais. A princípio foi no grupo de jovens, inclusive. Trabalhei com a organização do grupo de jovens e depois eu já passei para educação de Eja, né, de adultos lá dentro.

Antes de fazer a permuta o seu pai já participava do movimento?

Não, não. Meu pai não tinha ainda nenhum conhecimento do movimento. O acampamento era meio recente lá na região lá, então...

Quando você retornou qual foi sua primeira impressão do movimento?

Bom, já em Curitiba eu já tive uma participação como se diz assistida, mais, apenas numa mobilização que o MST fez lá em frente ao palácio. Na questão de Sociologia até foi uma atividade do curso de Filosofia, né que era para nós estar lá nessa mobilização vendo, percebendo alguns pontos, né. Então de lá eu já acabei conhecendo um pouco do movimento, né. antes eu tinha até aquele receio que a mídia coloca pra gente, né quando... da violência que acontece, do vandalismo, né. então, mas daí lá eu já acabei conhecendo um pouco mas não tive nenhuma parte de inserção, né. apenas conheci e fiquei mais por dentro do trabalho do movimento. Mas daí depois já não tive mais nenhum contato, né. aí depois de um ano, dois anos que eu saí de Curitiba daí eu acabei voltando de novo no movimento.

Como era o cotidiano lá no assentamento? Como era o nome do assentamento?

Bom, o assentamento é chamado hoje 1º de Maio, né. a própria data da ocupação acabou dando o nome do assentamento. Já era assentamento a hora que eu cheguei lá, né. mas era início ainda. Já tinha saído a liberação de lotes e tudo certinho. Mas ainda tinha bastante casas que eram de barraco, algumas casa já estavam em meia viagem de construção de madeira, né. então, assim a princípio foi um choque né. Você sair de uma área urbana que você tinha até uma vivência, digamos assim, cômoda, não de tanta necessidade e já voltar e dar de cara com uma casa que não tem energia elétrica, não tem chuveiro, não tem geladeira, né. muda totalmente o ritmo de alimentação, tua. No caso destas questões, inclusive. A própria questão da convivência totalmente diferente, né. porque é mais contato humano que acontece é bem mais forte na relação de assentamento lá então. Foi um choque assim no início, mas nada desesperador. Fui levando, fui até gostando no início quase num ritmo de férias, mas depois acabei me fixando e acabei gostando das relações que lá aconteciam e tudo.

Quando você entrou nas atividades de educação de jovens e adultos, né, o que você

fazia?

Bom, eu iniciei, a princípio, com o curso de capacitação, né, que acontece da EJA pelo PRONERA. A gente fazia, este curso acontecia em Caçador, né. Na cidade de Caçador em santa Catarina. Então lá eu acabei conhecendo bastante gente, alguns até eu conhecia de outras... da região ali que acabei conhecendo que tinham se inserido também no movimento já estavam trabalhando com as turmas e coisa. Então a partir de lá a turma que eu abri no 1º de Maio eram apenas 13, né. 13 adultos participando e mais três crianças que eram do ensino fundamental, mas que faziam um tipo de reforço junto e ajudavam, auxiliavam nas atividades. Então a princípio eu tive bastante dificuldade em trabalhar com a EJA lá no assentamento. Uma situação totalmente nova, a princípio. Uma questão muito de realidade mesmo e como eu não tinha muito esta vivência. Fazia apenas dois meses que eu já tava lá e já tava inserido na, nesse, na EJA. Então daí eu sofri bastante no início, mas as próprias crianças que estava fazendo ensino fundamental acabavam ajudando bastante, né. como dizia, eu tinha o conteúdo, eles tinham o conhecimento da realidade então a gente ia debatendo e as aulas até ficavam interessantes. A gente fazia isso geralmente a noite até por causa das atividades da roça. Então pegava ali no finalzinho da tarde. Mas daí aos poucos foi definhando porque daí começa o tempo da colheita. Então é muito complicado o PRONERA no tempo da colheita dentro dos assentamentos porque daí o pessoal fica 24 horas em função disso, né. então as aulas acabam sendo meio abandonadas e daí já neste período da colheita daí eu já fui convocado pro terceiro curso de capacitação que daí eu fui indicado para fazer o curso de Pedagogia. Foi tudo meio rápido até, inclusive. E a turma assim também não foi colocado outro monitor pra estar acompanhando a turma e acabou encerrando a turma de lá do assentamento e eu já em ... foi já em agosto, né daí eu já vim para Francisco Beltrão fazer o vestibular pro curso aqui.

Como foi o seu contato com o curso? Quem convidou você?

A princípio foi a direção estadual do movimento né. Tinha uma pessoa chamada Sônia Rodrigues que até hoje ela é coordenadora estadual só que naquele momento ela coordenava o PRONERA, né. E assim, ela me conheceu nestes encontros de capacitação. Foi lá que a gente se conheceu inclusive. Eu fui indicado pelo assentamento mas não tive nenhuma, nenhuma fala com ela antes pra EJA. Foi no primeiro curso de capacitação que eu conheci ela daí ela chamou pra fazer uma espécie de entrevista aí eu pude conhecer. Daí a partir do terceiro encontro daí ela já veio com um outro rapaz que representava a juventude do movimento, né, o Ernesto. Daí eles fizeram... se eu tinha algum interesse na Pedagogia, se eu queria estar fazendo um outro curso superior se eu estaria disposto, né. Daí eles me indicaram pro curso aqui de Francisco Beltrão.

E como aconteceu o processo de vestibular?

A princípio eu cheguei...eu já estava acostumado a viajar então já não senti muito o choque de estar chegando numa outra cidade. Já fiquei tranqüilo quando fiquei sabendo que era do Paraná. Até por causa de Curitiba até achei que era próximo a Curitiba daí depois que eu fui ver que era totalmente do outro lado. Mas eu vim tranqüilo meio sozinho, a princípio, mas aí no encontro aqui eu já dei de cara com dois colegas de Santa Catarina que estão aqui também que já eram do PRONERA antes então já fiquei mais aliviado já me aproximei deles, a princípio, e do restante da turma eu fiquei mais afastado. Tanto numa questão de ser...numa questão de seis meses de eu já estar inserido no movimento, né. Foram seis meses, como posso dizer assim de vivência no movimento, ainda não tenho nenhuma vivência no acampamento, de ocupação não tenho uma vivência também. Esta questão forte de militância de estar sempre itinerante que eu não tenho uma vivência. Logo que eu fui inserido no curso eu já assumi a escola

no final da etapa né. Daí no vestibular eu vim e daí conforme o estudo.... teve uma capacitação antes do vestibular, né. Eu me sentia mais tranqüilo por causa do curso de Filosofia, né. Então, eu já tinha um curso superior antes, iniciado então pra mim foi mais tranqüilo assim. Aí no estudo de capacitação eu acabei ajudando bastante, colaborando com a turma né. Porque vários outros tinham apenas o fundamental e ao longo prazo né. Daí eu acabei auxiliando também nesta questão. E aí foi tranqüilo o vestibular. Daí toda a etapa...deu uns rolos porque o vestibular acontece mas daí o governador não tinha assinado então acabou demorando mais um mês depois do vestibular para acontecer as aulas. E nesse mês eu não tinha condição de voltar pra casa e depois retornar pra fazer o curso de novo na etapa. Então acabei ficando em Francisco Beltrão mesmo na casa do próprio coordenador da turma que era o Marcos. Acabei ficando ali duas semanas e daí já iniciamos a etapa aqui.

E qual foi sua primeira impressão quanto aos professores e os conteúdos trabalhados em sala de aula e a relação entre os alunos?

Assim, a princípio os professores tinham a mesma postura que no curso de filosofia, né. Apesar que na Filosofia a maioria eram doutores, né. E aqui tem mais mestrandos ainda, né. Mas mesmo assim a postura não diferenciou muito da minha própria experiência no curso de Filosofia. Pra mim foi mais tranqüilo nesse início de etapa. Mas assim o mais complicado foi a relação com a turma né. Eu sempre me mantinha mais distante porque eu me achava muito novo. Não conhecia nada ainda nessa questão do movimento, então eu ficava mais na platéia mesmo tentando pegar mais a vivência de organização. Era mais complicado pra mim, porque eu não tinha toda esta estrutura orgânica que o movimento tem né. Não tinha isso inculido ainda, então até eu me adaptar nessa questão foi bem complicado assim. Mas aí pela....pelo antecedente da minha própria família nas questões de disciplinas, questão de horário, né. Apanhei muito por causa disso. Mas aí então na questão de disciplina acabei me dando melhor aqui no curso. Não tive dificuldade. Foi mais na parte de militância no movimento, de história eu não tinha muito. Então mais assistia do que participava.

Nesses quatro anos como você avalia o trabalho dos professores quanto aos conteúdos históricos?

Assim, eu digo que o processo foi mais construído do que preparado pelos professores né. Porque no início do curso foi bastante debate assim né pela própria questão dos professores não ter ainda de estar trabalhando com pessoas do movimento social que todos já tinham uma vivência de coordenação, de direção, então até de própria história né. Todos já tinham uma afinidade da História mesmo, a luta histórica mesmo, da relação histórica, então os professores traziam o conteúdo, mas acabavam mais debatendo com a turma né. A turma trazia mais elementos pro conteúdo de História, inclusive. Para a discussão, a questão mais dialética da História, né e o que foi acontecendo em outros percursos né. E eles traziam mais o conteúdo curricular padrão, né de História e coisa... Mais linear. Então a gente debatia e levava mais para os outros campos né na questão dialética né. Então, a questão da História acho que foi muito rica no curso. Pra mim principalmente que fui aprendendo a questão do movimento durante o curso. Então, pra mim foi muito rico. Toda a relação que trouxe já mesmo de Filosofia e coisa. Eu acho que não consegui trazer tantos elementos de Filosofia como aqui no curso de Pedagogia hoje. A relação histórica dos próprios educandos. Trazer elementos pras aulas, né.

Quais elementos eram esses?

Geralmente eram dentro da realidade, né. A realidade da própria vivência deles com a história do movimento, do MST, né. Porque o MST eles já fazem um próprio debate deles, né. Nos acampamentos, nos encontros sempre tem uma espécie de capacitação

histórica, análise de conjuntura. Então, esta questão sempre traz o fio da História. Sempre vai puxando pela História os fatos que estão acontecendo, né. Então, pra mim foi bem mais rico por esta questão, né. Os elementos históricos mais com uma visão mais...como posso dizer...mais leiga da História. Uma visão leiga da História não a visão acadêmica. Então essa relação eu acho que foi bem mais rica.

E vocês já passaram pelo estágio, né?

Já.

Quantas horas foram de estágio?

Bom, nós fizemos na verdade dois estágios, né. Fizemos um estágio em EJA que era 100 horas. Desde a atividade de observação até a atividade prática, né. E depois na escola do ensino fundamental nas séries iniciais também, né. E daí já eram 200 horas, né. E daí a gente acabou fazendo, inclusive no curso, né. Fez apenas uma observação. Fez um etapa inicial de estágio. Fez nas próprias escolas onde trabalha, né, nos acampamentos e assentamentos. Mas a fundo mesmo o estágio no ensino fundamental aconteceu aqui em Francisco Beltrão nas escolas do município.

Nas escolas rurais ou da cidade?

A preferência aconteceu de escolher as escolas da cidade e mais três escolas rurais. A preferência foi escola rural, mas como a quantidade e a distancia não era viável de todos fazerem em escola rural teve que ser feito em duas escolas da cidade também. E também nesta questão a gente acabou até privilegiando as mães, né porque elas tinham dificuldades pois estavam com crianças. Daí elas acabaram ficando nas escolas da cidade.

Como vocês foram recebidos nas escolas tanto pelos professores, pela coordenação, direção e pelos alunos?

Bom, eu fiz estágio na escola municipal Juscelino Kubistchek, né, na região do Rio Nunes, se eu não me engano. Eu acho que é. Então, o próprio coordenador pedagógico já era mais conhecido, já tinha visitado a turma na etapa preparatória, já tinha ajudado, auxiliado um pouco, então foi mais tranquilo por isso, né. Recebeu super bem a gente já pelo próprio conhecimento que já tinha colocou todas as dependências da escola a nosso... Nosso favor , né, para o nosso próprio uso já apresentou para todos os professores. Então foi bem tranquilo assim. Aí a gente já teve.... no primeiro dia na verdade a gente ficou só conversando com os outros professores se apresentando conhecendo a questão da escola. Daí no segundo dia de estágio a gente foi para a sala de aula com cada professor. Mas assim foi bem tranquilo, super gostoso porque o professor estava preocupado na questão de estágio se a gente estava precisando de alguma coisa se ele tinha que fazer alguma coisa também, né. Foi muito bom.

E os alunos?

Os alunos grande diferença entre os alunos de acampamento e assentamento, né. Porque a maioria dos alunos da escola ali a maioria é filho de pais meeiros e aviários, né da Perdigão. Então já era uma experiência bem diferente porque vários alunos eram de fora, eram bem itinerantes também. Então a própria. Traz uma questão de história diferente entre eles, né. Então, assim o trabalho foi tranquilo. Posso dizer que eles trazem um conhecimento diferenciado a gente pode dizer de um assentamento. As crianças não têm muito a questão de debate, de discutir a aula, né. Estão lá sentados, ouvindo. No máximo respondendo alguma questão, né. Assim, a participação e a interação eram diferente, né. A gente não deixa de notar estas coisas. Mas foi tranquilo. Eles participaram também. Até tentei trazer esta questão do movimento e da participação das crianças delas como sujeito do ensino, do seu aprendizado. Mas, o professor também ajudou bastante, né.

Quais conteúdos você trabalhou no seu estágio?

Eu trabalhei mais por pedido da professora a questão da matemática, a princípio. Mas eu inseri o ensino de História, Geografia, né. Algumas coisas de português que não se deixa de trabalhar, né. Eu já tentei trabalhar mais interdisciplinar, né.

O que você trabalhou de História na matemática?

A história eu trabalhei bem a questão de origem deles, né. A princípio esta questão da itinerância deles também do avião, da questão da relação com os assentamentos onde eu trabalho também com as crianças, né. Daí eles fizeram a História de vida desta itinerância deles até eles chegarem ali, o que eles fazem? Qual é a questão desde quando eles chegaram o que eles começaram a fazer na família? A relação da família do tempo de hoje o que mudou na relação da família? Então, mas do que tudo a origem deles mesmo.

Qual foi a metodologia que você utilizou, quais foram os materiais, qual foi sua forma de avaliação dos materiais produzidos pelos alunos?

Eu sempre trabalhei mais com construção de texto, né, de pesquisa deles. Todo dia já no primeiro dia então como tema de casa a pesquisa com a própria família, né. Pra ver a participação da família nesta história de vida que eles fizeram, né. A avaliação foi a construção desta História de vida deles, a origem deles de itinerância, né. Eles estavam construindo durante o estágio, as aulas do estágio, né. Sempre tinha uma atividade, geralmente a cada dois dias, né, que foi nucleada. Nós fizemos um planejamento, uma espécie de nuclear, né, nucleado daí em cada momento eles tinham um tempo para elaboração deste memorial. Então as outras atividades geralmente eram elaboração de cartazes, gráficos. Na questão matemática eu trabalhei bastante gráficos. Mais atividade também de cálculo mental. Em Geografia a gente fez desenhos, né. Trabalhou com músicas que trazem uma questão geográfica para eles elaborarem outra música a partir do espaço geográfico deles, familiar deles. Então teve mais outra atividade mas já era mais atividade dinâmica mesmo, de brincadeiras, que trouxesse mais uma relação corporal deles, de amizade entre eles. Na hora que eu cheguei eu percebi que eles só tinham uma relação só na hora do recreio. Na sala de aula eles eram totalmente individualizados. Então a própria disposição em sala de aula já foi em círculo tentando trabalhar a relação deles, o diálogo entre eles. Então este memorial no final foi uma avaliação, né. Assim eles contaram o memória e viram semelhanças entre eles de alguma origem, né, inclusive, uma proximidade ou até uma própria relação de família, né, da própria atividade que eles estão fazendo. Eles acabaram debatendo isso e a gente acabou fazendo uma avaliação como eu posso dizer... vocal mesmo né, falada discutindo como foi o processo nesta questão do memorial em todas as aulas daí a gente fez uma avaliação crítica de todo o processo de estágio.

Como foi o desempenho dos alunos?

A princípio no início eu tive dificuldades com alguns alunos pra estar inseridos dentro das atividades, né, como também tinham muitos que participavam até demais na questão mais de falar, né. Tinha dois educandos que eles falavam muito. Eles não paravam quietos. Tinha que estar prestando atenção em qualquer outra coisa menos numa atividade de maior concentração. Então eu tentava força atividade mais individual com a turma, de concentração em determinados momentos como também a própria relação entre eles, mas de uma forma mais do diálogo mesmo porque geralmente eles só falavam e não deixavam os outros falar. Fazer achar o momento do outro na relação, né. Mas nos outros momentos a maioria sempre participando então eu acho que ... com a avaliação da professora ela fez também junto ela disse que houve um grande rendimento, principalmente na questão matemática que ela tava com dificuldades. Um novo jeito de trabalhar então os alunos acabaram levando, a ter um bom rendimento nesta questão. Pela própria dificuldade que eles tinham então a gente focalizou um

pouco a questão matemática, o cálculo mental, então eles já tiveram um rendimento maior.

Dentro do curso como você vê o objetivo final da educação para as escolas do campo?

Do aprendizado do curso?

É.

Eu vejo assim, o próprio curso coloca a educação do campo é a única instrução não é uma coisa definida e não é uma teoria que está definindo isso é algo que está trazendo... então o curso ele serve como gerador de elementos desta construção. Debates sempre aconteceram então o curso sempre foi engordando na construção da Educação do Campo. Os professor, os professores começaram a focalizar esta questão do campo, né. As vezes a gente pedia isso. Pedia uma relação com a Educação do campo trazia para a História, um resgate histórico da educação como foi surgindo a escola no campo, como diz antigamente, na área rural, né, escolinha rural, escolinha isolada. Toda estas discussão do sistema e como foi acontecendo. Eu acho que foi progredindo este avanço para a construção da escola no campo. Então, não vou dizer que vou sair daqui e vou fazer uma escola no campo, né, nem uma educação no campo. Mas eu acho que sei trabalhar estes elementos para construir isso. Eu acho que o curso trouxe isso para gente a consciência de construção.

E você já terminou a sua monografia?

Sim a minha monografia já está pronta, protocolada e entregue. Agora é só... eu trabalhei inclusive a questão da solidariedade. A princípio eu queria visualizar bastante esta questão no Movimento, né. Mas daí acabei..., conversando com os próprios orientadores, né, com o Luiz Cesár, a gente acabou chegando na conclusão que esta questão da solidariedade já tem no movimento uma teoria. Então, não seria uma coisa nova. Eu queria estar trazendo uma coisa nova, um novo estudo. Então eu acabei pesquisando o embate dos Amigos da escola, né o projeto Amigos da escola solidariedade mais externa no movimento. Daí acabei trazendo um diálogo na História de como isso foi acontecendo a interação do Estado ficando cada vez mínima, né pra esta própria intervenção mais social na escola. Sempre colocando a questão que estado se põe diante disso e o que na verdade os amigos da escola ajudam ou prejudica. Então eu busquei buscar isso trazendo elementos para a intenção dela é fazer algo a mais, além de tudo o que eu já conheço no movimento, né o que o movimento já tem produzido sobre isso. Então, eu acho que são elementos para ajudar na construção, na consciência do movimento da solidariedade, dos sujeito agindo dentro da escola, comunidade, família.

E pra você qual é a função e os objetivos do ensino de história para o curso de Pedagogia para Educadores do Campo e para os anos iniciais da educação?

Função e objetivos?

Como você vê o Ensino de história nas séries iniciais?

Bom, a gente tem esse forte no curso que é fazendo História né. A História ao mesmo tempo que ela é algo passado, ela é algo vivo dentro da gente que mantém a gente caminhando também para o futuro. Então, eu acho que a História ela tem esta função pra gente de abrir, possibilitar da gente conhecer um pouco mais da própria relação que a gente vive no hoje, né. Então a História ela traz elementos pra gente estar refletindo sobre o próprio ato, o próprio rumo que a gente está tomando. Então o curso trouxe esta relação da História sempre presente também. Tudo o que aconteceu no passado não deixa de ser passado somente, mas ele tem algo vivo no hoje, no atual. E pro ensino fundamental eu vejo que ele é um trabalho. Eu gosto de trabalhar a História nas séries iniciais porque eu vejo que as crianças, geralmente, elas tem um interesse maior porque

não se torna uma disciplina chata de exercícios, de dados, e datas que exigia penas um exercício repetitivo. A História exige mais uma reflexão deles, né. Então desde trabalhando uma notícia de jornal do dia de ontem já é uma História que a gente pode levar até lá para o Descobrimento do Brasil ou às vezes muito antes, né. Então sempre na relação com as crianças a gente acaba provocando, mas sempre no sentido de hoje indo para a História também. E eles fazem muito bem este exercício inclusive, esta reflexão e acabam voltando para o dia de hoje esta nova idéia. Então eu acho que a História ela também acaba envolvendo o hoje também, né.

E como você vê a formação de professores e para a militância do MST?

Olha a primeira reação que eu tive pelo curso também pela filosofia que eu tive antes, mas não era nada ligado ao MST, mas também movimento mais religioso, né. Eu vejo assim que pelo movimento a relação acaba trazendo sempre de movimento, sempre transformação, sempre reflexão, práxis que sempre é muito discutido aqui. Então esta formação de professores acaba abrindo uma outra relação do educador, uma relação mais ligada a uma realidade de vivência, uma realidade de luta que acaba acontecendo, mesmo eu não tendo esta experiência de luta, de ocupação sei trabalhar isso hoje. A questão aqui da formação que o professores tem. Então muitas vezes o professor não precisa estar vivendo para conhecer alguma coisa, mas não vou dizer que conhece tudo se não viver, né. Então a formação que o movimento traz para os professores geralmente é mais nesta questão de movimento que eu vejo neste curso. Eu vejo que a formação de professores tem uma função profissional e já pro movimento não é apenas isso é militante. A formação militante é uma formação para o movimento pessoal como também para o coletivo. Então ela vai além do interesse pessoal. Sempre tem um grupo que está interessado nisso também e precisa disso. Então esta relação, esta exigência que tem no curso desde o início sempre dizem no debate você esta sendo formado pra vocês e você não está se formando pra ti né, então tem outras pessoas precisando que você faça isso, tem outras pessoas exigindo de você isso. Então essa relação traz uma importância maior para o educador e também eles sentem uma importância maior de estar fazendo este curso pegando com muito mais força do que se fosse algo só profissional.

Que tipos de recurso vocês utilizam para pesquisa no curso?

Geralmente, hoje em dia... no início do curso era mais a biblioteca. Inclusive a gente usava mais a biblioteca da universidade enquanto a gente estava construindo a nossa. E depois a gente conseguiu mais livros até com os próprios professores que fizeram o estágio, dos próprios professores que iam auxiliar nas pesquisas. Então depois na segunda etapa do curso a gente já tinha informática, internet, a gente tinha o acesso mais livre pra isso. Então acabou facilitando bastante na questão da pesquisa, mas a relação ainda acontece no tempo comunidade. A pesquisa lá acaba estando lá na realidade, na vivência. Geralmente a pesquisa acontecia enquanto a gente estava aqui com debates sobre lá, o que a gente estava pesquisando lá, as relações que lá aconteciam e aqui a gente completava com a pesquisa mais científica na biblioteca, internet, debates, trazia mais elementos.

Pra você o que é revolução?

Revolução é essa questão de movimento mesmo de você estar se movimentando você já está se revolucionando. Não está se sujeitando ao modo que está as coisas. Você estar se movimentando você já está trazendo uma rebeldia dentro de si, né. Já tá se colocando diante do sistema, já está se colocando como sujeito. Então, revolução não é transformar tudo de imediato é esta questão de movimento, de construção de si mesmo, de se revolucionar. Primeiro dentro de si depois tentar revolucionar algo além de ti. Então pra mim é mais este conceito de movimento de transformação de objetivo.

Você pode me dar um exemplo de ato revolucionário dentro da História ou pessoal, de maneira geral? Um exemplo de ato revolucionário? Pode ser particular, pode ser na História?

O que eu trago mesmo eu acho que até mesmo o próprio processo que a gente vive do curso né pode ser um ato... é História já. Porque o curso já está se encerrando é um curso que já tem quatro anos então eu acho que o curso já é um ato revolucionário que está acontecendo no Paraná uma primeira turma aqui no estado, então já tem esta referência inclusive você já está aqui porque você já viu na História. Já teve uma revolução ao longo do... então eu acho que o curso já traz este fato. E assim vários outros elementos do movimento que eu vejo mais de revolucionário. Mas na vida pessoal esta revolução de um ensino vocacional para um ensino militante. Isso sim foi uma revolução (risos). Sai de um sistema tradicional, posso assim dizer, pra um mais militante. Não deixa de ser para o povo os dois mas o interesse o objetivo, a meta é totalmente diferente revolucionária.

Para você o que é ser Sem Terra?

Ser Sem terra é você trazer esta relação de que você luta por algo coletivo, né. Não é apenas você não ter uma propriedade de terra é você estar lutando para conseguir o que a maioria do povo não tem. Não é só Sem terra eu acho que é a terra como mãe, né que traz todo o fundamento pro ser humano, né. Então, terra não é simplesmente pra mim produzir, pra mim comer, mas é algo que me alimenta. Então, ser Sem Terra é estar buscando isso além, conhecimento, nos direitos humanos, formando a própria humanidade do homem, de um sistema social mais justo, quem sabe?!

Você quer complementar com mais alguma idéia?

Não. Quem sabe a própria tua questão de pesquisa de estar aqui no curso. A tua presença aqui também já é revolucionária, já é algo novo que aconteceu no finalzinho. Imagine no final algo novo acontecendo, então eu trago este ponto que eu acho que é muito importante porque eu acho que pra gente também é... o próprio questionário traz uma reflexão pra gente. Então não é só um bem pra ti, pra gente também traz elementos que a gente reflete e acaba revigorando na mente né e tomando de verdade de novo.

Obrigado pela entrevista.

(aluna 07)

Hoje é vinte de janeiro estamos no curso de Pedagogia para Educadores do Campo e eu vou conversar agora com a aluna 07.

Eu queria saber onde você nasceu, se no campo ou na cidade, onde você mora hoje e sua família?

Então, eu nasci na cidade. Meus pais moravam na cidade em Pinheiros em São Paulo.

Onde eles estão hoje?

Hoje eles estão todos num pré-assentamento no município de Perus mesmo em São Paulo. Então a relação com o campo era dos meus pais mesmo que nasceram no campo. Daí eles foram pra cidade na época lá, enfim, foram pra São Paulo e eu e meus irmãos fomos pra São Paulo.

Quando eles saíram do campo?

Ah, minha mãe após a separação dela por volta de uns vinte anos, acho que na década de setenta. Ela morava no Paraná é paranaense. Meu pai nasceu em Goiás. Foi fazer uma rota em São Paulo, então ele morou em Goiás e morou em Brasília no período de toda a construção de Brasília, né e depois foi pra São Paulo. Já faz uns quarenta anos que eles estão em São Paulo.

E você mora onde atualmente?

Atualmente eu moro no assentamento Cômodo da Terra São Tomas (não entendi) 1:50 que fica no município da grande São Paulo que é Franco da Rocha.

E na cidade, no bairro de Pinheiros onde vocês moravam como eram as condições de vida lá?

Então, este período foi muito rápido assim. Muito rápido e logo após que eu nasci. Minha mãe já morava lá e meu pai conheceu ela no trabalho e foi morar lá com ela. Então, logo depois que eu nasci eles já mudaram pra Osasco, né. Porque, até mesmo porque Pinheiros em São Paulo é um bairro que tem um custo de vida mais alto. Quanto aluguel, alimentação e mais fácil o acesso nos outros bairros. Aí eu lembro nesse processo que não dá pra contar porque eu era muito pequena. Aí Osasco eu acho que era um dos municípios maiores de São Paulo. É assim uma população grande. As casas nos bairros são próximas. Então tinha assim... meus pais sempre trabalharam foram, né. E meu pai sempre trabalhando na construção civil, trabalhando junto com a prefeitura de pedreiro. Minha mãe trabalhou em fábrica. Mas trabalhou, também, em cozinha, ajudante de cozinha, então foi copeira, enfim. E nos ficávamos em casa. Até um tempo ela pagou algumas pessoas pra cuidar da gente e depois quando a gente estava maior assim a gente cuidava um do outro. Era meio uma coisa da casa pra escola e da escola pra casa. A gente não podia ir pra rua e tal. Porque na cidade tem muito isso. As casas são pequenas, apesar de que nós tínhamos quintal, mas a gente não podia brincar na rua e ficava em casa, né.

A partir de que idade você começou a freqüentar a escola?

Então, na época a pré-escola não era um nível obrigatório e tem poucas vagas. Então eu só comecei a frequentar a escola com sete anos também ingresse numa escola ali em Olinda onde fiz todo o ensino fundamental até a oitava série. Então foi aos sete anos. **Como era o ensino nesta escola? Quais eram os conteúdos ensinados, qual era a forma de avaliar conteúdos, a relação dos alunos com professores, entre alunos e a participação dos pais na escola?** Bom, neste período tem umas características que diferenciam de hoje em dia, mas não mudam. Como eu estudei no final da década de oitenta, né e início da década de noventa ainda não tinha esta questão da progressão continuada, então, a gente estudava mais para passar nas provas e no meio do ano, né. Mas assim, sempre muito estas coisas da escola tradicional. Eu, como foi meu primeiro contato com a escola eu tive toda aquela dificuldade de adaptação. Sempre fui muito tímida. A gente sofre preconceito na escola, a gente que é negro. Então, foram diversos fatores que marcaram definitivamente este início de período escolar. Então eu não tinha... não me regrava com muitas crianças, né mais com quem eu tinha afinidade e hoje é uma característica que eu tenho. Não consegui avançar muito nisso. E a questão do professor muito autoritário que... A professora ela não tinha muita paciência com a gente. A gente tinha dificuldade de alfabetizar logo na primeira série. Então ela não tinha paciência e ela xingava e a gente tinha vergonha de ser reprimido na frente dos outros. Aí tinha aquela coisa de separar os grupos mais inteligentes dos grupos assim mais fracos. Colocava de castigo na frente. Eu lembro que eu tinha muita dificuldade e então eles separaram a turma num ala e depois acabar (não entendi falha na gravação) 6:09 duas turmas uma de alunos mais fortes e outra de alunos mais fracos. Então, são tipos de coisa que marcam a trajetória que foi na primeira série, né. Então, a professora era muito rígida, brava, né.

E quanto aos conteúdos o que você recorda?

Os conteúdos, né. Então, (lembra as disciplinas, mas não dá pra distinguir o que diz, pois fala baixo demais) 6:37. Eu lembro assim que eu sempre gostei de Português, História e... Gramática fui melhorando aos poucos. Matemática eu tinha mais dificuldade. Geografia não era uma coisa que eu gostasse tanto, mas eu nunca tive dificuldade então eu me saía bem. Eu me lembro mais a questão de relevo, de geografia, de fazer muito mapa. É... Em História, História é... Eu me lembro mais assim... Posso falar do ensino médio porque tinha um professor que ele tinha uma visão de História assim mais ampliada, digamos assim. Eu lembro que ele contava, na época, toda essa questão da Guerra Fria, a Constituição da União Soviética que é uma coisa que me marcou, né. Ele tinha toda uma dinâmica e ele falava o nome daquelas cidades e datas da Rússia. Porque antigamente era difícil, né. Eu estudava pra sempre colar na prova. E, também, no ensino médio eu fiz um trabalho bem legal. Eu tenho até hoje. Eu tenho vários trabalhos até hoje do ensino fundamental e do ensino médio que eu guardei. De noventa e sete no ensino médio. E aí o trabalho foi uma experiência em português e história, né. E nos lemos o livro do Gandhi é a obra do Gandhi. Daí teve um direcionamento pra área da linguagem, da Língua Portuguesa e as questões de História. Aí eu lembro que eu li e gostei do livro. E daí teve o trabalho e eu tirei dez no trabalho e a professora ainda me elogiou e tal. E foi bem legal. Esses eu lembro que foi uma coisa, assim, diferente do que era o ensino na escola de decorar datas e nomes de vários assim que aconteceram alguma coisa.

E o ensino médio, onde você cursou?

Então, no ensino médio foi até no mesmo bairro, tanto o Olinda, quanto o Verdão, né que é o Paulo (não entendi) eles estão localizados no mesmo bairro em Osasco. Quando eu terminei o fundamental foi quando teve uma lei que ia separa as escolas de ensino fundamental e ensino médio. Então, apesar da gente gostar muito o Olinda a gente mudou pro Verdão que todo mundo conhece como Verdão e í eu fiz os três anos lá. E aí o ensino médio foi um período que eu não estava mais gostando de ir pra escola. Eu estudava no período da manhã então faltava muito. Mas no geral assim eu não tinha dificuldade no ensino médio, né.

E depois do ensino médio o que você fez?

Então, depois do ensino médio... Quando a gente tava no ensino médio a gente já começou a procurar trabalho (não entendi) 9:56.

E como foi?

Aí é a gente já começou a mandar currículo ir nas agências porque lá tem bastante tanto em Osasco, na Lapa em São Paulo, né. Aí a gente foi... e meus pais eles tinham esta visão de, e eu tinha também, de que com estudo a gente melhora a nossa condição de vida e dá pra ser alguém na vida e tal. Então, eu sempre fui neste ritmo, né. Não repetir de ano, mas razoável. Não numa situação crítica. Quando terminamos o ensino médio continuei estudando. Fazendo outros cursos, né. Então, eu ainda não época fui terminar o curso de datilografia e depois eu fiz um curso de práticas administrativas e comerciais (não entendi) na Fundação Bradesco, né. Lá em Osasco, também, (não entendi).10:44. Depois ainda fiz vários cursos (risos). Fiz informática, fiz vários, assim, direcionados para o profissional, né. Mesmo assim é muito difícil você conseguir emprego. Então, um dos primeiros empregos que eu trabalhei era temporário que eu (não entendi) 11:07. Era numa indústria... é uma indústria de cosméticos que fica lá no Tamboré que é em Barueri. É que é município de Barueri. Então, foi um trabalho de fábrica. Primeira vez que trabalhei assim. Trabalhei com alguns bicos, assim como diarista, babá essas coisas. Este foi meu primeiro emprego sério assim, não tem registro em carteira. Mas tem o negócio que tem na carteira lá, né o contrato. E aí, sempre nessas. Aí eu fiz um curso na Papamec, fiz curso pré-vestibular pro concurso no Banco do Brasil. Então, eu fiz um cursinho preparativo. Depois do ensino médio eu fiz um curso pra uma Escola Militar. Cursos rápidos assim de três, dois meses, três meses. Tudo assim tentando uma colocação melhor de emprego, né. Ma agora eu tenho compreensão de que o mercado de trabalho não é pra quem tem qualificação e é poucas vagas e é muito seletivo, também, né. Ainda mais pra essas áreas assim né.

Quando você entrou no movimento? Eu entrei no Movimento em 2002. **Quais foram os motivos fizeram você entrar no Movimento?** Ah, nós que vamos pro Movimento Sem Terra nós vamos por necessidade. Necessidades financeiras, de condições materiais, mesmo, de vida. Então, meu pai foi primeiro na época. Ele foi pro acampamento é... Foi no município de Sorocaba que já é interior de São Paulo. Depois de várias coisas minha família acaba mudando pra Sorocaba em São Paulo. Não deu certo porque é mais difícil você encontrar trabalho. Você conseguir se sustentar. Então, meu pai voltou né. Não conseguiu emprego. E eu já tava... Eu morei em Sorocaba só oito meses. Eu já tinha voltado pra Osasco no Bairro Mutinga onde eu fui morar com uma amiga da família. Daí eu trabalhava com ela. Ajudava ela a cuidar da criança e ela era cabeleireira. Trabalhava com alongamento e depois eu aprendi com ela. Então eu morava lá ajudava a cuidar das crianças e ajudava ela a fazer os cabelos. Aí meu pai veio e eu me comuniquei com minha família por telefone. Daí não é muito longe, né do Mutinga de Osasco pro Assentamento agora (não entendi) 13:38 aberto. Na verdade ele fica no entroncamento de três municípios que é Perus, Cajamar e Santana do Parnaíba. E a gente tava muito mais perto de Cajamar e Santana de Parnaíba. Aí eu fui de ônibus visitá-lo né. Daí ele falou: Vem pra cá que aqui vai ter oportunidade de estudar, vai ter uma terra pra gente não ta pagando aluguel. Daí eu fiquei um dia voltei pra Osasco e fui pra lá e fiquei definitivamente.

Qual foi sua primeira impressão quando você chegou no assentamento pra visitar seu pai?

Ah, eu achei diferente por causa da visão do MST que a gente tem da mídia, né. Foi o primeiro contato que eu tive com o Movimento dos Sem Terra e já na perspectiva de mora ali. Então são duas coisas muito grandes muito juntas. Aí você conhece, vê a organização. Eu vi no assentamento que é muito importante pra nós a questão da solidariedade do companheirismo e eu via isso. Mas é difícil dormir lá num barraco de lona, dava uns quatro por quatro feito de bambu. E era muito frio. Parecia que eu ia morrer de frio naquela noite. Porque ele foi sem móveis e sem nada pra ocupação e daí era longe, né. De Sorocaba pro assentamento era longe, né. Era mais de quinze quilômetros. Então a gente nem sabia. Hoje a gente sabe quando faz uma ocupação, né. E aí eu... não tinha cama, não tinha nada no barraco, né. Dormindo no chão e tudo... Mas daí você começa a conversar com as pessoas e isso te dá força. Várias pessoas estão juntas pelo mesmo motivo e isso te dá força e aí quando eu cheguei mesmo e me propus a fazer um cadastro. Eu me propus a ajudar. Eu falei: Já que eu to aqui eu me propus a ajudar, né. Aí a gente ta organizando a turma de EJA e só tem uma educadora, a Rosângela. Você tem o ensino médio completo a gente gostaria e se você achar importante, se você gosta disso... Então na semana seguinte eu estava dentro de sala de aula com ela, né. Ela já tem uma experiência no morro lá na Zona Leste então ela já tinha bem a prática de sala de aula. E eu não tinha conato e aprendi muita coisa. Mas aprendi ali na prática, né. Coitados um pouco dos educados porque eu travei no começo, né. Mas foi uma experiência riquíssima. Muito importante e que me levou a estar cursando o curso de Pedagogia hoje. Foi aí que a gente desenvolveu, mesmo, esse gosto pela educação.

Como era a escola eu você começou a dar aula no assentamento?

No começo era de madeira, de bambu com lona preta. Depois foi ver se consegue uma lona melhor, né. Era o mesmo espaço pra educação infantil, né é difícil a estrutura no começo, né. Ai a gente fazia algumas atividades com as crianças, com os Sem Terrinhas e a noite o EJA, né. No começo era à tarde e depois mudou a noite.

E o que vocês trabalhavam na classe?

É... Como a demanda mais urgente era de alfabetização então a gente já começou a preparar as aulas a partir dos conteúdos de alfabetização. Na época a gente não tinha muitos materiais do Movimento sem Terra, né. A gente começou a usar algumas coisas do MOVA Movimento de Alfabetização de São Paulo e tem em outros Estados também. Aí a gente pegou alguns livros didáticos também, que a gente recebe de doação e tinha na biblioteca e í a gente ia se preparando. Na época tinha (falha na gravação)... Uma luz. Era uma luz pequena então era um pouco caderno um pouco lápis. 17:49. A gente tinha muitas dificuldades e não tinha formação. E a gente seguia muito os livros didáticos e assim, como a gente percebeu, que as turmas eram bem heterogêneas então tinham vários níveis de aprendizado ali. Então, os conteúdos eram os mesmo que a gente vê na terceira e quarta série. Todos numa sala e a gente teve que planejar melhor pra atender esta demanda e para que os educandos não se desinteressassem de estudar, né. Então, tender a necessidade deles que era de ler a bíblia de saber tipo mais (não entendi)18:31 pra dar aos filhos, estudar a publicação do movimento. Então a gente tentava conciliar tudo isso quando ia planejar a aula. Então, não dá pra falar que tinha um conteúdo específico, né. Ia preparando de acordo com que ia surgindo também, né.

E como você soube do curso de Pedagogia? Quando eu era educadora eu fazia parte do coletivo de educação do acampamento. Então, a gente se reunia uma vez por semana no acampamento e nas reuniões regionais também, né. Então nessas reuniões é que era passado toda esta luta do movimento tanto a nível de estado... E vai ser feitos os informes. E aí gente tinha feito um curso de formação pra se preparar melhor como educadora e fui indicada pela dirigente do Setor de Educação que tava tramitando assim na USP na época, né de Pedagogia. E se eu não tinha em interesse de fazer já que eu to trabalhando com educação e tinha o ensino médio completo. Aí eu falei: ah, que eu gostaria e eu entrei por isso, né. Eles vão montando uma lista que tem tá mo Movimento e participa das atividades do Movimento. Então, eu esperei um tempo e o curso na USP acabou não saindo, até hoje, né. Daí saiu da UNIOESTE e eu não sabia né e eu não sabia que tinha jê toda essa história de luta pelo curso aqui. Mas daí falaram né você ta na lista de espera da USP, né e tem no Paraná e do movimento e tudo, né. E de duração de quatro anos e explicou que era Pedagogia da Terra e daí eu pensei um pouco, né. Não é fácil eu não concheia ninguém aqui e acabei aceitando. Eram duas vagas, na época pra São Paulo e tinha uma outra pessoa que acabou tendo problemas e acabou não vindo. E aí o primeiro contato que eu tive com a história do curso e com as outras pessoas e os membros da turma foi aqui. Eu não conheço ninguém, não conheço o lugar não tinha saído de São Paulo.

Qual foi sua impressão quando você chegou aqui. Quanto aos professores, aos alunos e os conteúdos desenvolvidos em sala de aula?

Bom, minha impressão foi totalmente relacionada ao curso na etapa preparatória. Os professores que estavam com a gente não foram os mesmo, depois... Enfim. **A etapa preparatória para o vestibular?**

Vestibular. Teve um vestibular. Um processo seletivo mesmo. Aí nos viemos ficamos alojados, mas ainda não tínhamos recursos. Aí foi uma etapa preparatória, assim, bem rápida. Nós começamos na segunda e na sexta-feira foi o vestibular. A gente estudou um pouco de cada matéria, né. Nós não fizemos uma redação convencional. Nós fizemos um memorial de vida. Então, nos trabalhamos muito em cima disso. Porque o peso dele é muito grande no vestibular, né. Era o peso cinquenta por cento da nota. Então, nos conhecimentos gerais a gente tinha um peso pequeno. Só não podia zerar em nenhuma matéria, né. Concentramos esforço no memorial. Daí foi um choque de cultura muito grande quando eu vim pra cá, né. demorei muito pra me acostumar com a questão da música, da comida. Era etapa de inverno e era muito frio e São Paulo não é tão frio como aqui. O próprio, não é propriamente (não entendi) 22:22 a maneira das pessoas de conversar de se tratar. Isso é muito diferente de São Paulo. São duas coisas: o Estado e a questão do campo e da cidade. Apesar de estar no Movimento Sem Terra, de estar no MST, os municípios que eu falei pra você eles são na grande São Paulo. Não são do interior. Mesmo assim lá as pessoas têm uma postura diferente com o campo. Então, foi bem diferente, foi difícil. Daí depois lá no curso. Teve um tempo longo, um mês, antes de começar o curso eu rodei o Paraná. Eu fui pra Clevelândia, pra Candói numa ocupação. Fui pra Renascença, Jurerê. Fui pra muitos lugares. Fui pra Curitiba. Participei de uma ocupação bem grande que eram de famílias da Via Campesina, no caso em Clevelândia. Lá eu conheci a Edemir que tava na época e os companheiros do MAB que tinha vários companheiros do MAB. Aí fui pra Candói, em Renascença foi várias coisas. Daí quando começou o curso eu achei um pouco difícil porque começa com a disciplina de fundamenta que é Filosofia, Sociologia, História, né. Que é Fundamentos da Educação. Então muito teórica, o conteúdo bem pesado, bem complexo, né. Você tem que entender linha filosófica, entender a História da Educação, Sociologia pra você entender a função da educação dentro da sociedade, do educador, enfim. É... E professores eu... Pra mim foi muito novo, né. Eu achei os professores muito bem qualificados, né. No começo... Eu acho que pras minhas expectativas eles estavam correspondendo às expectativas. Aí quando eu voltei para o tempo comunidade eu senti um pouco de dificuldade de fazer o trabalho ali porque era só eu em São Paulo e alguns trabalhos dava pra fazer em grupo, né e até hoje era assim. E outros não, então que podia fazer em grupo e eu tinha que fazer sozinha.

E vocês tiveram uma disciplina Teorias e práticas de Ensino, né, que vocês trabalharam com a professora Marizete um pouco o Ensino de História, o que você pode me relatar desta experiência quanto aos conteúdos históricos nos anos iniciais?

Esta disciplina e a de História nós trabalhamos, mas não foi no início do curso, né. E a abordagem que a Marizete tem da História ela não é a mesma que a gente tem no movimento. É diferente, tem uma abordagem teórica diferente. Eu acho que a Marizete ela vem fazendo pesquisa, né, em torno do Movimento, né, da História do Movimento. Então, ela tem um conhecimento muito bom. Então isso ajuda né. Quando o professor vem trabalhar com a gente a gente sente dificuldade quando o professor não tem nenhuma informação a nosso respeito. Isso é uma coisa que vai processando aqui no curso, mas isso é uma coisa que... Ajuda muito mais quando o professor tem essa visão mais do todo, né. Ela nos levou pra conhecer o Assentamento Santa Catarina que foi num trabalho dado com a de Geografia. E ela tinha uma carga horária de tempo comunidade que era um encaminhamento pra fazer um trabalho sobre o ensino de história nos anos iniciais. Então, foi um dos melhores que eu fiz até hoje no curso que eu acho. Eu fui numa escola do campo e eu tive que sair de Franco da rocha e fui pro interior numa escola do campo que fica no município de Araraquara e fiquei uma semana.

Lembra o nome da escola?

Se chama Emílio Guto que é uma que a gente tem como referencia em São Paulo, né, em relação à Educação do Campo. E naquela semana é... Uma coincidência comemorando o aniversário da cidade e Araraquara e aqueles municípios têm muito essa coisa da cana. Araraquara é um município rico, assim em comparação com Franco da Rocha e também de História. Quando a gente foi com a turma conhecer a cultura de Araraquara a gente pode conhecer a História do município desde sua formação e a questão econômica que consolida o município, o nome dos grandes heróis, né. E também conhecer o acervo cultural que tem lá na cidade, né. E lá a Casa de Cultura tem o maior acervo de vinil, né, do Brasil até. Em São Paulo tem um acervo, mas ele foi doado pela Rádio Cultura, né, que na época trabalhava com vinil. E hoje já não é mais, né. Então, eles têm lá e eles colocam em exposição os mais raros, né. Têm algumas pinturas, algumas gravuras e o próprio prédio, né, que tá numa rua no centro e bem importante na cidade que forma feitas as primeiras residências. E aí fiz o trabalho com base nessa visita que os educando tiveram, então, eu achei que foi muito interessante. Aí aqui depois a disciplina foi na última etapa quando a gente já estava fazendo estágio nas outras escolas.

Como foi o estágio?

Ah, meu estágio foi um pouco difícil, né. A gente fez aqui na escola base. Por causa dos bebês. Então, a gente tinha que amamentar, então a gente não podia ficar muito tempo longe deles. Então as meninas da Ciranda levavam pra gente amamentar no intervalo. E no estágio eu tive uma turma de segundo ano com a companheira Inalva. Então a gente pegou o final do bimestre e nas avaliações e aí no segundo ano tem a maior parte das atividades ainda são da alfabetização mais Português e Matemática e aí um pouquinho de Geografia e de História. Então, a gente tentou preparar de acordo com que a turma já estava acostumada a fazer para não atrapalhar a avaliação, né. Se a criança tira uma nota ruim na avaliação vão cobrar isso dela depois, né. Então, a gente interferiu menos (não entendi. Falou cantado). 29:41. Também, né considerando toda esta metodologia, este trabalho que se trabalha aqui no curso, né, dos professores. Então. É de não ficar mesmo no ensino, né.

Como foi o trabalho de vocês com os conteúdos históricos?

Então, foi onde a gente teve menos atividades porque a escola trabalha a partir de temas, né. Então, tava trabalhando os animais quando a gente chegou. Então, trabalhou os animais e pediu pra trabalhar relevo é... E redação. Eram três temas: animais, relevo e o ar. Então, eram conteúdos que se direcionavam mais para a área de Ciências e Geografia, né. E a gente conseguiu, quando foi tentar a interdisciplinaridade, né, mas não forçar, né. Porque a idéia era que os educando tivessem o aprendizado desses temas. Então, a gente conseguiu trabalhar com História quando a gente chegou no relevo. Olhar o relevo da região, né. Aí a gente conseguiu fazer uma relação com aqui da área. Como se deu a ocupação, as origens, os imigrantes, né, que vieram de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul. Como foi a constituição do município, né. Porque a economia gera mais da agricultura do que no trabalho de fábrica na cidade. Comércio, né. Já que tem um comercio mais expandido, mas tem uma agricultura muito forte. A questão da agricultura familiar. Por que aqui não tem tanto latifúndio, né? E também as crianças. Como era o público. Era classe média aqui de Beltrão, porque apesar de ser uma escola pública era no centro aqui, né. E eu falo que isso não deu muita base das escolas que a gente vai trabalhar porque a gente pegou uma turma de segunda série que era uma segunda série mais complicada das três que tinha. Tinha repetente, crianças que ainda não estavam alfabetizadas. Mas a grande maioria já (não entendi. Falou muito alto) 31:58 e a gente vê que não é a realidade de segunda série de onde eu venho. Então, o ensino fundamental de nove anos por ISS, né. As crianças estão saindo da quarta série sem se alfabetizar, né. E aqui não. A maioria das crianças já estão alfabetizadas já sabem ler. Então, a idéia era fazer o trabalho de forma interdisciplinar, né. Então, sempre tentava planejar as aulas nesse sentido, né. Estar ligando tanto Português, quanto matemática, História e Geografia. Não fazia coisas fragmentadas pras crianças.

E quanto a sua monografia, seu tema de estudo... me conta um pouco sobre seu processo de.... Sua caminhada de trabalho? Então, o meu tema é sobre o processo de implementação de políticas públicas lá na Comuna da Terra que é o assentamento onde eu moro, focando as políticas públicas na Educação do Campo. A escolha do tema é pra contribuir com o contexto, com a realidade que a gente tá inserido naquela noção da pesquisa que possa contribuir para aquela comunidade e naquele local. Então, o tema eu... Até eu... na hora de escolher foi uma das linhas que eu fui deixando estas coisa de estudar as políticas públicas, de estudar as leis, a constituição do estado. É um pouco complexa, enfim, né. E eu gosto muito da coisa da prática de ensino. Mas eu também não podia ir muito longe, né. Então eu fui conversar no Setor de Educação e eles disseram que uma coisa eu estava faltando era à questão das políticas públicas. Logo no início tinha uma discussão de construir uma escola no assentamento. Então, o Nilton viu e eu acabei ficando na Linha de Políticas Públicas e observar como se deu esta relação entre o MST e o Estado nesse município com base na Educação do Campo. Enfim, delimito um período pra tá observando isso e as ações da comunidade, também. Um dos implicantes dessa constituição dessas políticas públicas e dos educadores e da comunidade que tem uma participação fundamental na implementação ou não de políticas públicas. Nossa hipótese é se a comunidade ela luta, ela pressiona, dela ir atrás dessa coisa de ter escola lá e não ter o transporte que é política pública pro campo hoje que leve as crianças do campo pra cidade. Então, espera-se a ação da comunidade seja fundamental de implementação aí. Porque o Estado ele historicamente é de classe e ele atua pra parecer uma classe dominante que é a elite burguesa. Então ele não vai... Apesar de que ele espelha tradições de classe. E ele não vai implementar política pública para as camadas populares sem que haja pressão pra isso. Ele sempre favorece uma classe. Então, a pesquisa foi muito isso. A pesquisa não teve assim muito avanço para implementação de políticas públicas. Na época uma situação muito complicada porque o assentamento ele pertence ao município de Franco da Rocha, mas nós estamos mais perto de Cajamar, né. Então, era mais próximo pras crianças irem pra Cajamar do que pra Franco da Rocha. Era longe não dava pra ir a pé. Tinha um ônibus de Cajamar que pegava as crianças na estrada. Porque as crianças tinham que andar três quilômetros pra chegar à saída do assentamento pra pegar outro ônibus pra ir pra escola. entoa uma marcha das crianças foi reivindicar do prefeito o transporte escolar. Aí o transporte escolar veio, mas eles só podiam transitar no município de Franco da Rocha. Aí tinha dois transportes. Então, um pegava as crianças dentro do assentamento e deixava elas lá na saída e de Cajamar pegava na pista e levava pra escola. Aí não teriam problema se... Os horários deles nunca batiam. As crianças elas tinha que sair muito cedo de casa. Muitas vezes sem tomar café pra ir pra escola. Chegava lá na pista e ficava esperando o outro passar. Chegava atrasado na escola e a professora já estava na sala. Aí teve uma conversa pra tomar café pra entrar na sala. Aí elas voltavam no meio-dia. A pé era a mesma coisa. O transporte de Cajamar tinha que pegar as crianças pra depois o de Franco. Então tem que esperar quarenta minutos e correndo risco porque criança não tem muito senso de perigo. E é uma estrada que dá acesso aos dois municípios. É perigoso, tem uma penitenciária. Entoa tem várias coisa que é muito (não entendi. Falou baixo demais) 37:34. Aí então nesse período a gente teve várias reuniões com a secretaria de educação de franco, né, cobrando uma resolução. Não ficar só um transporte, né. E aí o que poderia resolver (não entendi)37:58 aí teve uma conversa com os pais colocamos a situação e deixamos pra eles escolherem. Então, maioria decidiu que as crianças que moram perto pegar ônibus pra Cajamar e os outros todos mandaram pra Franco da Rocha, né. Mas nesse período é... Não foi solicitação da escola pro município foi do estado. Foi num projeto do BNDES pra construção da escola em

assentamento e nós mandamos um projeto só que não foi escolhido. Foram só alguns projetos que foram contemplados. Aí quando a escola... quando chegou no nível estadual.. E a gente não conseguiu ter uma resposta precisa. Ela foi colocada no orçamento pra construir, ou não. Foi recusado. Até as últimas informações que eu tenho é isso que não foi definido. **Deixa fazer uma pergunta sobre a disciplina de Educação e trabalho que teve aqueu acompanhei aqui no curso. Hoje uma discussão interessante em que a professora considerou o PCC como um movimento social. Como você vê o PCC e o que considera movimento social?**Bom, é interessante você ver várias visões de educadores, embora nesse curso a gente tem uma certa autonomia pra perceber que essas visões estão meio de acordo com a teoria de que o educador fala. Nós aqui estudamos no mesmo curso na disciplina de Movimento Sociais do Campo o que seria um movimento social, né. Qual é a origem, historicamente? Quais eram os primeiros movimentos que... Que existia no Brasil. Então nós vimos toda esta questão do estado, do próprio cangaço. Aí no final a gente concluiu junto com o educador que pra se constituir enquanto movimento social tem que ter alguns princípios. Eu não lembro todos agora, mas entre eles tem que ter o da identidade. Então as pessoas que participam deste movimento social têm que se identificar com a linha deste movimento social. Tem a questão da totalidade, né. Porque o movimento social ele tem a visão da totalidade, de classe da questão política e ideológica. E isso desemboca que este movimento social tem que ter um projeto social. Ele pode ser um movimento da classe trabalhadora e da burguesa. Mas eles disputando um poder na sociedade. Então eles têm um projeto de sociedade. E a questão de movimento de massa, né, de agregar pessoas. E tem outras questões que eu não lembro agora. É... Essa questão gerou um pouco de polemica e infelizmente a gente não pode ter um debate. Poderia ter sido um debate mais rico, né. E também eu acho que não temos que ter um consenso nós não precisamos ter a mesma opinião que o professor e nem o professor a mesma da gente. mas eu acho que o debate gera avanço na nossa própria apropriação de conceito, né que no caso sobre o movimento social. Eu, na minha opinião não considero o PCC um movimento social. Quem mora em São Paulo e acompanhou de perto as ações do PCC vê que não tem identidade de classe trabalhadora. Quais são as principais ações pra chamar atenção que eles fazem. É incendiar ônibus cheio de trabalhadores, é aterrorizar a cidade. Esse enfrentamento político tem mesmo que a polícia ela é o repressor, então tem esse enfrentamento com a polícia e assim na minha opinião não é um movimento social. Existem organizações na sociedade que não constituem movimento social. Não sei. Eu acho que a professora ela não tinha o embasamento teórico do que é um movimento social e se tinha e era diferente. Ela não apresentou.**Pra você qual é a função do Ensino de História para os anos iniciais da educação e pro curso de Pedagogia da Terra?**Eu acho que o Ensino de História ele é fundamental nos níveis e modalidades de ensino. Eu acho que a carga de horário dele é muito reduzida e também porque ficou entre um componente curricular a prática de ensino, né. Porque a gente teve História da Educação. A questão do processo de ensino e aprendizagem de História foi uma carga horária pequena, né. E eu acho a função, né... eu acho que a História tem uma função muito importante que é a de te localizar dentro do tempo e do espaço e a História da humanidade é chegar onde nós estamos, né. Então a função dela é criar a identidade. Eu acho que no curso, perante a abordagem que a Marizete fez que mostrou que a História que nós estudamos na escola é uma História que tem uma intencionalidade e que não responde aos anseios da classe trabalhadora. Porque ela não foi feita como protagonista, a classe trabalhadora. Se nós pegarmos livros e não só livros as Histórias que são contadas de modo geral e até pelos antigos que é o protagonista? Quem fez esta História? Então, eu acho que ela tem

essa função de criar identidade e também do sujeito perceber enquanto componente dessa História com a perspectiva de fazer parte dela. De resgate da própria História de intervir e registrar sua própria História, também do que está acontecendo, né. Eu acho que falta elementos pra mim usar metodologicamente em sala de aula, mas ela é importante no sentido de formar o sujeito crítico. Eu acho que a História tem um papel fundamental.

Que conteúdos você acharia relevantes serem trabalhados nos anos iniciais e como?

Ai, nessa pergunta eu tenho um pouco de dificuldade. Eu não sou o mais de educadora de sala de aula, mas essa questão do educador é estar sempre pesquisando, planejando. Eu tenho dificuldade de falar. Eu acho que pra preparar uma aula a gente tem que conhecer o contexto, os níveis do educandos. Eu acho que o ensino, os conteúdos ele tem que estar voltados um pouco... Ter relação com os com textos, né. Eu acho importante saber a História da Rússia é importante saber a História dos Estados Unidos, mas eu acho mais importante pras crianças não é a História de Franco da Rocha... Eu fui atrás da História de franco da Rocha pra fazer a monografia. Ela não é ensinada nas escolas municipais de Franco da Rocha. Então, eu acho que eu sou suspeita em elencar conteúdos porque eu acho que eles têm que estar muitos ligados com o contexto mais o (não entendi) 46:00 e sempre o global. Eu acho que tem que saber a História dos outros países, mas eu acho que... eu acho que o básico desse negócio de noção de tempo, a noção de tempo e espaço está muito junto. Eu acho que isso... É uma coisa já dava, mas eu acho que tem que ser mais completo. O próprio contexto, o nível uma série de coisas que determina e eu por estar atuando em outra atividade que não é basicamente em sala de aula, né eu não... essas coisas assim não sei na língua.

E pra você o que é revolução?

Nossa! (risos). Essa é difícil, né. Ah, eu acho que se revolução é uma, enfim, né, acho que a gente trabalha mais a noção de processo revolucionário, mas revolução é muito pra mim ligado com ruptura, né. Estar rompendo com alguma coisa pra construir o novo, né. Então, a revolução na nossa perspectiva é isso, né. É romper com este sistema que está aqui, né que destrói a vida das pessoas, que desumaniza né, de construir outro sistema que seja que tenha como centro o ser humano e não o que tá. O que a gente tem agora. Eu acho quem o ser humano tem que ser central e a revolução ela se dá nesse processo de superar o que a gente tem agora e que não serve pra todos só serve pra alguns. Um novo modelo que seja pra todos. Pra todos poder viver com igualdade e justiça, né.

Você pode me citar algo que você considera revolucionário?

Algo que eu considero revolucionário.. **Algum fato que aconteceu com você, ou algo que aconteceu na História mesmo.** Acho que dentro da História a gente tem os processos que os países viveram como Cuba, a própria Rússia, mas eu acho que... que na prática dentro dos movimentos sociais hoje eu me atrevo a dizer que tem movimentos sociais numa perspectiva revolucionária. Não é que vai fazer a revolução, mas que tá dentro de um processo que tá indo contra o que ta aí. Tá se arriscando a forjar o mundo. Então, eu acho que isso é revolucionário que lutar num curso como esse. Eu acho que vir e ficar aqui todo esse tempo buscando coisas diferentes pra atuar melhor, tanto em sala, quanto no Setor, quanto na coordenação do processo de formação como as pessoas que constituem, atuam e olha que é revolucionário. Era mais fácil pro ser humano se acomodar, fazer um curso a distancia e ficar, não sabe, ou, enfim. Até às vezes dentro do próprio movimento pode se acomodar, mas acho que a própria marcha dos movimentos sociais, uma ocupação. Eu acho que isso é revolucionário porque está indo contra o sistema que ta aí, né. Almejando o novo, construir coisas novas.

Então tá bom. Obrigado pela entrevista. Você quer acrescentar alguma coisa.
Não, não (sorrisos).

(aluno 08)

Hoje é 17 de janeiro e estou com aluno 08 educando do curso de Pedagogia da Terra da UNIOESTE em Francisco Beltrão.

Aluno 08, primeiramente eu queria saber onde você nasceu se no campo ou na cidade, qual sua idade e onde você mora hoje?

Eu nasci numa comunidade Sertãozinho no interior do campo, né. no dia...tô com 45 anos. Nasci no dia 15 de janeiro de 1973 e atualmente estou morando num assentamento no município de Mafra, assentamento chamado Contestado aproximadamente com treze famílias.

Com quantas?

Treze.

É um assentamento?

Assentamento.

Quanto tempo tem o assentamento?

O assentamento oficialmente desde 2003, 2008, cinco anos legalmente. Mas a área foi ocupada em 1996 e eu estou lá desde 2000.

Como chama a comunidade em que você nasceu?

Minha comunidade Anta Gorda.

Como eram as condições de vida na comunidade?

As condições de vida na época em que eu me criei lá até os 19 anos...a vida era de uma qualidade boa. Tudo era proprietário, era pequeno proprietário na época do “milagre brasileiro”, da Revolução Verde, da Tecnologia. Foi uma época em que o agricultor teve bastante subsídios pelos militares. Era uma vida boa no sentido de viver bem. Se os pais tivessem aproveitado o dinheiro naquele momento até tinha condições de comprar a terra naquele momento. Mas como se achava que não ia ter nenhuma consequência da época da Revolução Verde não compraram e depois não deu mais a partir de alguns anos. A partir da entrada do Figueiredo em setenta e nove começou a piorar e até hoje...

E qual é a Revolução que você fala qual é?

Revolução Verde é a entrada dos produtos químicos, mecanização, da... dos venenos, dos pacotes da produção química, né, era a entrada da tecnologia no campo, né.

E você tem família?

Eu sou solteiro.

Você tem irmãos?

Nós somos seis na família no qual um em...oitenta e seis se formou. Se formou em Santa Maria numa Universidade Federal e os outros não tiveram condição de estudar.

E eles continuam no campo ou estão na cidade?

O que fez faculdade está na cidade e os outros estão no campo.

Em qual lugar eles estão morando?

Eles estão morando junto com o pai lá. E aí minhas irmãs e dois irmãos ficaram morando com o pai e tenho uma outra irmã assentada no assentamento Nove de Novembro na Água Doce.

E como são as atividades deles na comunidade?

Atividade hoje a gente trabalha com fumo, produção de fumo. Outro integrado com a produção de aves (não entendi. Falou muito rápido com sotaque alemão 3:16) e a Aurora e derivados do leite, de suínos, também da Aurora e Sadia e tem os integrados com leite e além disso a produção do milho pra alimentação animal e como a produção

é de pequena propriedade a produção no solo a gente quase não planta porque o fumo dá mais. E no mais é mais integração mesmo que diz naquela comunidade.

E a partir de quando você começou a freqüentar a escola?

Eu comecei a freqüentar a partir dos sete anos de idade. Na comunidade de Anta Gorda no qual no primeiro ano , não sei porque, não passei. Não foi uma questão de nota, a professora achava que eu não poderia passar. (não entendi. Falou muito baixo 4:170. Portanto não passei sabendo ler já e não passei não sei por quê. E daí cursei a quarta série em setenta e quatro na comunidade e depois das séries iniciais o ensino fundamental foi na cidade e aí foi um contraste muito grande. Daí do campo pra cidade. Lá ssim...chamavam de burro, de sujo, a professora da escola olhavam a mão, se estavam limpas as orelhas e era só o pessoal do campo. (esqueceu a palavra 5:00) inferioridade, inferioridade tanto dos alunos quanto das pessoas que forma pra cidade. E como na comunidade nós tudo é descendente de alemão aprendemos, fomos alfabetizados no Português e na cidade por causa do nosso sotaque “cagueta” (alvo de piadas) e coisa.

E como era o ensino na escola do campo que o senhor freqüentou?

Ah, o ensino era tradicional, né.

Era escola multisseriada?

Multisseriada e na escola que a gente estudava tinha dois professores onde eles não tinham formação pedagógica. Tinham até a oitava série. Na primeira tinha uma professora pra uma série só que dava aula pra primeira e quarta. De manhã primeira e quarta e a tarde a segunda e a terceira. E no segundo ano tinha um professor que tava fazendo o segundo grau. No segundo grau no segundo ano. No segundo ano também tinha um professor novo que também tava no segundo grau. E no terceiro ano tinha outro professor novo que tinha começado a fazer o segundo grau. E todos eles que estavam fazendo o segundo grau e começara a trabalhar na prefeitura também. De dia dava aula e a tarde iam pra prefeitura. E no quarto ano tinha um professor que eu na lembro o caso dele. Então, o trabalho era (não entendi 6:31) aprendia o Ba, Bé, Bi, Bo, Bu, as sílabas e História. Aprender História. Começamos aprender a História local, municipal. Começamos aprender História só no terceiro ano História do Brasil. Quem descobriu? Quem proclamou a independência? A República? Só datas e figuras históricas.

E que tipo de recurso didático o professor utilizava em sala de aula? Como era o trabalho do professor?

Recurso didático nas unidades ler e escrever ele dava as sílabas. Não era o alfabeto era sílaba móvel eu quase não estudava e um livro didático que vinha do Estado. Não era meu e nem o professor tinha o livro.

E na quinta série você foi pra escola da cidade? E como era o ensino lá?

O ensino era sempre tradicional, todo tradicional.

E ensino médio também?

O ensino médio... também. E no ensino fundamental cada disciplina um professor de cinquenta minutos. Na época era cinquenta minutos. O material não tinha quase era o giz e o quadro e só.

E como vocês iam pra escola?

Ia a pé dava quatro quilômetros. De quinta a oitava fiz na parte da manhã. Sete horas, oito horas ia pra aula. Aliás, estudava até meio dia aí chegava em casa almoçava e ia trabalhar.

E ia pra roça?

Ia pra roça.

E que atividades você tinha na roça?

Ah, era no cabo da enxada, né.

Desde que idade você ajudava?

Eu comecei a ajudar com dez anos de idade lidando na roça. Mas antes também a gente tinha serviço com a enxada que era de limpar o pátio, limpar o pomar. E limpar a roça na frente de casa que plantava o milho pras vacas. Esse era o trabalho, mas eu já tinha contato com a enxada já com seis anos de idade comecei a trabalhar desde os cinco, seis anos de idade. Não trabalhava o dia inteiro. Trabalhava até umas duas horas depois o resto brincava.

E como era a relação dos alunos na escola?

A relação dos alunos era assim entre os alunos no primário que era boa que não podia... igual é hoje. Sentava em dois na carteira e tinha que ficar quieto. E eu e o outro colega não ficávamos todo dia, todo dia, mas todo dia que o irmão dele dava aula todo dia nós ficava na hora do intervalo na cozinha. (não entendi 9:31). Mas assim a relação era... só as pessoas espertas que não respondiam, não responder, ficavam quietos e eu apanhei do professor lá.

O que aconteceu que você apanhou?

Comecei a brigar com o amigo que tava junto. (risos).

E como você apanhou?

De régua desse tamanho e grossa assim, com a régua que antes tinha uma rega de madeira que a pessoa batia... (não entendi 10:14) e quebrou ele mandou quebrar a régua e eu coleí.

Bateu com a régua nas costas?

Nas costas, era demais. Eu me lembro que ele mandou colar.

E aí quando você se terminou seus estudos no ensino médio?

Quando eu terminei o ensino médio em oitenta me formei e oitenta e um entrei no seminário e comecei Filosofia. Fiz em oitenta e cinco, oitenta e seis em Passo Fundo no Rio Grande do Sul. Fiz Filosofia em oitenta e cinco, oitenta e seis e maio de oitenta e sete, aliás início de oitenta e sete já os padres aconselharam eu sair do seminário por que eu perdi a vocação porque eu comecei a militar no partido que eu militava. Eu lembro que era o PSTU.

Em que época foi isso?

Em oitenta e sete. Oitenta e seis comecei a militar. Em oitenta e seis comecei a militar e no partido político do PT e aí dentro uma tendência era a corrente socialista (não entendi. Falou muito rápido 11:24). Pensando hoje seria mais prático ter concluído a faculdade. Na época eu comecei a estudar Marx, Engels, os marxistas mais, socialistas e aí comecei a descobrir as coisa e o mundo. O mundo e que não foi Deus que criou o Homem e que foi o homem que criou Deus.

Aí você foi convidado a sair?

Fui convidado a sair. Só que daí eu consegui emprego e fui. Saí em março, quer dizer saí em abril. Estudava de manhã, das oito ao meio-dia. E às uma até meio-noite num mercado. Porque tinha que viver né. no seminário não pagava nada (não entendi 12:10). Aí dois meses eu trabalhava era aquela coisa, trabalhava como chefe de caixa que chamava. No trabalho mandava os empacotadores, e fazia notas de vez em quando. Pouca nota e caixa. Como oitenta e sete entrou o Plano Cruzado e aí pra máquinas, só tinha máquina de cinco dígitos. Cem cruzados não podia depositar porque não cabia. Tinha que digitar quatro de 25, e depois vinha de oitenta. E os empacotadores eram os que mais trabalhavam. Mas todo mundo se matava e todo mundo recebendo salário mínimo. e eu que trabalhava quase nada recebia. (no entendi 13:18) aí voltei pra casa do pai em final de maio em oitenta e sete. Voltei pra casa e quando vou pra casa e em junho eu fui pro sindicato, foi pro Movimento Sem Terra que em outubro de oitenta e sete o

peçoal fez uma ocupação em Oirani.

O que é Onairi?

Município de Santa Catarina. (não entendi, falou muito rápido 14:06). Começamos indo e era alto o município né e tinha gente esperando na estrada e tivemos que voltar e no dia dois de novembro a gente foi pra Oirani. Só que eu não fiquei. Fiquei uma no lá (não entendi 14:33). Ai continuei em oitenta sete e oitenta e oito e oitenta e nove e na ocupação em (não entendi 14:39) não consegui cadastro porque vazou e a polícia veio na fazenda Caudato.

Ficava onde?

Foi ocupada em 13 de julho de oitenta e nove.

E qual é o nome?

Palma Sola. Ai ocupamos no dia 13 de julho de oitenta e nove.

E qual foi sua primeira impressão quando você começou esse trabalho, de organização dentro do MST?

Na verdade, eu fui conhecer o MST no seminário em oitenta e seis quando a gente foi pra Comunidade da Terra que sempre acontecia no Rio Grande do Sul no litoral (não entendi, 15:25) depois em julho de oitenta e seis depois o pessoal (não entendi 15:28) Sarandi, Porto Alegre eu participei de passo Fundo até Mar Alto, oitenta e poucos quilômetros a caminha daquele dia. Daí no seminário que eu participei duas pessoas foram sorteadas para ir até Canoas, sem pagar. Tudo encaminhado até Porto Alegre e eu fui sorteado. Ai eu comecei a entender o que era o Movimento Sem Terra ai já comecei logo na luta dos trabalhadores. Já tinha uma consciência devido às leituras (não entendi, falou muito rápido 16: 18) e no município eu já fui pra lá porque tava precisando e fui chamado. Na verdade estavam precisando de alguém (não entendi,16:33). Fui eu e um outro companheiro que fomos fazer este trabalho e eu participando do PT. Já participando ali em Chapecó com o pessoal da região, o pessoal da política. Isso em oitenta e sete. Então, na verdade eu já conhecia o movimento, qual era a base do movimento.

Então você participou do curso de formação política do MST e como é a atividade de formação política?

Formação política eu diria que é um curso base. A gente trabalha o que é o Movimento Sem Terra, seus objetivos,... o que é o movimento, seus princípios, ação de luta, o que significa os símbolos, como se constrói os símbolos, a questão da mística e (não entendi 17: 22) como é que a sociedade vai produzir sua subsistência, de um lado está o capital, do outro está o Sem Terra e que estão em constante luta. E perceber quem é nosso inimigo. Trabalhar nesta direção de fazer perceber e o resto de organização de base, né. a partir da teologia da Libertação, das Comunidade Eclesial de Base, no início. Hoje tem um método próprio.

E aí como você continuou suas atividades dentro do movimento?

Em oitenta e nove fui pra ocupação. (não entendi 17: 59). Eu fiquei na coordenação de núcleo. Comecei a participar como coordenação núcleo novamente enquanto coordenador de núcleo já no meio do ano no setor de formação do acampamento trabalhava... e fui trabalhando... fiquei acampado oitenta e nove, noventa, noventa e um, alias, oitenta e nove, junho até dezembro em Palmasola e tivemos que sair da área lá. **O que aconteceu?** Problema da reintegração de posse. Tivemos que sair da área. **Aconteceu despejo?** Aconteceu de sair tivemos que sair. E daí nós fomos, uma parte foi pra sede e outra parte foi (não entendi 18:58). Aquele pessoal ficou assentado em Água Doce e outra parte nós fomos juntos com aquele pessoal lá. Ai fomos e acampamos em Campo Erê numa área.

Campo Erê é Santa Catarina?

Oeste de Santa Catarina. (cadeira mexeu) (não entendi 19:40) e lá ficamos oito dias com o pessoal lá. Daí ficamos um tempo lá e como (não entendi 19:54) a maioria desistiu e ficamos em cinco. Dois foram assentados (não entendi) pegaram vaga no assentamento na fronteira, na divisa. E os outros três em uma outra ocupação em (não entendi 20:06). Em janeiro de noventa e aí ficamos lá 91, 92, 93, 94. Eu participei de umas trinta ocupações. Turvo em Santa Catarina, Campos Novos, Santa Catarina, Butiazinho, Santa Catarina, e naquela região lá uns quatro anos e daí em 94 eu tive que ficar com o pai porque só tinha um irmão junto com o pai e daí (20: 38) e aí voltei pra casa. Fiquei 94, 95, 96 e 97 na casa do pai. Em 98 eu volto pro Movimento Sem Terra de novo porque eu não me adaptei mais aquela vidinha de sempre na comunidade, né. Onde era roça, casa, igreja, roça, casa. Então eu volto em 98.

Quando você volta o que você faz no movimento?

Vou pra ocupação e ser um simples acampado pra ter um pedaço de terra. Mas não deu.

O que aconteceu?

Não deu pra eu ficar só nisso (risos). E os caras me chamavam pra participar da coordenação e participando da Brigada e daí eu fiquei em 98 a 99, até outubro de 99. Até agosto, agosto de 99 eu fui participar da marcha do Rio de Janeiro à Brasília. Era mais de mil e quinhentos quilômetros. Saí pra marcha, mas antes de sair pra marcha (não entendi 22:05) no litoral. Sempre ia terminar no litoral. Em outubro e aí cheguei participando da coordenação e daí em dezembro eu fui chamado pra coordenar o primeiro projeto do PRONERA em Santa Catarina de jovens e adultos. Ser coordenador geral da Brigada na Educação de Jovens e Adultos.

E como foi este trabalho?

O trabalho foi bom o trabalho. Aí eu comecei a me interessar pela educação. Nunca tinha esperado trabalhar na área da educação, nunca. Assumi assim. Fui convidado (não entendi 22:57) foi três meses em dia depois ficamos nove meses atrasados. Trabalhando assim, pois não tinha liberado o dinheiro, né. ia bem sem o dinheiro, mas ficou a ajuda de custo pra poder trabalhar. E tivemos que terminar o projeto. De certa forma teve alguma coisa boa nos primeiros resultados, de aprender um pouco mais. Eu gostei de trabalhar e assim foi bom. E depois no segundo projeto eu não trabalhei com EJA e no terceiro eu entro de novo como coordenador de EJA foi em 2004 e a partir deste projeto eu fui convidado pra fazer o vestibular para este curso de Pedagogia da Terra. Em 2004 eu fui convidado um mês e pouco antes de fazer o vestibular.

Quem convidou?

Foi a coordenadora do Setor de Educação que na época era coordenadora do Programa de Educação de Jovens e Adultos do PRONERA em Santa Catarina. A Sônia (não entendi 24:15). A Sônia convidou, mas isso meu nome foi (não entendi 24:22) alguns cursos de formação os nomes são indicados pela Brigada e depois é enviado. Aquele que precisa (não entendi 24:26)

Então as pessoas passaram por uma seleção? E o critério foi a militância?

A militância.

E qual foi sua primeira impressão em sala de aula quanto ao trabalho dos professores, dos conteúdos e a relação dos alunos que são de diferentes movimentos, né!?

Minha primeira impressão foi, que eu achava, que eu ia encontrar aqui um pessoal mais uniforme. Porque o pessoal aqui tem cinco anos de luta e outros são recém chegados no movimento. Um tem a formação política e ideológica bastante trabalhada e outras (não entendi 25:33). Uns trabalhando em sala de aula e outros trabalhando mais direto assim em toda a organização. Eu imaginava uma coisa mais (não entendi 25:48) aí a própria

questão... aí foi bom pra questão de diferentes movimentos sociais. Teve uns conflitos iniciais, mas depois conseguimos resolver.

Que conflitos teve?

Conflitos a... cada um queria ser... queria colocar o seu movimento (não entendi 26:23) no conjunto da sociedade.

E quanto ao trabalho dos professores, como você faz a avaliação, tanto de metodologia de ensino deles, quanto dos conteúdos históricos trabalhados no curso?

São várias, nos semestres aí são várias tendências, característica e a tendência. Aqui tivemos professores bons. Eu poderia dizer que professores assim na forma de pensamento que mais se aproximava a forma dentro do materialismo histórico dialético, por outro lado nós tínhamos aqueles que eram ecléticos que tiravam de tudo um pouco e faziam uma salada aí e tivemos professores bastante positivistas. Então é a realidade da universidade. E com relação aos conteúdos históricos eu acho que (noa entendi 27:39) o professor de Filosofia trouxe bastante coisa, trabalhou histórica com nós, né. História da Educação também teve. Todas nós tivemos que trabalhar um pouco a História. Na História da Educação, Psicologia. Nós tivemos o professor de didática e uma professora de sociologia que esqueceram historicizar a sociologia rural. Trazer como é que a questão do rural aparece na sociedade. Ela pegou dados atuais, mas passou pra nós mas sem historicizar esta questão.

E quanto ao estágio. Você fez estágio onde e em qual escola?

Um estágio de EJA eu fiz num acampamento de Sem Terra em Santa Catarina.

Qual é o nome do acampamento?

(Não entendi 28:55) eu trabalhava com EJA já. E como eu trabalhava com EJA eu trabalhei bastante o aluno a escrever eu trabalhei desde os conteúdos. (não entendi 29:19) como é que o solo foi se constituindo. Sempre levando (não entendi barulho dos outros alunos conversando 29:30) do processo histórico. Na EJA eu não tive muita dificuldade na EJA.

O que você trabalhou?

Eu trabalhei a questão da agroecologia. O tema era a agroecologia.

E a partir deste tema o que você trabalhou?

Trabalhei a Matemática, trabalhei o Português, trabalhei História e Geografia, mas nada de forma separada foi junto. E a História pra mim foi o fio condutor dessa experiência. O fio condutor na educação tem que ser a História. Ta tudo escrito lá (risos) escrevi lá (se referindo ao questionário). O que produz a humanidade? É a História. Então, pra mim é... e no estágio aí no Assentamento das Missões neste município aqui, Francisco Beltrão. Fiz eu e o Hélio. Fizemos em dupla eu e o Hélio. A gente trabalhou matemática e a ocupação do sudoeste. Então, a gente trabalhou a questão histórica também. Começou a trabalhar com os portugueses, aí os portugueses vieram pro Brasil. Começamos a trabalhar do amplo pro geral (acho que quis dizer "Local"). Nós íamos chegar na ocupação do sudoeste. Aí começamos a trabalhar os portugueses chegaram encontraram os índios. Onde no Paraná, o que eles fizeram com os índios. A questão histórica a ocupação do sudoeste, a Revolta dos Colonos aqui para depois trabalhar o assentamento lá. Trabalhar a ocupação daquele local, naquele assentamento. E nisso aí entrou o Português, entrou matemática, História e Geografia naturalmente juntos. Trabalhamos juntos História e Geografia pra falar da ocupação. Estão interligados, né.

Na Revolta dos Colonos o que vocês trabalharam?

Na revolta dos Colonos nós trabalhamos a questão da ocupação do espaço dos colonos que vieram do Rio Grande do Sul e ocuparem o espaço e (não entendi 32:130) aí trabalhamos a questão da terra e a luta. A mesma luta que os índios fizeram... a mesma

luta que o estado fez, a mesma luta dos colonos pela terra, a mesma luta que aconteceu aqui, naquele local lá. E os colonos conseguiram pela luta pegaram em armas. Muita gente morreu por causa disso. Então estas questões ...

E qual foi a metodologia utilizada? Que tipos de atividades vocês propuseram para as crianças pra trabalhar este tema?

A metodologia utilizada foi assim, metodologia no diálogo e produção em conjunto. Por exemplo, nós trabalhamos a questão da ocupação do Paraná. Os portugueses, nós fizemos um mapa grandão, um mapa do Estado do Paraná e com eles fomos vendo quem e por onde foi sendo ocupado e quem já morava no local, né. Trabalhamos a questão da legenda (não entendi 33:34) .

No mapa?

No mapa. Ajudava eles a fazer e dialogando. E estar entregando algumas questões dos textos pra eles ler e estes textos nós aproveitávamos para trabalhar o Português. Dava pra trabalhar verbo e coisas da gramática.

E como foi a forma de avaliação de vocês?

Nós avaliamos de tentar se aproximar do objetivo. O nosso objetivo era que eles entendessem que na ocupação do Brasil já tinha gente morando e houve conflito. Isso eles conseguiram compreender. Houve conflito na ocupação do Brasil, na ocupação do Paraná com a ocupação do sudoeste, assim como na ocupação em que eles moravam. O objetivo era esse eles conseguirem entender que tem um processo histórico (não entendi 34:41). Na verdade não tinha tempo de fazer uma discussão em conjunto (não entendi falou muito rápido 34: 57), mas neste sentido eu acho que conseguimos alcançar...alcançar não, se aproximar do...

E como foi o seu trabalho de conclusão de curso? Qual foi o tema, metodologia que você utilizou? Já terminou, chegou a algum resultado?

Meu TCC, meu tema é a Educação de Jovens e Adultos e trabalhei o problema da evasão de jovens e adultos em acampamentos e assentamentos ligados a Brigada Ozenir de Oliveira. Aí eu trabalhei algumas questões, eu comecei trabalhando como é que os municípios vêm a educação no Movimento Sem Terra. A questão da Educação do Campo foi discussão teórica e depois fui trabalhando assim como foi a História da Brigada a necessidade de estudar a vida dos sujeitos do campo, sujeitos Sem Terra, dos assentados e acampados, a formação dos educadores. Eu cheguei a resultados no seguinte sentido. Eu não tinha interesse em saber causas e conseqüências, não queria saber. Positivista nas Ciências Sociais pra mim não funciona. Causas e conseqüências ou causa e efeitos. Eu utilizei o método do materialismo histórico dialético. Pensando em aproximar ali questões também de tempo que não queria botar e faltaram elementos de campo mesmo, de documentos empíricos. Tinha que voltar e não consegui voltar e me prejudicou. Eu queria perceber algumas razões que existem à resistência no acampamento, a evasão de jovens e adultos em relação às práticas dos educadores em sala de aula. O problema é como é organizada essa relação. Questão das políticas públicas pro campo, a questão da visão das políticas públicas de saúde, questão alguns falam da distância do local onde mora pra escola, a necessidade de trabalhar à hora pra sobreviver. Aí não vem sempre. Falta e um e outro desistem. Ver estas relações. E isso aí são coisas relacionadas com a evasão. Buscar relações. Ver relações que não existem não tem haver. Então, foi quatro ou cinco pontos que levantamos que ficou assim. Aí tem a questão da formação política pedagógica dos educadores porque o programa consegue trabalhar a formação mesmo enquanto fundamento da pedagogia e da baixa escolaridade dos educandos e dos educadores que tem a sétima, sexta, quarta. (Não entendi falou muito rápido 38:18) mesmo que tivesse a oitava nunca ter trabalhado com educação, nenhum fundamento. Nunca ter trabalhado e aí ele, na capacitação a gente

tem que trabalhar como o aluno tem que trabalhar e, inclusive, tem que ensinar os conteúdos que eles tem que dar para os alunos. Então, não sobra tempo pra trabalhar momentos... eu acho necessário, fundamental, não só trabalhar com o professor, trabalhar com o educando muito mais em jovens e adultos para que ele permaneça e se sinta bem na sala de aula. Precisa aprender fundamentos da Pedagogia pra pegar um bom método de trabalho E muitas vezes essa pessoa não forma com... mesmo porque não há tempo. Não dá tempo e mesmo que desse não é em dois, três dias que se aprende isso. Então, é... muito mais essa questão de ver as políticas públicas com a formação de educadores pro campo na questão da Educação de Jovens e Adultos. Tem que ensinar fundamentos da Pedagogia pra ele. Fundamentação mesmo na Psicologia, na Sociologia, Filosofia, na Didática também é importante. Essas questões que precisam ser estudadas. E em relação a própria questão que... do ... muita gente assim de ter o próprio educador se desestimula muitas vezes não recebe extra, recebe atrasado. Isso que dá relações nas políticas públicas.

Aqui no curso na disciplina de Educação e Trabalho houve uma polemica levanta estes dias sobre o PCC. Como você avalia o PCC? Você acha que ele é um movimento social conforme dito pela professora?

Depende, depende se o PCC é um movimento social ou não é. (risos). Depende de onde se olha. Enquanto o movimento que articula lutas, que mobiliza gente, o PCC não é. O PCC não mobiliza gente. Gente n sentido de fazer (não entendi 40:48). O PCC não mobiliza gente e (não entendi 40:53) pra tirar. O PCC e os quatro ou cinco comandantes que mandam tudo (não entendi 41:00) se vende numa necessidade de sobreviver também. O PCC pra mim não é movimento social é mobilização social que não contrapõe o capital, não enfrenta o capital, não enfrenta o capital porque ele é formado por uma facção de capitalistas que estão juntas. Se pegar o Beira Mar, por exemplo, não é Beira Mar que é o chefe, não é o Beira Mar, o Beira Mar está preso. Não é ele o chefe, não é ele que comanda. É uma outra turma e nem (não entendi 41:42). É um movimento internacional, não é nacional. Enquanto o capital não se vê ameaçado e o capitalismo não perder a vida ele não vai enfrentar porque é bom pra ele. Porque parte da economia é mexida com o tráfico. No momento que a economia ta muito boa pro capitalismo e a sociedade não consegue sustentar. (não entendi 42:43). Não é igual na Itália, acho que 90. A justiça lá matou um monte por vontade do narcotráfico. Os narcotráficos são dos capitalistas. Acabou. No Brasil (não entendi 42:49). Por enquanto ta ajudando a movimentar a economia. Então, pra mim o PCC não é um movimento social é uma mobilização social criminosa só que alguns fazem por dinheiro e outros fazem pra sobreviver. Que vivem também da extração da mais-valia. Porque não são eles que produzem. Tem os peões pra produzir. E esses peões produzem a mais-valia porque é a base da comercialização, né. Então, eu acho que não é movimento social. É uma mobilização social que não está enfrentando o capital, não está enfrentando o capital e vários capitalistas estão juntos. Por enquanto eles estão disputando o capital. É uma disputa entre facções de classes. Assim como existe uma luta entre a indústria e o banqueiro (não entendi 44:05). Isso faz parte. Eles não querem uma nova forma de organizar a sociedade (não entendi falou muito rápido 44:19). Onde o salário diminui.

Durante os quatro anos de curso quais recursos vocês tinham disponíveis para fazer trabalho, trabalho nas disciplinas? Que tipos de recursos vocês utilizavam? Biblioteca, internet?

A internet foi pela Assesoar tem internet ali pra nós usar. A biblioteca do curso do próprio projeto do PRONERA. Nós temos a biblioteca da UNIOESTE, também podemos usar aquela biblioteca lá e tem a internet, a televisão é daqui que a gente assiste pouco porque o nosso horário é bastante controlado. Inclusive fecha a cozinha

depois da janta, os jornais um local e um semanal (não entendi 45:42) basicamente são essas coisas. E no restante os recursos é (não entendi 45:58).

Eu queria pergunta pra você o que é revolução? O que você entende por revolução?

Revolução é uma mudança. Mas é muito mais que uma mudança pura e simples. Revolução é revolucionar de novo é... Revolução é uma troca radical das formas do trabalho pra produzir a sua existência. Vamos pegar a Revolução Industrial. A primeira Revolução Industrial foi a entrada... não tinha máquina nenhuma e que nem tinha motor que era a manivela as coisas. Quando inventam a máquina a vapor dá aquele “boom”. Uma explosão assim, uma mudança mesmo, né, de forma de produzir. A segunda Revolução Industrial é a questão da entrada da... nova organização do trabalho e se pegar a mudança do modo de produção é a mudança dos modos de produção. Pega lá a passagem para o Capitalismo tem a questão dos burgueses e a forma de organizar a sociedade feudal, a forma de organização da família, a forma de produzir. Na organização burguesa muda a forma da família, muda a forma da propriedade, muda a forma da organização social de classe, muda tudo. E na Revolução Socialista é uma forma totalmente diferente da sociedade se organizar. Após vai ter outra forma, a forma de produzir vai ter outra forma. Outro processo, de outra forma. A organização do trabalho vai ser diferente também. Tudo isso é uma mudança brusca de uma forma de produzir à outra forma de produzir. É mudar é... não é mudar é transformar.

Qual seria a função do ensino de história para os anos iniciais da educação e aqui dentro do curso de Pedagogia? Como você vê a função do Ensino de História, quais são os objetivos do ensino de História no curso e para os anos iniciais da educação? E se você considera algum conteúdo importante pra fazer parte do currículo dos anos iniciais?

A função da História é fazer com que as pessoas comecem desde cedo nos anos iniciais de que tudo o que existe foi construído no processo histórico. (não entendi 48:58). Então, é isso a função da História é fazer que as pessoas consigam compreender que as coisas não acontecem naturalmente. Mas que elas são assim historicamente e socialmente construídas no contexto da humanidade. E pra saber tanto aqui, quanto nos anos iniciais, no ensino superior e em qualquer espaço. E pro currículo nos anos iniciais achei muito interessante trabalhar a questão da História Local, vida da História Local. Mas não trabalhar a histórica local como se morando lá no rio Grande do Sul sem saber de onde vieram, não considerar o processo histórico. Que vieram de São Paulo gente para o noroeste do Paraná sem saber por que, sem contexto histórico. Ia gente do nordeste pra São Paulo por que vieram ou porque passaram fome lá e vieram. A função da História nos anos iniciais é estudar o processo histórico na construção da humanidade. Essa é uma questão fundamental de estudar no currículo a história local, mas enquanto processo de construção. Não como... como é que se foi construído a localidade. Principalmente isso tem que entrar quando trabalha a História Local, história municipal, História regional, praticamente, a História do Brasil. Trabalhar a História do negro com a História local. Quando tiver europeu pode trabalhar o contexto europeu na história local. Quando tiver nordestinos junto pode trabalhar o processo da história porque eles vieram para cá, mas dentro sempre da História Local, né. E vai por aí o currículo. E me parece que toda a cidade tem história local só que é a História de uma comunidade, estudar o fenômeno local, História do fenômeno local fazendo várias relações, né. desde a primeira série tem que usar o método do materialismo histórico dialético. Esse método para a questão da História. Outra questão também pra trabalhar na História deveria ter 60% do horário, de horas para poder trabalhar. Por exemplo, como é que se deu a questão de ler e escrever. Como é que se deu o processo da escrita,

a História da escrita. Como é que se deu a História da Matemática. Por conta do que o homem começou a escrever 1+2 embaixo do outro. Como é que eles faziam no início? Como é o processo histórico disso aí? Tudo isso aí é trabalhar a História, né.

E pra você o que é ser Sem Terra?

Ser Sem Terra pra mim é... tem duas forma de conceber. Uma questão é que se escreve sem-terra com letra minúscula e com hífen é a situação de terra, né, que é uma coisa sem terra. Mas eu era um Sem Terra sem (não entendi 52:20) no primeiro momento que fala o Sem Terra é parte da organização de terra que tem seu movimento, considera a luta desse movimento importante, os livros e os princípios. Então, Sem Terra é uma identidade e o adjetivo sem-terra se transformou em substantivo Sem Terra. É uma coisa maior porque não adianta simplesmente ter a condição de ser sem-terra, isso já tá cheio, né. e esse não é ser sem terra considerado pela sociedade ser Sem Terra é considerado aquele que faz parte de uma luta e que tem uma identidade, uma identidade Sem Terra. Ele não é mais visto como, eu não sou mais o Paulo. Qualquer lugar que tu vai, num acampamento num assentamento eu não sou visto mais como Paulo eu sou visto como Sem Terra. Eu me identifico com o boné, com a bandeira, com o símbolo, me identifico com a luta, me identifico com os objetivos, com os princípios. Então ser Sem Terra é ser sujeito. É fazer parte de uma organização que luta pela terra, para a Reforma Agrária e para a transformação social. Ser Sem Terra é isso ser sujeito da construção histórica.

Obrigado pela entrevista.

(aluna 09)

Hoje é dia 13 de janeiro estamos em Francisco Beltrão no curso de Pedagogia da terra...pra educadores das escolas do campo e vou conversar agora com a aluna 09 que é aluna do curso.

Aluna 09, primeiramente, onde você nasceu?

Eu nasci em Crisiumal, Rio Grande do Sul e tenho 22 anos.

E você nasceu...morava no campo ou na cidade?

No campo. Eu nasci no campo e a maior parte da minha vida foi no campo.

Qual é o nome da comunidade em que você morava?

As comunidades... no Rio Grande do Sul uma comunidade era Mato Queimado e aí depois com...seis anos, cinco pra seis anos eu fui morar com minha vó pra estudar. Então Mato Queimado é no Rio Grande do Sul eu vim morar com...não agente já morava no Paraná. Do Rio Grande do Sul a gente veio pro Paraná pra Foz do Jordão perto de Guarapuava. E ai no ano que a gente foi morar pra lá eu fui morar com minha avó. Que ficava muito difícil pros meus pais me levaram todo dia na escola. Era longe e tal. Aí foi Cerro da Lola o nome do outro lugar é uma colônia de alemães e italianos e aí retornei pra Foz do Jordão depois a minha família veio morar pra São Pedro do Iguaçu, Paraná, também. E de são Pedro do Iguaçu eu fui pra Cascavel no acampamento.

E a sua família está morando onde hoje?

Ela mora em São Pedro do Iguaçu.

Você tem irmãos?

Tenho uma irmã de 20 anos, 21. e um irmão de 19.

Eles moram em comunidade rural?

Aminha irmã mora na cidade em Toledo. Lá de São Pedro. Meu irmão mora com meus pais.

Qual é a profissão deles?

O meu irmão ele... é agricultor. E a minha irmã é enfermeira.

E dos seus primeiros anos de escolarização... é... do que você se recorda, da escola? Você lembra do nome da escola?

Lembro. O nome da escola era escola Rural Municipal São Pedro. E...eu lembro muita da minha professora. Quando eu tava na casa da minha avó. Ela conversava bastante comigo, me incentivava, me apoiava e eu chorava muito... eu me lembro da escola como um lugar bom. Um lugar gostoso. Não tenho nenhuma lembrança ruim da escola. Não foi uma lembrança que tenha me reprimido de alguma forma. Tudo o que eu me lembro deste primeiro ano de escola é bom. Eu tenho muita saudade, muita saudade.

Como era a escola em si? Tinha muitas salas, era classe multisseriada, como era?

A escola era por série, era uma escola só de educação infantil. Séries iniciais do ensino fundamental. Era uma escola numa comunidade. Ela tinha muitos portões, mas os portões nunca ficaram fechados, tanto na frente, como atrás da escola. E a gente podia sair escola ir pro campo da comunidade que tinha lá perto, brincar, ou então, caminhar. E tinha bastante árvore. Era a estrutura de uma escola normal, mas não ficava fechada. Então a gente podia circular por aquele espaço.

E o que você lembra de sala de aula? Dos conteúdos que eram trabalhados, do material que a professora utilizava em sala de aula?

Então, a gente usou uma cartilha o ano todo. Essa cartilha, eu lembro bem certinho. Ela foi entregue pra gente quando a gente estava começando se alfabetizar. Então foi lá na metade do segundo bimestre. Até, então, a gente usava o cadernos. A professora usava bastantes recursos didáticos visuais. Então a sala era assim toda cheia de leituras por todos os lados. A gente recebia bastantes desenhos, bastante ilustrações. A gente foi uma vez fazer letreirinha no campo de futebol com giz, a professora deu giz. Uma não, várias vezes. Então no começo ela falava: Vamos desenhar tal letra. Agora cursiva, agora caixa alta.. então, a gente foi várias vezes pro campo desenhar lá na quadra de cimento. E a sala como já falei e depois veio essa cartilha que eu tenho até hoje guardada. E era uma cartilha que trazia todas as matérias, né. Era uma única cartilha. E agente trabalhou com ela até o final do ano e provas. Eu só lembro de provas no final do ano que a gente fez uma prova de cada disciplina, aí eu lembro...

Lembra dos conteúdos que ela cobrava?

Uma eu lembro. Eu lembro da disciplina de ciências que era as partes do corpo humano, as partes da planta. Aí eu lembro de uma pergunta que deveria ser da prova de História. É...sobre o avião. Perguntava sobre a função do avião e... Acho que era isso. Qual era a função do avião. E perguntava mais uma coisa sobre o avião, mas eu não lembro. Matemática tinha prova de matemática. Eu não lembro mais ter feito prova de português. E até eu lembro assim, eu fazendo a prova de ciências e eu pensei comigo. Porque que eu tenho que ficar fazendo um monte de coisa que eu já sei. Aí eu lembro assim que a gente podia terminar as coisas e sair brincar que depois o ônibus passava lá pegar a gente. E eu fiz a prova bem correndo. Porque eu falei: ah! Vou fazer de qualquer jeito eu já sei tudo isso. Eu não sabia o que era prova. Eu não lembro de ter na minha cabeça esta coisa, prova, prova, prova! Aí eu lembro que eu fiz ela bem rapidinho pra eu poder ir brincar, porque era meus últimos dias ali na comunidade. Assim que terminasse o ano eu ia voltar. Vou ter que voltar pra casa dos meus pais.

E dos conteúdos históricos, o que você recorda? Como era a prática do professor em sala de aula? Com a disciplina de História.

Nos anos iniciais?

Sim.

Só um pouquinho... eu lembro mais da disciplina de matemática... de ciências.

Quais as disciplinas que você mais gostava?

De ciências, de Português...verdade eu não to lembrando de História.

Deixa eu fazer uma pergunta. Quando você freqüentava a escola, você ajudava no trabalho em casa, na agricultura?

Eu ajudava nos trabalhos em casa. Fui pouco pra roça com meu pai com minha mãe. Como meus irmãos eram mais novos do que eu meu pai e minha mãe tomavam conta da roça e eu cuidava deles e fazer as coisas da casa. E sempre foi assim. Sempre fiquei em casa. Fazendo atividades de casa enquanto eles iam pra roça. Aí eles, quando meus irmão cresceram um pouco mais aí meus irmãos iam pra roça com eles, mas eu continuava em casa. Fazendo almoço, lavando louça, lavando roupa.

E como era a condição de saúde, de trabalho, de comércio, lá, né? Como era a relação de comércio na agricultura? E de transporte pra escola, você ia a pé, ia de ônibus?

Eu ia, sempre fui de ônibus. Tanto quando eu fui morar com minha vó, e quando eu fui morar com meus pais. E aí quando a gente morava em Guarapuava, em Foz de Jordão eu lembro que a gente tinha que caminhar 1km e meio atravessar um campo de laje, assim, sabe. 1km e meio pra ir e 1 km e meio pra voltar. E aí depois, em São Pedro também. Tinha que caminhar pra pegar o ônibus, mas aí já era um pouco mais perto. Era 1 km. E sempre foi assim eu tinha que caminhar. E quanto ao comércio. A gente sempre viveu com a família em comunidades pequenas. Então o comércio, em que sentido você fala assim, comércio? Do que eles produziam?

Da produção da sua família?

Então,... a minha família sempre, sempre tirou leite, gado leiteiro. Aí o leiteiro vinha buscar. Aí as pessoas vinham buscar na casa. E aí sempre plantaram soja, milho e aí a maioria das coisa pra nossa subsistência. Então, assim, eu nunca via como meu pai vendia, como ele fazia os negócios. Mas eu sempre sabia que era soja, milho e leite. Basicamente isso, né. E aí gado, de vez em quando, vender gado.

E no ensino fundamental de quinta a oitava, onde você cursou, como era a comunidade?

Quinta a oitava. A quinta série eu cursei em Foz do Jordão... era uma comunidade pequena. E aí sexta a oitava série em São Pedro era uma comunidade mais pequena ainda. E até em São Pedro a escola é... ela tem um monte de grade, tem as grades depois tem o muro. Uma escola bem... bem fechada. E o ensino de História eu lembro mais de sexta a oitava série. Eu lembro da professora ela era bem exigente e sempre trabalhamos com livro didático, sempre. E eu lembro... muitos conteúdos assim que eu mais recordo foi a Guerra Fria que a gente estudou um tempão, mas eu não...só fui entender no ensino médio o que era Guerra Fria. Foi um conteúdo bem longo, mas eu não entendia. Pensava várias coisas sobre isso, mas não entendia...muito bem. E eu lembro , também, de estudo de São Tomás de Aquino, Santo Agostinho. Lembro de ter estudado um pouco...porque a gente não tinha filosofia, né, de quinta a oitava, então tinha umas partes da História que puxava pra este lado, né. Daí as épocas e coisa e tal. Eu lembro desses dois...tantos.

Como era a relação dos alunos com os professores?

(silencio) hummm.....

Era amigável?

Sempre foi amigável, assim. Toda as salas que eu estudei nunca teve problemas assim, de ameaça, assim. Desrespeito tinha. Mas ameaça, confronto eu não lembro disso.

E como era a participação dos pais na escola, tanto na primeira a quarta, quanto na quinta a oitava?

Muito pouca. Sempre foi muito pouco. Eu só lembro, assim, dos pais na escola, ou quando eram chamados, ou quando era assinatura de boletins. E quando era assinatura de boletins os filhos não podiam vir juntos. Eu lembro que a professora regente dizia,

assim: “olha, é melhor vocês não viram porque tem coisas que eu vou conversar com o pai de vocês, se vocês tiverem juntos vocês vão sentir muita vergonha.” Dependendo do caso. “Então se vocês virem com ele. Deixa eles virem assinar o boletim, daí vocês não fiquem perto” (risos).

Corria qual risco?

Olha, o risco eu acho que era de ... da gente perceber a decepção do pai e da mãe. Mas no meu caso nunca tive este problema. Nunca fui, meu pai minha mãe serem chamados na escola, nunca levei bilheteinho, nunca tive notas muito baixas.

E o ensino médio, onde você cursou?

No ensino médio eu cursei em São Pedro, em Toledo e em Toledo foi em três colégios. Eu comecei em São Pedro o primeiro ano, aí fui pra Toledo no final do primeiro ano. E aí o segundo ano eu cursei em Toledo, também, e aí passei por esses três colégios. E aí no terceiro ano eu fiz em Toledo, também. E no segundo semestre eu voltei pra São Pedro.

Eram escolas rurais ou urbanas?

Não. Eram escolas da cidade.

Porque você mudou tanto de colégio?

Eu mudei de colégio porque eu fui morar num convento. (silêncio).

Com que idade?

(voz baixa) com quatorze anos. Eu ia fazer quinze anos.

Que atividades você fazia no convento?

A gente tinha que trabalhar. Fazer o serviço de limpeza. No final de semana ajudar numa panificadora... que as irmãs tinham. A gente ajudava em aulas de reforço porque elas faziam um trabalho com os meninos carentes da cidade. E agente ajudava a fazer chocolate, também. A gente ajudava..., enfim, ajudava em várias coisas. Eu não lembro de tudo. A gente, também, tinha aula de trabalhos manuais que era bordados, enfim. E aí todo o trabalho que a gente fazia ele ia pra venda, também, ele não ficava pra gente. Bastante estudo, ir muito à igreja.

Mas aí você ia pra escola ao mesmo tempo que você estava morando no convento?

Sim, porque o convento que eu tava eu escolhi o semi-internato. Então a escola que eu ia estudar eu podia escolher. Então, eu estudei numa escola próxima ao convento, no início, aí depois eu estudei num colégio...num colégio das irmãs, mesmo, que elas tinham o convento e aí elas tinham °... a escola também. Então a princípio eu não quis estudar na escola delas. Quis estudar numa escola fora e depois eu passei a estudar na escola delas mesmo. Mas depois eu resolvi sair do convento, mas continuei morando em Toledo. Então aí eu fui morar na casa de uma amiga. E eu acabei tendo que mudar de colégio de novo em função do...por ser mais próximo.

E quais as diferenças entre o ensino das escolas das comunidades rurais que você freqüentou e do ensino médio, já na cidade? Quais as principais diferenças que você vê?

Eu aponto como a maior diferença na relação e não no conteúdo. O conteúdo a forma de ensinar...tinham as diferenças mas não eram grandes, sabe. Não faziam a diferença. A diferença era na relação dos educandos dos professores. Nas escolas de comunidades menores, no campo. A gente pode ver no campo, ainda, eram mais próximas, de mais amizades de se conhecer e tal. E na cidade era mais individualismo...não chegava a ser individualismo a gente não tinha uma relação tão próxima com os professores, com os colegas. Era mais superficial.

E quanto à relação de alunos com alunos como era?

No começo, quando eu estudava na escola e morava no convento existia um certo repúdio em mim, né. Não sabiam o que falar comigo, não sabiam quais eram meu

assuntos e eu também não me sentia...não me sentia uma adolescente normal (silêncio). Pelo fato de ...de que se conversava sobre bares, sobre festas, sobre namorados e esse não era, não era a minha realidade. Então, sempre tive amizade com todos, mas nunca tinha... Companheirismo. Eu acho que era isso, companheirismo. Eu tive muita amizade com uma professora. Essa professora era uma professora de História no ensino médio. E ela me deu aula tanto na escola pública, quanto na particular que era o colégio das irmãs e ela não me.... não colocou o que ela pensava pra mim. Mas ela me fazia questionamentos. Ela me fazia...até mesmo insinuações sobre o fato de eu estar no convento, de seguir uma vida religiosa. Eu lembro assim que ela conversava comigo, assim, não com relação ao que eu podia e eu não podia fazer, mas com relação a perspectiva de vida, de mundo, de liberdade, de alienação. Hoje eu entendo um pouco do que ela queria me dizer. E eu lembro que ela foi uma pessoa que me trouxe muitas reflexões. E ela a única professora que não fazia prova, eu lembro disso também. Ela era a única que não fazia prova.

Conte-me sobre a prática dela em sala de aula?

Ah! Ela iniciava um capítulo do livro do livro didático. Ele seguia o livro didático. Mas eu lembro, assim que a gente nunca ficava lendo o livro didático. Isso era pra ler em casa como um conteúdo de apoio. Só a seqüência dos conteúdos no livro didático. Ela conversava, colocava fatos, apontava pra outras coisas assim, o que que isso refletia, quais as conseqüência disso hoje. Então se a gente tinha curiosidade sobre o assunto a gente lia em casa no livro. E as provas dela era textos sobre o que a gente tinha entendido do assunto, né. Então, o tempo todo era isso, né. Trabalhos em grupos. Perguntas que a gente colocava a opinião da gente sobre aquilo. Enfim, era assim, bem dinâmico o trabalho dela...bem, bem legal. Eu acho que ele foi uma das primeiras pessoas na minha vida na escola que me levaram a pensar sobre o que é prova mesmo, né.

E quando você entrou no movimento?

Eu entrei no movimento em maio de 2003.

Qual foi sua primeira impressão?

Ah, eu achei tudo muito maravilhoso. Me apaixonei! Até idealizei algumas coisas assim, achando que tudo fosse perfeito, que fosse tudo maravilhoso. Eu conheci o acampamento... o movimento através de um projeto de escola. Mas conheci o movimento nova, e a prática do MST era o acampamento. Quando um grupo de famílias ocupou uma área em São Pedro, uma cidadezinha pequena foi uma polêmica! Aí o professor montou um projeto com a gente. O projeto era o Aprendiz do Futuro porque a gente não chegou até o final porque ele parou com o projeto. E aí ele levou a gente para conhecer um acampamento. Eu lembro que a gente tinha que fazer um questionário que a gente acabou não dando continuidade estudo àquele questionário que era, porque as famílias vieram acampar, qual era a perspectiva delas. E aí isso foi na sétima série. E aí depois que eu tinha terminado o ensino médio eu tava fazendo magistério a minha tia que mora do lado desse acampamento acabou ficando desempregada. Daí o pessoal do...na época já era assentamento... falou pra ela fazer um acampamento em Cascavel. Aí ela foi pra lá, conheceu e começou a se acampar e eu ia lá com ela conhecia o acampamento. Aí que eu fui conhecer um pouco mais, a entender de verdade...

E antes o que você tinha ouvido falar do movimento? Antes de ter o contato prático?

O que eu tinha ouvido falar?... as conversas do povo da comunidade que alguns eram a favor, outros eram contra, o fato de ocupar a área lá... e o que a mídia fala, que o MST invadiu, Que o MST é violento....

E aí quando você entrou no movimento o que você foi fazer lá? Em qual área você ficou?

Eu acabei ficando no acampamento, acampando lá, pelo fato de estar se construindo uma escola lá. Então, eu ia lá com a minha tia, conversava com um, conversava com outro e o pessoal começou a falar da escola.

Como era o nome do acampamento?

Primeiro de agosto.

E fica...?

Aí eu contei que eu estava fazendo magistério, e que eu fazia estágio e tal. E o pessoal me convidou pra acampar pra ajudar, pra construir a escola. Então desde o início eu fui não pelo fato de me acampar, de conseguir um pedaço de terra pelo fato da escola dentro do movimento. Desde o início estou no setor de educação.

Há quanto tempo você está no movimento?

Tem quatro anos.

E o que você fazia dentro do setor de educação?

Sempre fui educadora. Sempre fui educadora, ajudei a organizar o setor de educação no núcleo, a brigada no movimento e a partir do olhar do setor de educação ajudava em outras tarefas na brigada. Ajudei a fazer ocupação. Ajudei a organizar outros setores. Enfim, ajudei em várias tarefas, mas sempre a partir do olhar do setor de educação.

E quais ocupações você participou?

Eu participei da ocupação da Fazenda Castelo em Cascavel, também que fica na mesma área do complexo do Cajati. Porque o 1º de agosto fica dentro de um complexo Cajati. Então a Castelo fica dentro do complexo Cajati... ajudei a ocupar a área experimental da Sangento em Santa Tereza do Oeste e.... na ocupação do 1º de Agosto, a gente veio dum outro acampamento do 1º de Agosto. O acampamento Dorcelina (não entendi) eu não tive... eu não participei da ocupação materialmente, vamos dizer assim, concretamente, porque a situação (não entendi) 1º de Agosto foi justamente o dia em que a gente embarcou pra vir pra cá, né. Era a segunda etapa do curso... terceira....terceira etapa do curso, por isso eu não tava lá senão eu estaria lá, também.

E na ocupação que você participou, como foi? Foi violento, teve violência, teve despejo?

A ocupação da Fazenda Castelo ela não foi violenta. Foi bem tudo lento, assim. A gente foi muito pressionado, então teve muito policial na área. Toda hora chegava a informação que a gente ia ser despejado e aí a ouvidoria de reforma agrária veio de Brasília pra tentar fazer uma negociação com a gente. Enfim, de tentar outras possibilidades e por final a gente combinou que a gente ficaria lá por seis meses e assim, seria comprado alguma outra área e a gente sairia dali. Foi bem assim, tensionado essa ocupação. Em Santa Tereza do Oeste a primeira ocupação que a área experimental ela foi ocupada três vezes. Ocupado, despejado, ocupado despejado. A primeira vez foi bem tranquilo. Não teve violência, não teve nada disso. Aí a segunda vez que foi ocupada eu não estava presente. E aí a terceira vez que foi bem violento, teve tiroteio, teve mortes.

Quantas famílias?

Tem sessenta famílias hoje, lá.

E a violência ocorreu por parte de quem? Você tava acompanhando?

A violência ocorreu por parte do latifúndio. Tinha uma empresa de segurança em nome da Sangento, mas na verdade quem dava rédias pra tudo isso era a sociedade rural de Cascavel. Então quando a gente ocupou a gente pediu para os seguranças se retirarem e não teve violência nenhuma. Nada de agressão, nada disso. Simplesmente imobilizou eles e pediu que eles se retirassem. Aí depois de madrugada, aí meio dia eles voltaram e

daí voltaram em muitos e muitos armados e chegaram atirando. E agente vai pra uma ocupação com uma foice e facão, a gente não vai com arma. A gente não vai com munição, com granada com este tipo de coisa, né. Então a gente não teve como se defender. A gente correu e.... mesmo assim uma pessoa acabou falecendo e daí uma pessoa dos seguranças que acabaram falecendo, mas foi eles que se atiraram entre eles. Foi tanta bala pra tanto lado que um deles acabou sendo morto por eles. Eles mesmo, depois tentaram jogar a culpa de todas as formas pra gente. E se fosse o poder judiciário de Cascavel eles teriam dado um jeito de incriminar a gente, mas aí o governador entrevistou e trouxe algumas pessoas de Curitiba pra dar conta da investigação, tomar a frente da investigação. Porque eles sabem como é Cascavel. Cascavel tem uma das.... camadas rurais da sociedade mais organizada, mais violenta e mais bem organizada.

Quem foi que faleceu da parte do movimento?

Foi o companheiro Keno, Valmir Mota, e ele...os pais dele são assentados, os irmãos dele são assentados. E ele ajudou a organizar o movimento em Brasília foi um dos fundador do movimento em Brasília. Ele era um militante que atuou em várias regiões. Aí depois de um bom tempo de atuação ele pediu pro movimento pra mandar ele pra um local onde tivesse perspectiva de assentamento, porque ele queria ser assentado e tal. Tinha família e tudo. Foi aonde ele estava em Cascavel. Ele já tava lá há três anos e meio ajudando na brigada.

E dia aconteceu isso?

Foi dia 21 de outubro de 2007.

Teve repercussão na mídia?

Nacional, internacional.

Como foi? Você acompanhou?

Acompanhei um pouco. (silêncio)

Você era amiga dele?

A gente trabalhava junto. Não só trabalhava junto, morava no mesmo acampamento e quando eu fui pro acampamento ele foi uma das pessoas que me acompanhou bastante, então, me ajudou a crescer...ajudou .. enfim, muita coisa. Ele era um dos nosso dirigentes assim. E ele era muito próximo a todo mundo, entende. Ele era uma pessoa que olhava pra todo mundo, assim, ele conversava com todo mundo. Ele tinha um conhecimento bastante grande. Já eram 18 anos de luta, né. Então ele totalizava experiência de luta dele, então....

Hoje você está atuando em projetos de educação em escolas rurais? O que você tá fazendo hoje?

Eu continuo atuando na escola que eu iniciei...hoje eu não to em sala de aula. Eu to na coordenação da escola. Não diretamente em sala de aula, mas acompanhando as turmas. Foi a escola que eu iniciei, primeiro foi Dorcelina depois ela caminhou. Foi na ocupação do 1º de Agosto depois permaneci na Dorcelina, então eu acompanho esta escola tem quatro anos.

Qual é o nome da escola?

Escola Itinerante Zumbi dos Palmares.

Tem quantos alunos na escola?

Hoje a escola tem 340 educandos, mas já chegou a ter 520.

Como é a escola em si? Fisicamente e material, recurso didático, como é?

A escola, primeiro ela foi nas estruturas que o acampamento tinha. Na época do início dela que foi 10 de novembro de 2003 que era na Pastoral, na casa da Pastoral dentro da Igreja. Então, lá era o espaço da escola. E aí foi de (não entendi) que é um bambu trançado, depois de lona e aí depois a gente conseguiu uma lona melhor que era uma lona preta por fora e branca por dentro, mas o tempo que ele foi de lona a gente teve que

construir ela várias vezes porque dava muito vendaval, muita chuva, então a gente sempre tinha que tá remendando ela. Aí depois foi de esteira de novo, depois de compensado e agora é uma parte de compensado e uma parte de madeira. A escola conta com 42 e dois educadores. Desde sala de aula, secretaria, cozinha, biblioteca, ciranda infantil. E ela é organizada em salas de aula, né, mas não é só em sala de aula que acontecem as aulas, que acontecem os processos educativos.... material que a gente conta... a gente recebe recurso do estado como qualquer outra escola. Mas este recurso não é suficiente. Nem pra nós, nem pra s outras escolas. Ainda mais porque lá é o único recurso que a maioria das crianças tem pra ter um caderninho, um lápis, uma borracha, um lápis de cor que ela ganha da escola. É o que vem da escola. Os pais não tem muitos não tem condições de tá comprando. Então se numa outra escola a criança pega o caderno que ela ganha na escola e o outro caderno ela traz de casa. Lá todos os cadernos tem que vir da escola. Então como o recurso que vem pra escola não é suficiente os educadores todos eles contribuem com parte da sua ajuda de custo pra tá comprando material pra escola.

E você sabe me dizer quais conteúdos são ensinados, como é feita a preparação pedagógica, o projeto pedagógico da escola?

O projeto pedagógico ele foi feito com os educadores e com a comunidade através do setor de educação do MST. A escola organiza os conteúdos a partir do tema gerador. Então, os conteúdos são universais, né. Então o conteúdo que se trabalha numa escola lá no rio Grande do Sul, minas Gerais é o mesmo mas a ...o olhar é diferente. Cada um tem sua metodologia é claro. Então, tem bastante livro didático na escola que a gente tá arrumando (não entendi) a gente usa eles pra pesquisa, pra recorte, enfim, pra distribuir pras crianças ler, fazer o que quiserem. Mas os conteúdos eles fazem parte do tema gerador. E o tema gerador dura 3,4,5 meses depende do tema gerador. E a preparação dos educadores ela é feita principalmente pelo movimento. Então o movimento organiza cursos não só na área pedagógica, mas também, em outras áreas. Filosofia, psicologia, formação política e os educadores também, participam então eles não ficam fechados ao conteúdo escolar ou a formação escolar. Eles têm a formação das diversas áreas. E o estado ele oferece três curso 2 a 3 curso de capacitação durante o ano. Mas esses cursos não é só o estado que pensa, né. O movimento intervém. Agente quer isso, isso, isso e estamos apontado esta pessoa pra ir trabalhar. E, também os curso formais que o movimento em parceria com universidades oferecem que no nosso caso é Pedagogia, tem educadores que estão fazendo magistério. Aí a gente sempre tá fazendo capacitação com o movimento, mas também tem convênios com universidades. Tem educadores cursando superior em agroecologia, é licenciatura em educação do campo, geografia na UNESP .

E este curso de licenciatura fica onde?

Fica em Veranópolis, Rio Grande do Sul em convenio com a Universidade de Brasília, mas aí as aulas acontecem nessa escola de formação do movimento que é o ITERRA em Veranópolis.

Como você decidiu participar da experiência da Pedagogia da Terra e como foi todo o processo, teve vestibular, como foram contatados as pessoas pra fazer o curso, os professores, escolhido os professores, elaboração do projeto pedagógico? Você participou desde o início da experiência? Como foi?

Não. Eu não participei desde o início da experiência. O curso de Pedagogia da Terra ele teve quatro anos de caminhada antes do vestibular. E eu logo que entrei no acampamento eu fui convidada pra fazer o curso.e eu não sabia muito bem o que que era... e nem era a minha vontade, pedagogia. Mas aí eu fui convidada, aceitei e conheço o curso a partir daqui, né. A partir do vestibular, teve vestibular... a partir das aulas. Aí

eu fui conhecendo a organicidade do movimento a partir da organicidade aqui do curso.

Qual foi sua primeira impressão do curso? E suas expectativas?

A primeira impressão foi que era diferente. Eu não sabia diferenciar tudo, todos os aspectos mas era diferente. Qual foi a outra pergunta que você fez?

Superou suas expectativas?

Superou. Superou porque eu estava olhando o curso de Pedagogia a partir da experiência do magistério. Fiz magistério no movimento, então seguia esta linha. Mas não o curso trouxe um olhar pra sociedade como um todo, né. Não só pra escola. E além das disciplinas com os professores da universidade a gente faz vários estudos pra além disso. E uma das referencias é a Pedagogia Socialista, né. Pedagogia socialista a partir da revolução e aí umas das referências é Pistrak, Makarenko e estudamos bastante também a teoria da organização...

Oi que é a teoria da organização?

É esse jeito dos movimentos sociais se organizar, de construir, de construir sua organicidade e estruturar suas bases teóricas... é a organicidade desse jeito diferente.

Qual é a relação entre professores, alunos, aluno-aluno e a coordenação pedagógica como você avalia?

A gente... em todos os passos do movimento a gente aprende a coordenar e ser coordenado e aqui não é diferente. Ora a gente coordena e ora a gente é coordenado. A relação ela muitas vezes é conflituosa, mas não é uma relação de contradição. É uma relação de conflitos porque a gente tá crescendo!... teoricamente. A gente está construindo opiniões e a gente vai propondo e a medida que a gente vai propondo a gente tem que repensar algumas coisas e aí existem diferenças de opiniões então, é nisso que eu falo que existem conflitos tanto na turma, como com os professores, com a coordenação pedagógica, mas não são contradições. E é importante...é importante o conflito porque você vai repensando estruturas que são dadas a partir do momento que daquilo começa a desestruturar, né.

E qual foi sua impressão quanto aos conteúdos que eram apresentados nas propostas de trabalho e no que acontecia em sala de aula?

Foi concomitante. Então, o que os professores apresentavam na ementa sempre foi contemplado durante as aulas. A gente... a gente não olhando assim pro curso não dá pra dizer que tal aula não alcançou os conteúdos propostos, porque quando estava se iniciando uma matéria a gente conversava antes com o professor com o educador, ou então, no andamento da matéria que a gente via que não tava, a metodologia, não tava dando conta de contemplar tudo aquilo que era proposto a gente chamava o professor pra conversar, então a gente nunca deixou pra última hora. A gente desafiava, muitas vezes, o poder do professor, né, no sentido de construir junto, né.

Qual era a reação deles?

Ai. Pra alguns era tranquilo, né, até achavam interessante. Mas pra outros que alguns deles diziam que o problema não está só nas mãos do professor é difícil aceitar esta participação, aceitar a avaliação da turma, ser avaliado pelos educando e não só avaliar. Então nós temos os dois lados. Os professores que concordavam que achavam interessante e os que ficavam na ofensiva, né. “não tem problema comigo o problema é com vocês”.

E como eles organizavam as aulas quanto aos conteúdos históricos?

A História ...ela é uma referência em todos os conteúdos, né. Todos os conteúdos e no nosso caso mais ainda pode se dizer. Porque a gente procura...partir do olhar do marxismo, né. Porque o marxismo ele procura olhar pro mundo atual a partir das coisa que foram acontecendo ao longo da História. Então,... até se eu fosse te citar o conteúdo

mais importante, pra mim, é a História. Porque é a partir da História que tu resolve, tu consegue olhar e consegue perceber as várias outras áreas do conhecimento. E a maioria dos professores que vieram trabalhar com a gente já tinham esta linha teórica, até porque... é uma perspectiva da universidade, né. Grande parte desses educadores tem esse olhar. E na hora de vir pra cá, também, não é qualquer professor que vem, né.

Como ocorre este processo?

Acho que mais por vontade dos professores. Bom, geralmente os professores que vem trabalhar com a gente já tiveram uma ou outra experiências com movimentos sociais, com atividades pedagógicas parecidas com as que a gente tenta construir dentro dos movimentos sociais.

Você já fez estágio? Estágio obrigatório do curso?

Já.

Como foi tua experiência e em qual escola? Relate um pouquinho em qual escola você foi e como foi a supervisão do seu estágio?

As minhas experiências foram maravilhosas. A primeira foi num assentamento...assentamento Ireno Alves em rio Bonito do Iguazu foi com a EJA. A turma que nós fizemos estágio com... eu fiz estágio junto com a Paula. A turma que a gente fez tinha 5 educandos e aquela turma tava em andamento tinha dois meses. E aí a exigência dos educandos, a princípio, quando o educador da turma, o educador regente da turma tava organizando a turma era aprender matemática. Até tava vindo recurso pro assentamento. E eles não sabiam calcular muitas vezes, né. Tudo o que era necessário. Então eles tava fazendo a documentação da terra e eles tinham um medo de serem passados pra trás. Aí a exigência era: “Ó nós vamos sim, mas vocês tem ensinar matemática pra nós”. (risos). E aí foi, então, isso que o educador fez a princípio era ensinar matemática.

E vocês chegaram lá no estágio...?

Já com dois meses de andamento das aulas. Aí nós não enfocamos tanto a matemática. Nós demos aula quatro dias. Era quatro dias de aula, mas no último dia não foi possível, pois acabou falecendo uma educanda. Então, os dois primeiros dias o enfoque foi mais história, linguagem e escrita, né. A gente trabalhou bastante texto. Aí no terceiro dia que foi mais, digamos, direcionou mais para a área da matemática. E foi muito bom, sabe. Todos os educandos eles já eram mais de idade e eu lembro que no segundo dia de aula teve uma educanda que estava escrevendo a árvore genealógica, né. Os nomes a partir do desenho, né. Ela já tinha feito o desenho da árvore genealógica, mas daí ela tava tentando escrever. E ela escreveu o nome dos filhos, os nomes dos netos, e aí ela escreveu o nome do marido dela e aí quando ela escreveu p nome do marido dela debruçou-se na carteira e começou a chorar. (silencio) e aí eu e a Paula fomos conversar com ela e ela não respondia as nossas perguntas e aí ela levantou e saiu correndo pra fora da sala... chorando.....daqui a pouco ela voltou. Ela pediu desculpa por ter chorado. E ela disse que ela só conseguiu escrever o nome do marido dela depois de morto. Fazia um mês que ele havia falecido. E ela não tinha aprendido a escrever o nome dele antes. (emocionada, olhos cheios de lágrima). Então foi um momento assim que... aí ela parou de chorar e aí eu e a Paula começamos a chorar. Foi muito forte, foi bem... nossa foi inesquecível. E a gente aprendeu muito com eles, porque eles tinham o lote deles, eles tinham a família deles e o estudo pra eles estava sendo uma questão de sobrevivência. Eles não estavam indo pra escola, na escola não porque as aulas estavam acontecendo num barracão da comunidade porque era...uma vontade dele. Porque eles tinham tempo pra isso, não. Eles faziam as aulas a tarde. Aí eles contavam pra gente se eles trabalhavam manhã e tarde na lavoura eles procuravam fazer o serviço o mais rápido possível pra adiantar tudo. Pra ter essa duas horas pra vir pra escola. Pra dar conta de

garantir o pedaço de terras deles, de medo que fizessem algum documento, alguma coisa, ou que eles se enterrassem em dívidas depois com financiamento. E aí tinha um senhor que não conseguia escrever mais de meia hora porque o dedo dele doía. 9risos). Porque ele não estava acostumado escrever e aí no terceiro dia ele ficou uma hora e 30 minutos escrevendo! E depois o dedo dele estava inchado! (risos). Que ele tinha se superado!

Como foi a organização didática de vocês, que materiais vocês utilizaram pra dar aula? Teve a segunda experiência, né?

Teve a segunda experiência.

Foi onde?

A segunda experiência foi em Beltrão mesmo. Foi numa escola de assentamento. Eu estagiei junto com a Eolanda numa turma de segunda série. Era uma turma tranqüila, assim...

Qual foi o tema trabalhado com a turma?

A gente enfocou....cultura camponesa. Era naquela época de festa juninas e tal. Daí a gente , então, tirou um eixo que era a cultura camponesa, que era a cultura camponesa. A gente trabalhou um pouco do que é a festa junina e julhina a partir do campo, né, da organização do campo, do resgate da cultura camponesa e num segundo momento o nosso eixo foi história de vida com os adultos. Os recursos que a gente utilizou, no primeiro caso a gente usou só viu um livro de matemática (risos)...

Do EJA, né?

Aham. Usou só um livro de matemática como recurso. E levou junto no caso de a gente precisar ver alguma fórmula e tal, alguma coisa. Era um livro que falava assim sobre... era um livro super antigo, na verdade. Se precisasse de alguma fórmula que a gente não soubesse ficava lá. E no segundo momento a gente utilizou um livro de matemática, também. Pra...como base de apoio pra gente trabalhar medidas. Então a gente trabalhou diversos tipos de medidas mais antigas pé, jarda, a braça... e aí fizemos um resgate desse livro que era um livro que trazia um olhar histórico da matemática. Um livro bem legal. De uma professora que acompanhou a gente lá do ITERRA que apresentou este livro pra nós. O que eu me lembre foi só estes dois porque o restante do conteúdo já dominava. Metodologia, também, eu quanto ela já tínhamos prática em sala de aula, então não precisamos de recorrer a nenhum...

Como vocês avaliaram o trabalho? Que atividades vocês propunham pras crianças?

Pras crianças?... a gente não. Com as crianças a gente tentou trabalhar, basicamente, a partir da construção de textos. Então eles fizeram pesquisas com os pais, eles fizeram várias outras atividades, mas a gente procurava sistematizar tudo isso em textos. Textos que eles construíssem como textos coletivos. Fizemos bastante...problemas matemáticos, também, né, de aplicação. Foram só três semanas... de trabalho. Nós trabalhamos bastante atividade corporal..... e em três momentos eles fizeram pesquisa com a família.

Eram entrevistas, com os pais?

Aham.

O que vocês buscavam destas entrevistas?

A gente buscava resgatar os costumes, né, os costumes deles. Não só do tempo que eles estavam ali na comunidade, mas da família! Da história de vida da família. Teve um momento que a gente perguntou o que era...pra eles perguntarem pros pais deles o que era festa juninas. Aí teve uma menina que trouxe assim, que festa junina era um momento de arrependimento dos pecados. Porque era a religião da família. Então na época de junho e julho eles faziam bastante jejum pra aquela religião e procuravam ler!.

Como a menina falou se arrependeu dos pecados e viver melhor. E a gente trabalhou com toda a sala o que era isso. Aí eu lembro que a menina era bastante quieta assim na sala, sabe. Aí ele falou e contou e a turma toda ficou conhecendo mais o que era esse se arrependeu dos pecados... que era na verdade... parar pra olhar como a gente tava vivendo, olhar como tava vivendo as pessoas a nossa volta, e foi um momento, assim, que durante aquele período eles procuraram prestar atenção, mais, nos outros, né. Como eu te falei era uma turma tranqüila, né. Não... todos eram camponeses, enfim, eles não tinham muitos valores capitalistas. Mas daí eu lembro que naquela época todo mundo procurava conversar mais um com o outro. E procurava brincar com quem não tinha brincado ainda. Foi bem legal.

Então com estas atividades teve mais integração entre as crianças, de conhecimento pessoal entre elas?

Teve. E como eu te falei a gente tentou trabalhar bastante atividades corporais, né. Mas atividades corporais em grupos, que eram em grupos de três, quatro, né. E aoende muitas vezes que você tinha que aceitar a opinião do colega, né. (não entendi) só a tua pra atividade continuar andando. E aí no final a gente viu assim, que se no início as atividades coletivas acabavam virando em brigas muitas vezes no final já tinha pouco disso no final eles tentava se negociar. Então, o que era melhora pra todos eles naquele momento, o que era algo que contemplasse a maioria deles.

Como você vê a função do ensino de história no curso de pedagogia e qual a função nos anos iniciais e nos projetos de alfabetização? Qual é o objetivo principal que você elenca pro ensino de história?

O primeiro eu diria que é se compreender enquanto classe. No nosso caso como classe trabalhadora, porque a história...o ensino de história ele leva a gente a compreender porque que muitas coisas que ta acontecendo hoje e se a gente não tentar analisar o fato a partir de onde a gente tá a gente não consegue. E a gente percebe muito... muito assim, de que eu não consigo, ele não consegue, ele não tem, porque não se esforçou. E eu diria que num primeiro momento a gente consegue olhar pra tudo isso como um processo histórico, né. Aonde, muitas vezes, falta de oportunidade, é... o pai não teve oportunidade, o filho foi muitas vezes repetindo tudo aquilo por , também, não ter muita afinidade e onde acaba refletindo condições, né, condições de vida. E com as crianças....eu, também, posso dizer que no primeiro momento um dos primeiros objetivos, enfoques, também, é isso a gente se compreender enquanto sujeito, pra gente se entender porque a gente ta assim, porque é que não temos oportunidades, por que é que os direitos são negados muitas vezes. Não só entender os fatos , mas entender a vida como processo. Porque este processo a partir do momento que a gente tem oportunidade de conhecer e a gente entender o que vem acontecendo assim. As coisas vão continuar acontecendo dependendo da intervenção da gente, a gente consegue desperta uma criticidade na gente que essa criticidade que ela vai se tornando organização. Ela vai se tornando proposição. E ela vai se tornando intervenção. Intervenção nesse processo que ta parado que depende da gente. Lá na escola se a pessoa perguntar pras crianças de 1º ciclo quem descobriu o Brasil eles não vão te responder Pedro Álvares Cabral.

O que eles vão me responder?

Eles vão te responder que foi os índios. Só o fato de eles olhar pra este conteúdo de história eles conseguem perceber que , assim, como isso é uma mentira, várias outras coisas são uma mentira e várias outras coisas tão acontecendo a partir de mentiras que não querem que eu me organize com que eu.... critique algumas coisas e , enfim, que eu possa me organizar, participar de uma organização e intervir nisso, né. Então, diferente de estudar a área da linguagem , muitas vezes, e você estudar um texto só por estudar

que não te dá esta oportunidade, olhando pra gramática, pra ortografia, para formação de palavras, pra formação de frases. Então se você vai trabalhar a linguagem a partir de um texto histórico quando você olha tudo isso você consegue...nossa! abrir muito o teu leque de possibilidades de trabalho.

E pra você o que é ser Sem Terra?

(silêncio) Primeiro lugar ser diferente. Porque a gente fala que “Ah! Eu me visto... eu tenho um estilo próprio”. Não, isso não é ser diferente. Acho que ser Sem Terra em primeiro lugar é ser diferente e em segundo lugar é ter mais oportunidade. Oportunidade de entender a sociedade. Acho que esses dois são os motivos principais que vão virando outras coisas: ser diferente, e ter oportunidade de estudar,... de entender a sociedade. Porque a gente... a gente passa por muitas dificuldades no acampamento depois no próprio assentamento, mas a gente estuda, a gente estuda muito lá. Então, a gente... na escola, faz trabalho de estudo nas brigadas e estuda... forte, né, estudos puxados aonde eu vou entender porque que eu to passando fome, por que eu não tive acesso a isso, por que eu não tive acesso aquilo.

Obrigado.

Você quer complementar mais alguma coisa?

(silêncio) eu acho que não.

Não?

A aluna 09 pede pra falar de novo.

Quero falar um pouquinho da minha família. Tanto meus pais como meus irmãos eles não são do movimento. E eles não... não aceitam muita coisa, sabe. Meu pai e minha mãe até eles entendem muita coisa, mas eles não aceitam. E meu irmão... se perguntam pro meu irmão se é a irmã dele que está acampada ele fala que não. Ele fala que não tem irmã no acampamento, no Movimento Sem Terra, sabe.

O que ele fala, ele mente, fala que você está em outro lugar?

Ele não quer assunto. Só fala que não tem irmã lá. E quando eu vou pra casa dos meus pais é muito, assim, é bastante... bastante difícil, porque as vezes parece que eu vivo em dois mundos.... um mundo que eu vou pra casa e que eu não posso... tenho que tomar cuidado com aquilo que eu falo... que os meus pais são muito... eles mantêm... a cultura que eles receberam, a educação que eles receberam foi bastante fechada assim. Então eu não posso ficar criticando algumas coisas que eu percebo, não... tenho que ir pra igreja quando vou pra casa. Tenho que ir na igreja porque minha mãe ela fala que eu vou ser uma perdida, que não é isso que eles ensinaram a vida inteira e não sei o que, não sei o que. Então, eu vou e me sinto mal porque eu tenho que fazer um monte de coisa que eu percebo, que eu percebo e aprendi ao mesmo tempo que é uma bobagem pra manter a gente ali quietinho e fazer tudo o que o sistema quer. Mas eu tenho que tomar cuidado porque se eu for radical em algumas coisas eu vou acabar rompendo com eles e eles dificilmente vão tentar me entender, né.

E como eles recebem, porque você está se formando, né e como eles vêem isso, você se formando no curso de pedagogia?

O curso de Pedagogia pra eles é um curso normal como qualquer outro. Eles não sabem da nossa organização, não sabem de nada disso. Pra eles é um curso normal. Eles sabem que é um lugar diferente. Só isso pra eles.

Mas eles sabem que é pela universidade?

Sabem.

Sabem que é pelo movimento social também?

Não. (silêncio)

Mas o período que você está visitando eles vocês conversam alguma coisa ou todo mundo se restringe a não conversar sobre o assunto?

Algumas coisas assim eles conversam, mas são coisas assim que não base...nada que interfiram muito no que eles pensam. Teve uma vez que eu fui pra ocupação lá na fazenda castelo e eu contei pra eles como foi em casa e tal e tal. O meu pai pediu pra mim pra eu colocar no meu lugar. Você se coloca no seu lugar! Você acha que não tem família pra ta se metendo nestas coisas. Se acontece alguma coisa com você naquele lugar como que fica a nossa cara. Olha Sandra se você quiser continuar se você quiser continuar tendo um pai e uma mãe que te visita que você pode vir em casa você tem que se colocar no seu lugar. Você ta lá sua atividade é na escola e não pras coisas do movimento. O meu irmão não vem pro acampamento. A minha irmã foi uma duas vezes, mas ela acha tudo muito engraçado, sabe. Tudo muito louco, tudo muito... louco e engraçado. Nada mais do que isso. Algumas vezes é difícil, na maioria das vezes é difícil você não ter uma família e tal que não compartilha que não te apóia, algumas vezes se torna até difícil a vida dentro do movimento, porque eu sou voluntária na escola e a gente tem uma ajuda de custo que é mínima e que as vezes não dá pra mim me manter, né. Então, as vezes eu não sei se dá ou não dá pra pedir ajuda pro meu pai. Aí teve uma vez que eu fui pedir dinheiro pra ele, que eu fui pedir ajuda pra ele. Ele disse: Ta difícil Sandra eu não paguei magistério pra você pra você ficar trabalhando de graça pros outros. Então eles assim me cobram algumas coisas e eu to aprendendo a lidar com algumas coisas. Eu procuro me organizar pra não pedir ajuda pra ele, então eu procuro levar algumas coisas que eu produzo pra levar pra lá, o que eu consigo com meu esforço, porque é a partir disso que eles tão olhando o movimento, né. É a partir disso que eles tão olhando, né não a partir do que eu quero. Eu levo algumas coisa que eu colhi lá. Faço alguns doces. Falo pra minha mãe. O mãe eu fiz lá. E aí eu levei uns livros pra minha irmã (não entendi). Nem leu. Eu to tentando, sabe e acho que ainda eles vão conseguir entender muitas coisas. Quem sabe a minha terra está lá.

Você tem esta expectativa?

Tenho. Ainda tenho. Porque eu me sinto feliz dentro do movimento e eu acho que a partir desta minha felicidade eu vou fazer com que isso chegue até eles.

E seus outros familiares eles tem conhecimento que você está no movimento?

Tem. Mas são poucos que perguntam (não entendi). Procuram não comentar.

Que dia você vai visitar eles de novo? E eles vêm pra sua formatura?

Não. Eu convidei a minha madrinha pra vir pra cá, mas ela ficou um pouco assustada! No começo ela disse que não dava. De manhã eu entreguei o convite e depois a tarde ela falou que não ia poder vir. Então, é um pouco assustador pra eles.

Quem você chamou pra vir?

Eu chamei meu pai, minha mãe, meu irmão que disse que não vem, minha irmã. É minhas madrinha que eu morei com duas madrinhas uma parte da minha vida. Então eu convidei elas e convidei um amigo lá de Cascavel mesmo. Então uma diz que vem a outra diz que não vem. Meu pai e minha irmã diz que vem , meu irmão diz que não vem. Então, vamos ver.

Seu pai e sua mãe falaram que vinham? Você acha que eles vêm?

(silêncio) acho que vem.

Conta-me um pouco da sua monografia. Já terminou, está concluindo?

Já. Eu terminei a primeira parte dela, né. Agora vamos pra banca, né.

Qual foi o seu objeto de estudo?

O meu objeto de estudo foi a alfabetização. No primeiro capítulo eu tentei falar um pouco do acampamento, da escola e aí a reforma agrária. O acampamento e a escola dentro da reforma agrária ou a reforma agrária que implica um acampamento e uma escola. Daí no segundo capítulo eu trabalhei da alfabetização no acampamento dos sem terrinha. Então, como a gente pode alfabetizar a partir do concreto. A partir de uma perspectiva ideológica, né. E não autônoma. E aí eu fiz pesquisa-ação. Então, a gente já trabalha com o tema gerador na escola, mas aí eu tente puxar algumas coisas a mais sobre a alfabetização. Então, como realmente a gente pode incorporar o tema gerador na alfabetização e aí além da oralidade. Então tive que somar todas estas atividades, dos conteúdos, ... todos não, né, mas uma parte. Alfabetizar a partir do concreto.

E que resultados você já tem?

De resultado...eu organizei um grupo de estudo na escola. Então esse grupo de estudo já tem um tempo, já tem uns quatro meses. Então aí toda semana a gente tentava estudar alguma coisa relacionada ao tema. Tentava trazer atividades que a gente ia desenvolvendo na sala e aí construindo outras. Então, eu vejo que a gente conseguiu entender um pouco mais o que é alfabetização, a implicação que ela tem, e de algumas coisas que a gente fazia que não... e que a gente não tava dando conta de alfabetizar realmente no tempo proposto. Não dizendo que se tem um tempo exato pra alfabetizar, mas que a gente não pode estender muito isso, né. Então vejo que a gente conseguiu fazer alguma coisa com os educadores. E eu vejo que eu consegui não só este olhar teórico sobre a alfabetização, mas também, compreender mais o Movimento Sem Terra. Refletir melhor sobre a reforma agrária e de um projeto popular onde a gente tem que ver a reforma agrária como uma das primeiras reformas estruturantes. Refletir um pouco mais sobre a escola...sobre a implicação, da organização. E aí o ciclo implicando no conteúdo e o conteúdo implicando no ciclo. E a escrita, né a gente fazendo, refazendo (não entendi) escrita e outras implicações, também, que tem reflexo imediato.

Algo mais?

Acho que não, agora não.

Obrigado Sandra.

(aluna 10)

Hoje é dia 15 de janeiro eu estou aqui com a aluna 10 do curso de Pedagogia para Educadores do Campo em Francisco Beltrão.

Aluna 10 eu queria saber primeiramente onde você nasceu, se você nasceu no campo ou na cidade e se você tem irmãos e a sua família mora onde?

É nasci no município... sou natural de Laranjeiras do Sul, Paraná. È numa comunidade do campo, numa comunidade do campo.

Qual era o nome da comunidade?

É Linha Gonçalves. Linha Gonçalves também por família. Porque do meu bisavô era Joaquim Gonçalves por isso o nome da comunidade por isso histórico e significativo pra família. Tenho 23 anos, somos em 6 irmãos. O que mais?

Você então nasceu no campo então e como eram as condições de vida onde você morava com relação a educação, saúde, moradia, transporte?

Bom, do que eu me recordo quando criança é bem ... assim, até por questão da saúde mesmo a gente tinha uma boa saúde. Desde a questão alimentar mesmo, inclusive meu pai é agricultor e minha mãe foi professora e assim a gente tinha assim dificuldade no transporte mesmo que vinha pro campo e ia pra cidade, mas não era assim que pudesse trazer problema tipo pra saúde e pra educação também. Porque tanto...meus amigos de

primeira a quarta série freqüentei a escola nessa mesma comunidade onde minha mãe foi professora.

Como era o nome da escola?

Escola municipal Olavo Bilac.

Quais as séries que tinham nesta escola?

Primeira a quarta série.

Era multisseriada?

Multisseriada.

E dos seus primeiros anos de escolarização o que você lembra da escola; da estrutura física, material didático na sala de aula?

Era uma sala só. De material didático mesmo era mais livro didático que tinha. E não tinha muito material e até mesmo acompanhamento pedagógico era mesmo mais a professora que se virava mesmo com material como suporte pra sala de aula. Mas eu não lembro de diversidade de material didático pro trabalho.

E o material que você levava pra escola, como era?

Caderninho, lápis, lápi-de-cor, borracha. O essencial, o básico.

E os alunos eram todos da comunidade?

Todos da comunidade. Todos da mesma comunidade. Até mesmo porque as comunidades vizinhas também tinham escola. (não entendi 03:33)então as quatro comunidades próximas todas tinham escolinha na comunidade e com grande número de alunos por sinal.**Quanto tempo você levava para chegar na escola? Você ia a pé?**

A pé dava uns cinco minutos.

Era bem próximo!

Bem próximo, uns 500 metros mais ou menos.

Como era a relação entre alunos na escola? você recorda alguma coisa?

É pra mim era complicado até por causa de eu ser filha da professora, né. E também pelo fato que eu comecei a freqüentar a escola com três, quatro anos que eu ia junto com minha irmã pra escola, então já tinha (não entendi) com os outros, eu já conhecia os que estavam. Então quando eu tava na primeira série eu já tinha visto o que era da segunda, quarta série. Mas era um pouco complicado pelo fato de que...tinha essa relação um pouco que...os colegas pensavam que era mais “pararicada” porque era filha da professora. Mas era uma relação totalmente diferente do que a minha mãe enquanto professora pensava. Ela me tratava como igual. Como os outros. E isso era um pouco da minha dificuldade porque eu não tinha essa “pararicação” e era uma forma de preconceito. Eu via como preconceito também até na questão de nota mesmo e porque eu ia bem no trabalho e nas notas era porque eu era filha da professora. Era porque realmente eu era uma aluna dedicada e por ter contato com a leitura e a escrita desde os três, quatro anos, né. Porque a minha mãe sempre me dava apoio no caderno algumas atividades para não atrapalhar os demais. (não entendi 5:29). Então quando eu tava na primeira série na verdade eu já acompanha a segunda e a terceira série. Quanto ao conteúdo e tal eu já era alfabetizada. Até porque eu ia...ela dava aula em dois períodos: manhã e tarde então eu ficava o dia inteiro na escola.

Você disse que eram em quantos irmãos mesmo?

Somos em seis.

Eles moram no campo ou na cidade? O que eles fazem hoje?

Meu irmão mais velho ele trabalha de recepcionista de um hotel em Curitiba. Aí eu tenho um casal de gêmeos, um é padeiro e confeitoiro e continua morando em Laranjeiras do Sul na cidade, um trabalha na Secretaria de Saúde do município que eu nasci. Porque na verdade no município que eu nasci agora só ele se tornou município. Era distrito de Laranjeiras. E agora é Porto Barreiro o município. Então meu irmão

trabalha na Secretaria de saúde do município. É funcionário público. Tenho um outro irmão que trabalha numa panificadora também. Aí tem eu e meu irmão mais velho que acabou o ensino médio agora e enfim, tá tentando vestibular para entrar na faculdade.

E como era a relação em casa, dos pais e dos filhos?

Muito boa. Sempre foi uma família de bastante diálogo, né. Até porque a minha mãe ela começou a dar aula ela tinha a quarta série, né. Então ela sempre continuou estudando. E dessa forma sempre teve abertura com bastante diálogo. O pai sempre foi compreensivo pelo fato de ela continuar estudando e incentivando a gente. Então, é uma família bastante unida, trabalhadora. Pelo fato de sobreviver também da agricultura os meninos por ser, no caso os mais velhos, eles todos trabalhavam na roça. E tinha este reconhecimento por parte da minha mãe e por parte do meu pai. Mas era uma boa família. Sempre a noite a gente, depois da janta, a gente sentava e conversava (sorriso). Então era bem...uma família de bastante cultura assim, também na questão religiosa e cultural mesmo. Então eu acho que era isso que dava este vínculo com a família.

E o trabalho na agricultura como era; você trabalhou enquanto estudava?

Não (sorriso).

Tinha contato com a lavoura?

Assim, eu até tinha contato, mas não ... até pelo fato de os irmãos, os homens serem os mais velhos, então era sempre eles. E mais em casa com a minha mãe e com a minha irmã. Então na verdade era sempre assim quando eu estava em casa na agricultura eu ajudava pouco. Sabia usar mesmo, mas não trabalhar assim.

Onde você cursou a quinta e a oitava série?

Num colégio Estadual Gabriela (Não entendi 8:55)no município de Porto Barreiro. Ficava na sede do município daí a gente dependia de transporte, já. Era 16 quilômetros de casa.

Era no campo?

No campo. Na verdade era na cidade mas a cidade era considerada pela quantidade habitacional, na época ela era considerada, na época que eu frequentei, ainda era assim, como eu posso dizer... ainda tinha característica de campo. Era uma sede pequena, mas era, enfim, na sede do município.

Este período foi mais difícil pra estudar porque tinha que acordar muito cedo para pegar o ônibus, chegava a tarde em casa. Eu sempre estudei de manhã na quinta a oitava série então isso fez com que...isso judiou um pouco porque daí pra pegar o ônibus e pra voltar chegava tarde em casa. Mas foi uma época boa assim até porque a maioria dos alunos era do campo também. Então não tinha tanto preconceito. A gente se sentia muito bem na escola.

E o ensino como era?

Seriado?

Era seriado.

E quais eram os recursos da escola? Você lembra? Material didático?

Tinha o básico assim. Tinha livro didático, uma pequena biblioteca, o laboratório de informática. Televisão, vídeo, enfim.

(Interrupção)

E quanto às disciplinas da escola; quais eram as disciplinas que você tinha mais afinidade?

Sempre gostei de Português, Biologia, um pouco de História e da área mais de humanas. Sempre tive dificuldade com a área de exatas.

Você lembra do trabalho dos professores em sala de aula. Você lembra de algum conteúdo que tenha te marcado, principalmente, quanto a História?

Ah, muito esta questão da antiguidade, né. Na quinta série o meu primeiro contato foi

assim aquela “bak”, né. Você vai estudar Grécia Antiga não tem como tá na quarta série. Na verdade a História eu só fui entender isso na sexta, sétima série, né. Por que voltar tão atrás, assim, pra compreender o atual. Mas, assim eu lembro que são o que a gente ainda estuda hoje a questão da antiguidade até os... o processo atual.

Nas séries iniciais você lembra do trabalho da sua mãe/professora, como ensino de História, com os conteúdos históricos?

Lembro. A gente fazia muito é... produção de história assim de... escrita, individual e coletiva. Eu lembro que ela trabalhava muitos grupos por causa que era... como era muito tinha dificuldade de aprendizado. Então, eu lembro e até agora a gente conversa ainda que era uma metodologia dela utilizar, por exemplo assim, para que os mais avançados pudessem ajudar os outros. Fazíamos trabalho em grupo. Tinha que socializar a história de vida, né, de contar. E também de todo mundo conhecia e daí construir. Era mais, nos anos iniciais era mais ênfase na leitura e escrita, né. E História de datas comemorativas, né. Eu lembro que, queira ou não queira era isso que a gente estudava. (não entendi 13:22) se preparava, trazia antes da apresentação. É semana da pátria. Essas coisas eram muito presentes e se sabia que tinha. Aqueles jogral, aquelas apresentações que a gente fazia domingo na comunidade (não entendi 13:39). Era isso.

E qual foi a principal diferença que você sentiu entre as duas escolas, dos anos iniciais e da quinta série?

Eu acho que a questão das disciplinas, né. Um professor para cada disciplina. A questão de trabalho e nota. Até porque a avaliação que a mãe fazia era assim... Tinha uma avaliação no final do bimestre, mas não era só essa avaliação, né. Tinha todo um acompanhamento. E assim a prova mesmo que foi de quinta a oitava série foi bastante forte que mostrou essa diferença da prova em si, do trabalho por disciplina. Caderninho por disciplina, coisa que a gente não tinha. Até porque antes não tinha condições para ter um caderninho para cada disciplina. Era um caderninho até acabar e ganhar outro caderno. E na quinta e oitava série não. A gente ganhou um caderno para cada matéria. Então era uma matéria para cada disciplina. Então isso foi o que diferenciou.

Você demorava quanto tempo pra chegar na escola de quinta a oitava?

Quase uma hora. Era uma hora de ônibus.

E era um transporte oferecido pelo município?

Pelo município.

E o ensino médio onde você cursou?

No primeiro ano eu continuei nessa mesma escola. Ai quando eu estava no segundo ano do ensino médio eu fui morar em Laranjeiras do Sul que a cidade vizinha e porque eu fui, digamos assim, no colégio de freira. Porque na época também era muito forte a idéia de você ser educado na religião e na minha família era muito forte isso. Ai eu fui para colégio de freira aí foi o colégio diferente, mas não era no internato. O internato tinha até a oitava série e fui estudar em colégio público também. Foi no segundo ano. No terceiro ano eu retornei no colégio que eu estudei e fiz a quinta a oitava.

E qual era a diferença?

Na verdade não tinha muita diferença até porque a maioria dos professores também atendiam os dois municípios. Alguns professores eram os mesmo e se assemelhavam bastante. O que diferenciava um pouco era que a maioria dos alunos era da cidade, daí, né. Era essa um pouco a diferença, mas de conteúdo em si, a metodologia eram bem parecida.

E você mudou para colégio por decisão sua ou teve toda uma discussão familiar para você mudar de colégio?

Foi um pouco minha e bem apoiada pela família, né. Mas foi um pouco, até porque tipo assim, até por eu ser a filha mulher que está ali dentro de casa foi bem complicado, mas

sempre houve este apoio dos meus pais. Eu tinha 15 anos.. é 15 anos quando eu saí de casa então havia uma certa resistência por parte da família e tal, mas eles apoiaram e viram que era uma decisão minha e acharam que seria desafiador, enfim. Até por que não era muito distante. Eu acho que isso também contribuiu. Ficava perto. Mas esta mudança mesmo foi pelo fato de eu ir morar num convento e ter a intenção de ser freira que tinha quando adolescente, né.

E como era o nome do convento ou do colégio?

Ai era da Congregação das Irmãs Vicentinas...Instituto Santana.

E o colégio era junto com o convento?

Não, o colégio era um colégio público. O convento também atendia educação escolar, mas era particular de educação infantil desde o maternal até a oitava série, mas como eu estava no ensino médio eu freqüentava a escola pública. Não era muito longe, mas eu não estudava num colégio tipo internato.

Como você entrou para o MST e por quais motivos ?

Então, tem que voltar. Quando eu terminei o ensino médio daí comecei a tenta vestibular. Aí fiz vestibular pra UNICENTRO de Guarapuava, mas não fui aprovada.

E qual curso você tentou?

Fiz pra Letras. Aí eu fui para Curitiba fazer cursinho e tentar vestibular em Curitiba. Fui e comecei a fazer o curso e comecei a trabalhar. Então eu fui morar com meu irmão e já arrumei trabalho porque tinha que me manter, enfim. Eles me ajudavam. E comecei a fazer cursinho e fiz vestibular na UNIANDRADE e passei em administração, mas daí também não pude cursar pelo fato que era muito caro, né. Ai mesmo assim eu continuei trabalhando aí parei. Não fiz mais vestibular e continuei trabalhando. E como fazia dois anos que eu morava em Curitiba já.

Você fazia o que lá?

Eu trabalhava de secretaria numa fábrica que fazia guardanapo.

Foi só este trabalho que você teve em dois anos?

Foi, foi. A princípio eu fui mesmo pra estudar e meio ano fiz cursinho e estudei e um ano e meio que eu trabalhei nessa fábrica. Aí eu tava trabalhando ainda e meu irmão tirou férias e foi visitar meu pai e meu pai estava acampado, né. Acampado no Acampamento José Abílio dos Santos em Quedas do Iguaçu. E aí a minha mãe continuava em casa e dando aula e só ele no acampamento. A gente foi visitar ele e era um acampamento grande e tinha tava a demanda pra ter a escola, né. E daí eu conversei com o pessoal lá e já tinham separado o setor, o Setor de Educação aí eles demonstraram interesse na gente contribuir porque eu já tinha terminado o ensino médio e tal. Meu pai tava acampado. Daí eu acabei ficando e nem retornei para Curitiba. Saí de férias e acabei não retornando. Acabei ficando no acampamento. E foi assim que começou. Na verdade não foi assim com pré pensado assim, né. Até porque eu não tinha nenhum contato com o MST. O que eu sabia e conhecia era muito pela mídia e jornal.

O que você conhecia pela mídia?

Exatamente, é bem diferente, né. Então, até quando eu soube que o pai tava no acampamento fiquei com medo, né. Por que era ... essa questão apresentada pela mídia de que ´ muito... o movimento é assim muito... como eu posso te dizer...deixa eu ver uma palavra boa para caracterizar... não é violento, mas que na sua contradição apresenta sim esta questão apresentado pela mídia esta questão da briga enfim, muito violento também. Ai, então era um pouco este medo. Só depois que eu estava no acampamento que eu fui, esse conceito foi sendo desconstruído.

E como foi o contato do seu pai com o movimento; como ele se tornou acampado?

Olha, eu não lembro muito bem, mas parece que foi no trabalho de base. Foi...como o município fica tudo numa região conhecida como Iguaçu que é um conjunto de

municípios: Laranjeiras do Sul, Porto Barreiro, Quedas do Iguaçu aí foi um trabalho de base. Como já tem o acampamento Marcos Freire e Ireno Alves que, também fica próximo a estes municípios aí teve esta demanda de fazer esse... Até pela conjuntura política e tal aí o MST fez esse trabalho de base nos municípios próximos e foi por isso que o pai entrou. E também, bastante gente da comunidade foi... foi acampar. Ele acabou indo também. E até pelo fato também de ter pouca terra, né. Então a gente teve três, quatro alqueires de terra e não dava pra sobreviver, então ele foi tentar ver se conseguia um pedaço de terra.

E quando você chegou visitar ele lá no acampamento qual foi sua impressão, primeira impressão?

(...) Ah, foi bem diferente. Não assim tão diferente porque a gente convivia no campo assim. Mas assim, a realidade nesta questão mesmo de sobrevivência, no sentido de coisas mais comuns de água, de higiene, essas coisas me assustou um pouco, né. Porque muitas famílias, mil e poucas famílias acampadas morando num barraco de lona. As condições humanas eram muito precárias, né. Isso assim foi um choque. Assustou um pouco. Acho que esta impressão foi bem contraditória, né. Porque a gente vivia num mundo diferente daí ver aquela realidade... foi bem complexo.

A partir disso você foi pro acampamento ou para a comunidade (onde nasceu) que sua mãe estava morando?

Eu voltei. Depois que eu fiz essa visita no acampamento voltei e fiquei uma semana aí já voltei pro acampamento pra ficar. Fui ficando desde setembro de 2003.

E como era o cotidiano no acampamento?

Bom, pra mim foi legal porque eu já ingressei no setor de educação. Então desde a primeira semana a gente já começou a fazer estudos. Foi setembro de 2003 e a gente tinha a expectativa de ser a primeira escola itinerante do Paraná pra gente inaugurar em outubro já desse ano. Então já tinha muito trabalho, muito estudo é... formação tava havendo é... como eu posso dizer... achando mesmo educador porque a demanda era grande, seria oitocentas, oitocentas crianças pra dar conta. Então, formando coletivo de educadores, de estudo, a questão da estrutura da escola mesmo. Já existia um pequeno coletivo de umas dez pessoas. Então, eu ingressei e a gente já começou as atividades. Isso, talvez, foi o que contribuiu um pouco pra permanência, pra minha permanência no acampamento. Porque eu comecei com uma atividade e, também porque era uma atividade que eu gostava. Tipo assim, sempre admirei muito o trabalho da minha mãe tanto que eu nem voltei pro trabalho em Curitiba pra ir pro acampamento. Então, foi uma experiência muito boa.

Então quando você entrou no Setor vocês estavam sistematizando a primeira escola Itinerante do Paraná?

Exatamente.

E esta escola se tornou realidade?

Se tornou...

Quando foi inaugurada?

No dia trinta de outubro foi inaugurada a escola multiseriada Chico Mendes.

Em 2003?

Em 2003. Chico Mendes porque daí ela já foi inaugurada, mas só em 2004 a escola itinerante no Paraná foi aprovada. Então em 2004 iniciou também a escola Zumbi dos Palmares em Cascavel que também já tava em atividade. Mas, a nossa lá foi a primeira a ser inaugurada, né.

Tinha quantos alunos no início?

A gente começou ali com... a dificuldade ali era de estrutura ali mesmo a gente começou

a atender primeira e segunda série. a gente já tinha a perspectiva de trabalhar em ciclo, mas também como não tinha formação... não aí como não tinha quase nada de formação nesse sentido a gente começou a atender os de primeira e segunda série. Atendendo tipo, duas semanas. Aí conforme a demanda de salas que foram sendo construídas pela comunidade, pelos educadores a gente começou com terceira e quarta séries e foi assim. Aí foi sempre progredindo. Ai no ano de 2004 a gente já tinha quase vinte salas construídas e daí já começou a atender também de quinta a oitava séries. E algumas turmas de PAC fora a turma de EJA que eram, era trabalhado com educadores do acampamento.

E as crianças elas...passavam pelo processo de ensino e lãs eram registradas no núcleo regional de educação, era tudo formalizado o ensino, como era?

Isso. A nossa escola ela era, pertencia ao núcleo regional de Laranjeiras do Sul. Todas as crianças eram registradas na Escola Estadual Iracy Salete Strozake que era a nossa escola base e que ainda funciona, e ainda atende as outras escolas itinerantes. Então todo o processo legal de matrícula e avaliativo era vinculado a escola base Salete. Então a gente teve orientação pra isso com o pessoal da escola, né. Mas nós tínhamos o pessoal aqui da escola que faziam estas atividades. Mas era desde o início sempre o processo legal de documentação foi e tava em ordem.

Quem dava aula na escola itinerante?

Eram os educadores do próprio acampamento, todos trabalhavam. Primeiro a gente tinha um coletivo grande de quase sessenta educadores com a demanda de dois educadores por turma, né. A gente tinha vinte turmas daí os outros trabalhavam na secretaria, na biblioteca, outras atividades. Então a demanda era de dois educadores pra cada sala, né, pra cada turma. Mas, eram educadores do próprio acampamento de primeira a quarta série. De quinta a oitava série era o município de Quedas do Iguaçu que dispunha de professores. Vinham os professores do município.

E como era a formação dos professores do movimento?

A gente fazia, a gente tinha nosso cronograma de estudos. Era estudo uma vez por semana e planejamento uma vez por semana. Então, a gente já tinha uma organização própria que era um planejamento por turma, por série. E os estudos era sempre coletivo, né. E a turma de 2004 a gente começou com a formação junto com a SEED, né com a Secretaria do estado da Educação. É... alguns cursos pretendiam... até porque a demanda já era grande. Então, já tinha três escolas itinerantes funcionando e mais de cem educadores. Então a gente começou com o processo de formação continuada.

Você chegou a dar aula na escola?

Eu quando iniciei, eu iniciei já na coordenação da escola. Foi uma experiência bem diferente até porque já tinha um companheiro que já trabalha na escola e daí... eu acho que o pessoal gostou da minha atividade porque já tinham o coletivo formado. Daí eu comecei a contribuir na coordenação da escola. Então, já era mais nessa questão pedagógica, contribuir com o planejamento, encaminhamento mais burocrático mesmo.

Você pode me explicar como acontece o processo de oficialização da escola itinerante; você participou deste processo?

Olha não tanto porque a luta... como eu entrei em 2003 já tava tendo esta luta, né. Isso foi assim...foi com muita... a demanda era grande pelo fato de serem vários acampamentos no estado. Então, varias famílias acampadas e as crianças assim alguns municípios não tem oportunidade de atender a todas estas crianças até porque a perspectiva de educação pelo movimento é uma educação diferenciada. Junto com o estado com a Secretaria de educação até mesmo pela experiência no Rio Grande do Sul desde 96 pela legalização da escola itinerante no Rio Grande do Sul. Esta experiência contribuiu para a escola itinerante no estado do Paraná. Então, reuniões, pautas quando

se tinham reivindicações assim, a nível do estado do Movimento sempre estava em pauta a questão da escola itinerante e as demandas que se tinha. Então, o que eu acompanhei foi um pouco isso. O processo de legalização foi visto assim o acompanhamento pelo secretário da educação. Na inauguração da escola ele estava presente, então... o processo de inauguração foi isso, embora a gente inaugurou, mas, sem ela estar legal ainda. Então depois já no ano seguinte de 2004 foi legalizado.

E depois desta experiência de sistematização da escola itinerante o que você fez no movimento? De quais atividades você desenvolvia? Você participava de cursos de formação política, quais eram suas atividades de militante?

Sim, daí foi um processo contínuo. Eu também exercia coordenação política da Brigada,...então como eram mil famílias tinha duas brigadas de quinhentas famílias. Então eu era coordenadora de uma brigada de quinhentas. Então os cursos políticos a gente já tinha que participar.

O que é a coordenadora política?

É você responder, responder não, é você representar sobre o processo educativo dessas quinhentas famílias. Isso faz parte. Você tem que dar informe,... (não entendi). Até porque era uma coisa nova desenvolvia...qual era a função política? Era tentar socializar o que era esta proposta da escola itinerante, a proposta de educação do MST, como a escola estava organizada, os tempos educativos. Na verdade foi uma mudança muito rápida, né. Porque antes eu estudava numa escola pública tradicional, entre aspas, e daí pra uma escola do Movimento. Então, teria que ter todo este estudo político, né de compreender esta forma de se organizar, de pensar do movimento. Então, essa era uma função mais política que a gente exercia na Brigada.

Por que você escolheu o curso da UNIOESTE, como foi seu contato?

Na verdade não fui eu que escolhi a gente foi escolhido, né. Eu acho que pela demanda da escola em si que era uma escola grande. A gente dispunha de duas vagas, primeira mente, para a escola pra fazer o curso. Então, lá na escola do acampamento a gente tinha duas vagas. E a gente foi indicado. Eu acho, eu acho não, os critérios eram isso: quem estava na coordenação pedagógica porque faltava esta formação mais pedagógica. Então era eu e o Edenílson que estava na coordenação pedagógica, então a gente foi indicado pra fazer o curso. Aí depois por mais uma demanda forma mais três vagas mais três companheiros puderam...

E quem fez o contato com vocês?

Pro curso?

Sim.

Era a coordenação estadual, na época que também...

Quem era?

O Adilson Polezzi. Ele ajudava...ele já era formado em Pedagogia pelo Movimento. Então ele acompanhava duas escolas itinerantes na região, né. Então ele dava este acompanhamento pedagógico e foi ele que indicou a gente pra fazer. Ele fazia parte da direção do acampamento, direção política do acampamento no Setor de Educação daí ele indicou a gente pra fazer o curso.

Qual foi sua primeira impressão quando você já estava em sala de aula com relação aos professores, aos conteúdos das disciplinas que eram trabalhados em sala de aula, relação entre alunos já que vocês são de diferentes movimentos, né?

Primeiro foi essa impressão que, por exemplo, assim, essa questão do vestibular. A gente passou pelo processo de aprovação ou não do vestibular. Então, pra mim assim ele não foi muito diferente. Mesmo por estar no movimento ele não foi diferente do que eu já tinha feito, no sentido de competição e querer passar, enfim. Até porque corria o risco de reprovação até teve colegas que reprovaram. Então primeiro era passar no vestibular.

Primeira.. Até porque...na verdade o primeiro objetivo, talvez, naquela época não era fazer o curso pra formação político pedagógica, mas pelo fato de você conseguir entrar na universidade, uma conquista. Talvez no primeiro momento pessoal e depois com outra visão que é, também, uma ajuda pro coletivo. Foi um pouco isso. Daí eu passei no vestibular, passei em primeiro lugar (sorriso), e daí também um pouco estranho por isso: vários movimentos, não fazia nem um ano que eu tava no MST. Era bastante estranho porque a maioria do pessoal todos velhos do movimento, tanto dos outros movimentos, quanto do MST. Então, foi um pouco de dificuldade que se tinha por isso, a visão política. A gente vinha aqui e deixava um pouco a desejar neste sentido, né. Mas no aspecto pedagógico na relação com os professores a gente via que... que o corpo docente já era, não que era escolhido, mas já tinha uma expectativa diferente já que era um curso ofertado pela universidade. Então os professores com um comprometimento diferente. (não entendi) 38:11. Então eles já vinham preparados assim pro tipo de direcionamento de aula s assim, mas também, não muito diferente do que se tinha que aprender o fato de você ter que assistir uma disciplina e ter que garantir uma nota pela disciplina. Então este processo tradicional, também, estava presente e foi o que me marcou, também, né. Porque eu tinha outra expectativa por ser um curso, assim, dos movimentos sociais achei que ia ser diferente esta questão burocrática da universidade, mas não foi. Tem tudo isso, né.

E quanto aos conteúdos trabalhados, qual foi a abordagem dos professores e a relação entre os conteúdos e os alunos?

Eu acho que todas as disciplinas garantiram, assim, essa demanda do curso em si do curso de Pedagogia. Desde a primeira disciplina que foi Filosofia da Educação até as outras mais didáticas acho que todas elas garantiram e vieram nessa direção de contribuir política e pedagogicamente no ensino, tendo em vista que a gente é dos movimentos sociais. Os conteúdos eles seguiram seu currículo da proposta pedagógica construída pela Universidade e os movimentos sociais. Mas eles davam outro direcionamento que davam condições de você compreender esses aspectos aí: política e pedagógica, também.

E quanto aos conteúdos históricos trabalhados em sala de aula, quais foram os enfoques e sua avaliação dos enfoques dos conteúdos?

(silêncio). AHM, primeiro eu acho que... esta questão bastante sua da História no sentido de já direcionando a essa questão mais filosófica do materialismo histórico dialético, pra gente compreender essa questão do campo, de se identificar, uma delas, né. Então, mas todos deram conta de fazer este processo histórico da sociedade, do mundo em si, de voltar ao passado sempre ligado agora com o que a gente vive. Então, eu acho que estas disciplinas mais na área de história mesmo eu acho que contribuíram nesse sentido de sempre fazer uma ligação no enfoque mais nessa questão de classe,,essa questão mais da sociedade mesmo, do Capitalismo, enfim. Vários elementos que ficou mais forte e que foram um processo também, até porque eu não tinha muita clareza desse conteúdo. Mas as disciplinas eu acho que deram conta de trabalhar conteúdos significativos.

Vocês tiveram alguma disciplina do curso que trabalhou especificamente com o Ensino de História nos anos iniciais?

Mas no âmbito da didática?Sim. Porque a gente teve história da Educação.

Sim no âmbito da didática.

Teve também a (interrupção)

A gente teve, né, “Teoria e prática de ensino nos anos iniciais” que trabalhou, também, no campo é... da disciplina de História. Trabalhou todas as disciplinas e a disciplina de

História. A gente trabalhou assim, a professora trabalhou mais esta questão de, pelo fato de, da Pedagogia da Alternância, da experiência do estágio a gente trazia elementos para os conteúdos de História. A gente sempre trabalhava sempre a partir disso. Como era a História em sala de aula, como eram trabalhados os conteúdos em sala de aula e a gente desenvolvia análise, construía junto um novo jeito de se ensinar História diferente do tradicional que a gente aprendeu que a gente já presenciou nas escolas.

Você cumpriu seu estágio obrigatório no curso, né? Sim.

Você fez estágio em qual escola?

Fiz na escola do acampamento mesmo. Tinha escola no acampamento aí eu fiz estágio na escola do acampamento.

Qual o tema que você trabalhou com os alunos e a carga horária?

A gente teve estágio de observação e o estágio de prática mesmo. Não estágio de aula (parece que a gente fez aqui) não, estágio de regência de aula a gente fez aqui nas escolas em Beltrão nas escolas do campo. Na escola Jacutinga, escola professor Parigot de Souza,...qual era a pergunta?

Qual o tema você trabalhou com os alunos em sala de aula?

Não tinha tema, na verdade. Foi assim, um dos limites, não um limite porque a gente aprendeu bastante. Como a gente pegou... o estágio foi no primeiro semestre a gente pegou a escola, a coordenação pedagógica preferiu que a gente desse continuidade ao que a escola trabalhava. A escola trabalhava por tema, né. Então a gente trabalhou mais com a questão do lixo e a questão dos números decimais. Então era bem... era final do semestre e os professor estavam preocupados em trabalhar os conteúdos para terminar o primeiro semestre. Mas era temas que estavam fechando: animais vertebrados e invertebrados. Então era dividido por área de conhecimento, por disciplinas, né. Então cada área tinha um conteúdo pra trabalhar. Um tema pra trabalhar.

E você trabalhou alguma coisa com os conteúdos históricos?

História, assim, a gente trabalhou História, como era o primeiro contato com os alunos trabalhamos a questão da História de vida deles. A história de vida dos educando e como a gente estava trabalhando os números decimais, também na matemática, a gente tentou fazer, trabalhar de maneira interdisciplinar, embora a escola tivesse alguns limites nesse sentido, mais um pouco a história dos números, trazer... pra esclarecer um pouco isso eu trabalhei com uma segunda série, então foi um pouco do que a gente pode trabalhar. E até porque umas das dificuldades o que era, A gente tinha uma hora por semana pra trabalhar História na escola. Então foram não foram duas, nem três semanas de estágio, três semanas de estágio então foram três horas de História. Daí como era segunda série como era a História de vida deles até eles contar a História (fala vagarosamente), e aí no processo de escrever história, né, dá pra trabalhar o português junto. Então a gente teve pouco tempo e daí era esse o período que a gente tinha PR trabalhar História.

E como foi a recepção de vocês pela direção, pelos professores da escola?

Foi muito boa a te pelo fato de que alguns educando já conheciam o curso e eles falaram que sempre acolhiam estagiários aqui do município, da Universidade também. Mas foi muito boa desde o início até o final, né. Até pelo fato do trabalho que a gente desenvolveu, e a perspectiva desenvolvida, mas foi um bom acolhimento assim.

E quanto aos alunos; como foi a apresentação de vocês para os alunos e como eles os receberam?

É a professora já tinha conversado com eles que ia ter estagiários trabalhando com eles. A diretora também já tinha conversado. Então, por ser uma escola do campo, a maioria era do campo. Algumas vinham de comunidade mais sedes, assim, mas, não eram da cidade. Então, foi muito bom trabalhar com eles. Eles bem abertos, assim. As crianças...

teve um bom acolhimento, não teve resistência por parte deles. Até porque a troca de professor no final de semestre eles tinham consciência que a “prof” deles tava lá, né. E qual o objetivo da gente de ta lá, que era um estágio por um tempo.

E vocês se apresentaram como professores do movimento também?

Sim, a gente se apresentou... é da onde a gente tava indo, qual curso a gente fazia, onde morava. Então tida essa caracterização a gente fez já logo no primeiro dia. E também pelo fato da região em si ter assentamento, então nos era algo muito diferente pra comunidade em si. O acampamento Missões fica próximo dessa escola que a gente fez estágio. Então o pessoal tem bastante contato por ser comunidades próximas. Então não foi algo assim tão diferente pra eles.

E você fez sua monografia, você já terminou? qual é seu tema?

Eu pesquisei a Educação de Jovens e adultos dentro das políticas educacionais no Programa Saberes da Terra.

Relate um pouco mais sobre seu processo de pesquisa?

Primeiro a escolha, tipo assim, eu sempre atuei na escola itinerante nos anos iniciais e nunca tive esse contato com a EJA e pelo fato do curso... quando a gente tava escolhendo o tema, nas linhas de pesquisa aí só tinha duas pessoas estudando a EJA. Então pra mim foi... eu pensei em fazer em algo que me desafiasse, né. A escola itinerante e formação de professores era uma coisa que a gente conhecia mais e a EJA seria algo novo. Assim, algo que me desafiasse, então eu pensei em pesquisar isso. Daí eu tentei voltar um pouco pra essa questão do campo, então eu pesquisei as políticas de EJA que estavam tendo no momento. Então a gente começou em 2005 e 2006 o projeto de pesquisa, enfim. O que estava em auge era esse Programa Saberes da Terra nessa região e daí eu pesquisei mais com o enfoque a implementação no município de Porto Barreiro. Lá no qual eu nasci. Até porque eu já conhecia a comunidade, os jovens e adultos o que eles fazem na vida rotineira. Então, eu pesquisei um pouco esta proposta do programa nacional, em nível federal e como ele é implementado nos municípios e eu peguei e fiz com o município de Porto Barreiro.

E na escola que você fez estágio como era a escola fisicamente e como era o material didático? Que metodologia vocês utilizaram pra trabalhar com as crianças? Foi trabalho em grupo, ou individual? qual foi o enfoque didático?

A escola em si pé bem organizada com bastante material, uma biblioteca boa, bastante literatura, organizados os tempos-leitura. E material didático era bom assim. A gente tinha sempre coisas pra gente trabalhar. Pra trabalhar com vídeo, enfim. Mas nas atividades a gente deu mais enfoque, até pelo fato da gente trabalhar, né. Eles já estavam acostumados um pouco com isso a gente tentou trabalhar mais esta questão do trabalho em grupos mesmo. Então tanto que na conversa anterior com a professora ela falou que não foi trabalhado muito isso. Então a gente tentou experimentar uma atividade diferente mais em grupo. É... O que você perguntou? Qual era a metodologia?

È você já comentou do trabalho em grupo...

E na verdade qual era a preocupação da História que também a gente trouxe como limite na reflexão do estágio. Tipo assim, eles pedira pra não mudar muito a coisa do que já tinha aprendido na escola pra não ter esse choque. Até por se final do semestre. Então a gente seguiu a seqüência de horários, a seqüência de horários estipulado pela escola. A metodologia que eles já vinham tendo com os professores, né. A questão tempo leitura, garantir a lição, tipo, as duas primeiras aulas Português, Português com Matemática. Então, exercícios, correção de exercícios. Trabalhar os conceitos junto com eles. Mas a gente trabalhou bastante assim a forma de apresentação, né. Apresentação de trabalho com eles. Trabalho do material didático que a gente construiu junto. A gente trabalhou os números decimais, a gente construiu o dinheirinho com eles. Então foi um

trabalho muito bom que a gente fez. E outras avaliações que na avaliação junto com a professora ela falou que deu certo e que taria implementando, né, principalmente os trabalhos em grupo porque também a turma era bastante heterogênea. Alguns eram mais avançados outros não e o trabalho em grupo possibilitava que um fosse ajudando o outro. Foi uma turma bem boa de trabalhar.

Pra você qual é a função, o que você entende como Ensino de História e quais conteúdos você acha relevantes pra fazer parte do currículo para os anos iniciais da educação?

Eu acho que a História ela tem que envolver desde uma visão micro mesmo, de família, da História de vida até esta questão ampla de sociedade, de mundo. Então, não é de abranger o todo, mas trabalhar pra que a criança consiga compreender que ela é sujeito e ela tá... ela vive essas relações históricas que se tem desde a antiguidade, né, que a gente é resultado desse processo histórico. Então pra isso a história tem que dar conta disso. Tentar relacionar o processo desde a História de vida da criança, da família, da comunidade, e até o processo histórico de organização da sociedade. Se ela é organizada, se isso não é uma organização. É... não é linear, como eu posso dizer..., mas que teve transformações no decorrer do tempo com lutas, que lutas foram, com que objetivo. Então, eu acho que a História ela tem que dar conta disso, de elencar fatos que não só que demarque a questão de uma sociedade capitalista, mas que se traga a questão das lutas que já se teve porque a gente é sujeito de todos os processos desde a Antiguidade e que a História abrange todos os conteúdos, também, Português, Matemática. Pra mim é uma das disciplinas mais importantes, não mais importante mas, no sentido que ela dá suporte pra você direcionar as outras, né, que não fica nada muito solto. Então, ela é uma disciplina que dá ligação entre as outras.

Pra você qual é a função da educação nos anos iniciais?

Acho primeiramente por ser uma necessidade de, uma necessidade imediata de iniciar no processo de ensino eu acho que a educação ela... Tem como objetivo formar pessoas que sejam capazes de entender como a gente tá, como a gente vive, pra que, essa questão, como eu posso dizer... Desde o processo educacional mesmo, nos primeiros iniciais é muito esta questão da alfabetização, enfim, que eu acho que tem que estudar (não entendi) 55:59 e também a alfabetização. O saber ler e escrever mas, em conjunto a isso é possibilitar a criança tenha uma visão crítica das coisas e que ela compreenda o todo que dela rodeia. Então além desse processo de alfabetizar que é sim importante a educação tem que vir com essa função dar condição pra criança entender tudo o que está a sua volta.

E pra você vou fazer uma pergunta que parece um pouco deslocada, mas pra você o que é revolução?

(silêncio) Revolução (sorriso). Eu acho que revolução eu acho assim bem no senso comum até mesmo porque até mesmo conversando, enfim, parece uma questão muito utópica, né. Ah, uma revolução na sociedade! Mas, revolução também é transformar uma coisa que você deseja muito naquilo que você quer. Pro exemplo, revolução mesmo no sentido de transformar um método de ensino de maior qualidade, mas ainda pra mim assim é difícil compreender no sentido que está muito utópica, eu preciso me aprofundar muito em estudos porque eu fico muito nessa dúvida de revolução, de transição do capitalismo para o socialismo. Então pra mim ainda é muito utópico mas, no sentido de ainda que se cria condições pra que isso aconteça.

Você pode me dar um exemplo de algo que você considera revolucionário?

Ah, desde o fato de você abrir mão de viver num ... abrir mão de viver, por exemplo, numa vida condicionada, por exemplo, ao Capitalismo que você dispõe mais dos meios

de produção que pra mim é uma fato significativo do que você aderir à uma luta social, por exemplo assim,. É um uma coisa diferente. Entoa, quando você abre mão de em prol a esta sociedade capitalista e lutar e contribuir pra que as coisas sejam diferentes você já ta revolucionando, já revolucionário, ta na sua perspectiva de transformar alguma coisa.

Pra você o que é ser Sem Terra?

(silêncio). Acho que além do fato no sentido de não ter a terra, propriedade, é se reconhecer enquanto classe, enquanto classe trabalhadora que está lutando pelos direitos, enquanto sujeitos pra transformação. Então é isso.

Obrigado pela entrevista.

De nada.

2. Professoras entrevistadas.

(professora 01)

É 14 de janeiro estamos em Francisco Beltrão com a professora 01.

Vamos começar primeiro professora com ... eu queria saber onde você nasceu? Onde mora hoje e qual instituição você está vinculada?

Ta bom. Eu sou natural se Santa Maria Rio Grande do Sul, cursei toda a minha escolaridade lá. Fiz o curso de magistério, né em nível de 2º grau. Curso de Pedagogia habilitação em séries iniciais. Mestrado em educação em metodologia de ensino. Doutorado em História e Filosofia da Educação e pós-doutorado em políticas educacionais. Lecionei nove anos na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Cascavel, e estou a dez meses na Universidade Federal de Santa Catarina.

O seu mestrado você fez onde?

Na Universidade Federal de Santa Maria.

Quem foi seu orientador?

Oswaldo Alonso Rihg.

Deixa eu perguntar sobre os seus primeiros anos de escolarização. Você fez no campo ou na cidade?

Na cidade. Escola estadual.

Como era o ensino nessa escola? Você recorda dos primeiros anos de escolarização?

Recordo.

Recorda quanto a relação professor e aluno, estrutura física da escola, material didático dessa escola?

Recordo.

Você poderia me descrever um pouco?

Então eu fiz hoje o que se chamaria de educação infantil. Correspondia na época ao jardim de infância. Os primeiros anos de experimentação denominados jardim de infância em que havia toda aquela preocupação do tamanho do espaço físico com o tamanho das crianças, mesas e cadeiras pequeninhas, trabalho em grupo. Foi assim, basicamente, um momento de derrocada do escolanovismo, né. A valorização da criança onde no ensino tradicional a criança não era valorizada, né. Então, eu lembro bem isso essa coisa do uniforme, do trabalho em grupo, a sala muito colorida, muitos estímulos, né. Aquela preocupação pelos interesses da criança, com o ritmo de aprendizagem. Uma educação proposta mesmo do ensino escolanovista, né.

O que você recorda sobre o ensino de história na escola?

Bom, começo a lembrar dele, fundamentalmente, a partir da 5ª série.

Onde você cursou a 5ª série?

Na mesma escola. Praticamente toda a escolaridade no Instituto de educação, né.

O que você recorda dos conteúdos de História que eram trabalhados em sala e da metodologia utilizada pelos professores?

Bom, sempre achei a História interessante, mas inicialmente, eu tinha aquela velha dificuldade. Uma dificuldade muito comum, né, pelo fato de os professores ao trabalharem a História, né. Fundamentalmente no 1º grau vamos dizer assim era aquela abordagem pautada na História dos heróis, dos vencedores, né. Evidente que esta análise eu fui fazer depois quando fiz o curso de magistério que melhorou esta compreensão, também, no curso de Pedagogia, né. Então você conseguia entender as diferentes formas de lidar com a História, né.

E no ensino médio, como foi sua preparação? Você fez magistério, né?

Magistério. Foi o momento em que compreendendo a História como o passado como uma explicação do presente, né, e uma possibilidade, até de compreender o futuro até tinha um esquema. Eu desenvolvi um esquema junto com umas colegas pra estudar História. Que era diferente do que a propunha na escola de primeiro grau. Então a idéia que eu tinha assim: se alguém contar uma piada eu sei contar pra alguém. Então eu vou pensar a História dessa maneira. Então, quando nós estudávamos a História nós contávamos a História uma pra outra. Foi muito marcante no curso de magistério e também na geografia a gente fazia isso. Então, pra entender a coisa de espaço a gente usou casa. Tinha um grupo de estudo, né. Eram colegas que a gente tinha uma afinidade. Então, a gente procurava entender como uma História real. Não uma História do passado. E neste sentido, não a partir da decoreba de causas e conseqüências, né. E isso me ajudou muito na minha formação. E até pra eu entender a História de algumas realidades que a gente vive. Então tive uma relação muito interessante. Se quisesse ter feito o curso de História teria me dado muito bem, sem dúvida nenhuma. Não cheguei em pensar em fazê-lo, né. Mas no restante da minha formação, no curso de pedagogia, enfim, e no resto da minha formação pra mim a História foi a ciência essencial.

E depois do magistério você atuou nos anos iniciais?

Não. Eu fui direto pro mestrado.

E como foi esta experiência no mestrado?

No mestrado, fundamentalmente, a gente trabalhou com História da Educação, né. De alguma forma revendo algumas coisas já vistas no curso de graduação e sempre no sentido de avaliar e compreender cada vez mais e melhor. No meu caso, em particular, eu me detive em compreender, no campo da História da Educação, porque queria trabalhar com uma determinada Pedagogia, a Pedagogia Histórico Crítica, né. O meu trabalho de dissertação era a Pedagogia Histórico Crítica. Então, tentando compreender como a Pedagogia Histórico crítica como uma teoria em ascensão, em construção se dava eu me dediquei bastante ao estudo da História das Pedagogias, né. Entendendo do contexto econômico e político brasileiro.

E depois da experiência do mestrado?

No doutorado eu não fiz nenhuma disciplina específica, embora meu título tenha sido doutora em História e Filosofia da Educação, né. Então, no conjunto das disciplinas eu viajava para ir a Campinas. Eu fui obrigada a escolher disciplinas que fechavam de modo que eu pudesse ficar apenas dois dias. Então não cursei nada no campo da História. Mais no campo da Filosofia da Psicologia, então fiz as disciplinas que eu pude fazer. Não pude direcionar de modo mais preciso no trabalho que eu ia desenvolver no doutorado.

Quem foi seu orientador?

Dermeval Saviani.

E depois da experiência do doutorado você já começou a dar aula? Como foi?

Eu passei a dar aula logo após um ano eu ter meu mestrado.

Onde foi?

Na UNIOESTE de Cascavel, onde eu fiquei nove anos e agora eu estou a dez meses na Federal de Santa Catarina.

E qual a sua relação, na área de pesquisa, com movimentos sociais? Você tem alguma relação? Você mantém pesquisas na área?

Não. Eu trabalho, fundamentalmente, com o desenvolvimento da Pedagogia Histórico Crítica. No meu mestrado meu trabalho foi no sentido de contribuir com as bases psicológicas da Pedagogia Histórico Crítica. No doutorado a idéia foi continuar contribuindo no desenvolvimento da teoria. E aí então no doutorado eu fui fazer uma reflexão como uma teoria, uma teoria em construção se comportava na prática. Não no sentido de aplicar a teoria da Pedagogia Histórico Crítica na prática. A idéia era refletir, na verdade era uma reflexão filosófica, né, porque era a teoria vista da prática na idéia ou na intenção de fazer o movimento teoria-prática-teoria. Então eu lecionei um ano numa turma de 1º ano de segundo ciclo em Porto Alegre, onde eu fiz esta reflexão teórico prática, né. A partir da perspectiva da teoria Histórico Crítica. O que abriu um caminho e eu comecei a perceber uma determinada ausência, né que era do referencial teórico em relação a alfabetização. Quando eu me dei conta que eu estaria de algum modo, embora fosse uma turma de 1º ano de primeiro ciclo que você necessariamente tem que alfabetizar, mas você começa a lidar com os instrumentos da escrita eu me dei conta que não existia uma base alfabetizadora coerente com a Pedagogia Histórico Crítica. O que a gente tinha era o construtivismo que vai se pautar numa outra compreensão, completamente adversa a Pedagogia Histórico Crítica e conseqüentemente ao materialismo histórico dialético. Mas eu não ia ensinar nos métodos tradicionais, né. Então, eu ensinei no construtivismo. E isso me levou a encontrar um novo problema de pesquisa que é pensar as bases alfabetizadoras da Pedagogia Histórico Crítica a luz do materialismo histórico. Quem vai me dar esta base é a escola de Vigotski de um modo mais efetivo e Luria que tem uma experiência da apropriação da escrita a partir assim da sua pré-história. Então eu tenho a previsão de desenvolver um projeto de pesquisa durante doze anos. Já tem quatro em andamento. Na UFSC eu já tenho um grupo de alunos que estudam comigo nesta direção. E a idéia é superar o construtivismo, né. Neste sentido apontando um elemento que lhe falta, né.

Na sua atuação na UNIOESTE em Cascavel como você soube da Pedagogia para Educadores do campo e se você participou da construção do curso e qual foi sua impressão?

Numa reunião do colegiado foi apresentado esta... na verdade o curso já existia quando eu tomei conhecimento porque ele foi elaborado no período que eu estava afastada para o doutorado. Quando eu cheguei o curso tava querendo começar. E eles estavam precisando de professores para Psicologia da Educação. E aí no colegiado do curso foi dito essa necessidade e eu, embora pedagoga não tendo nenhuma formação específica em psicologia, mas como eu transitei na Psicologia na elaboração da dissertação me senti encorajada a trabalhar Psicologia da Educação. Então eu vim dar aula no curso na segunda etapa, né. A primeira foi em junho e a segunda foi em janeiro e fevereiro. Aí eu vim na 1ª etapa. Eu dividi a disciplina com uma outra professora. Gostei muito. Não tinha nenhuma ligação com o movimento. Fiquei muito encantada e disse: “Oh se der eu quero trabalhar de novo, me chamem”. E eu tava cotada pra trabalhar em 2009 com a turma. Só que como eu saí da instituição acabou o vínculo. Daí por uma necessidade do

curso pra dar a disciplina de trabalho e educação eu me dispus a vir, né. Assim como estou disposta a trabalhar na 2ª turma.

Então, eu tenho observado as suas aulas e eu percebi que o conteúdo histórico, neste primeiro momento, ele é bem marcante no seu trabalho. Eu queria saber como você enxerga a função do conteúdo histórico no curso de Pedagogia para Educadores do Campo, tendo em vista que são alunos de movimentos sociais que vão atuar nas escolas e que tem a perspectiva da formação para a militância?

Bom, Marx dizia que só existia uma ciência, né, a Ciência da História. E eu como uma boa devota (risos) acredito piamente nisso e pra mim só a história pode compreender tanto o passado quanto o presente como entender a tendência do futuro, digamos assim. E, principalmente, numa disciplina como educação e trabalho você não pode trabalhar ela se não beber na História. Ela é História pura. A História é a disciplina.

Dentro do curso você encontrou alguma dificuldade de trabalhar na relação professor-aluno? Existiu algum tipo de dificuldade?

Não. Só grandes possibilidades. Porque o modo como o curso se organiza, né. Como ele se concentra né. Ou seja, os alunos ficam nas diferentes etapas concentrados e dedicados somente ao curso. Então, eles lêem os textos, eles estudam. Tem toda uma consciência. Eles sabem da dureza que é ter que vir estas duas etapas por ano. Então eles sabem que é um curso concentrado e eles aproveitam muito isso e eu só vejo possibilidades. Não tive dificuldade nenhuma.

Quais são as perspectivas de trabalho para estes alunos, foi realizado algum estudo durante a formação do curso, pela universidade, pelo colegiado? Se discutiu esta perspectiva de atuação dos alunos? Tanto para concursos públicos, se serão realizados concursos específicos para este curso?

Ao que sei. Não tenho uma atuação mais fecunda. Não sou membro do colegiado, mas enfim, pelas informações que tenho o curso tem um pré-requisito pra prestar o vestibular que é que os alunos tenham algum tipo de atuação em movimentos sociais. No mais das vezes como o curso é direcionado para os educadores do campo a ligação deles é com o movimento do campo. Então, o curso já faz esta exigência. De algum modo esta exigência vai colar não só simplesmente para participar do movimento mas estar presente na educação do movimento. Então todos eles estão enquadrados de alguma forma de educação. E aí ao que os alunos mencionam há um projeto de escolas itinerantes, algumas outras necessidades. Eles transitam um pouco nesta necessidade de estar ligada a prática... deixa eu lembrar... Neste novo encontro que eu tive com eles ah vai ter um projeto... por exemplo de educação solidária. Então eles também se engajam, eles transitam não só lá no campo, no assentamento, no acampamento, mas eles transitam também com outras possibilidades. Por exemplo, este projeto do governo federal de Alfabetização para todos, né. Trabalham, também, não só dentro do movimento, dentro e fora do movimento com EJA, né. Com educação de Jovens e Adultos. Então algumas atividades assim de atividades mais diretas. E alguém aqui da turma nesta etapa que falou alguma coisa sobre a possibilidade do surgimento de um concurso específico para educadores do Campo. Se não me falhe a memória, mas não tenho dados. E terminando de te responder. Eles sim terão a possibilidade de prestar qualquer concurso para pedagogo e com certeza farão. Porque é também um avanço do ponto de vista da carreira deles também terem um emprego público. Uma certa garantia. Não é por serem necessariamente originários do movimento, ou que vão abandonar o movimento se foram professores das escolas da cidade. Eu acho que assim o enquadramento vai se dar num campo mais amplo.

Como você avalia sua organização didática dentro do curso de Pedagogia para Educadores do campo? Quais os conteúdos você elege que sejam relevantes para

trabalhar com os alunos?

Bom, a princípio, quando eu vim trabalhar a disciplina eu encontrei um plano de ensino pronto, né. Não fui eu que elaborei. Foi elaborado no processo de construção do projeto pedagógico do curso. Então, os elementos fundamentais para uma disciplina de educação e trabalho vai ser as diferentes modalidades, né, de trabalho. Ou seja, de modos de produção. Os diferentes modelos produtivos dentro de cada modo de produção. A visão do trabalho dentro da visão liberal e do materialismo histórico. Algumas especificidades no sentido de fazer alguma relação entre os diversos modelos produtivos. Não modos. Modelos produtivos e o processamento da educação em diferentes momentos históricos. Ainda um quarto item a questão da educação politécnica, né. Reformas de ensino médio que daí vai cuidar dessa coisa da profissionalização do ensino médio. É um tema que parece interessar bastante para eles. São, fundamentalmente esses os conteúdos.

Pra você, quais os tipos de conteúdos de História você acha pertinente para fazerem parte dos currículos das escolas do campo, ou nos projetos de escolas itinerantes, ou alfabetização de jovens e adultos?

Bom, eu acho que a escola de primeira a quarta série tem que ensinar a ler, escrever, contar e desenvolver a noção de espaço e tempo. Esta é a preparação básica para a entrada, digamos, na quinta série. São os elementos, como é que eu vou dizer, são os instrumentos fundamentais para compreender o conjunto das diversas áreas do conhecimento. São os instrumentos básicos. Nestes quatro anos tenho visto estes elementos desenvolvidos noção de tempo, História, espaço, ler e escrever e contar. Tem uma palavra que diz assim são os subsídios básicos. Sim são os instrumentos básicos para entrar numa lida do conhecimento onde as diversas áreas vão entrar e se articular. Para entender a História, a articulação da História com a Geografia, com as Ciências, com a Matemática, né. Então de primeira a quarta eu acho que é o momento de você consolidar alguns instrumentos fundamentais para uma compreensão de uma forma mais ampla da realidade, enfim.

E os alunos nas suas disciplinas eles correspondem as suas expectativas a sua organização de trabalho, às avaliações? Como é feita a sua avaliação dos alunos?

Nós combinamos nesta disciplina porque as coisas não acontecem do nosso jeito, né, de fazer duas avaliações e uma avaliação é leitura em grupo, né, de capítulos de um livro onde eles vão rerepresenta o conteúdo de cada capítulo em grupos através da arte. Seja da música, da dança, da poesia, da fotografia, da imagem, do filme, né, uma coisa que vai ficar a critério. E uma segunda avaliação, também de conteúdo, né. Apesar da atividade isso não significa que o conteúdo não esteja posto, né. É justamente uma forma alternativa de mostrar a apreensão do conteúdo e uma avaliação final que vai ser constituída da problematização do objetivo da disciplina. Qual é? Compreender em que medida as relações capitalistas determinam a realidade. Então a questão final da prova, né, vai ser quais as relações porque o objetivo é compreender as relações. A pergunta central é: quais as relações que se pode estabelecer? Então a questão da prova eles já tem. Eles já sabem qual o objetivo geral da disciplina. Já sabemos aonde nós vamos chegar e a avaliação vai proceder ao nível de aproximação de cada um ao objetivo.

Pra você em que medida os conteúdos históricos devem estar presentes nos anos iniciais da educação e qual a função e seus objetivos?

Bom, eu acho que ninguém tem história se não tem noção de tempo, né. Então, como eu te disse, eu acho que nos anos iniciais a gente tem que lidar com a noção de tempo e não como uma História propriamente dita. Claro, você trabalha com a literatura, porque a ficção literária, infantil, a literatura infantil também é fundamental para se ter uma noção de História. Mas você não vai trabalhar uma escola crua. Você vai trabalhar os

rudimentos para a compreensão de tempo histórico, né. Aliado a noção de espaço geográfico.

Obrigado se eu tiver alguma dúvida eu volto a te procurar.

Beleza.

(professora 02)

Hoje é dia 19/01

Professora antes eu queria saber seu nome completo?

Onde você nasceu?

Rio Grande do Sul.

Em quem cidade?

Lajeado.

No campo ou na cidade?

Não, eu nasci no campo. Ela é urbana hoje, mas no passado ela era zona rural. Ela... eu nasci no interior.

Como era o nome da comunidade?

Era Tamanduá. Hoje pertence ao município de Marques do Sul. Depois passou a fazer parte do município de lá.

E como eram as condições de vida?

Era agricultura familiar. (não entendi) produção organizada do solo. Se plantava, criava animais, né. E havia produção de grãos, enfim, trabalhava na agricultura de subsistência e também com excedente, né. Vendas de excedente. Havia dificuldade de se produzir por conta do acesso, né. A falta de infra-estrutura. Não havia luz, não havia água encanada. As casas eram feitas pelos moradores. Então, dificuldades de permanência e sobrevivência no campo. E os produtos também que pega esta época... eu saí de lá na década de setenta, né, que foi a Revolução Verde, então acaba tornando uma família de agricultores que tem dificuldade de sobreviver. Nessa época a gente veio pra cidade.

A partir de qual idade você começou a freqüentar a escola?

7 anos.

Era na comunidade, a escola?

Na comunidade. Era na vila.

Ia a pé?

Ia a pé, mas eu já entrei alfabetizada porque eu já aprendi a ler e escrever com uma vizinha que ia na aula e já ia junto comigo. Aí eu já aprendi a ler e escrever.

O que você recorda deste período do trabalho da professora em sala de aula?

Nossa! Primeira série eu lembro quase tudo. Eu tenho muito claro a aprendizagem. Das letras que eram ensinadas. Eu aprendi no método... naquela cartilha, mas enfim a professora eu achava ela muito bonita, muito cheirosa, era da cidade, né. Eu lembro que eu gostava muito de estudar, de ir pra escola. Fazia atividade. Gostava de fazer.

De quais disciplinas você tem recordação e de quais conteúdos?

Na escola rural? Não é rural é da vila. Alfabetização e matemática.

E quanto aos conteúdos históricos?

Não tinha.

Não tinha?

Não na primeira e segunda série não. Eu vou ter história a partir da quarta série. Da quinta série eu lembro bem na escola da cidade. Escola de freira.

Eu estudava... eu lembro, História do Brasil. O livro didático da Maria Januária Vilela

dos Santos, né. Era um verdinho. Era uma lição, né. Até a sexta série nós estudamos no Maria Januária Vilela dos Santos. Depois eu tive aula de História com um professor que... eu gostava muito de história neste período porque a base era o didático, né. Era questionário, aquela coisa tradicional mesmo. Mas a partir da sétima e oitava série eu vou ter um outro professor que vai ter uma outra metodologia de ensino. (não entendi) e eu escrevia junto o que ele falava. Já era uma História que já tinha uma análise. Ele trazia umas reflexões pra gente provocadora.

Como era em geral a relação dos professores com os alunos e com a comunidade, com os pais? No campo?

Na escola do campo e já na cidade.

Eu lembro daquela relação bem tradicional. A escola dizia o que tinha que fazer os pais concordavam. Os pais iam pra receber o boletim, é. E como tinha uma reunião não havia muita participação. Não havia participação da família na definição da questão pedagógica da escola.

E a relação entre os alunos?

Eu tinha um pouco dificuldade com relação a relacionamento porque eu me sentia diferente, né.

Por quê?

Eu tinha vindo da vila e era da roça. Daí eu fui pra cidade e as meninas sempre eram... a escola era de meninas, não tinha meninos na escola. Então as meninas foram todas alfabetizadas naquela escola e tinham todo um histórico e eu ficava de fora. Então eu sentava na última fileira. Eu me achava sujinha porque veio do interior, né. Não tinha os mesmos hábitos. A cultura diferente. A forma do jeito de ser. No rural é diferente as relações na forma de se vestir de se alimentar, a forma de ler. Tudo é diferente porque o que pra eles era sujeira para nós era a terra. A terra na unha, no pé ela é a forma de produção quando se está na agricultura e na cidade é visto como sujeira, né. E isso tudo vai virando um estigma para aquele que vem da cidade (queria dizer rural). Ainda existe, né o preconceito com o rural.

E no ensino médio?

Eu fiz magistério. Na cidade eu me envolvi muito com a questão do movimento estudantil. E também eu era diferente no grupo, né. A gente era envolvido no movimento. Então, esse envolvimento nos fez (não entendi) de uma forma. De estar envolvida em todas estas questões. E também não estava interessada na disciplina da escola era biologia, era História, geografia. Até dentro do movimento eu me envolvi com o movimento partidário, político.

Em que período?

Primeiro grau. Até 78, 83.

Como foi sua atuação?

Foi participativa. Tinha cadeira no movimento estudantil. Na união municipal também. Participava dos eventos anuais. Participava dos movimentos em Brasília como estudante. Então tinha assim um movimento participativo. O que a gente desenvolvia era um pouco nisso pega o período da abertura, então a gente tem uma atuação bastante assistencialista mais do que propositivo, porque (não entendi).

Por que você escolheu fazer magistério?

Porque eu queria ser professora. Eu gostava muito de aula. Eu acho que é porque com a experiência com minha vizinha que dava aula e eu lembrava muito dela e lembrava da minha professora. Quando terminei o magistério eu fiquei dois anos assim, foi três anos de curso e mais meio ano de estágio. Quando eu tive que assumir o estágio... todos tinham titulares e eu não tinha titular fiquei sozinha. Coitada das crianças, né. (risos). Terminei dando aula sozinha e quando eu terminei eu não sabia se queria ser professora.

Então eu fiquei dois anos indecisa. Fiz vestibular para direito não passei. Fiz vestibular para sociologia e passei. E comecei sociologia. Primeiro semestre tive uma disciplina de História, história da Humanidade. Adorei e aí desisti da Sociologia e fiz vestibular de novo e fiz História. Aí depois que eu terminei, comecei a fazer Direito. Horrível.

Onde você fez?

Na Unip, no Rio Grande do Sul.

E a pós?

Aí eu já trabalhava muito com educação infantil. Quando eu terminei o magistério eu fui trabalhar com educação infantil em creches. Fiquei dez anos na educação infantil, entre monitor, professor, diretor, coordenador. Desempenhei múltiplas funções. Aí eu trabalhava na secretaria de educação. Já tava há dois anos na secretaria de educação. Aí fiz seleção para o mestrado e fui fazer mestrado. (não entendi) fui estudar uma sétima série. Fui ver como eles aprendiam. Como era trabalhada a relação de tempo. Como eles aprendiam? Ela centrou mais na aprendizagem do que no ensino. Em seguida eu trabalhei em escola privada da rede (não entendi) que é luterana. Era uma escola ideal de quinta a oitava. Neste período eu dei aula em escola. Eu dei geografia porque a era licenciatura curta em estudos sociais, antes era assim, e daí eu fiz licenciatura plena em História. Aí eu trabalhei como professora de quinta série no ensino regular e de jovens e adultos à noite. Eu dava aula de História. E de manhã História e Geografia pras crianças. E aí eu fui trabalhar em escola privada trabalhando História ara o segundo grau. Aí depois eu fui para a coordenação de educação infantil e de quinta a oitava no ensino fundamental, né. E depois disso aí eu prestei concurso pra cá, passei e vim pra cá. Aí eu comecei a trabalhar com a disciplina de ...trabalhava metodologia da pesquisa, Elementos Teóricos e Metodológicos do ensino de Ciências Naturais e Sociais na Pedagogia. Trabalhavei também com História da educação.

Há quanto tempo você está na UNIOESTE?

Sete anos vai fazer em fevereiro.

E o doutorado?

Eu fiz na UNICAMP.

Relate um pouco sobre sua pesquisa?

Eu entrei...o meu projeto de entrada foi para trabalhar como as crianças de 1ª a 4ª série aprendiam História em escola pública. Então o projeto buscava, assim, tentar aliar o projeto de ensino das escolas do campo, criadas pelo “Projeto de Pé na Roça”, que era um projeto de extensão da universidade nas escolas do campo. Eu atuava neste projeto com formação de professores. E aí a idéia de com as crianças aprendiam história, né. De 1ª a 4ª séries, como era trabalhado, que relações eram estabelecidas entre o desenvolvimento, né, rural, o desenvolvimento do campo e o ensino na escola. Quando comecei a fazer a pesquisa, nas leituras que vão aparecendo fica muito claro, assim. Não há uma diferenciação dos elementos curriculares do urbano. Enfim, não tem projeto de desenvolvimento para o campo. Então não fazia uma diferença significativa. Aí quando eu continuei estudando no tema da educação do campo de quem tem uma proposição de transformação social essa proposição ela entra pra escola como proposta pedagógica é o Movimento dos Sem Terra. Aí eu entrei contato com o pessoal do movimento que eu já tinha uma relação. A gente já trabalhava na época (não entendi) pra diretora que foi criado. Viabilizei, de certa forma na construção do curso, diretora, né. (não entendi, falha na gravação) de um assentamento que tenha a proposta do movimento em operação já. Então me interessou isso. U grupo do Movimento Sem Terra que tivesse um (não entendi) significativo adotando a proposta do movimento de trabalhar coletivamente e saber como é que as crianças então aprendem. Como é que se aprende História? Como é que se ensina História? E aí vai transformando o objeto e ele passa a

ser como o Movimento Sem Terra constrói a sua identidade a partir da memória. Aí você vai com as leituras que vai trazendo, o avanço da pesquisa neste sentido, né. A leitura que você vai fazendo vai abrindo caminhos. Ela te indica um afinamento do método. Você vai polindo o objeto a partir do referencial que você vai trabalhando. Aí eu trabalhei com a fenomenologia (não entendi). Então dá um pressuposto metodológico, né. Deixar que o campo faz, o sujeito mostre, que o sujeito vivencie aquilo que é significativo. E ante disso a interpretação do pesquisador sobre esse homem.

E quanto a sua participação na construção do curso, como foi, como aconteceu esta proposta?

É... a minha participação?

Sim.

Toda discussão do curso de Pedagogia no Paraná já existia. Mas parece que ela não é abrangida por nenhuma universidade, a UEM. Não há um avanço de implantação do curso. Nós tivemos uma greve nas estaduais de seis meses e nós tivemos o apoio dos movimentos sociais e depois encerrando a greve, então se discutiu a relação da universidade com os movimentos sociais. Relações junto a sociedade. E aí com a ajuda do (não entendi) constrói a proposta desse curso. Nessa época eu era coordenadora de curso da Pedagogia e das ciências humanas de Francisco Beltrão. Esse projeto foi construído por um grupo de professores que estava envolvido em sindicato e pelos movimentos sociais e um monte de movimento. Clécio professor que participou da construção quando chegou na parte burocrática do curso a gente não ia. Mas é claro que das discussões a gente participava, né. Mas discutia o plano da Pedagogia da Terra sim. Nós construímos uma pós-graduação em movimentos sociais. Isso tudo vai dando discussão. E a participação vai se dar neste sentido. Dentro da instituição eu assumi esta (não entendi falha na gravação) de estar encaminhando esta discussão.¹³ até 18:23

No seu trabalho com os conteúdos históricos na disciplina.?

Eu trabalhei basicamente alguns elementos gerais da questão do Ensino de História, né. A questão dos fundamentos teóricos a partir do marxismo, positivismo, na História Nova. Então, trabalhei todas as áreas. As concepções teóricas no ensino de História. Foi interessante de estar trabalhando com eles pra identificar dentro das propostas qual é a concepção que está embasando. Aí eu trabalhei a questão, basicamente, a questão de conteúdos que eles tem que trabalhar e a metodologia. Mostrei a questão da (não entendi) como princípio educativo tentando mostrar como ela se concretiza. Numa atividade que eu dei tive que fazer uma análise comparativa porque clareia mais. Então peguei o Zumbi. O Zumbi a partir do livro didático que vem pra nós no caso foi Décio Cotrim como é que foi elaborada a narrativa ali e nisso qual é a narrativa que o movimento tem do Zumbi. Mostrando as diferenciações, a questão dos elementos verbais, como a narrativa está estruturada, como eu integro o sujeito ou não o conteúdo. Então sempre por um pouco por esta questão também, né. Buscando ver (não entendi) e como é que eles se efetivam na escola nas narrativas que ele oferece. Acho que o grupo conseguiu perceber que há diferenças entre uma proposta e outra e como acontece no ensino. Aí você vê que a uma reprodução na proposta de material, mas não para que serve o ensino de História. Trabalhei bastante esta temática. Então tentei passar para os alunos o que eles querem para o Ensino de História. Qual é a função dele na vida e não é só na vida cotidiana, na vida humana. Tem que ter o resgate de uma História Geral para a particular. Grande dificuldade nisso ligar o particular ao geral. Ver o geral no particular, ou seja, a (não entendi) se fez no cotidiano. Como é que se dá? Os princípios estão aí fundando a sociedade. Agora fazer esta amarração é o que é difícil. Tentei ver isso. Não sei se isso se efetiva de fato. Como se vê isso na prática pedagógica do professor.

Como você avalia o aproveitamento dos educandos quanto ao trabalho desenvolvido?

Eu acho que houve bom aproveitamento. Porque o Ensino de História é uma discussão que eles já tem e no caso ...a História dos vencidos era priorizada, a História vista de baixo. Então o que eu acho que se ampliou para os educando foi a questão do ensino de História na escola. No ensino escolar. De que há sim a necessidade de se estudar a História desde a primeira série da educação infantil, assim como alfabetizar, a somar, dividir, multiplicar, enfim eu tentei enfatizar isso que a gente tem que ensinar História muito mais quando se está numa escola num acampamento, num assentamento, cuja a reflexão parte toda ela da História. A formação integral precisa ser trabalhada em referência a história dos sem terra que é a História que trabalha núcleos de formação. Onde se questiona a questão da terra. Então essa é também vamos trabalhar a História dos trabalhadores.

Você já respondeu pra mim qual é a função do Ensino de História nos anos iniciais no caso do curso. Eu gostaria de saber também qual é a perspectiva de trabalho para os alunos de Pedagogia para educadores do campo. Como foi pensado isso?

Nós pensamos tentamos privilegiar os que estão em acampamentos e assentamentos de agricultura familiar. Quando se discutiu o curso aqui. O curso não é só discutido com o MST, foi discutido com todas as entidades da agricultura, né. Todos os movimentos ligados com a agricultura. Então a idéia era conseguir que todos estes sujeitos pudessem participar deste curso. Mas houve dificuldades burocráticas que foram esperadas porque era um programa para a reforma agrária, então havia esta questão. Então como atender aqueles que não eram de reforma agrária. Também existem outros movimentos a serem atendidos, né. E na época esses movimentos visavam o curso é uma discussão que os movimentos tiveram. Foi visto no PRONERA e foi possível que se integrasse pessoas da agricultura familiar. E que hoje estão no curso participando. Tem da agricultura familiar, tem da CRABI, tem pessoas de outros movimentos também.

Obrigado pela entrevista. Você gostaria de acrescentar alguma coisa.

Creio que não. Só me coloco a disposição novamente.

Obrigado.

(professora 03)

]Hoje é dia 18 de janeiro estou com a professora 03 da Assesoar e vamos fazer uma entrevista no curso de Pedagogia para Educadores do Campo.

Professora, eu gostaria que você falasse de onde você nasceu? Se você nasceu no campo ou na cidade e como foi a sua vivência no campo.

Então, eu sou filha de uma família camponesa lá do Rio Grande, de Getúlio Vargas e tive meus primeiros anos escolares numa escola multisseriada que a gente dizia “escola do interior”. Depois meus pais fizeram a opção na quinta série de me colocar eu e minha irmã numa escola dos Irmãos Marista, porque entendiam que o estudo era o futuro das filhas, eram só duas filhas, então fizeram este esforço. Era uma escola paga. E para os pequenos agricultores na época era difícil organizar o recurso para (não entendi). Então foi assim meu percurso de quinta a oitava série e depois segundo grau que foi Contabilidade. A partir disso que eu fui dar conta que eu era... que eu tinha assim uma afinidade para a educação. Até porque neste trabalho na escola dos Irmãos Maristas nós éramos incentivados a participar de grupos jovens, de grupos de posição cristã dentro de

um trabalho da Pastoral da Juventude e dentro disso é que eu fui despertando meu olhar para os movimentos sociais, nas atividades de organização das comunidades, enfim. Nessa participação nessas realidades muito mais da escola e da área urbana a gente optou por participar da Pastoral da Juventude e depois mais a nível rural que foi na década de 70 um instrumento da juventude a nível nacional. A partir disso eu fui me tornando uma pessoa que nunca deixou de participar e de construir em nível urbano alguns espaços de formação para docentes e jovens urbanos para uma participação mais efetiva e onde o processo de formação era na sala da juventude na época porque estava mais organizada (não entendi) e momentos intensos de formação. E neste momento que eu fui vindo na educação e no curso de pedagogia um instrumento. Na época isso na década de 80 eu dizia; Bom o jovem é (não entendi) escola e nosso objetivo era abranger o quanto número de jovens que a gente dirigia um trabalho que a gente diria de formação e conscientização para a sociedade. E foi aí que eu larguei já com o segundo grau e tal e iniciei o curso de Pedagogia na Universidade de Passo Fundo na UPF. E terminando o curso de Pedagogia e meu estágio para trabalhar numa escola em Getúlio Vargas no curso de Magistério onde, eu até cito no meu livro, um momento deste a coordenadora me chamou de subversiva porque numa atividade dentro de uma disciplina de OSPB, trabalhando várias disciplinas e um grupo trabalhou Reforma Agrária por opção até do grupo sabendo as diferentes realidades nisso. E um grupo foi discutir reforma Agrária e se empolgou com fotos e material de jornal, isso na década de 80 onde o Acampamento Macali em Ronda Alta estava sendo organizado e havia pessoas acampadas. E isso” pingou” na escola toda eu fui reprimida e a coordenadora pedagógica, na época, uma pessoa da luta e referência Isabela Camini ela percebeu isso tudo e também já tinha um trabalho na Fundep, era uma escola de formação de lideranças dos movimentos sociais que estava localizada em Braga no Rio Grande do Sul. Aí me convidou para um trabalho lá. Isso foi em 92 e a partir disso, continuando eu já fui fazer parte desses educadores e construíram propostas onde os movimentos sociais na época, os movimentos eram vários, né, o MST, e ligados mais a CRAF, enfim. No primeiro momento era um conjunto de movimentos e que depois foram construindo uma proposta de caminhada naquele período e com alguns conflitos próprios pelas diferenças de concepções dos movimentos. Mas, que enfim, tinham um pedagógico, um coletivo de pedagogos que ajudou a dar elementos, que ajudou a construir a partir de referenciais da Pedagogia Socialista elementos importantes numa concepção diferente de escola e na época a gente dizia assim: de uma escola que identificava e procurava passar princípios e componentes da Educação Popular. Então, neste primeiro período em 92 até 96 esta proposta de educação chegou às escolas uma que é Três Passos, onde se procurava numa realidade de uma escola tradicional, particular, uma urbana e de certas condições econômicas e com princípios diferenciados de educação. Uma educação diferente e com perspectiva (não entendi), do trabalhador com avanços e com limites e que trazem essa síntese de construir um laboratório com o público, com jovens indicados por sociais para fazer um curso a nível de primeiro grau, segundo grau na perspectiva da formação do agente de desenvolvimento rural, do campo. E em 97 esta escola é transferida muda toda a proposta e os movimentos sociais com esta experiência em casa e eu fui fazer parte do grupo de lá ficando 10 anos no trabalho. Então em 2001 em função do meu mestrado eu prestei...procurar uma outra opção de trabalho, trabalhando sete horas para dar conta do estudo e aí então eu fui para uma entidade de Erechim no Rio Grande do Sul que se chama SEP, Sítio de Educação Popular. Então eu fiquei lá dez anos onde eu dividi o tempo com o mestrado. Em 2004 a Assesoar me convida para fazer parte do grupo de trabalhadores dela e onde, nessa época, uma das preocupações também da Assesoar era os... formar nas parceiras no curso de Pedagogia para Educadores e

Educadoras do campo que havia já em 2000 as discussões estavam acontecendo com idas e voltas. A primeira proposta foi construída com a Universidade de Maringá que ao perceber o que é a proposta e a participação dos movimentos, dos tempos e espaços educativos, toda a questão o grupo mais interno de professores há um desacordo e a universidade não adota mais o curso. Então, na UNIOESTE em 2003 entre 2002 e 2003 já caminha no sentido da aprovação e da construção do curso aqui. Então, um dos motivos do convite, da minha vinda era também para participar dessa tarefa, assim como de outras atividades que a Assesoar envolve. A Assesoar é uma Associação de Estudos e orientação e Assistência Rural. Então a Associação tem 40 anos e de agricultores, é dirigida por agricultores e ela tem dentro das suas atividades uma discussão que é, que compreende, discutir o desenvolvimento das múltiplas dimensões. Então seu quadro de trabalhadores já tem desde sociólogos, agrônomos, tem filósofos e daí a equipe da área (não entendi). Na época era Marcos Guerri anterior a (não entendi). Na saída desses educadores então eu vim fazer parte procurando atender as dimensões da educação na entidade.

Qual foi o contexto de formação da Assesoar?

Então, o contexto de formação e atuação era basicamente uma abrangência regional, comunidade de pequenos agricultores discute práticas agroecológicas e atendeu dos seu programas o “Vida na Roça”, onde os municípios na época, hoje a gente desenvolve no município de Dois Vizinhos, trabalha o desenvolvimento nas diferentes dimensões e assim ela vai construir referências para outros lugares também aí com relação com o poder público e com os sujeitos mesmo. A Assesoar acompanha e assessora a partir do sujeito. Além disso, ela trabalha com curso de formação para a agroecologia. Então ela formou uma turma de pós-médio em agroecologia e outros cursos não-formais na perspectiva de formação de educadores, na perspectiva das práticas agroecológicas. Enfim, tem um conjunto bem amplo de atividades nessa perspectiva, né de olhar para os sujeitos e a partir disso construir. Ela já tava com um teatro, no momento ela é um dos integrantes da articulação da Educação Básica do Campo, tanto a estadual, quanto à nacional, e aí participa das atividades da Educação do Campo. Contribui com a formação de professores em escolas públicas do campo e as atividades dela vão sendo um pouco orientadas e mediadas pelas demandas. Temos um Plano (não entendi) que orienta um pouco (não entendi).

Conte-me um pouco sobre a experiência de construção do curso. como você faz parte pela coordenação pelos movimentos sociais como foi a participação na construção do curso e como você avalia esta construção junto com a universidade?

Então, já em 2001 quando o conjunto de movimentos e entidades como no caso da Assesoar que fazem parte da “Articulação Paranaense Por uma educação do Campo” define que é..demandas, quando o campo apresentava...quando construída a proposta do curso poderiam trabalhar conjuntamente. Então, em alguns momentos o MST no curso de pós-médio com pessoas indicadas pelos outros movimentos, assim também, a Assesoar em alguns momentos no seu curso abriria vagas pros outros movimentos. Na Pedagogia também teve este caráter. Então já participava MST, Assesoar, MAB, CRABI, CPT e ligada a Assesoar a Agricultura Familiar que atingiu mais a Assesoar. Um conjunto de movimentos e entidades que tinham esta intenção a realizar: a formação de um pedagogo e pedagogas com a tarefa de desenvolver concepções construídas no campo e que também não tivesse atuação única no espaço da escola. Entendia que a Educação do Campo é mais amplo que escola é aprender, ajudar, é debater os componentes de um grupo que é conflituoso e que precisa se construir enquanto valores e quando ... nas matrizes pedagógicas a gente diz o trabalho , na cultura, enfim que é do movimento social, da organização, da comunidade, do povo.

Todos estes elementos estavam presentes e eram demandas desse conjunto de movimentos. E a UNIOESTE participou nesta discussão já no ano 2000 num seminário em Porto Barreiro onde se elaborou a Carta de Porto Barreiro que era o compromisso dessa... formar forças dos movimentos e a UNIOESTE se inseriu neste debate e a partir de então essa discussão começa a ganhar, caminhar junto por causa de algumas pessoas dentro da UNIOESTE que veio caminhando junto. Então a discussão tipo do projeto pedagógico, que ele foi assim trabalhoso, que ele foi a partir dessa tomada de visão, já nesse momento da articulação paranaense então foi por isso que foi possível dialogar e construir conjuntamente. Você pode ver que o curso de Pedagogia tem toda uma dinamicidade de tempos espaços educativos que eles praticamente tem 12 horas de atividades e que compreendemos que todas educam e formam e fazem parte da formação do pedagogo militante, do pedagogo do povo necessário para a luta, da bandeira de luta (não entendi). Então assim houve um consenso, houve um diálogo bem fecundo no sentido de entender que estes tempos e espaços pedagógicos os movimentos sociais é que coordenariam é que, enfim. E que a UNIOESTE faria, como ela trabalha com outros cursos se responsabilizaria pela parte didática, pelos componentes curriculares tudo aquilo que compete. Mas tudo se somaria no todo. Tanto a construção do projeto político pedagógico e que depois haveria momentos de materializar esta totalidade do curso que ela foi conflituosa. Um exemplo foi o estágio onde se tem no projeto político pedagógico que o estágio seria concomitante as aulas, os componentes curriculares de ensino. E quando a gente tentou mudar isso foi difícil, enfim, né. Os seminários, principalmente das primeiras etapas, os movimentos sociais tinham muita dificuldades de definir dentro da programação das etapas o tempo aula, ou seminários mesmo de início de etapa, né, final de etapa se compreendia que isso era fora dos dias onde tem uma ajuda de custo de estadia dos educandos. Então a gente teve conflitos, assim, né. o curso tem recursos do PRONERA e quem administra é uma (não entendi) ligada a UNIOESTE e que é que faz todo este controle administrativo. Foi assim bastante difícil.

E como ocorreu a construção da proposta curricular do curso? Porque temos disciplinas diferenciadas como, Movimentos Sociais, Reforma Agrária. Conte-me como foi o processo de construção e seleção das disciplinas.

Então, este curso já é a décima turma de cursos construídos de uma linha política junto aos movimentos sociais e do MST. Então é claro que muito do método e alguns referenciais e da proposta curricular ele vem de outras experiências desenvolvidas. Isso foi proposta dos movimentos de denominar mais Pedagogia da Terra e não Pedagogia para Educadores do Campo. Justamente para manter algumas referências de algumas experiências já consolidadas na Pedagogia da Terra. Então, muito tendo presente o diagnóstico de onde os educandos provêm, por exemplo, o elemento pesquisa, a componente pesquisa que é o componente forte no projeto político pedagógico (não entendi) falha na gravação. Tendo o período comunidade que é onde os educando estão nos seus movimentos, estão em suas comunidades é um tempo de investigação, é um tempo de (não entendi), de reunir reflexões das suas vivências nas lutas, suas vivências na sua prática social. No debate de um campo que...(não entendi) enquanto cultura. Isso precisava fazer parte, isso precisava ser trazido para o tempo aula para o planejamento dos professores. Então se deu esse elemento para compor o currículo a pesquisa como componente forte. E aí em todas as comunidades os movimentos sociais precisam construir elementos de pesquisa ao retornar na etapa teriam seminários onde relatos fossem trazer elementos para compor o planejamento dos professores nessa relação de ação-reflexão-ação. Reflexão como prática. Quase um momento da gente entender que o tempo escola é um momento forte de reflexão das práticas na comunidade. Claro que

no efetivar disso as dificuldades de tornar isso como princípios pedagógicos o exercício ele nem sempre viabiliza por inteiro. É essa a intencionalidade também, principalmente, para trazer estes elementos. E dentro disso alguns componentes como Movimentos sociais do campo, Questão Agrária são componentes que fazem parte da grade curricular do curso. Já compreendendo...Sociologia Rural é um outro componente já para estes educadores precisavam compreender melhor a dimensão agrária, do campo que normalmente a escola liberal não tem este olhar. Nós entendemos assim que os componentes do campo foram negados dentro de uma História da Educação tradicional, né. então a idéia foi construir. Construir todo o processo de em pedaços com um grupo de professores que no início assim seriam mais presentes, a experiência de outros cursos, com a experiência de alguns pedagogos na época (não entendi) (nomes de pedagogos) traziam estas referências, vivências e assim a gente foi compondo.

Como foi a seleção dos professores que trabalhariam aqui?

Já tendo previsto esta composição curricular se garantiu no próprio regimento do curso uma carga horária que seria destinada para professores de educadores fora do quadro da UNIOESTE e chamou educadores dos movimentos sociais inclusive por uma questão de custo e não necessariamente teria. Os movimentos sociais que bancariam no caso. Mas se teve também o olhar de que algumas disciplinas pudessem dialogar e ser debatidas com as posições que os movimentos sociais vinham elaborando. Os demais foi mais uma opção do próprio professor do próprio educador da universidade registrado em documento e aí um ajuste do colegiado. Então não foi uma escolha foi um reajustamento da universidade que adota um curso a mais, uma turma. E isso ela tem direito a mais algumas horas...os professores no caso, algumas horas e que para isso ela pode abrir um curso e com a vinda de mais alguns professores. Passam a fazer parte de todo o trabalho e demais cursos e é o colegiado da UNIOESTE que organiza e ajusta isso. É também uma opção para este professor, mas também um reajuste da própria universidade e como complementação, uma somatória com os professores dos movimentos sociais que vieram espontaneamente.

Na proposta do curso como você vê dentro das suas possibilidades em relação aos alunos e professores como você vê o Ensino de História para os anos iniciais e função dentro do curso de Pedagogia?

Então, essa discussão pra nós ela chega a ser essencial na proposta política pedagógica. Como dar conta das práticas de ensino, como trabalhar isto? Como estes componentes são formadores para nós e, também como esta se reproduzem lá no fazer pedagógico desses educadores enquanto também professores nos seus espaços. Uma das decisões que um grupo de professores tomou foi que um conjunto das práticas que normalmente são chamadas de didáticas fossem trabalhadas coletivamente concomitantemente com planejamento único onde se pode ver no projeto político pedagógico que tem uma ementa única para as práticas de ensino onde dentro disso está a parte da prática dos movimentos sociais. Inclusive foram duas educadoras uma delas avaliou mais o olhar hoje em dia, a História, assim como as demais práticas, a linguagem do Ensino de Matemática, da Educação Física e foram trabalhados a partir do encaminhamento de outras atividades chamadas de pesquisas onde a partir um pouco das demandas das escolas, das crianças eles foram desenvolvendo o seu planejamento. Ou seja, no caso da História que teve uma discussão aqui...eu lembro assim, que a professora encaminhou uma (não entendi) onde cada educando deveria ministrar (não entendi) nos espaços de vivência onde ele ia fazer o estágio que é que o grupo comemora, o que é que celebra, que datas, quem são os heróis, quem são as pessoas que são lembradas que são festejadas os acontecimentos e partiu disso para fazer a composição da História. Então, nisso a professora se surpreendeu porque a diferença entre as escolas de acampamentos

e assentamentos tem outros nomes, tem outras datas comemorativas, alguns feriados que não eram considerados, havia outros alguns educadores, pensadores na perspectiva dos movimentos sociais que eram mais usados. A religiosidade também era conduzida de uma forma muito diferenciada de uma comunidade para outra. Há uma discussão nos assentamentos que a religiosidade ela tem muito digamos assim a partir da expressão de cada assentamento. muito diferente da História. Assim os educandos que tinham uma participação em comunidades mais tradicionais, camponês trouxeram outras datas de uma religiosidade muito forte. Nossa senhora do dia tal, dia do santo sabe-se que é isso que eles comemoram. Mas, se construiu muito dessa forma do diagnóstico a parti daí o olhar de como é que se vêem como se vai organizando o elemento da História das comunidades.

Eu acho que é isso. Não sei se tem alguma questão que você não contemplou e acha interessante continuar.

Eu queria dizer que assim, este curso para nós da coordenação dos movimentos sociais onde ela é muito partilhada com os educandos tem toda uma gestão. Ela se compõe em instancias onde os educandos fazem parte. Ela tem uma dinâmica que não é comum em outras escolas e em outros espaços que a gente acredita que forma não na perspectiva da força, mas de construir elementos que estes pedagogos e pedagogas pensem diferente o espaço da escola. Eu acredito que a escola liberal, a escola que está aí ela não tem uma atuação junto com os sujeitos por isso ela fica no debate dos conteúdos enquanto os movimentos sociais do campo eles tem uma intencionalidade, uma preocupação com o sujeito e que é preciso contribuir na formação deste sujeito tendo presente o horizonte da outra sociedade não capitalista, que o capital é o central, e sim nesta nossa visão é o sujeito. Então valores, por exemplo, temos aqui a “Ciranda” onde a mãe traz a criança para que não tenha o laço perdido que desde pequenas tenham contato com a organicidade, com a organização. e por isso que eu acredito que os movimentos sociais chamam pra si a formação do pedagogo e da pedagoga porque é na escola que se forma o sujeito. Então a gente um olhar muito forte para o espaço da escola que vai para além da sala de aula, principalmente na formação deste sujeito novo que pensa um mundo melhor, mais bonito que acredita em possibilidades.

Obrigado.

Obrigada.